

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**ELEMENTOS PARA A FORMULAÇÃO
DE UMA PSICOSSOMÁTICA PSICANALÍTICA**

Georgina Carolina O. Faneco Maniakas

**SÃO CARLOS
2008**

**ELEMENTOS PARA A FORMULAÇÃO
DE UMA PSICOSSOMÁTICA PSICANALÍTICA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**ELEMENTOS PARA A FORMULAÇÃO
DE UMA PSICOSSOMÁTICA PSICANALÍTICA**

Georgina Carolina O. Faneco Maniakas

**Dissertação ou Tese apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia
das Ciências, da Universidade Federal de São
Carlos, como parte dos requisitos para
obtenção do Título de Doutor em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani**

**SÃO CARLOS
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

M278ep

Maniakas, Georgina Carolina de Oliveira Faneco.
Elementos para a formulação de uma psicossomática
psicanalítica / Georgina Carolina de Oliveira Faneco
Maniakas. -- São Carlos : UFSCar, 2009.
172 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos,
2008.

1. Psicanálise. 2. Psicossomática. 3. Freud, Sigmund,
1856-1939. 4. Ferenczi, Sándor, 1873-1933. 5. Groddeck,
Georg, 1866-1934. I. Título.

CDD: 150.195 (20^a)

GEORGINA CAROLINA DE OLIVEIRA FANECO MANIAKAS

ELEMENTOS PARA A FORMULAÇÃO DE UMA PSICOSSOMÁTICA PSICANALÍTICA

Tese apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Filosofia.


Aprovado em 16 de junho de 2008

BANCA EXAMINADORA

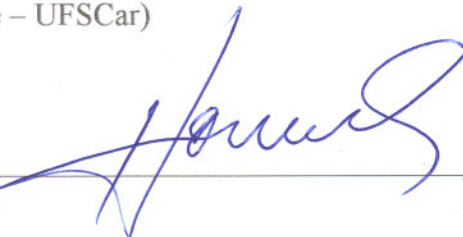
Presidente _____
(Dr. Luiz Roberto Monzani)



1º Examinador _____
(Dr. Richard Theisen Simanke – UFSCar)



2º Examinador _____
(Dr. Hélio Honda – UEM-PR)



3º Examinador _____
(Dra. Fátima Siqueira Caropreso – PUC-PR)



4º Examinador _____
(Dr. Walter José Martins Migliorini – UNESP/Araraquara)



*Talvez lá...
onde
a imaginação e a razão encontrem
os seus próprios limites
talvez lá ...
se revele a nossa verdadeira natureza.*

*Ao meu marido, Sergio,
e ao meu filhinho, Hector.
(in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani, cuja liberdade de pesquisa, aliada à sua compreensão e presença serena, possibilitou-me a realização deste trabalho.

Ao Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da UFSCar, nas pessoas do Prof. Dr. José Eduardo Baioni (Chefe de Departamento) e Cleusa Beltrami, e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, nas pessoas do Prof. Dr. Bento Prado Jr. (*in memoriam*), Rose Queiroz Rosa e, mais recentemente, Robson Rodrigues, cujo acolhimento em um momento de grande dificuldade pessoal foi decisivo para a continuidade deste projeto.

Aos primeiros leitores deste trabalho, Prof. Dr. Richard Theisen Simanke – com quem sempre se pode aprender algo novo em psicanálise - pelos valiosos comentários e sugestões que nortearam a conclusão deste trabalho, e Prof. Dr. Hélio Honda, pelo destaque de aspectos relevantes e indicações bibliográficas que nortearam sua redação final.

Ao Prof. Dr. Hércules Menezes (Unesp-Rio Claro), pelas dicas, material e indicações bibliográficas na área de imunologia, e aos biólogos professores Roberto Epiphanyo e Herika Martin Velloso, cuja troca de idéias e leitura de parte dos originais deste trabalho nortearam a minha incursão pela “terra de infinitas possibilidades”.

À Ilidia Faneco, pelo constante auxílio na tradução de inúmeros textos e pelas observações sempre perspicazes, por meio das quais pude ampliar a compreensão de vários conceitos.

Ao Dr. Carlos Amadeu Byington - com quem tenho apreendido que o saber é, antes de tudo, a construção amorosa de um vínculo criativo com o conhecimento - pela cessão de artigos originais.

Ao Departamento de Psicologia, nas pessoas do Prof. Dr. Júlio de Rose (Chefe de Departamento), Profa. Dra. Azair Matos do Canto de Souza e Profa. Dra. Rosemeire Scopinho – pelo incentivo e compreensão demonstrados durante as etapas finais de meu Doutorado.

Aos colegas e amigos, Profa. Maria Cristina di Lollo, Prof. Dr. Walter José Martins Migliorini (Unesp-Araraquara) e Carolina Tosetto (coordenadora do CAPS de Interlagos, São Paulo), pela parceria e colaboração efetivas na coordenação de estágios, de grupos de pesquisa e de projetos de extensão nos períodos em que, devido ao Doutorado, minha participação se tornou mais restrita.

Ao meu pequeno e querido Jeferson Hohne, pela paciência com que acompanhou a digitação de cada página desta tese.

E por último, mas não menos importante, ao meu pai, Ilidio Ferro O. Faneco (*in memoriam*), cujo ceticismo saudável, aliado a um entusiasmo genuíno diante das conquistas da civilização, forjaram em mim um espírito crítico, e à minha mãe, Olga C.C. O. Faneco, que ao introduzir-me, aos sete anos, em uma feira de ciências, permitiu que eu descobrisse a escala da evolução de Charles Darwin, e optasse por ela.

Uma certa força da minha organização psicológica parece subsistir, de modo que, ao invés de adoecer psicicamente, só posso destruir – ou ser destruído – nas profundezas orgânicas.

Sándor Ferenczi

02.10.1932
poucos meses antes
de sua morte.

RESUMO

A partir da articulação entre as obras de Freud, Ferenczi e Groddeck, este trabalho procura mostrar que, desde os seus primeiros desenvolvimentos, a psicanálise oferece elementos para a formulação de uma psicossomática psicanalítica. No primeiro capítulo, ao abordarmos conceitos psicanalíticos que se constituíram na intersecção entre o psíquico e o somático, apresentamos elementos que permitem supor que as *alterações* somáticas que atingem funções e/ou estruturas do corpo são produzidas quando, sob impacto de uma situação traumática, somado à insuficiência da ação específica, o afeto se descarregar de modo totalmente inconsciente, veiculando uma excitação acumulada que não encontrou outra possibilidade de expressão. Tal via de descarga, que tem como base o ato, e não a palavra pode ser evocada a partir da filogênese quando a ontogênese falha em equipar o indivíduo com reações mais condizentes ao enfrentamento de situações-limite da realidade. Impedida de se atualizar contra o objeto, a agressividade natural, inerente aos instintos de conservação da espécie, atua no sentido de desorganizar o funcionamento psíquico, ou, se este estiver suficientemente protegido pela clivagem do ego, desestruturar o funcionamento somático. Nessa marcha regressiva para além dos limites psíquicos, a auto-destrutividade, resquício do masoquismo original, expressa uma força ainda mais fundamental na constituição do vivo, como procuramos mostrar no segundo capítulo. Identificada por Freud tanto no nível psíquico como no nível somático, a pulsão de morte estende as raízes do inconsciente ao registro biológico, e permite considerar a existência de uma região indiferenciada entre soma e psique, onde as variações de um registro repercutem sobre o outro. Essa hipótese é corroborada: (1) por Ferenczi, que ao empreender modificações na técnica analítica com o objetivo de promover uma regressão capaz de acessar conteúdos derivados de experiências traumáticas, acessa conteúdos arcaicos e indiferenciados, que se mantêm imobilizados no corpo como *lembranças sem palavras*, à margem da linguagem e do desenvolvimento posterior do ego, produzindo sofrimentos somato-psíquicos; (2) pela localização do *Isso* no extremo do aparelho, em conexão direta com as forças somáticas. Ao rastreamos a origem do *Isso* até o pensamento de Groddeck, no terceiro capítulo, encontramos um *Isso-inconsciente* precedendo toda a existência psicossomática. Para Groddeck, a falta de significação simbólica das doenças orgânicas deve-se à cisão entre soma e psique inerente ao próprio modelo explicativo, para o qual a doença e os órgãos doentes não são vistos como símbolos que

podem ser decodificados e redimensionados a partir da natureza simbólica do próprio inconsciente. Para finalizar, procuramos mostrar que, apesar da obra de Freud fornecer elementos para a explicação do fenômeno psicossomático na perspectiva psicanalítica, é Groddeck e Ferenczi que fornecem os elementos clínico-conceituais que permitem resgatar o fenômeno psicossomático de se tornar sinônimo de ausência de simbolização. Apesar de Freud ter se mantido afastado dessa temática, e cético em relação à resolução da doença somática pela via analítica, algumas de suas afirmações em seus últimos anos indicam que o criador da metapsicologia não se manteve totalmente alheio a essa possibilidade.

Palavras-chave: fundamentos de psicanálise, psicossomática.

ABSTRACT

From the link between the works of Freud, Ferenczi and Groddeck, this study attempts to show that psychoanalysis, since their first developments, provides evidence for the formulation of a psychoanalytic psychosomatic. In the first chapter, when we approach psychoanalytic concepts that are in the intersection between the psychic and somatic, we present evidences suggesting that somatic changes that affect somatic functions and/or structures are produced when, under impact of a traumatic situation, added by the insufficiency of the specific action, the discharge of the affection occurs of a totally unconscious way, running a cumulative excitement that found no other way of expression. This means of discharge, which is based upon the acting, not on the word, can come up from phylogenesis after the failure of the ontogenesis to equip the individual with more consistent reactions to him face limit-situations of reality. Prevented from acting against the object, the natural aggressiveness -inherent to the instincts of preservation of the species- acts in the way to disrupt the psychic functioning or, if it is sufficiently protected by the cleavage of the ego, disorganizing the somatic structures. On that regression beyond the psychic limits, self-destructiveness, remnant of the original masochism, expressed a force even more basic in the formation of living being, as sought to show in the second chapter. Identified by Freud at both the psychological level as in the somatic level, the death drive extends the roots of unconscious to the biological level, considering the existence of an undifferentiated region between soma and psyche, where the variations of a level impact on the other. This hypothesis is supported: (1) by Ferenczi, who introduced changes in analytical technique with the aim of promoting a regression able to access content from traumatic experiences, and reached archaic and undifferentiated contents, that remains detained in the body as a memory without words, at the margin of language and the further development of the ego, producing psychical and somatic suffering, (2) by the location of the It at the psychic apparatus, connected directly with the somatic forces. By tracing the origin of It until the thought of Groddeck, in the third chapter, we find an unconscious-It that precedes the psychosomatic existence. For Groddeck, the lack of symbolic significance of organic diseases are due to the split between soma and psyche inherent at the explanatory model, for which the disease and the sickness organs are not seen as symbols that can be decoded and resized from the symbolic nature of unconscious. Finally, we show that, in despite the work of Freud provides explanations for the psychosomatic phenomenon in a psychoanalytic perspective it is Groddeck and Ferenczi that

provide the clinical features that allow rescuing the psychosomatic phenomenon to become synonymous with lack of symbolization. Despite Freud have remained away of this issue and skeptical about the resolution of the psychosomatic disease through analysis, some of his assertions in his last years show that the creator of metapsychology not remained totally unrelated to that possibility.

Keywords: foundations of psychoanalysis, psychosomatic.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Matrizes somáticas.....	17
1.1 A especificidade do afeto.....	18
1.2 Afeto e equilíbrio biopsíquico.....	29
1.3 O fator traumático.....	45
2. Biogênese da pulsão de morte.....	60
2.1 Da pulsão de morte ao inconsciente primitivo.....	61
2.2 Vida e morte: um contraponto.....	84
3. Soma e psique.....	101
3.1 Entre soma e psique.....	102
3.2 Nem soma, nem psique.....	131
Conclusão.....	145
Apêndice A - Metchnikoff e o instinto de morte.....	152
Apêndice B – A história de Willie.....	162
Referências bibliográficas.....	163

INTRODUÇÃO

Se algumas manifestações patológicas permitem, para sua compreensão, uma leitura unilateral da obra de Freud, o mesmo não se dá com o fenômeno psicossomático, cujas manifestações escapam à apreensão no nível representacional. Para sua compreensão há que se considerar a distribuição energética no aparelho, as excitações não canalizadas e desconectadas das representações, em circulação entre o psíquico e o somático.

Ao contemplarmos as complexas relações entre soma e psique nos textos metapsicológicos, adentramos em um domínio da teoria produzido por conceitos cuja formulação remete-nos à dimensão biológica e econômica do pensamento de Freud. Embora o próprio Freud não tenha tomado as afecções psicossomáticas como objeto de sua clínica, ao longo de sua obra, e em sua correspondência com seus contemporâneos, encontramos observações pontuais, aspectos teóricos e articulações esboçadas, mas não sistematizadas, que nos conduzem à possibilidade de elucidarmos as operações que responderiam pela emergência do fenômeno psicossomático na perspectiva psicanalítica.

Infelizmente, a falta de parâmetros precisos para se pensar o fenômeno psicossomático na obra freudiana, aliada às afirmações do autor relativas às neuroses atuais¹, pressupõe não somente uma dicotomia entre psíquico e somático, como dá origem a interpretações e posições que, embora justificadas por sua contribuição ao desenvolvimento de uma prática voltada para a compreensão dos processos psicossomáticos, promovem acepções que permitem alocar os sujeitos que somatizam em uma categoria estrutural específica, cujo funcionamento estaria fundamentado em um pensamento operatório² - termo utilizado por Marty

¹ Em sua *24ª Conferência – O estado neurótico comum* (1916-17), Freud reitera uma posição generalizada a partir de seu artigo “*Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome intitulada neurose de angústia*” (1895), em que os sintomas das neuroses atuais (pressão intracraniana, uma sensação dolorosa, um estado de irritação em um órgão, o enfraquecimento ou a inibição de uma função) que se exteriorizam predominantemente no corpo, seriam processos inteiramente somáticos, já que não se pode rastrear nenhuma origem psíquica da angústia subjacente aos sintomas, e em cuja gênese estão ausentes todos os complexos mecanismos anímicos conhecidos. [In: *24ª Conferência – O estado neurótico comum*. AE, 16, p. 352; GW, XI, p. 402].

² O pensamento operatório, que não se restringe a uma modalidade do pensar, mas a um modo de funcionamento psíquico global, caracteriza sujeitos que, de um modo geral: (a) estão mais voltados para a realidade exterior e para a materialidade dos fatos, (b) recorrem à ação em detrimento da simbolização, apresentando importante automatização dos comportamentos cotidianos; (c) estabelecem vínculos afetivos pouco significativos e relacionamentos superficiais. Como Marty se baseia no pressuposto de que é a atividade fantasmática que possibilita a tramitação das

e M'Uzan, fundadores da Escola Psicossomática de Paris, para designar sujeitos que apresentam comprometimento na capacidade de simbolização.

Embora os aspectos identificados no funcionamento psicossomático por tais autores sejam observáveis na dinâmica dos sujeitos que somatizam, tal alocação parece ignorar que: (1) independentemente de ser neurótico, psicótico, ou perverso, todos os homens morrem, e, com exceção de mortes causadas por acidentes, homicídio ou suicídio, toda morte é decorrente de um processo de somatização; (2) o investimento defensivo, primeiramente em relação à percepção, e depois em relação à realidade externa, que se opõe à expressão das moções pulsionais inconscientes, não parece implicar, por si só, um funcionamento intelectual medíocre, pois o pensamento racional abstrato pode mostrar-se perfeitamente adequado à realidade, mas encontrar-se clivado do mundo pulsional, comprometendo a elaboração dos processos afetivos, Como observou Sándor Ferenczi (1873-1933) a respeito desses sujeitos: “enquanto sua vida afetiva desaparece no inconsciente e regride para uma sensação corporal pura, a inteligência liberta de todo sentimento realiza um progresso considerável, mas (...) completamente desprovida de emoção, no sentido de uma performance de pura adaptação...”.³

Ao reduzir a sintomatologia psicossomática a um transtorno centrado no déficit de simbolização, ignora-se a possível determinação psíquica e simbólica da doença orgânica. Laplanche, em suas considerações sobre a relação entre as neuroses atuais e a psicossomática, alerta para o fato de que “não se deve ser seduzido, apesar de tudo, pela hipótese de que existiriam afecções sem simbolização. Excluir do determinismo simbólico seus dois extremos – por um lado o conflito, como se ele fosse doravante real e nada pudesse ser feito, por outro lado o sintoma, como se estivesse inscrito no corpo e como se bastasse, por exemplo, operá-lo – não é apenas formular uma certa teoria, é entrar numa certa teoria e num certo jogo do próprio paciente e de sua denegação”.⁴

Implícita à crítica de Laplanche, encontramos uma posição há muito defendida por Georg Groddeck (1866-1934): a hipótese da falta de significação simbólica das doenças orgânicas fundamenta-se em uma cisão soma / psique, em função da qual os órgãos doentes não são mais vistos como símbolos que, conectados ao todo, podem ser decodificados e promover a

excitações pulsionais, a carência fantasmática que esses sujeitos apresentam – manifesta em condutas mal elaboradas no nível psíquico - faz o aparelho sensorio-motor, e não o psíquico, apresentar-se como via privilegiada para a resolução pulsional.

³ Ferenczi, S. (1932 / 1990), p. 251.

⁴ Laplanche, J. (1993) *Problemáticas I: a angústia*, p. 41-2.

compreensão e o significado da doença, mas como meros sinais exteriores de entidades nosológicas de um modelo biomédico reducionista.

Uma psicossomática baseada exclusivamente na caracterização das neuroses atuais (pobreza de elaboração psíquica inconsciente, de fantasias, afetos indiferenciados), e na oposição entre somatização e psiconeurose (com base na premissa de que os sujeitos que somatizam sofrem de um mau funcionamento ou de uma má estruturação do pré-consciente), apesar de coerente com parte do discurso freudiano, não esgota suas possibilidades e nem promove uma articulação consistente entre o discurso psicanalítico e a natureza do fenômeno psicossomático.

Embora Freud não tenha, ele próprio, elucidado os mecanismos que poderiam responder pelo fenômeno psicossomático na perspectiva psicanalítica, ele não chegou a sustentar uma oposição definitiva entre neuroses atuais, psiconeuroses e psicoses, tendo, inclusive, registrado a alternância desses estados em sua prática clínica. Em sua *Apresentação Autobiográfica*, Freud afirma:

A fim de evitar equívocos de concepção, eu insistirei que estou muito longe de negar a existência de conflitos psíquicos e de complexos neuróticos na neurastenia. Apenas me limito a afirmar que os sintomas destes enfermos não são psiquicamente determinados, nem a análise pode resolvê-los, senão que devem ser concebidos como consequência direta do quimismo sexual.⁵

Freud é claro: além de não negar a existência de conflitos psíquicos e complexos neuróticos na neurose atual, e estabelecer uma articulação entre sintomas psiconeuróticos e sintomas "atuais" (caso das neuroses mistas, por exemplo), ele não se refere ao déficit de simbolização como necessário para a ocorrência de descargas lesivas ao organismo. Por outro lado, o ceticismo demonstrado por Freud em relação a determinação psíquica do transtorno atual, bem como à sua resolução por meio da análise, quando revisto à luz das afirmações do autor em *Análise Terminável e Interminável* (1937), se justifica na medida em que a determinação histórica e o sentido da sintomatologia atual não são diretamente acessíveis ao tratamento psicanalítico do modo como Freud o concebia.

⁵ *Apresentação autobiográfica*. (1925). AE, 20, p. 25; GW, XIV, pp. 50-1

Após os anos 20, ao introduzir o conceito de pulsão de morte e vinculá-lo à compulsão à repetição, à destrutividade e a um núcleo masoquismo primário, ao mesmo tempo em que revaloriza a importância do impacto da realidade na determinação do traumatismo (o que o faz admitir a existência de neuroses – traumáticas – nas quais o fator sexual não pode ser identificado), e localiza o Isso nos limites do aparelho psíquico, em contato direto com as forças somáticas, Freud oferece elementos para pensarmos os fenômenos psicossomáticos à luz de uma relação de coisas muito mais complexa. A fronteira entre o psíquico e o biológico se esvaece e o arcaico é remetido a conteúdos muito mais primitivos.

No sentido de empreender uma regressão até os conteúdos que se encontram nos limites do sentido e do simbólico, quando “não estando o órgão do pensamento completamente formado, só eram registradas as lembranças físicas”,⁶ Ferenczi introduz algumas modificações na técnica psicanalítica cujo resultado é o acesso a um material de caráter corporal / emocional, à sonhos repetitivos sem conteúdo “psíquico”, cujo sofrimento de natureza corporal e psíquica o remete a uma “*lembrança*” que parece estar *imobilizada no corpo e somente aí pode ser despertada*”.⁷

Apesar do crescente descontentamento de Freud em relação às modificações introduzidas por Ferenczi na técnica analítica, este último leva os pressupostos freudianos às últimas conseqüências. Desde 1921 em contato com Georg Groddeck, precursor da utilização do referencial psicanalítico no tratamento das doenças orgânicas, Ferenczi partilha com este último o modo original de abordar o sofrimento humano e a idéia de que a dicotomia entre psíquico e somático não se justifica.

Groddeck não hesita em mesclar ao método psicanalítico o seu próprio método. Assim é que utiliza a massagem para intensificar o trânsito entre os materiais inconscientes e conscientes, que se apresentam ora de forma psíquica, ora de forma somática. Para este autor, o desafio é formular uma interpretação que permita ao sujeito recuperar o sentido daquilo que permanece inconsciente, numa alteração somática, como material “extralingüístico”. Seu conceito de Isso – um inconsciente simbolizador - pressupõe um sentido implícito a toda e qualquer manifestação, seja ela psíquica ou somática.

⁶ Ferenczi (1929-30 / 1992), p. 65.

⁷ Ferenczi (1932), p. 268.

Embora a relação de Groddeck e Ferenczi com Freud tenha sido marcada, em seus últimos anos, por crescentes divergências - tanto de ordem teórica (a oposição entre pulsões de vida e pulsão de morte, não sustentada pelo monismo de Groddeck, as controvérsias com este autor sobre o conceito de Isso), como de ordem técnica (as inovações empreendidas por Ferenczi teriam sido, em parte, responsáveis pelo abalo final em seu relacionamento com Freud, em 1932) - poucos de seus contemporâneos⁸ ousaram ir tão longe na investigação de fenômenos psicossomáticos, mantendo-se articulados ao seu pensamento. O próprio Freud, em outras ocasiões e para outros interlocutores, não deixa de reconhecer a importância do trabalho desses dois homens, e o provável alcance teórico de suas descobertas.

Por essa razão, ao nos propormos resgatar os elementos que, no pensamento freudiano, podem responder pela emergência do fenômeno psicossomático na perspectiva psicanalítica, a referência ao trabalho teórico-clínico empreendido por Ferenczi e Groddeck, bem como o exame da correspondência entre ambos, e entre cada um deles e Freud, torna-se não somente inevitável, mas imprescindível.

No que diz respeito à psicossomática, a Ferenczi e a Groddeck pertence o mérito de não hesitar, onde Freud hesitou.

Em nosso estudo apresentaremos, no primeiro capítulo, conceitos que evocam tanto o aspecto econômico, como desvelam uma origem somática. Nesse domínio, ontogênese e filogênese se acoplam para configurar a matéria prima da experiência humana, pois, por um lado, o investimento pulsional depende da inscrição das vivências no aparelho, por outro, a estrutura psíquica pressupõe uma construção sobre a herança instintiva. Dependendo do impacto da situação traumática, a descarga pode levar à desestruturação e desorganização as próprias estruturas somáticas constitutivas do sujeito, o que caracteriza a meta da pulsão de morte. Ao considerarmos as conseqüências da introdução do conceito de pulsão de morte, no segundo capítulo, adentramos um domínio onde a história individual se funde e se articula de tal modo à história da espécie que, na ausência de vivências eficazes, montagens comportamentais arcaicas são requisitadas para manter a economia psíquica. Nesse domínio, a auto-destrutividade,

⁸ Devido aos limites implícitos à execução deste trabalho, não nos foi possível examinar a contribuição de Wilhelm Reich.

resquício do masoquismo original, expressa a presença de uma força ainda mais fundamental na constituição do vivo. Ao remeter as origens da pulsão de morte à própria constituição da matéria orgânica, Freud não somente estende as raízes do inconsciente ao registro biológico, como permite a Ferenczi supor que um inconsciente biológico, primitivo, presidiria toda a vida psicossomática manifesta. Ao propor modificações na técnica que lhe permitiam acessar conteúdos derivados de experiências traumáticas, cujas manifestações se faziam sentir em alterações somáticas funcionais ou estruturais mais ou menos graves, Ferenczi empreende regressões a modos arcaicos de funcionamento e organização, por meio das quais identifica traços mnêmicos de eventos deixados na linguagem corporal. Esses fragmentos, como conteúdos arcaicos e indiferenciados, se mantêm a margem do desenvolvimento posterior do ego, sob o domínio de um *Isso-eu* indiferenciado. Tal suposição leva-nos a considerar a existência de uma região indiferenciada entre o psíquico e somático, e a rastrear a origem do conceito de Isso até o pensamento de Groddeck, em nosso terceiro e último capítulo. Em Groddeck, a suposição de que o corpo e seus órgãos (assim como as coisas do mundo) são simbólicos, e que o corpo “fala” através da doença, opõe-se à caracterização da afecção somática como expressão assimbólica de uma descarga deflagrada em um corpo reduzido à simples materialidade. Ao final, concluímos observando que, embora Freud ofereça subsídios para a explicação psicanalítica do fenômeno psicossomático, é Ferenczi e Groddeck que fornecem os elementos clínicos que permitem defender a idéia de que o fenômeno psicossomático não é sinônimo de ausência de simbolização.

1. MATRIZES SOMÁTICAS

Ao rastreamos, em Freud, o desenvolvimento de conceitos que se constroem na interface do psíquico com o somático, adentramos em um domínio da teoria produzido por conceitos que evocam tanto o aspecto econômico - a soma de excitações-, como nos remete, invariavelmente, à referência biológica e ao registro somático.

Para Freud, os estímulos que brotam de uma fonte pulsional enlaçam-se à vivências afetivas e traçam facilitações entre vias de interligação (*Bahnungen*), conectando movimentos motores, imagens, sensações, órgãos, glândulas e neurônios, que se inscrevem no soma como uma seqüência de eventos, fundando uma memória arcaica, evocável espontaneamente à luz da necessidade.

Na medida em que o afeto, como *quantum* energético, pode se desenvolver independentemente do sistema representacional, a referência a fenômenos primitivos, produtos da amalgamação entre ontogênese e filogênese, completam o quadro. Pois, se por um lado, é das vivências e de sua inscrição no aparelho psíquico que depende o investimento pulsional, por outro, ao ordenar algumas vivências e configurar o núcleo do inconsciente, os atos instintivos oferecem à pulsão conteúdos sobre os quais também recai o investimento pulsional.

A tensão excessiva, produto do impacto de uma situação traumática, somada à falta ou insuficiência da ação específica, pode decretar a descarga mediante a atuação, veiculando uma agressividade própria do instinto de conservação da espécie. Se o caminho para a destruição dos objetos do mundo exterior encontra-se impedido⁹, a excitação acumulada e sem expressão pode optar por vias internas para proceder à descarga, mediante caminhos somáticos.

Neste capítulo, acompanharemos o desenvolvimento de conceitos que, ao habitarem a fronteira entre o psíquico e o somático, podem, sob o impacto de um trauma, conduzir o sujeito de volta as matrizes somáticas das quais originalmente emergiram.

⁹ Como demonstrou o etólogo austríaco Konrad Lorenz (1903-1989), prêmio Nobel em 1973, os objetos exteriores não são absolutamente necessários para que, sob a pressão da excitação acumulada, uma seqüência comportamental seja deflagrada.

1.1 A especificidade do afeto.

O ser vivo captura estímulos em sua substância nervosa; por um lado, registra estímulos dos quais pode subtrair-se mediante uma ação muscular (fuga), os quais atribui ao mundo exterior; por outro lado, registra estímulos frente aos quais uma ação semelhante resulta ineficaz, pois, oriundos de necessidades pulsionais, conservam seu caráter de pressão constante. A atividade elementar do sistema nervoso, endógena, rítmica e automática, é a de produzir excitações, enquanto sua tarefa é a de dominar estímulos. Como os estímulos de origem endógena, sentidos como pulsionais, não podem ser tramitados mediante a fuga, eles tornam-se um complicador para o esquema fisiológico do arco reflexo. Esses estímulos colocam ao sistema nervoso exigências elevadas, que o movem a atividades cada vez mais complexas, encadeadas entre si, com a finalidade de modificar o exterior o suficiente para satisfazer a fonte interior do estímulo.

Para Freud, a função do sistema nervoso é livrar-se dos estímulos que chegam, de rebaixá-los ao nível mínimo possível; a ponto de se possível, manter-se isento de qualquer estímulo. Com base na suposição de que a tendência primária do aparelho é a de fazer escoar o acúmulo de excitação, postula em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895), o *princípio da inércia*, de acordo com o qual o sistema nervoso – regulador da descarga - funcionaria originalmente segundo o modelo reflexo descarregando completamente os estímulos que a ele chegam provenientes do exterior. Essa tendência para a descarga completa, que corresponde à inclinação para o total nivelamento da tensão, para o zero absoluto, é perturbada por estímulos endógenos – fome, sexualidade - que, provenientes do interior do organismo, também procuram descarga. Impossibilitado de subtrair-se da quantidade endógena por meio do movimento reflexo, e coagido pelas pulsões de autoconservação, o sistema nervoso opera uma retenção de energia que leva à constituição de um outro princípio, o da *constância*, que se superpõe ao da inércia, como uma modificação deste último. Derivado do princípio da estabilidade de Fechner¹⁰, o princípio da constância exprime a tendência do aparelho psíquico em manter a um nível tão baixo

¹⁰ Princípio que quantifica a relação entre a magnitude de um estímulo físico mensurável por instrumento, e seu efeito percebido, conforme relatado. Ao estabelecer que a magnitude da sensação é proporcional ao aumento do logaritmo da magnitude da excitação, Fechner (1801-1887) especifica o relacionamento funcional entre a intensidade da sensação (unidade psicofísica na perspectiva psíquica), e a intensidade do estímulo (unidade psicofísica na perspectiva material).

ou, tão constante quanto possível, a quantidade de excitação que contém, ao mesmo tempo em que se defende de qualquer acréscimo. Enquanto o princípio da inércia preconiza o nivelamento ao zero absoluto, o princípio da constância representa o desvio da tendência original da descarga ao zero de excitação para um estado de estabilidade, cujo valor atingido, acima de zero, impediria a descarga total das excitações. A constituição da pulsão, no nível individual, parece estar entre as alterações que se operam com o excedente da energia nervosa.

Às vezes Freud emprega o termo *pulsão* para designar a finalidade da fonte pulsional – por exemplo, a pulsão de nutrição; em outras vezes o utiliza para referir-se apenas à sensação psíquica do impulso – por exemplo, fome. Interessante notar que, assim como Freud, outros pesquisadores de língua alemã (Heinroth, Lorenz) optaram por substituir o termo *Instinkt* pelo termo *Trieb* (pulsão) em seus trabalhos, por este último prestar-se a menos confusões do que o primeiro¹¹.

De modo geral, em Freud, além da pulsão (*Trieb*) referir-se à força biológica específica da espécie, manifesta-se no indivíduo como fenômeno somático, envolvendo tanto sua fonte em neurônios, glândulas, órgãos, como o processo energético-econômico, referente ao acúmulo de energia, circulação e descarga. Embora todos os estímulos estejam, primeiramente, sujeitos a mecanismos de regulação biológica, nem todos os estímulos endógenos tornam-se pulsão, como podemos observar na afirmação de Freud no *Projeto* (1895): “(...) podemos supor que os estímulos endógenos são de natureza intercelular, são gerados de maneira contínua e só periodicamente tornam-se estímulos psíquicos”.¹²

Em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915), Freud nos fornece um claro exemplo da distinção entre estímulos que atuam somente sobre o somático e estímulos pulsionais:

Por exemplo, se uma luz forte afeta o olho, esse não é um estímulo pulsional; já o é sentir secura na mucosa da garganta ou acidez na mucosa estomacal

¹¹ Em etologia, por exemplo, *Trieb* designa a busca, com ou sem finalidade, de uma situação excitadora bem determinada que corresponda ao esquema desencadeador inato da reação desejada. Essa escolha é explicada pelo fato de que a finalidade de um ato instintivo e a capacidade biológica de reação, ou a coordenação dos movimentos para alcançar esse fim, são duas coisas diferentes. Já o conceito de *Instinkt* entrou na linguagem corrente para designar um fator extraordinário utilizado como um *a priori* para a explicação de um comportamento, gerando uma controvérsia infundável entre vitalistas de um lado (que defendiam a propriedade do comportamento animal se orientar para um fim, segundo um fator enteléxico), e de outro reflexologistas (comportamentos inatos constituíam encadeamentos de reflexos incondicionados) e behavioristas (que simplesmente negavam a existência de longas seqüências de comportamentos inatos). In: **Lorenz** (1975), pp. 72; 93-104.

¹² *Projeto para uma psicologia* (1895) AE, 1, p. 360; GWN, p. 408.

E acrescenta, em nota de rodapé, na mesma página:

Presumindo-se, naturalmente, que esses processos internos sejam a base orgânica das respectivas necessidades de sede e de fome.¹³

Muitos processos somáticos que se resolvem por meio de mecanismos reguladores (como descargas hormonais), sem que requeiram trabalho do sistema nervoso, não constituem pulsão no sentido estrito. Embora proveniente de fontes de estímulo situadas no interior do organismo, a pulsão emerge como força constante, e tem como uma de suas características principais sua incoercibilidade por ações de fuga.¹⁴ Estímulos somáticos só se constituem fontes de uma pulsão ao se configurarem como estímulo para o aparelho psíquico e / ou sistema nervoso, apreensível como *sensação*. Assim, os processos internos orgânicos serão estímulos pulsionais para o aparelho psíquico se se constituírem em sensações inseridas em uma série.

Ainda no artigo citado, Freud caracteriza a pulsão como “um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como um representante (*Repräsentant*) psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho que é imposta ao anímico em consequência de seu trabalho com o corporal”.¹⁵

O fato de a pulsão exigir trabalho psíquico denota a impossibilidade de a tensão correspondente ser resolvida por processos de regulação biológica, puramente endógenos. Para tornarem-se estímulos para o psíquico, e serem identificados como pulsão, os estímulos endógenos precisam atuar de maneira contínua, possuir certa intensidade, requerer uma ação que se manifeste por alguma forma de motricidade e serem apreendidos como sensação.

Como Freud afirma no *Projeto* (1895):

[...]a partir de certa quantidade atuam de maneira contínua como um estímulo, e cada acréscimo de Q. é percebido como um acréscimo do estímulo em ψ .¹⁶

A pulsão pode ser caracterizada pela somatória entre estímulo (*Reiz*) e pressão (*Drang*), ou seja, pela somatória do elemento pelo qual se manifesta a fisiologia pulsional com o fator que possibilita a passagem do somático para o psíquico. A própria definição de pulsão como

¹³ *Pulsões e destinos de pulsão* (1915). AE, 14, p. 114; GW, X, p. 211

¹⁴ *Pulsões e destinos de pulsão* (1915). AE, 14, p. 115; GW, X, p. 212-13

¹⁵ *Ibid*, AE, 14, p. 117; GW, X, p. 214

¹⁶ *Projeto para uma psicologia* (1885). AE, 1, p. 360-61; GWN, p.409.

agência representante psíquica de uma fonte de estímulos intrasomática coloca o conceito no limite entre o psíquico e o somático, cabendo ao aparelho psíquico processar grandes quantidades originárias de uma fonte somática. As fontes somáticas pulsionais (*Triebquelle*) são constituídas por órgãos e glândulas, dos quais são gerados estímulos endógenos (*endogene Reize*) ou estímulos pulsionais (*Triebreize*), constituindo uma tendência ou disposição permanente do organismo.

Drang movimenta a pulsão, tanto de forma pulsional quanto como desejo. Esta ação de descarga pode ocorrer simultaneamente no nível fisiológico-energético e no nível representacional. No primeiro caso temos uma descarga motora de estímulos (*Reizabfuhr*) e no segundo, a realização de desejo (*Wunscherfüllung*).

Por *pulsão* podemos entender, a princípio, nada mais que a agência representante (*Repräsentanz*) psíquica de uma fonte de estímulos intrasomática, em contínuo fluir; isso a diferencia de “estímulo” que é produzido por excitações singulares provenientes de fora. Assim, “pulsão” é um dos conceitos limite do anímico em relação ao corporal. A hipótese mais simples e óbvia acerca da natureza das pulsões seria esta: em si não possuem qualidade alguma, senão que hão de considerar-se, somente, como uma medida de exigência de trabalho para a vida anímica. O que distingue as pulsões umas das outras e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e com suas metas. A fonte da pulsão é um processo excitante no interior de um órgão, e sua meta imediata consiste em cancelar esse estímulo de órgão.¹⁷

A agência representante da pulsão é constituída de dois elementos: a representação e o fator quantitativo; este último, ao investir a representação é denominado por Freud “soma de excitação” Enquanto o primeiro elemento – a representação - é representado no inconsciente, o segundo, embora passível de sofrer transformações de acordo com seus possíveis destinos, não está ligado a uma representação inconsciente. Sua expressão se dá por meio de manifestações corporais, perceptíveis ou não pela consciência sensorial. Esse tipo de consciência primitiva, derivada da percepção (*O inconsciente*, 1915) surge como efeito da organização do sistema nervoso, sendo requisito para a inscrição de traços mnêmicos. No *Projeto* (1895), Freud atribui sua origem a um conjunto de neurônios ω , que tem uma função perceptiva e sensorial. Para o autor, essas sensações são registros qualitativos de características objetivas específicas.

Frente à magnitude das quantidades exteriores, muito superior às quantidades que circulam entre os neurônios provenientes do interior, o sistema nervoso estabelece uma defesa,

¹⁷ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. AE, 7, p. 153; GW, V, p. 67. Essa colocação pode ser encontrada em *Pulsões e destinos de pulsão*, AE, 14, p. 117; GW, X, 214; e no *Esquema de Psicanálise*, AE, 23, p. 149; GW, XVII, p.73.

uma barreira de proteção, que protege ϕ do contato direto com o mundo exterior. A falha de uma dessas barreiras diante das grandes quantidades de excitação que podem irromper no aparelho, alcançando tanto ϕ como ψ , é o que caracteriza um trauma, como se verá adiante.

Se, no *Projeto* (1895), Freud afirma que o registro qualitativo não se origina da quantidade exterior, é porque supõe que entre os neurônios se propaguem processos de origem objetiva, com uma natureza quantitativa, e também temporal - o período. Embora existam resistências ao deslocamento da quantidade, por meio das barreiras de contato, “o período do movimento neuronal se propaga em todas as direções sem inibição, por assim dizer, como um processo de indução”.¹⁸ Este período do movimento neuronal é um correlato dos movimentos de massa do mundo exterior, uma distribuição temporal objetiva das quantidades, que o sistema nervoso transforma em sensações. A sensação é constituída “por um período particular do movimento neuronal, que sem dúvida não é o mesmo do estímulo, mas que mantém com este uma determinada relação, segundo uma fórmula redutora que desconhecemos”.¹⁹ Assim, existe um correlato entre sensações e processos objetivos, que consiste na transmissão de um período (entendido como a distribuição temporal dos processos quantitativos), que ao propagar-se pelo sistema nervoso, gera qualidade e, com isso, consciência: “é esse seu estado de serem afetados pelo período enquanto são preenchidos por um mínimo de $Q\eta$, o fundamento da consciência”²⁰. Freud supõe, portanto, um sistema nervoso que transmite movimentos objetivos, e por isso, à época do *Projeto* (1895), o registro qualitativo (ω) é concebido como objetivo.

Assim, a consciência, no *Projeto* (1895), consiste fundamentalmente em impressões sensoriais por meio das quais os estímulos são registrados como sensações dentro de uma grande diversidade de variações, cuja diferença somente pode ser discernida a partir de suas relações com o mundo exterior. Entretanto, a localização da consciência no aparelho não permite que seu conteúdo seja composto apenas por qualidades sensoriais derivadas dos processos objetivos (por exemplo, a sensação de frio decorrente da exposição do organismo a baixas temperaturas), mas também por outra série diferente daquela – a série de sensações de prazer e desprazer. As diferenças de períodos tem sua origem nos “órgãos sensoriais, cujas qualidades são constituídas por diferentes períodos de movimento neuronal”²¹ Os desenvolvimentos afetivos

¹⁸ *Projeto* (1895). AE, 1, p. 354; GWN, p. 402

¹⁹ *Ibid.* AE, 1, p. 358; GWN, p.406

²⁰ *Ibid.* AE, 1, p. 354; GWN, p.402.

²¹ *Ibid.* AE, 1, p. 354-5; GWN, p.403

originam-se, portanto, das variações quantitativas endógenas, na fonte pulsional: no *Projeto* (1895) o desprazer coincidiria com um aumento de $Q\eta$ ou com um aumento quantitativo da tensão; o prazer corresponderia a uma sensação de descarga. Esta associação, revista em 1924, estabeleceria uma distinção entre as variações nos processos quantitativos e qualitativos, admitindo descargas desprazerosas e aumentos prazerosos de tensão pulsional.

Tanto em uma como em outra colocação, os processos qualitativos resultam de movimentos quantitativos, percebidos pela consciência por meio de qualidades de prazer e desprazer.

Pela localização da consciência no aparelho psíquico, dois são os exteriores dos quais os estímulos chegam como séries de qualidades: o mundo exterior ao corpo e os processos somáticos. Se, nos primórdios da vida, a consciência está voltada para a periferia interna do corpo, para os processos somáticos, e só depois aprende a voltar-se para o exterior, os primeiros registros qualitativos investidos pela atenção são aqueles referentes à série dos desenvolvimentos afetivos.

Como a energia psíquica pode apresentar-se de dois modos: como força pulsional, ou como liberação/desprendimento, os afetos correspondem a esse segundo modo.

A descrição do afeto²² como processo de descarga é encontrada no *Projeto* (1895):

“A descarga, como todas as outras, se efetua na direção da motilidade, por isso cabe notar que na circulação motora evidentemente se perde toda característica qualitativa, toda particularidade de período”²³ e pouco mais adiante: “O aparelho da motilidade está diretamente ligado a ϕ . As quantidades assim traduzidas produzem um efeito quantitativamente muito superior a elas quando penetram nos músculos, glândulas etc. – ou seja, exercem ali sua ação eficiente por uma liberação (*Entbindung*; ou desligamento de), ao passo em que entre os neurônios só se produz uma transferência”²⁴

Afetos e desejos distinguem-se na medida em que o desejo resulta de um aumento da tensão endógena que investe determinadas representações, enquanto o desprendimento de um *quantum* de energia pulsional de determinadas representações corresponde ao afeto.

²² Segundo Strachey, Freud emprega o termo afeto mais ou menos como equivalente aos termos sentimento ou emoção, como podemos observar na 25ª. *Conferência* (AE, 16, pp. 360-1; GW, XI, p. 410) e *O inconsciente* (AE, vol. 14, pp.174-5; GW, X, p. 277), enquanto o termo excitação, por sua vez, se circunscreve mais à descrição da energia de investimento.

²³ *Projeto* (1895) AE, 1, pp .356; GWN, p. 404

²⁴ *Ibid* AE, 1, pp .358-59; GWN, pp.406-7

Os resíduos dos dois tipos de vivências que examinamos são os afetos e os estados de desejo; ambos têm em comum o fato de envolverem um aumento de tensão $Q\eta$ em ψ , no caso do afeto pelo desprendimento repentino e, no do desejo, por soma.²⁵

Em *O Inconsciente* (1915) Freud afirma: “os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga cujas exteriorizações últimas se percebem como sensações”.²⁶ Analogamente, em sua *25ª Conferência* (1916-17) diz: “O que é, em sentido dinâmico, um afeto?”, e responde: “Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações motoras ou descargas; em segundo lugar, certas sensações, que são, além disso, de duas classes: as percepções das ações motoras ocorridas, e as sensações diretas de prazer e desprazer que prestam ao afeto, como se diz, seu tom dominante”.²⁷

Segundo Laplanche e Pontalis (1988), o afeto é definido, nos textos metapsicológicos, como a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional. Freud distingue nitidamente o aspecto subjetivo do afeto e os processos de descarga que o condicionam. Os termos *afeto* e *quantum de afeto* (*Affekbetrag*) são empregados paralelamente, designando, assim, o aspecto propriamente econômico, pois o *quantum* de afeto corresponde à pulsão na medida em que esta se tem subtraído da representação e tem encontrado uma expressão proporcional a sua quantidade em termos que tornam registráveis para a sensação como afetos”.²⁸

Para Monzani (1989), Freud é claro quanto à caracterização do termo *quantum* de afeto. Ao se produzir o divórcio entre afeto e representação, quando a trajetória do afeto nem sempre acaba numa ligação com uma representação, diz o autor, é nesse momento que “o afeto revela sua característica fundamental: a de ser um *quantum* energético”.²⁹

Nesse sentido, em 1915 Freud distingue afetos inconscientes e representação inconsciente em *A repressão* (1915): enquanto o acesso à consciência de uma representação inconsciente depende da transferência de um investimento inconsciente atual para os registros mnêmicos pré-conscientes, verbais ou visuais, os afetos constituem processos atuais de descarga, cujas exteriorizações últimas são percebidas como sensações, emoções e sentimentos. Em outras

²⁵ *Ibid* AE, 1, p 366-67; GWN, pp. 414-15

²⁶ *O inconsciente* (1915) AE, 14, p. 174; GW, X, p. 277.

²⁷ *25ª Conferência: A angústia*. AE, 16, p. 360; GW, XI, p. 410.

²⁸ *A repressão* (1915) AE, 14, p. 147; GW, X, p. 255.

Mais adiante denomina este elemento como “o fator quantitativo” mas logo volta a chamá-lo de montante de afeto. Embora afeto e energia psíquica, nesse momento, pareçam termos equivalentes, na mesma passagem Freud sustenta que o destino das pulsões é a “transposição das energias psíquicas das pulsões em afetos”

²⁹ *Monzani* (1989), p. 92.

palavras, enquanto os fenômenos de investimento pressupõem uma moção pulsional que se transfere para a consciência, para a motilidade, a emergência dos afetos corresponde à liberação da energia independentemente do sistema representacional.

Como processo de descarga, o desenvolvimento afetivo representa um outro modo de tornar consciente um processo pulsional inconsciente; o afeto chega à consciência sem a mediação do ego, que só é capaz de inibir o seu desenvolvimento operando sobre os processos de investimento representacional que o acompanham. Se, no inconsciente, o afeto se configura como disposição potencial, na consciência ele é vivido como atual, possuindo características de sensação somática (por exemplo, as sensações da hipocondria, da histeria, etc). As qualidades de que está investido provém de sensações e percepções da motricidade secretora e vasomotora. Por isso, em sua atualidade, o afeto é um ato, que inclui “determinadas inervações motoras ou descargas e certas sensações que pertencem a duas classes: percepção das ações motoras ocorridas e sensações diretas de prazer e desprazer que emprestam ao afeto seu tom dominante”³⁰ com diferentes graus e matizes.

Do ponto de vista da evolução do aparelho psíquico, a emergência do afeto corresponde a uma etapa na qual o aparelho funciona de acordo com as leis do processo primário. Da fonte pulsional brotam estímulos, cuja manifestação se enlaça à vivências afetivas (prazer ou desprazer), que se associam a certas imagens. Sob esse funcionamento, as quantidades de carga que emanam da fonte somática se sujeitam à lógica do processo primário (imagens e afetos). A repetição dessas ocorrências traça facilitações entre vias de interligação (*Bahnungen*), entre movimentos motores, imagens, sensações, órgãos, glândulas e neurônios. Através de uma seqüência de eventos que se inscrevem no soma, funda-se uma memória arcaica, diferente da memória que pode ser voluntariamente ativada, cujas lembranças podem ser evocadas pelo raciocínio; trata-se de uma memória cuja via de facilitação interneuronal pode ser evocada espontaneamente à luz da necessidade, cujas lembranças primitivas afloram e podem tomar o sujeito se, sob a manifestação da pulsão, se seguir imediatamente o complexo de imagens e afetos a ela vinculados, desencadeando-se movimentos motores.

Tais movimentos obedecem a associações vividas de forma pouco flexível, sendo que a localização e as condições em que se encontram os objetos de prazer (ausência, presença, distância, tempo) não podem ser antecipadas pelo sujeito. A ação e a alucinação são a seqüência

³⁰ 25ª. Conferência - *A Angústia*. (1916-17) AE, 16, p. 360; GW, XI, p. 410.

inevitável, e a elas segue-se a frustração. É assim que a necessidade enlaça-se ao desejo, e a eles segue-se um movimento que tem como meta atingir um objeto não disponível. A alucinação, porém, não pode conter o estado de necessidade, e o lactente não pode agir sobre o mundo exterior para obter o que lhe falta. A passagem desse modo de funcionamento psíquico – cuja forma de regulação pulsional é frágil – para um funcionamento mais complexo deve-se, sobretudo, a uma conjugação entre a maturação do sistema nervoso e o acúmulo de vivências que possibilitem um funcionamento mais integrado. Essa integração pressupõe a capacidade de inibir os excessos de investimento para que a ativação de uma lembrança não ultrapasse determinado limiar, a ponto de sua quantidade atingir a intensidade de uma vivência real, desencadeando o movimento alucinatório.

No *Projeto* (1895), o obstáculo à transmissão de energia é descrito como barreiras de contato interneuronal, a partir das quais se torna possível a criação de um espaço entre os neurônios. Tal obstáculo permite a retenção de certa carga energética, que não pode ser transferida ao neurônio seguinte, permanecendo como reserva. A consequência dessa organização neuronal é que, quanto maior a complexidade, menor o deslocamento de energia, e maior a especificidade do critério para a descarga.

A consciência e os órgãos sensoriais são capazes de apreender não somente qualidades de prazer-desprazer, mas qualidades sensoriais, que permitem examinar a realidade externa, e realizar um julgamento sobre ela. No *Projeto* (1895), essa função é atribuída ao sistema ω . Nesse esquema, o ego, em estado de tensão de desejo, produz uma descarga no sentido da ação específica de acordo com a indicação de realidade enviada por ω . Pela percepção, através de ω , o ego toma conhecimento do mundo exterior, e pode comparar as percepções com os traços mnêmicos, ou o percebido com o recordado. Este conhecimento, que demanda o trabalho de pensamento, mais especificamente a função do juízo, é evocado, no *Projeto* (1895), pela dessemelhança entre o investimento de desejo e o investimento perceptivo, possível graças à retenção da descarga, operada por um ego. Ao surgir a desilusão diante da falta de satisfação, o ego sofre uma modificação com a finalidade de representar aquilo que é real, mesmo que o real não corresponda ao prazeroso. Se a imagem do objeto é hostil, o ego inibe a descarga para evitar o desprazer. Se a imagem investida é prazerosa, resquício mnêmico de uma vivência de satisfação, o ego produz algo semelhante a uma percepção, ou seja, uma alucinação. Neste caso, o desprazer acaba por ser sentido em decorrência do desencontro entre a alucinação e a realidade.

Distinguir entre alucinação e realidade é um dos pré-requisitos para que o ego exerça com eficácia sua função básica, a saber, evitar situações que coloquem em risco a integridade biopsíquica do sujeito, uma vez que a situação que se evita é a de um desprazer irrepresentável: o da destruição do organismo pelo não atendimento de suas necessidades vitais. Portanto, a emergência do ego responde a uma necessidade vital, e está estreitamente vinculada à maturação do sistema nervoso. Economicamente, ele constitui a estrutura capaz de modular o movimento excitatório no interior do aparelho, que permite uma mudança no processamento dos estímulos ao produzir liberações ou inibições de energia.

Entretanto, devido à sua localização intermediária entre o psíquico e o somático, e à sua gênese como projeção psíquica de uma superfície corporal, o ego, derivado de sensações corporais, é incapaz de conter a eliminação da liberação pulsional; o que explica a precedência que tem, sobre ele, os processos afetivos.

Nesse sentido, o *eu-pele* proposto por Anzieu (1989), fruto da coincidência entre a constituição do ego com o crescente investimento da pele como unificadora das diferentes mucosas como fontes erógenas, implica um vínculo entre a transposição da erogeneidade primitiva das mucosas e as impressões táteis na pele, a atividade muscular, e a visão. As pulsões visuais, táteis e de prensão, por exemplo, parecem derivar de um encontro da erogeneidade primitiva com o ego, e é este o caminho que conduz ao domínio das pulsões mediante a transmutação da quantidade em qualidade. A pele que recobre os órgãos dos sentidos funciona, por exemplo, tanto como mucosa erógena, quanto como receptor de estímulos, transmitidos como qualidade sensorial ao interior do aparelho. A pele, capaz de captar estímulos térmicos e táteis, é também capaz de transformar-se no equivalente das mucosas e ser sede de vivências erógenas.

A pele³¹, a que Anzieu se refere, é produzida psiquicamente pelo deslocamento pulsional das zonas erógenas periféricas, orquestrado pelas pulsões de auto-conservação, de onde deriva um movimento do pensar que recorre à pele para estabelecer nexos psíquicos.

Em 1905, Freud distingue dois grupos de zonas erógenas nos quais determinados tipos de estimulação produzem sensações de prazer: as constituídas pelas mucosas, e as constituídas pela pele, nos quais determinados tipos de estimulação produzem as sensações de prazer.

³¹ Em *O eu-pele* (1989), o autor descreve, em relação ao valor psíquico do eu-pele, nove funções da pele: manutenção, continência, proteção frente às excitações, individuação, esteio da excitação sexual, recarga libidinal, inscrição de resíduos sensoriais e autodestruição.

Ao ressaltar a importância da qualidade do estímulo, até em detrimento da zona erógena em si, Freud supõe, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que a erogeneidade do corpo se construa mediante estimulação externa, privilegiando determinadas partes do corpo do lactente. Tais zonas constituem lugares de troca: a parte do corpo estimulada retém em si uma marca; na medida em que a criança perscruta seu corpo para sugar alguma parte dele e encontra as partes privilegiadas – que, de modo geral, correspondem às regiões privilegiadas pelos cuidados maternos, sobre elas retém a preferência.

Pela ação de um outro (a mãe), o corpo retém a “memória” da estimulação, de acordo com as sensações prazerosas provocadas, que, somada aos fatores constitucionais – responsáveis por dotar tais locais de uma sensibilidade maior - acaba por delimitar as zonas erógenas. Como qualquer parte do corpo pode ser excitável, de maneira autônoma, todo o corpo pode funcionar como zona erógena. As zonas erógenas estabelecem-se, portanto, na intersecção entre a erogeneidade e o corpo biológico.³²

A estimulação das zonas erógenas, produzidas pela vivência de satisfação, é a fonte da excitação sexual. À época dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), excitações são baseadas em diferenças químicas: “os órgãos do corpo brindam excitações de duas classes, baseadas em diferenças de natureza química. A uma dessas classes de excitação a designamos como a especificamente sexual, e ao órgão afetado, como a *zona erógena* da pulsão parcial sexual que emerge dele”.³³ Assim, nos *Três ensaios...* (1905), Freud pressupõe a emergência do corpo erógeno a partir do corpo biológico.

Diferentemente dos órgãos dos sentidos³⁴, envolvidos pela proteção antiestímulos, as zonas erógenas constituem uma unidade com os órgãos internos do corpo, cuja característica, de acordo com Freud, é a de formarem a periferia interna, para onde afluem diretamente as

³² Já em *Algumas considerações para um estudo comparativo entre as paralisias motoras e histéricas* (1888-93) Freud torna possível a distinção entre dois registros corporais: um relativo a um corpo material, que corresponde à anatomia do sistema nervoso, e outro, produzido pela história do sujeito, em que o trauma psíquico é responsável pelas manifestações conversivas. Neste artigo, ao referir-se a uma paralisia, diz: “o órgão paralisado ou a função abolida estão envoltos em uma associação subconsciente provida de um grande valor afetivo, e se pode mostrar que o braço se libera tão logo esse valor afetivo se desvaneça. Portanto, a concepção do braço existe no substrato material, mas não acessível para as associações e impulsões conscientes porque toda sua afinidade associativa, por assim dizer, está saturada em uma associação subconsciente com a lembrança do acontecimento, do trauma produtor dessa paralisia”. In: AE, I, p. 208-9; GW, I, pp. 53-4.

³³ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* AE, 7, p. 153; GW, V, p. 68.

³⁴ Os órgãos dos sentidos podem apresentar-se de diferentes modos: (1) como estruturas impressionáveis por estímulos do mundo exterior (tanto de fonte externa como interna), (2) como geradores de uma sensação (alucinatória) e (3) como mucosas.

terminações nervosas. As mucosas, por exemplo, não contam com uma camada protetora específica, além daquela da região em que estão inseridas, o que explica as intensas sensações de prazer ou desprazer de que são alvo a partir de sua estimulação. A periferia interna, como a designa Freud, pode englobar regiões do corpo que registram estímulos sensoriais, em decorrência da intensidade do investimento pulsional que sobre ela recai, como a cegueira histórica mencionada por Freud em 1910, em que o olho está desconectado da percepção de certos estímulos sensoriais.

Os órgãos internos, que também são fonte pulsional, constituem o primeiro objeto sobre o qual investem as pulsões sexuais e de autoconservação, de modo que, em princípio, fonte e objeto coincidem numa forma de auto-erotismo, sendo que o ego – que se constitui como síntese das diferentes pulsões - a elas se subordina como objeto sensível. Em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915) Freud afirma que o objeto da pulsão não precisa ser, necessariamente, um objeto exterior, mas sim “uma parte do próprio corpo”.³⁵

Posteriormente, em razão da projeção, o objeto é situado em um plano externo e colocado como causa da impressão sensorial. O processo que inaugura o meio externo, por projeção, decorre de uma mudança nos investimentos da atenção, que se desloca da fonte erógena para o objeto, e este deslocamento situa o objeto fora da zona erógena, como ponto de encontro de diversos investimentos pulsionais.

1.2 Afeto e equilíbrio biopsíquico

Durante a nutrição, o lactente vai experimentar a vivência de satisfação. À experiência biológica se sobrepõe um registro psíquico, que será suscitado sempre que o lactente sentir fome novamente. Se, concomitante ao investimento do registro psíquico, alucinatório, surgir o seio real, a satisfação alucinatória se mantém, sendo que nesse momento o lactente não estabelece uma diferenciação entre a alucinação e a percepção do objeto. A alucinação dessa experiência se dá sob o primado do princípio do prazer, que se confunde com o ego-prazer inicial. Seio da mãe e corpo do lactente formam uma unidade indiferenciada; o seio da mãe é o mundo exterior, e ele participa da constituição do ego-prazer inicial. Mas, se o investimento do

³⁵ *Pulsões e destinos de pulsão* (1915), AE, 14, p. 118; GW, X, p. 215.

registro mnêmico, ou seja, se o movimento alucinatorio não for seguido da presença real do seio, se não se produzir uma satisfação no nível do biológico - o cancelamento do estímulo produzido pela fome -, o objeto representado e o objeto real não coincidirão. Diante da necessidade imperiosa, o ego não poderá insistir por muito tempo nesse movimento. Para garantir a sua sobrevivência, enquanto ego-corpo indiferenciado, ele terá que renunciar à satisfação alucinatoria e aprender a distinguir o dentro e o fora, o interior do exterior. É a desilusão e a necessidade de sobrevivência que levam o ego a uma ruptura com o funcionamento psíquico regido exclusivamente pelo princípio do prazer, e impõe uma nova função, a do exame de realidade, atribuição do ego-realidade definitivo. O ego-realidade vai, então, buscar no exterior o objeto que ele tem representado dentro de si. O desfecho do exame de realidade é o reencontro com o objeto representado na realidade objetiva.

Quando a pulsão reinveste o registro mnêmico da experiência de satisfação, o movimento de desejo é acompanhado de sensações somáticas, uma vez que a realização do desejo pressupõe a satisfação da necessidade que o gerou. Essas sensações, derivadas de uma descarga no próprio corpo, configuram um movimento percebido como afeto. Na medida em que a descarga é eficaz, o remanescente afetivo permanece integrado à ação, participando do sentido atribuído a esse ato.

Porém, quando a ação específica, que levaria à alteração interior não pode ser realizada, ou é realizada de forma insatisfatória, inadequada ou incompleta, os afetos operam de forma reguladora, na medida em que funcionam como descargas para a alteração interior. Quanto menos eficaz for a ação específica, maior é o remanescente de excitação que se descarrega como afeto; quanto mais eficaz a ação, menor o desenvolvimento do afeto. Ação específica e afeto mantêm uma relação complementar entre si.

Embora as vivências e a inscrição destas no aparelho psíquico possuam um papel fundamental, sem as quais não haveria sequer investimento pulsional, a estrutura psíquica também pressupõe uma construção sobre a herança instintiva e somática. Se, por alguma razão, essa construção não se realiza, ou se realiza de forma insuficiente, os comportamentos inatos não encontrarão configuração como estrutura psíquica. Então, se por um lado, a herança instintiva ordena algumas vivências (tais como impressões acústicas da fala do outro, a motricidade do aparelho fonador para produzir sons), por outro lado, ao configurar o núcleo do inconsciente, os

atos instintivos oferecem à pulsão conteúdos, sobre os quais também recai o investimento pulsional.

A hipótese de uma relação interdependente entre as vivências individuais e o fator constitucional em Freud está explícita desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), quando o autor afirma:

O fator constitucional tem de aguardar que certas vivências o ponham em vigor; o acidental precisa apoiar-se na constituição para ter efeito. Na maioria dos casos é possível imaginar o que se chama "série complementar", na qual intensidades decrescentes de um fator são compensadas pelas intensidades crescentes do outro, mas não há razão alguma para negar a existência de casos extremos nos limites da série.³⁶

A etologia nos ensina que relação de dependência entre vivências e fatores constitucionais inatos não é exclusividade do humano. A observação de animais cativos, realizada por Lorenz (1971), identificou tanto atos instintivos que ficam incompletos pela falta de intensidade da reação interior, como atos instintivos que perdem a capacidade biológica, ao longo de seu desenvolvimento, pela insuficiência de condições exteriores que permitiriam o seu desencadeamento.

Entre os animais superiores, um movimento de intenção até certo momento carente de significado, passa a ser compreendido por um dos congêneres, em virtude de uma correlação receptora. A partir dessa ligação, o movimento adquire um importante valor para a conservação da espécie. Observamos que os vertebrados superiores, quando privados da relação com seus congêneres, elegem um objeto substituto, capaz de emitir excitações apropriadas para eliciar os mecanismos desencadeadores dos comportamentos, constituídos inicialmente por tipos de ações e reações inatas.

Em 1918, em *Da história de uma neurose infantil* Freud postula que as vivências individuais não bastam para configurar determinada fantasia. A estrutura filogenética é que teria caráter dominante, pois o indivíduo ultrapassa o seu vivenciar próprio para o vivenciar da pré-história, nos pontos em que o primeiro foi demasiado rudimentar (1916-17). Para Freud, o saber herdado está configurado por esquemas formais (fantasias primárias) e por conteúdos.

Desde o Prólogo à terceira edição de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), em outubro de 1914, Freud afirma que por trás do processo ontogenético o que se encontra é uma disposição filogenética, que pode ser explicada como a sedimentação de um

³⁶ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). AE, 7, p. 219; GW, V, pp. 141-2.

vivenciar anterior da espécie, a qual o vivenciar mais recente do indivíduo vem a agregar-se como soma dos fatores acidentais.³⁷

Em *O Inconsciente* (1915), Freud deixa bem claro o lugar desse saber herdado, instintivo:

Se há no homem formações psíquicas herdadas, algo análogo ao instinto (*Instinkt*) dos animais, isso é o que constitui o núcleo do Icc.³⁸

Em *Moisés e o monoteísmo* (1938), Freud reitera essa idéia quando afirma que a herança arcaica humana, guardando-se as devidas proporções, corresponde, formalmente, aos instintos dos animais. A herança arcaica, constituída por certas pré-disposições - tendência para imprimir certas direções ao desenvolvimento, o modo singular de reagir diante de determinadas excitações, impressões e estímulos - resume o que Freud chama de fator constitucional.

A explicação para a primazia do afeto sobre os demais processos psíquicos Freud atribui ao fato dele se constituir como atualização individual de um processo filogeneticamente determinado.

Todos os afetos intensos danam a associação, o decurso da representação. A cólera e o terror fazem perder o sentido das coisas. Só permanece na consciência aquele grupo de representações excitado pelo afeto. Torna-se impossível nivelá-lo mediante uma atividade associativa³⁹.

A própria conotação que a palavra *Affekt* possui, em alemão, remete-nos a manifestações psíquicas de excitação excessiva. A expressão alemã *im Affekt handeln* (literalmente: “age no afeto”), descreve uma ação em que o sujeito não raciocinou, pois estava “tomado por afetos” (equivalente, em nossa língua, à expressão, evocada pelo Direito Penal, “tomado por forte emoção”).

Como eco da hipótese de Darwin, Freud sustenta que os afetos foram condutas eficazes em algum momento primitivo. Em sua 25ª. *Conferência* (1916-17), o autor é explícito ao atribuir à filogênese a origem da configuração afetiva. Nesta Conferência, afirma que o que mantém a configuração do afeto

³⁷ *Ibid* AE, 7, p. 118; GW, V, pp. 29-30.

³⁸ *O Inconsciente* (1915) AE, 14, pp. 191-92; GW, X, p.294.

³⁹ *Estudos sobre a histeria* (1893). AE, 2, pp.212-13. A seção onde se encontra essa citação pertence a Breuer, e encontra-se omitida da edição das *Gesammelte Werke* por nós utilizada.

[...] é a repetição de uma determinada vivência significativa, uma impressão muito precoce de natureza muito geral, que há de situar-se na pré-história, não do indivíduo, senão da espécie.⁴⁰

Freud considera os afetos como equivalentes atuais de ataques histéricos herdados e universais, produtos da filogênese, constituindo um modo inconsciente de repetir um acontecimento motor, arcaico, que em sua gênese pré-histórica foi justificado por sua adequação aos fins, e que, na atualidade, exercem uma função reguladora essencial para a homeostase do equilíbrio biopsíquico do sujeito. Enquanto o afeto normal é “a expressão de uma histeria geral, que se tornou hereditária”,⁴¹ o afeto neoformado corresponderia a um “ataque histérico”, na medida em que ambos constituem a reminiscência de um acontecimento individual significativo, pertencente aos primórdios da vida do sujeito.

A ligação do afeto a processos primitivos de descarga e sua configuração como processo filogeneticamente determinado, encontra seu equivalente entre os demais animais superiores, a partir da distinção entre capacidade biológica de reação e finalidade. Independentemente do objeto, o animal reage à situação de um modo filogeneticamente determinado. O caso extremo é a chamada *reação no vazio*, termo cunhado por Lorenz⁴² para designar a determinação inata da coordenação dos movimentos de um ato instintivo, realizadas independentemente da presença do objeto que traria ao ato sua significação biológica. Lorenz descreve o impressionante exemplo em que um estorninho, muito novo, efetuou com pormenores todos os movimentos referentes à ação de caça de um inseto, sem que houvesse qualquer inseto no local: levantou vôo, acompanhou com o olhar um ponto imaginário, o “apanhou” com a boca, voltou para o seu posto de observação e executou com o bico todos os movimentos que os pássaros normalmente fazem a fim de matar a presa, batendo com ela de encontro ao ponto de apoio em que estão pousados. Em seguida, o pequeno estorninho realizou o movimento de deglutição, eriçou a plumagem e sacudiu-se várias vezes, como era o seu hábito após ter se alimentado. O seu comportamento reproduziu fielmente todos os movimentos destinados a desempenhar o papel biológico de caça ao inseto.⁴³ Esse exemplo corrobora a idéia de que um

⁴⁰ 25ª Conferência – A angústia. (1916-17) AE, 16, p. 360; GW, XI, p. 410.

⁴¹ 25ª Conferência – A angústia. (1916-17) AE, 16, P. 360; GW, XI, pp. 410-11.

⁴² O nome de Lorenz está mais ligado a outro conceito, o de *imprinting* (já empregado por Heinroth), utilizado por ele em 1935 na descrição do comportamento de gansinhos nascidos em incubadora, que seguiam o primeiro estímulo que se movimentasse junto a eles, dentro de um período até de aproximadamente 36 horas após o nascimento.

⁴³ Lorenz confessa ter sido levado à inevitável comparação entre o comportamento do estorninho (que seguia com o olhar um “ponto que se movia”, inexistente na realidade) e as alucinações presentes nas doenças mentais.

ato instintivo pode ser dividido em dois elementos: no caso do estorninho, (1) o comportamento de apetência, e (2) a coordenação de movimentos sem finalidade atual, executada por si mesma, que caracteriza o ato instintivo propriamente dito. A existência desses movimentos é explicada por Lorenz segundo o fenômeno da soma de excitações (*Reizsummenphänomen*), que ao ser demonstrado por Seitz, alcançou o estatuto de lei biológica, *lei da soma de excitações*.⁴⁴

Na pulsão coexistem dois elementos: as representações e o *quantum* de afeto. As primeiras são passíveis de serem representadas no inconsciente e de encontrarem diversos destinos (transformação no oposto, retorno, repressão, sublimação), enquanto o segundo, embora passível de transformações, só existe no inconsciente em termos de potência; sua atualização só pode dar-se como manifestação corporal, perceptível ou não pela consciência.

Se a atualização do afeto é passível de não atingir a consciência, e se o afeto é o resíduo atual de um processo filogeneticamente herdado, processo esse que não é, de forma alguma, consciente, podemos pensar que o afeto, enquanto *quantum* energético, pode se processar de modo totalmente inconsciente (não do mesmo modo que as representações inconscientes, como adverte Freud), pelas vias de inervação somáticas, atingindo órgãos e até níveis mais sutis do funcionamento somático.

Os afetos exercem uma ação reguladora, que pode ser observada nos primórdios da vida individual humana, durante a experiência de nascimento. Essa experiência, caracterizada pelo excesso de excitação, vivida por um ego-organismo que não pode sequer empreender a ação de fuga reflexa, é a matriz do afeto de angústia.

No momento do nascimento, a criança só registra uma perturbação na economia de sua libido narcísica, já que irrompem grandes somas de excitação geradoras de novas sensações de desprazer e muitos órgãos recebem elevados investimentos. A experiência de angústia é a experiência do afeto em estado puro⁴⁵.

Reiterando a concepção darwinista acerca da expressão das emoções como operações providas de sentido (1872), Freud considera, em 1926, que, ao nascimento, a

⁴⁴ Lorenz (1975), p. 111; Haas (1970), p.35.

⁴⁵ A primeira caracterização da angústia encontrada em Freud encontra-se junto aos seus trabalhos sobre as neuroses atuais. O autor enuncia sua primeira hipótese: a excitação sexual acumulada busca a via de saída transformando-a em angústia. Anos mais tarde, em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), propõe uma nova teoria. Distingue entre angústia como reação direta e automática em relação a um trauma, e a angústia como sinal de perigo que anuncia a iminência desse trauma. Nesses novos desenvolvimentos teóricos sustenta que a angústia promove a repressão.

inervação⁴⁶ dirigida para os órgãos respiratórios, prepara o caminho para a atividade dos pulmões e, a aceleração dos batimentos do coração, auxilia no combate ao excedente de toxinas no sangue.

O autor descreve a angústia como um estado afetivo acompanhado de sensações corporais desprazerosas relacionadas à inervação de determinados órgãos, mais frequentemente dos órgãos da respiração e do coração. Embora Freud descreva como equivalentes do “ataque” de angústia manifestações somáticas como palpitações, dispnéia, tremores, estremecimentos, ondas de suor, fome insaciável, enjôo, vertigem, diarréias, parestesias, etc., quando se refere ao afeto de angústia, cuja vertente psíquica pode, inclusive faltar, destaca que seus componentes mais específicos correspondem aos aparelhos respiratório e cardiovascular.⁴⁷

Embora possua um caráter desprazeroso, angústia não é sinônimo de desprazer, pois para um desprazer ser chamado de angústia, deve ter um caráter específico, incluindo descargas motoras. A angústia também se distingue do medo, pois, embora ambos se vinculem a um estado de expectativa, a angústia se diferencia por sua indeterminação e ausência de objeto⁴⁸. Para ser reconhecida como angústia, sua origem deve encontrar-se em uma experiência de perda (perda da homeostase, no caso do nascimento), vivida como perigo, e não apenas como aumento de excitação. Necessita conter, além do fator econômico, um fator histórico, responsável por ligar as sensações e as inervações da angústia.

A idéia de Freud de que, no lugar da angústia como estado afetivo⁴⁹, pode surgir um desenvolvimento equivalente gerado pelas excitações das inervações corporais, sugere que qualquer afeto intenso, ao ser reprimido, pode desviar seu desenvolvimento para o corporal.

⁴⁶ O termo inervação, em Freud, não designa um fenômeno anatômico, mas um fenômeno fisiológico que implica a transmissão da energia ao longo de uma via nervosa, podendo produzir-se pela conversão da energia psíquica em energia nervosa.

⁴⁷ O fato das palavras “angústia” e “estreitamento” terem a mesma raiz mostra que a palavra angústia não foi eleita aleatoriamente para denominar esse estado afetivo. Freud (1916-17) assinala que esse vocábulo destaca a falta de alento que, no momento da passagem pelo estreito canal do parto, foi conseqüência da situação real e que, posteriormente, se reproduz quase por meio do afeto.

⁴⁸ De acordo com Darwin em *A biographical sketch of the infant* (1877), pp. 288-89, os medos de origem vaga sentidos pelas crianças, independentemente de suas experiências, como é o caso do medo do escuro, além de caracterizar um dos primeiros sentimentos de apreensão, são, de fato, resquícios de perigos reais, herdados de nossos ancestrais durante os tempos primitivos. A situação atual (escuro) apenas desencadeia o afeto (no caso, o medo), de modo que atualiza a memória de uma situação passada, vivida - não pelo sujeito, mas pela espécie. Para o autor, portanto, o afeto seria a reedição mnêmica de uma situação que, em sua origem, teve uma finalidade, ligada à sobrevivência.

⁴⁹ A questão da angústia surgiu primeiramente, para Freud, durante a investigação das neuroses atuais. A observação de uma interferência da descarga de tensão sexual levou o autor a concluir que, nos casos de neurose de angústia, a excitação acumulada transformava-se em angústia. Tal processo restringia-se ao físico, sem a concorrência de qualquer fator psicológico.

No *Manuscrito E* (1894), o autor assevera que quando a tensão endógena atinge certo limiar, a partir do qual se torna perceptível, ela é psiquicamente valorizada e associa-se a determinados grupos de representações, que apresentam a solução específica. Quando, porém, a reação específica não se produz, ou é insuficiente, a tensão sexual impossibilitada de estabelecer nexos psíquicos se transforma em angústia. Neste manuscrito, percebemos que as manifestações físicas da angústia – e seu concomitante quantitativo (excitação e tensão), ocupam um lugar de destaque. Uma tensão sexual física abundante, impossibilitada de ser tramitada psiquicamente, se transforma em angústia, o que implica também, a participação tanto do acúmulo de tensão física, como do impedimento da descarga para o psíquico.

No *Manuscrito A* (1892), Freud afirma que não existe neurastenia ou neurose análoga sem distúrbio da função sexual. Esta tem sempre um efeito causal imediato, ou então, age como predisposição a outros fatores (como, por exemplo, excesso de trabalho), mas sempre de tal modo que sem ela os outros fatores não acarretariam a neurose; ou seja, nenhum fator além do sexual pode ser considerado, de fato, fator etiológico. Nas palavras do autor:

(...) somente o esgotamento sexual pode provocar, por si só, a neurastenia. Quando não chega a fazê-lo isoladamente, predis põe de tal modo o sistema nervoso que a doença física, os afetos depressivos e o excesso de trabalho (influências tóxicas) não mais podem ser tolerados sem levar à neurastenia. Sem o esgotamento sexual, porém, todos esses fatores são incapazes de gerar neurastenia: acarretam fadiga normal, tristeza normal e debilidade física normal (...).⁵⁰

Tanto a neurastenia quanto a neurose de angústia eram consideradas conseqüências diretas de uma vida sexual anormal. Aqueles que padeciam de neurose atual⁵¹ sofriam os efeitos tóxicos de um uso indevido da sexualidade e do desvio imposto à *substância sexual*.

Na carta de 27 de novembro de 1893, Freud escreve a Fliess que, apesar de seu material ter se tornado mais escasso, para ele, a “questão sexual vai-se consolidando mais firmemente e as contradições vão se desvanecendo”.⁵²

⁵⁰ *Correspondência Completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (1986), p.40.

⁵¹ Como observa Honda (1996), a denominação neurose atual só será apresentada por Freud em 1898. Até essa data, Freud se refere às neuroses atuais como neuroses simples, termo sob o qual se abrigam a neurastenia e a neurose de angústia, e que decorrem de distúrbios experimentados no exercício sexual atual. In: **Honda** (1996), p. 169.

⁵² *Correspondência Completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (1986), p. 61

No *Manuscrito C* (1893), as neuroses são definidas como perturbações do equilíbrio devidas ao impedimento da descarga.

Fica estabelecido um critério psicofisiológico para distinguir o afeto normal do afeto neurótico:

O afeto, e a neurose a ele correspondente, se situam em um estreito vínculo recíproco; o primeiro é a reação ante uma excitação exógena, e a segunda, a reação ante uma excitação endógena análoga. O afeto é um estado passageiro ao extremo, enquanto a neurose é crônica; isso se deve a que a excitação sexual exógena atua de uma vez só, e a endógena como uma força constante. O sistema nervoso reage na neurose ante uma fonte interna de excitação, como o afeto correspondente o faz ante uma análoga fonte externa.⁵³

Freud diferencia a sintomatologia física entre a histeria e a neurose de angústia, precisando que na primeira há um tipo de conversão – uma excitação psíquica toma um falso caminho somático, enquanto na segunda uma tensão física não pode aceder ao psíquico e, por esta razão, permanece no nível físico.

No capítulo II de *Sobre os fundamentos para diferenciar da neurastenia uma síndrome denominada neurose de angústia* (1894), Freud conclui que alguns casos de neurose de angústia não comportam nenhuma etiologia. Mas quando há fundamentos para se considerar a neurose como *adquirida*, uma cuidadosa investigação orientada nesse sentido revela que um conjunto de perturbações e influências da *vida sexual* é o fator etiológico atuante.

A neurose de angústia se instala quando o afeto latente do fator específico se soma ao efeito de uma influência nociva. O efeito do fator específico só ultrapassa o limiar por somação; assim, a excitação sexual somática, após ultrapassar certo nível, se transpõe em excitação psíquica. Se a ação adequada é substituída por uma menos adequada (o coito normal é substituído por masturbação, por exemplo), é gerada a neurastenia. Já a neurose de angústia é gerada quando “(...) em vez de um processamento psíquico, intervém um *desvio da excitação para o somático*”.⁵⁴

Em contraste com a neurastenia, a neurose de angústia apresenta-se mais problemática, pelo menos a princípio. No *Manuscrito B* (1893) Freud ainda atribui a causa da neurose de angústia a causas puramente psicogênicas. Já no *Manuscrito E* (1894), Freud reduz à causa somática o que produz neurastenia e angústia, pois, segundo ele:

⁵³ *Sobre a justificativa de separar da neurastenia uma determinada síndrome chamada neurose de angústia* (1894) AE, 3, p.112; GW, I, pp. 338-9.

⁵⁴ *Ibid.* AE, 3, p.114; GW, I, p. 342.

Duas coisas originariam o sentimento de angústia no coito interrompido: na mulher, o medo de engravidar; no homem, a preocupação de que seu dispositivo [preventivo] viesse a falhar. Convenci-me, então, com base em vários casos, de que a neurose de angústia também aparecia quando esses dois fatores não estavam em jogo, nos casos em que, basicamente, não tinha nenhuma importância para as pessoas envolvidas se elas teriam um bebê ou não.⁵⁵

Além desta constatação, soma-se outra: a de que até mulheres totalmente anestésicas estarem sujeitas à angústia após o coito interrompido. Daí Freud concluir de que se tratava, realmente, de "uma questão de acumulação ou de excitação físicas - ou seja, um acúmulo de tensão sexual física"⁵⁶.

Assim, a neurose de angústia torna-se uma neurose de represamento, tal como a histeria, diferindo pelo fato da angústia, proveniente da neurose de angústia, não ser consequência de uma angústia recordada (como a histeria), mas emergir diretamente da tensão sexual acumulada, por transformação.

Ao mesmo tempo, Freud percebe que os sintomas de angústia acometiam ambos os sexos, envolvendo o mesmo caminho de inervação que normalmente é tomado pela tensão sexual durante o coito.

(...) quando se examinam mais de perto os sintomas da neurose de angústia, encontra-se na neurose partes desconexas de um grande ataque de angústia, a saber, dispnéia simples, palpitações simples, a simples sensação de angústia e uma combinação desses elementos. Examinadas com maior precisão, essas são as vias de inervação que a tensão sexual física comumente atravessa, mesmo quando está em vias de ser elaborada. A dispnéia e a palpitação são próprias do coito; e embora, comumente, sejam empregadas apenas como vias complementares de descarga, passam a servir, nesse caso, por assim dizer, como as únicas válvulas de escape da excitação. (...) trata-se de uma tensão física que não consegue penetrar no campo psíquico e, por conseguinte, permanece na via física.⁵⁷

O fato de Freud considerar as neuroses como consequência tóxica da energia libidinal usada impropriamente (energia esta de natureza química e somática), o que for que seja capaz de inibir uma quantidade também ter que ser algo quantitativo.⁵⁸

⁵⁵ *Correspondência Completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (1986), p. 78.

⁵⁶ *Ibid*, p. 79.

⁵⁷ *Ibid*, p. 82.

⁵⁸ O que impossibilitou Freud de descartar completamente fenômenos psíquicos da origem da angústia foram os quadros de fobia e neurose obsessiva. Ainda assim, ele sustentou a mesma formulação – tensão acumulada transforma-se em angústia, modificando apenas a razão do acúmulo excitatório: enquanto o conceito de repressão surge como mecanismo psíquico para explicar os casos de neurose obsessiva e fobias, na neurastenia a causa continuaria a ser puramente física.

Podemos retratar a tensão endógena como algo que cresce contínua ou descontinuamente, mas que, de qualquer modo, só é percebido ao atingir certo *limiar*. É somente acima desse limiar que ela se apresenta psiquicamente, entrando em relação com certos grupos de idéias, que então se põem a produzir as soluções específicas. Portanto, a tensão sexual física acima de certo valor desperta libido psíquica, que leva então ao coito, e assim por diante. Quando a reação específica deixa de ocorrer, a tensão psicofísica (o afeto sexual) aumenta incomensuravelmente; torna-se perturbadora...⁵⁹

Portanto, a tensão psicofísica, ou o afeto sexual, só se torna perturbadora quando, ao atingir certo limiar, não se produz a solução específica.

De acordo com o *Manuscrito G* (1895), são dois os casos em que o grupo psíquico sexual sofre uma perda na grandeza de sua excitação: (1) quando a produção da excitação sexual somática decresce ou cessa - característica da melancolia genuína aguda, periodicamente recorrente, ou da melancolia cíclica, explicada por períodos alternados de aumento e cessação de produção, e (2) quando a tensão sexual é desviada do grupo psíquico, sem diminuição da excitação sexual somática (característica de forma mista de neurose de angústia e melancolia). Nesse segundo tipo, Freud supõe que a excitação sexual somática é empregada em outro lugar. E precisa: "na fronteira entre o somático e o psíquico" ⁶⁰, produzindo, portanto, sintomas fronteirios. Como a expectativa angustiada é suscetível de se ligar a qualquer conteúdo representativo, ou a nenhum conteúdo representacional, quando os ataques de angústia pura são equivalentes somáticos, a etiologia das neuroses se subdivide, de acordo com as combinações ou o isolamento entre as duas possíveis fontes de distúrbio sexual: soma e/ou psique.

Na medida em que Freud se afasta da neurofisiologia, sua segunda teoria da angústia apóia-se na clínica das neuroses. Entre 1909 e 1918, a repressão (psíquica) toma o lugar do coito interrompido (somático), e se opõe ao afeto, o que leva Freud a uma revisão da origem da angústia: de somática, a etiologia passa a ser psíquica. A partir de então Freud refere-se cada vez menos as manifestações somáticas da angústia. Agora, trata-se de um afeto e não mais de uma tensão que, em 1895, não conseguia tornar-se afeto⁶¹.

Como observa Dejours (1988), é inegável que na clínica de doentes que somatizam predomine a referência aos conceitos de excitação, tensão e descarga, uma vez que os mesmos sofrem o "corte psíquico" a que se refere Freud. Também é inegável que essas noções

⁵⁹ *Correspondência Completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (1986), p. 80.

⁶⁰ *Ibid*, p. 99.

⁶¹ Dejours (1988), pp. 30-1.

são bem menos úteis na clínica das neuroses se a angústia, afeto sem ou quase sem manifestações somáticas, orienta a análise para conflitos, representações e complexos. No primeiro caso, a referência à teoria econômica é fundamental, enquanto o nível dinâmico é muito mais acessível aos neuróticos.

O equilíbrio entre as duas vertentes, obtido após as reflexões dos anos 20, tem uma primeira versão em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926). Neste artigo, Freud decide abandonar a concepção da angústia como libido modificada, para concebê-la como uma reação frente a situações de perigo, embora ainda considerando possível a validade da primeira concepção para casos de neurose de angústia. Neste artigo, Freud estabelece a diferenciação entre *angústia automática*, que seria a reação direta frente ao trauma, e *angústia de sinal*, que representaria o sinal de perigo, anunciando a iminência de um trauma.

Assim como diante de uma situação de perigo externo o organismo tenta empreender a fuga por meio de ações musculares, em relação à ameaça interna pulsional o ego retira o investimento pré-consciente da agência representante da pulsão e, nessa operação de repressão, o dirige para a emergência da angústia. A angústia não representa uma nova produção a partir da repressão, mas é reproduzida a partir de um determinado registro mnêmico previamente existente.

O afeto corresponderia à antiqüíssimas vivências traumáticas incorporadas e sedimentadas no aparelho psíquico ao longo da história da espécie. Sob a ação de uma situação semelhante, essas vivências são reativadas como símbolos mnêmicos.

Para Freud, no homem e nos demais mamíferos, o ato de nascimento é responsável pela exteriorização da angústia, como já havia afirmado em nota de rodapé agregada a partir da segunda edição de *A Interpretação dos Sonhos*, em 1908⁶², em *Sobre um tipo particular de eleição de objeto no homem*, em 1910⁶³, na *Conferência de introdução à psicanálise*, em 1917⁶⁴ e em *O Eu e o Isso*, 1923.⁶⁵

Como a proteção anti-estímulo só existe diante de estímulos externos e não diante de exigências pulsionais, é ao ego que cabe sufocar a moção pulsional.

⁶² *Interpretação dos Sonhos* (1900). AE, 5, p. 403, n. 65; GW, II/III, p. 405-6, n.2.

⁶³ *Sobre um tipo particular de eleição de objeto no homem* (1910). AE, 11, p.166; GW, VIII, p. 76.

⁶⁴ *25ª Conferência – A angústia*. (1916-17). AE, 16, pp.361-62; GW, XI, pp. 411-12.

⁶⁵ *O Eu e o Isso* (1923). AE, 19, p. 59; GW, XIII, pp. 288-89.

Através do estudo das fobias do pequeno Hans e do Homem dos Lobos, Freud pôde concluir que o perigo temido por ambos - no caso de Hans sair à rua e encontrar-se com cavalos, e no caso do Homem dos Lobos, manusear determinado livro de ilustrações - só tornou-se perigo por implicar um perigo exterior: o da *castração*, o que exime a exigência pulsional de constituir-se perigo em si mesma.

Como a sinalização do perigo é uma necessidade biológica, a angústia é a *reação frente à situação de perigo* na medida em que os sintomas da angústia são o sinal para *evitar* a dita situação.

Para Freud, é um *fator histórico* que está na gênese do afeto de angústia, no qual uma situação, que primeiramente reuniu as condições para um aumento hiperintenso de excitação, é reproduzida; ou seja, a reação originária a uma situação de perigo é reproduzida sempre que um estado de perigo semelhante em magnitude de excitação se apresente.

A situação de perigo originária, frente a qual a angústia se constitui representada nos seres humanos pelo ato do nascimento, é percebida pelo recém-nascido como um desequilíbrio extremamente intenso na economia da libido, provocado pela irrupção de grandes somas de excitação, que produzem sensações intensamente desprazerosas. É na luta para dominar e ligar a quantidade hipertrófica de excitação que a pulsão se inscreve e possibilita o surgimento do princípio do prazer.

Na 32^a das *Novas Conferências - Angústia e vida pulsional-*, Freud destaca que o essencial, tanto no nascimento, quanto em qualquer situação de perigo, é a emergência de um estado excitatório de tensão extremamente elevada, muito desprazerosa e não passível de domínio através da descarga, a que chama fator traumático⁶⁶. Assim, o cerne da angústia pode ser considerado como o terror vivenciado diante da emergência do fator traumático, que não pôde ser tramitado segundo o princípio do prazer. O trauma de nascimento, inscrito em um registro biopsíquico, é anterior ao estabelecimento da dinâmica prazer-desprazer. Ele é suportado por um ego-realidade inicial, capaz de ligar as excitações e registrar a angústia advinda da experiência do

⁶⁶ No caso da neurose traumática, freqüentemente seqüela de uma situação em que houve perigo de morte, Freud propõe duas possibilidades de explicação. Uma em que, devido às características do inconsciente -para o qual não há representação da morte - a instalação da neurose se dá através da participação de instâncias inconscientes, que concorrem para a concepção da angústia de morte por *analogia* à angústia de castração (na medida em que a situação frente a qual o ego reage implica num abandono do superego protetor). A segunda possibilidade advém das quantidades hiperintensas de excitação, que rompem a barreira anti-estímulo e adentram o aparelho; nessa segunda situação, a angústia não emerge como sinal, mas irrompe a partir das condições *econômicas* em que é gerada.

trauma de nascimento, como impressão, resíduo mnêmico, revivível em outras situações futuras. A emergência da angústia, portanto, tem uma dupla origem: ou emerge para sinalizar a ameaça de repetição de um fator traumático ou emerge como consequência direta desse mesmo fator.

Em 1933, quando a neurose de angústia encontra seu lugar entre as reações advindas frente a uma situação traumática, a concepção econômica da teoria da angústia torna-se dominante. A angústia automática é ativada diante de uma possível invasão do ego, do aparelho psíquico e da capacidade de ligar a excitação, de modo que as manifestações somáticas que são desencadeadas assemelham-se à descarga. Tal angústia é a atualização, sob efeito de um trauma, do estado de aflição experimentado pelo lactente em função de sua prematuridade biológica. Entre a angústia de sinal e a angústia automática a diferença está no caso do ego falhar ao reagir adequadamente ao sinal de alarme, através do desenvolvimento da angústia. A angústia de sinal seria, assim, a própria angústia automática, interrompida em seu desenvolvimento através da intervenção do ego e da repressão.

A angústia gerada no momento do nascimento seria uma angústia somática, fundamentalmente uma tensão física experimentada no corpo, sem representação psíquica e cuja ausência de sentido leva Freud a atribuí-la às neuroses atuais como sua mais marcante característica, impeditiva, inclusive, de um tratamento psicanalítico.

A angústia somática pode ser identificada em muitos padecimentos psicossomáticos e se assemelha à angústia das neuroses atuais, pois a prática psicossomática enfatiza que a angústia nesses doentes aparece sob uma forma muito diferente daquela que se observa nos pacientes sofrendo de neurose, a começar pela resposta psicossomática, que se exprime no(s) órgão(s) através do sistema neurovegetativo.

Para Freud, nas neuroses atuais trata-se de uma tensão física de origem sexual que não pode ser transformada em afeto pelo trabalho psíquico. Não significa uma pura descarga da tensão no corpo, mas a impossibilidade, total ou parcial, de sua elaboração, isto é, da falta de um trabalho psíquico que pudesse transformar quantidade em qualidade.

Historicamente, a impossibilidade de elaborar a energia psíquica e seu consequente desvio para o somático, nos remete ao momento em que, por ocasião do trauma de nascimento, a descarga tomou vias somáticas (respiratórias, cardíacas), gerando uma facilitação, a primeira no meio aéreo, para o investimento dos órgãos do próprio corpo, a partir de um excesso excitatório que não pôde ser tramitado de outra forma.

O desenvolvimento da teoria e a compreensão dos fenômenos de somatização, em Freud, remetem-nos à consideração da dimensão econômica, quando conceitos, como os de traumatismo, deixam o sujeito à mercê de quantidades excessivas de excitação, impossíveis de serem tramitadas pela via associativa.

Toda excitação de ordem muito elevada pode irromper como pura quantidade, superando toda possibilidade de ligação, e impossibilitando o sistema nervoso de manter suas diferenciações⁶⁷. É o caso, por exemplo, da vivência de dor, que desencadeia respostas reflexas, desconexas, mediante as quais o sistema neuronal tenta subtrair-se do estímulo perceptivo que é fonte de desprazer. Ao conseguir subtrair-se da percepção por meio de algum dos movimentos motores executados, esse movimento se repetirá sempre que a percepção surgir, persistindo até ela desaparecer. Assim, o choro e o grito são os únicos recursos de que dispõe o lactente, assoberbado pela dor, para efetuar alguma espécie de descarga e gerar, assim, uma modificação endógena. Embora o investimento dos órgãos fonatórios não cancele, diretamente, a tensão na fonte excitatória, funciona como uma demanda para que um organismo mais preparado realize a ação pelo organismo despreparado do bebê, exercendo a função de comunicação.

A inervação da fala é, originariamente, uma via de descarga que atua como válvula de segurança para ψ , a fim de regular as oscilações de $Q\dot{\eta}$; é uma parte da via que conduz à alteração interna, que representa a única descarga enquanto não se redescobre a ação específica.⁶⁸

Estabelece-se, então uma associação entre a inervação da fala, a ação específica e a diminuição da tensão.

Na ausência do indivíduo auxiliador, e da contenção que sua ação propicia a essa demanda desesperada, as respostas reflexas podem ser reativadas depois de fracassado o esforço para dominar o trauma. Parece que a angústia automática se inclui como uma resposta apropriada por implicar o sobreinvestimento de certos órgãos em detrimento de outros, podendo funcionar como via de descarga na falta da ação eficaz. Ao romperem-se as resistências oferecidas pelas barreiras de contato, criam-se facilidades indiferenciadas. Ao contrário do que ocorre na vivência

⁶⁷ Em casos extremos, o sistema pode optar pelo cancelamento do sistema que registra os estímulos dolorosos, ou seja, a consciência. Como a dor impede o recebimento de boas indicações de qualidade do objeto, a passagem da dor à vivência de dor representa uma conquista por implicar a possibilidade de que junto aos processos somáticos, puramente quantitativos, se mantenha ou se recupere o registro de qualidades sensoriais (nesse caso, a consciência).

⁶⁸ *Projeto para uma psicologia* (1895) AE, 1, p. 414; GWN (1987), p. 456

de satisfação, a vivência de dor desorganiza o aparelho psíquico ao tornar indiferenciadas as *Bahnungen* estabelecidas, ou seja, as associações. Nas palavras de Ferenczi (1932): “a ausência de um contra-investimento sólido, provoca uma espécie de explosão, uma destruição das associações psíquicas entre sistemas e conteúdos psíquicos...”.⁶⁹

Diferentemente da dor corporal, em que é gerado um investimento do local doloroso, em consequência do que a libido narcísica, ao esvaziar o ego, se concentra na zona dolorida, a dor anímica surge como consequência do intenso investimento que deriva de uma necessidade atual insatisfeita, “desesperada” e traumática, cuja ausência do objeto se experimenta como um dano, enquanto que a angústia sinal é o produto de uma vivência de perigo que só é possível quando a necessidade não é atual. No processo de perda de objeto, a estabilidade da economia libidinal é rompida. A representação do objeto perdido é maciçamente investida. Em 1926, ao comparar dor psíquica e dor somática, Freud sustenta que a representação-objeto, ao receber um elevado montante de investimento, desempenha, na dor psíquica, o papel de lugar do corpo investido pelo incremento de estímulo, como ocorre na dor somática. A continuidade do processo de investimento e seu caráter não inibível produzem, em ambos, idêntico estado de desamparo psíquico.

A perda do primeiro objeto, capaz de gerar angústia, é a perda do objeto mãe; portanto, o objeto buscado para aplacar a angústia é aquele que atende às necessidades, é o objeto das pulsões de autoconservação. O objeto da necessidade do lactente é o modelo sobre o qual irá se configurar o objeto sexual. As pulsões de autoconservação, que investem narcisicamente o ego, são a matriz que possibilita a emergência das pulsões sexuais. Toda vez que a economia narcísica é ameaçada surge angústia. A angústia está presente nas diferentes fases do desenvolvimento libidinal, em todos os momentos em que o perigo da perda de objeto se apresenta. No caso da angústia da perda da mãe, está implícita a ameaça da perda da integridade psíquico-corporal, no caso da angústia de castração, está implícita a ameaça da perda do pênis, narcisicamente investido.

Posteriormente à angústia gerada pela perda da percepção do objeto, o lactente pode sentir angústia, mesmo na presença do objeto, quando, diante de uma contradição – a falta de satisfação imediata, por exemplo -, o recém-nascido pode percebê-lo como um objeto mau, levando o juízo de atribuição a realizar um movimento desatributivo do objeto para mantê-lo fora

⁶⁹ Ferenczi. (1932 / 1990), p. 106.

do ego como contrário. A angústia surge, agora, não somente diante da percepção da ausência do objeto, mas pelo temor do perigo que significa a perda do objeto como objeto de amor.

Essas perdas não são determinadas por perigos externos. A ameaça é o desamparo gerado pelas moções pulsionais em busca de satisfação – perigo de fazer emergir e reviver o estado de desamparo biológico que constituiu a situação de nascimento.

Para Ferenczi (1924), a ruptura inexorável a que se submete a unidade mãe-bebê em consequência do nascimento, gera uma perda, a perda da homeostase vivida *in útero*, cuja consequência -a desestabilização fisiológica - atinge as funções essenciais desempenhadas pelos órgãos vitais (função cárdio-respiratória). Essa desestabilização, produto do trauma gerado pelo excesso excitatório e pelo concomitante impacto com o mundo exterior, é a que se evitará a qualquer custo e a que será reeditada em situações posteriores de angústia.

As relações entre trauma e angústia, portanto, são estreitas. Em *Reflexões sobre o trauma* (1920-32 / 1934), Ferenczi sustenta que a angústia é a consequência imediata de cada traumatismo e a caracteriza como um sentimento de incapacidade para adaptar-se à situação de desprazer, que implicaria ou a subtração do Si mesmo à irritação (fuga), ou a eliminação da irritação (aniquilamento da força exterior). Se a salvação ou a esperança de salvação está excluída e o desprazer aumenta incomensuravelmente devido ao fracasso da defesa, a reedição do trauma é inevitável. Sem ter como empreender a fuga ou destruir o objeto responsável pelo estímulo lesivo, a autodestruição pode se tornar a opção econômica mais viável – única válvula de escape – para um sofrimento insuportável.

1.3 O fator traumático

Entre os anos 1890 e 1897, a noção de trauma implica um conceito essencialmente econômico da energia psíquica: a exposição ao trauma torna o aparelho incapaz de liquidar as excitações segundo o princípio da constância. O ego não consegue processar o dano psíquico que sofre face à frustração e cai num estado de desamparo, sendo que a angústia excedente em tal situação também pode escoar através de sintomas corporais, que caracterizam a neurose atual.

Nessa época, a noção de trauma⁷⁰ e a etiologia das neuroses estão entrelaçadas. Esta última seria o resultado de experiências traumáticas do passado, cuja vivência remontaria a acontecimentos reais, ocorridos na infância precoce.

A primeira teoria do trauma, em Freud, insere-se, portanto, no contexto da teoria da sedução sexual. Acontecimentos sexuais prematuros, impetrados por adultos próximos à criança (pais, babás), ou mesmo por outras crianças (irmãos, primos, etc), vividos de forma passiva, deixariam uma marca indelével na história do sujeito. Tais vivências, ocorridas com mais frequência entre 4 ou 5 anos, e mantidas inconscientes pela ação da repressão, são despertadas com o advento da puberdade. Devido às transformações que ocorrem nessa época da vida, uma recordação dessa natureza “despertará um poder totalmente ausente no próprio acontecimento; a recordação agirá como se fosse um acontecimento atual. Existe, por assim dizer, ação póstuma de um traumatismo sexual”⁷¹.

Freud defende a idéia de que a compreensão dos sintomas da histeria só depende de experiências de efeito traumático, cuja referência é a vida sexual do paciente. A intervenção de forças pulsionais sexuais torna-se uma premissa indispensável na explicação do mecanismo da histeria. Como não são as experiências, em si, que agem de modo traumático, mas sim sua revivescência como lembrança quando o sujeito atinge a maturidade sexual, pode-se dizer que o evento oferece a condição traumática para que uma segunda cena, similar à primeira, ressignifique o evento e leve à eclosão do trauma. Portanto, a produção da histeria depende de que uma segunda vivência, atual, se sobreponha ao registro mnêmico deixado pela primeira. Em *Novas observações às neuropsicoses de defesa* (1896), Freud afirma que todas as vivências necessárias à instalação da histeria após a puberdade “só exercem seu efeito, comprovadamente, por despertar o registro mnêmico desses traumas de infância”.⁷²

⁷⁰ A noção de trauma e o termo neurose traumática são anteriores à psicanálise, e encontram-se intimamente relacionados com a ordem somática, pois designa lesões produzidas acidentalmente, por agentes mecânicos cuja ação é superior à resistência dos tecidos ou órgãos do objeto atingido. Em suas origens, o trauma estaria relacionado com as conseqüências para o conjunto do organismo de uma lesão resultante de violência externa. Os traumatismos estão subdivididos em feridas e contusões, consoante a existência ou não de efração do revestimento cutâneo. Entretanto, a noção de efração do revestimento cutâneo pode não estar presente, como nos casos de traumatismo crâneo-cerebral, por exemplo. Aplicada ao sistema nervoso central, a noção de traumatismo abrange desde lesões evidentes da substância nervosa, até lesões microscópicas. Transposta ao plano psíquico, a noção de traumatismo designa qualquer acontecimento que implique a efração da organização psíquica do sujeito. A psicanálise transpõe para o plano psíquico três significações que estão implicadas na noção de trauma: a de um choque violento, a da efração e a de conseqüências sobre o conjunto da organização. In: Laplanche e Pontalis (1988) p. 679.

⁷¹ *A herança e a etiologia das neuroses* (1896). AE, 3, p. 153; GW, I, p. 419.

⁷² *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) AE, 3, p. 167; GW, I, p.383.

Portanto, duas são as vivências necessárias para que o trauma ocorra: a primeira, anterior aos 10 anos, e uma segunda, similar à primeira, cuja ocorrência na puberdade atribui significado à primeira vivência.

Neste momento da teoria, o mecanismo de dissociação e o afeto não descarregado possuem valor determinante para a compreensão do evento traumático, e para o trabalho terapêutico, que deverá centrar-se tanto em associações, como na descarga do excesso de excitação (afetos). Nesse momento, Freud chama sua teoria de “*Das Abreagieren der Reizzuwächse* (a abreção dos aumentos de estímulos)”⁷³, enfatizando a importância da descarga para a reintegração do valor afetivo, por meio de reação motora ou por um trabalho psíquico associativo, promovidos pela abreação.

Em *Um caso de cura pela hipnose* (1892-93), ao elucidar o mecanismo psíquico da histeria tratada por meio de hipnose, Freud expõe a idéia da formação do sintoma como resultado de um confronto de forças entre representações conflitantes, e não como consequência direta de trauma externo⁷⁴. Embora Freud considere como importantes fatores para a manutenção do sintoma o excesso de excitação, a angústia e a frustração, é às representações sufocadas que atribui o mecanismo psíquico capaz de elucidar grande parte do quadro sintomático da histeria. Em *Estudos sobre a histeria* (1893-95) o autor modifica parcialmente seu conceito de trauma psíquico, e define de forma mais precisa suas fontes, enfatizando o caráter sexual do trauma e o conceito de defesa. Tais idéias evidenciam uma mudança no conceito de trauma, além de sua validade etiológica: a defesa é considerada como um dos mais importantes mecanismos na gênese do sintoma neurótico, e o papel da fantasia e do conflito psíquico torna-se preponderante. Estabelece a diferença entre a histeria comum e a histeria traumática, e concebe a histeria tanto como efeito de um único trauma como por efeito de vários traumas parciais, que, por somação, acabam por exteriorizar o efeito traumático.

Como Freud observa em *As neuropsicoses de defesa* (1894), *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) e *Etiologia da histeria* (1896), a histeria não será mais

⁷³ *Algumas considerações para um estudo comparativo entre as paralisias motoras e histéricas* (1888-93), AE, 1, p. 209; GW, I, p. 54.

⁷⁴ No caso da histeria, por meio da dissociação da consciência, a representação penosa contrastante, aparentemente inibida, se mantém separada de todo o grupo de representações. Ao entrar em associação com o desígnio contrário e executá-lo, essa representação contrastante se objetiva pela via da inervação corporal, como exemplifica o caso de uma paciente, que ao desejar ficar em silêncio após adormecer o filho, emite um ruído. Freud fala da gênese de um sintoma histérico mediante objetivação da representação penosa contrastante, ou seja, mediante vontade contrária. (1892-93, AE 1, p. 158; GW, I, p. 13).

caracterizada exclusivamente pela existência de grupos de representações segregados do comércio associativo com a consciência, mas pelo uso da defesa contra representações intoleráveis para o ego, identificando, na maior parte das vezes, essas representações como sexuais. Nestes artigos, Freud explicita sua concepção da existência de um trauma sexual como fator etiológico do fenômeno histérico (e de outros fenômenos patológicos).

A justificativa que o autor fornece em nota de rodapé das *Novas observações às neuropsicoses de defesa* (1896), para a repressão agir somente sobre as representações sexuais, deve-se à condição de resposta sexual que o aparato sexual oferece durante a puberdade. Como o representar do conteúdo sexual é capaz de produzir nos genitais processos de excitação semelhantes à própria vivência sexual, Freud supõe que a excitação somática transpõe-se em excitação psíquica. Embora o efeito seja mais intenso durante a vivência do que durante sua recordação, se a recordação da cena vivida na imaturidade sexual é despertada durante a maturidade, “a lembrança produz um efeito excitador incomparavelmente maior do que, em outro tempo, produziu como vivência, pois a puberdade acrescenta em medida incomensurável a capacidade de reação do aparato sexual”.⁷⁵

Como podemos observar, mesmo durante a vigência da teoria da sedução, não é o trauma, em si, o responsável pela eclosão dos sintomas, mas a lembrança dessa impressão que adquire um valor traumático. Ao explicitar o mecanismo responsável pelos sintomas, Freud nos diz:

Cada acontecimento, cada impressão psíquica, estão providos de um certo valor afetivo [*Affektbetrag* (montante de afeto)], do qual o ego se livra pela via de uma reação motora ou por um trabalho psíquico associativo. Se o indivíduo não pode ou não quer tramitar o excedente, a recordação dessa impressão adquire a importância de um trauma e se torna a causa de sintomas permanentes da histeria.⁷⁶

Como o trauma liga-se à memória de forma seriada, ele instala, no psiquismo, uma abertura que permite ramificações e ligações entre cadeias associativas pertencentes aos diferentes sintomas (*Estudos sobre a Histeria*, 1893-95). Na base de uma cadeia mnêmica, para o vômito, por exemplo, além de despertar elos anteriores de sua própria cadeia, desperta uma recordação de outra cadeia, fundamento de outro sintoma (uma dor de cabeça, por exemplo), o que permite supor que a vivência em questão pertença a ambas as séries, constituindo um ponto

⁷⁵ *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) AE, 3, p. 168; GW, I, p.384, n. 1.

⁷⁶ *Algumas considerações para um estudo comparativo entre as paralisias motoras e histéricas* (1888-93), AE, 1, p. 209; GW, I, pp. 54.

nodal. Na medida em que retrocede pela via analítica, encontra pontos nodais para os quais convergem cadeias associativas separadas nas quais encontra experiências que originaram dois ou mais sintomas.

Ao retroceder até a infância, por meio do trabalho analítico, os sintomas encadeiam-se para trás, até atingirem recordações de atividades sexuais passivas e ativas e que mantêm relação indiscutível com os eventos que, posteriormente, conduzem à neurose. Daí nasce a teoria do trauma sexual da infância. Tal teoria exprime a somatória de dois fatores na etiologia das neuroses: trauma e sexualidade. Mas ao admitir que muitos traumas infantis são de natureza puramente fantástica, Freud dá o primeiro passo para excluir da etiologia das neuroses um dos fatores que a compõe. Ao perceber que certas fantasias podem possuir o valor de um verdadeiro trauma, e que nem sempre um trauma sofrido na infância ou na maturidade desemboca em uma neurose, deduz que o indivíduo deve possuir certa disposição que permita ao trauma produzir seus efeitos. Ao se questionar em que consiste a disposição por meio da qual uma impressão, muitas vezes insignificante, pode produzir um efeito patogênico, percebe que é o elemento sexual, sempre presente de forma inconsciente, que, ao se fundir ao evento traumático, produz o efeito traumático. A constatação de que a presença do fator sexual no trauma é a característica concomitante à atividade patológica, conduz Freud à teoria do trauma sexual infantil, e, mais tarde, à conclusão de que a fantasia sexual, em si mesma, é o fator causador da neurose.

Freud chega a uma conclusão que se tornaria não apenas a etiologia da histeria, mas a base de toda sua teoria: “Não importa o caso ou o sintoma do qual se tenha partido, infalivelmente se acaba por chegar ao âmbito do vivenciar sexual.”⁷⁷

Ao fazer essa afirmação, Freud se baseia na conexão encontrada em dezoito casos de histeria estudados, como afirma na *Etiologia da histeria* (1896). Embora admita que uma décima nona ou vigésima análise pudesse contrariar a validade universal da etiologia sexual, reduzindo-a a uns oitenta por cento, admite não ter essa expectativa. Além da força comprobatória das observações que pôde coligir até aquele momento, Freud afirma ter sido influenciado por outro motivo: “Na única tentativa que pude fazer para explicar o mecanismo

⁷⁷ *Etiologia da histeria* (1896) AE, 3, p. 198; GW, I, p. 434.

fisiológico e psíquico da histeria, para correlacionar minhas observações, a influência das forças pulsionais sexuais tem se convertido em uma premissa indispensável”⁷⁸.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) enfatiza:

Com isto não quero dizer que energia da pulsão sexual preste uma mera contribuição às forças que sustentam os fenômenos patológicos (sintomas), senão afirmar expressamente que essa participação é a *única fonte energética constante das neuroses* (grifo nosso), e a mais importante, de modo que a vida sexual das pessoas afetadas se exterioriza de maneira exclusiva, ou predominante, ou somente parcial, nestes sintomas.⁷⁹

Com esta afirmação percebemos porque Freud permitiu-se se adiantar aos demais casos estudados, e afirmar, desde o início, a predominância da etiologia sexual na base das neuroses: a energia da pulsão sexual é a fonte constante de que o autor necessitava para justificar a existência das neuroses.

Com a teoria da defesa, o trauma perde sua importância como acontecimento exterior, acidental, ao qual o sujeito é submetido. É uma representação, capaz de despertar afetos penosos, que leva o sujeito a defender-se da mesma sufocando-a, expulsando-a para fora da consciência. Assim, a histeria não é mais consequência de um evento traumático, externo ao sujeito, mas sim consequência de uma representação sexual intolerável, que adquiriu valor traumático.

As fantasias desempenham um duplo papel: funcionam como defesa contra as cenas sexuais primitivas, produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações e como atalho na memória, por meio do qual essas recordações podem ser alcançadas. Apesar de serem ficções, originam-se da realidade, e com ela se mantêm estreitamente vinculadas, por ter sido “fabricadas por meio de coisas ouvidas e usadas posteriormente, combinando assim coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa.”⁸⁰

Com isso, o papel da fantasia na etiologia das neuroses passa a ocupar um lugar central na teoria. Aos poucos, as cenas sexuais primitivas tornam-se inacessíveis diretamente, só podendo ser alcançadas por meio das fantasias. Estas, por sua vez, falsificam a lembrança,

⁷⁸ *Ibid.* AE, 3, p. 199; GW, I, p.435.

⁷⁹ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) AE, 7, p. 148; GW, ,p.

⁸⁰ *Correspondência Completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (1986), p. 241.

tornando impossível rastrear a conexão original responsável pelos sintomas⁸¹. A delimitação entre realidade e fantasia desvanece-se. Freud passa a desacreditar de sua *neurótica*, ou seja, de sua teoria das neuroses. A partir de 1897, a origem da neurose e da manifestação de seus sintomas tem como ponto central a fantasia inconsciente, e a sexualidade recalcada torna-se preponderante na teoria, embora tal posição não desaloje o evento traumático. Em carta de 10 de março de 1898, Freud diria a Fliess:

[...] aquilo que é visto no período pré-histórico produz os sonhos; o que é ouvido nele produz as fantasias; o que é sexualmente experimentado produz as psiconeuroses.⁸²

A partir de então, embora Freud negue à sedução o seu papel etiológico, não a abandona totalmente, pois observa que a sedução pode operar de forma traumática tanto quanto as fantasias⁸³. Ambas as teorias passam a coexistir, pois as fantasias não substituem os fatos. A indistinção que o inconsciente promove entre realidade e fantasia não diminui o impacto da primeira.

A reação traumática é consequência do encontro do sujeito com um evento impactante; para atingir um estatuto de trauma e perpetuar-se dessa forma o evento deve-se somar às possibilidades de elaboração do sujeito. Freud passa a atribuir o motivo para o adoecimento à significação que o sujeito atribuiu ao evento conjugado ao fracasso da defesa. Não é mais o acontecimento externo que determina o trauma, mas sua articulação com o conflito interno, com os fatores constitucionais e a história de vida infantil, constituindo, com a predisposição, uma série complementar.

No caso das neuroses em geral, especificamente na histeria traumática, o fator acidental é o que propicia a emergência do ataque histérico por meio da reprodução alucinatória

⁸¹ *Ibid*, p. 248.

⁸² *Correspondência Completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* (1986), p. 303.

⁸³ Em nota agregada as “*Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) em 1924, Freud recontextualiza a questão do trauma sexual e da sedução em relação à elaboração teórica alcançada nas três décadas seguintes: “Esta seção está sob o domínio de um erro que depois reconheci e retifiquei repetidas vezes. Naquele tempo eu ainda não sabia distinguir entre as fantasias dos analisados acerca de sua infância e as recordações reais. Em consequência disso, atribui ao fator etiológico da sedução uma [importância] substancialidade e uma validade universal que não possui. Superado este erro, abriu-se o panorama das exteriorizações espontâneas da sexualidade infantil, que descrevi nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Sem dúvida, nem tudo neste texto deve ser rejeitado; a sedução conserva certa significatividade para a etiologia, e todavia hoje considero acertadas muitas das idéias psicológicas aqui expostas”. In: *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*. AE, 3, p. 169, n. 15; GW, I, p. 385, n. 1.

do fato traumático. Já, na neurose traumática, a causa eficiente não é a lesão corporal, mas o afeto de horror, o *trauma psíquico*.

Embora a lesão possa estar presente, o que converte o evento em trauma psíquico é o susto, o elemento surpresa. Toda vivência que provoque afetos (terror, dor psíquica, etc) não processáveis pelo pensamento associativo ou pela reação motora, pode levar o sujeito ao desenvolvimento do trauma, com a condição deste atribuir ao evento a qualidade traumática em função de um determinado grau de sensibilidade.

Em *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-17), Conferências XXII e XXIII, o trauma, integrado às séries complementares, assume o valor de fator acidental na etiologia das neuroses, somado à constituição e a história infantil. Ambos os fatores, - predisposição e traumatismo – variam de modo que, por um lado, um importante incidente traumático precisa de pouca predisposição para ocasionar graves conseqüências. Por outro lado, uma predisposição precária, em termos de suportabilidade e defesas contra as excitações, requer pouco estímulo externo para que a neurose se instale.

Embora a teoria traumática das neuroses seja relativizada em relação as psiconeuroses, a emergência das neuroses de acidente e de guerra recoloca em primeiro plano a questão do traumatismo, sob a forma clínica de neuroses traumáticas⁸⁴.

Segundo Freud, em *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra* (1919), as neuroses de guerra assemelham-se às neuroses traumáticas.

[...] o que encontramos nas neuroses de guerra é a neurose traumática, que, segundo sabe-se, sobrevém também em tempos de paz após o terror e acidentes graves, sem nexos algum com um conflito dentro do ego.⁸⁵

As neuroses de guerra podem ser consideradas, portanto, como uma modalidade das neuroses traumáticas, embora nelas Freud identifique um conflito egóico entre o antigo eu da paz e o novo eu guerreiro, quando o eu da paz percebe o perigo de perder sua vida como conseqüência dos “empreendimentos ousados de seu duplo parasitário, neo-formado”.⁸⁶

⁸⁴ Segundo Laplanche e Pontalis (1988), três são os componentes deste tipo de neurose: primeiro, um evento externo, violento, capaz de produzir um impacto emotivo e que, impossibilitado de descarga, mas registrado na memória, gera os efeitos nocivos; segundo: a ameaça a auto-conservação do indivíduo; terceiro: suspensão de uma resposta fisiológica devido ao próprio impacto produzido pelo acontecimento.

⁸⁵ *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra* (1919). AE, 17, p.207; GW, XII, p. 323.

⁸⁶ *Idem*.

Mediante a fuga para a neurose traumática, o eu pacífico tanto se protege do risco de perder a vida, como se defende do domínio de novo eu, que considera uma ameaça para sua vida.

Embora a neurose traumática revista-se de importância ao lado das neuroses de guerra, e inspire Freud a desenvolver as idéias que culminarão na hipótese de um funcionamento psíquico anterior ao princípio do prazer, e, por conseqüência, na única objeção aceita pelo autor à sua tese de que os sonhos realizam desejos, sua presença na teoria freudiana possui um estatuto um tanto incerto. Assim como os sonhos traumáticos, que ao representarem uma exceção a realização de desejos, podem ser pensados como não sendo de fato sonhos – no sentido freudiano mais estrito –, em relação às neuroses traumáticas também se aventa a possibilidade de não possuírem, elas, o estatuto de neuroses. Formulada, em sua origem com base nas neuroses de transferência, a etiologia sexual não se aplica ao caso das neuroses traumáticas. Embora as neuroses narcisistas não sejam, também, uma boa demonstração da teoria da libido, as dificuldades surgidas em relação a elas não impediram que, com as formulações subseqüentes à introdução ao narcisismo, a teoria da libido pudesse abrangê-las. Somente a neurose traumática mantém-se refratária a uma explicação que considere a libido como fator primário para a sua eclosão.

Se o que está implícito na explicação e na eclosão de qualquer neurose é sua etiologia sexual (fixações libidinais, conflito psíquico e defesa), e o que está implícito no sintoma é uma representação simbólica do conflito, qual é o papel que devemos atribuir ao sexual e ao conflito na neurose traumática? Sabemos que a importância atribuída ao conflito psíquico, à defesa e à fantasia relegou o trauma a um papel secundário. Mas os sintomas das neuroses traumáticas não expressam fantasia ou conflito. Diferentemente do sintoma neurótico, o sintoma traumático não expressa realização de desejo, conflito entre instâncias ou retorno do reprimido. Ele caracteriza-se tão somente pelo reviver constante da situação traumática.

Após 1920, Freud retoma a definição econômica do traumatismo, uma vez que a conseqüência do traumatismo é a incapacidade do aparelho psíquico de eliminar as excitações segundo o princípio da constância.

Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud toma como tarefa conciliar as experiências desprazerosas, que se impõem por meio da repetição, com o princípio que até então regia o funcionamento psíquico, o princípio do prazer. Nesse artigo, o trauma é apresentado como evidência de que existem repetições que não são acompanhadas de prazer, nem sequer de sua

possibilidade, e de que outra força, mais fundamental, rege as operações psíquicas. Freud levanta a hipótese de que o excesso de excitação leva o aparelho psíquico a desconsiderar o princípio do prazer e a realizar uma tarefa mais urgente, que consiste em ligar as excitações de forma a permitir, posteriormente, a sua descarga. A repetição de sonhos em que o sujeito revive o acontecimento traumático, como que para obter domínio sobre as excitações, é clinicamente observável com os fenômenos de compulsão à repetição. O que se evidencia nesse artigo é que, para o princípio do prazer poder funcionar e imperar, o aparelho psíquico depende de determinadas condições. Essas condições são as que o traumatismo vem abolir, tornando-se, com isso uma ameaça – não à economia libidinal – mas à integridade biopsíquica do sujeito.

Ao revalorizar a importância do trauma na etiologia de transtornos tanto psíquicos quanto somáticos, Ferenczi observa, em *Reflexões sobre o trauma* (1920-32 / 1934), que o choque, a comoção psíquica, equivale à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa de Si mesmo, sendo que os órgãos implicados na preservação do Si mesmo podem abandonar ou reduzir suas funções ao extremo. Para o autor, a própria derivação etimológica da palavra *erschütterung* - comoção psíquica – explica o destino do sujeito ao ser submetido à experiência traumática, pois *Schutt* significa restos, destroços, desmoronamento, a perda da forma própria com a aceitação fácil e sem resistência de uma forma outorgada.⁸⁷

Em um contexto onde o econômico, o somático e o psíquico se articulam, o conceito de trauma⁸⁸, posterior a 1920, remete-nos, portanto, a experiências somáticas e evolutivas, a percepções visuais e auditivas experimentados pela comunidade humana, pelos seus ancestrais, ou pelo próprio sujeito em idade precoce de sua história, que, pelo excesso de excitação, não pode ser tramitado de forma simbólica, como descrito em *Moisés e o Monoteísmo*

⁸⁷ A imagem da luta entre presa e predador, utilizada por Ferenczi em artigo de 1930, ilustra muito bem essa colocação: quando aquele que se tornou presa já não pode empregar o material do mundo ao seu redor (devorar), só lhe como saída entregar-se a forças mais poderosas (ser devorado). Assim agindo, o sujeito obedece ao que Ferenczi chama de *instinto de repouso* – um instinto ao qual se submetem as pulsões de vida e de morte.

⁸⁸ Na situação traumática o perigo pode vir tanto do exterior – um perigo real que gera uma angústia real – como vir do interior, como perigo pulsional, que gera angústia neurótica. No caso da neurose, o trauma vincula-se à problemática edípica, à castração e ao conflito entre ego e Isso. No caso da psicose, o traumático vincula-se à realidade exterior, levando o sujeito a retirar seus investimentos do mundo real e de novas percepções para dirigi-los a uma outra realidade, construída para substituir a realidade traumatizante. A corrente anímica que contempla a realidade é eliminada, já que o fracasso da defesa (repressão) produz uma cisão no ego, cindindo-o em duas correntes. Já no fetichismo, as duas correntes perduram. Diferentemente do sintoma neurótico, o sintoma psicótico e o sintoma perverso não expressam uma formação de compromisso entre instâncias em conflito; a parte intolerável da realidade é descartada, embora continue existindo independentemente do sintoma, como formações substitutivas, como atestam a alucinação e o delírio, na psicose, e o fetiche (substituição do pênis) no fetichismo.

(1938). O acontecimento traumático se imprime como uma memória arcaica, como um registro perceptivo isolado das demais representações, sem acesso às cadeias associativas. No nível da história individual, o trauma impede, dificulta a transposição para o psíquico e o acesso da vivência ao registro simbólico.

Para Freud, as impressões de traumas precoces mantêm sua força ou porque não são traduzidas ao pré-consciente, permanecendo desconectadas das representações-palavra, ou porque são relegadas ao estado-Isso. Os restos mnêmicos dessas experiências são, então, inconscientes, e produzem seus efeitos a partir do Isso.⁸⁹ O inconsciente reprimido e representado se deixa conhecer no pré-consciente pelos retornos do reprimido e pelas representações-palavra. O Inconsciente primitivo permanece não representado.

Se a condição de instalação do trauma implica eventos vividos pelo sujeito como ameaça à integridade psíquica e/ou física, pelo excesso de excitação imposto pelo impacto do acontecimento, não só estamos diante da proposição na qual a realidade material pode desorganizar o aparelho, como também da hipótese de que, diante da intensidade do impacto da realidade, a falta de resposta psíquica dá lugar à possibilidade da emergência de uma outra resposta, da ordem da filogênese, da herança instintiva.

Em *Confusão de língua entre os adultos e as crianças* (1932), Ferenczi supõe, a partir de seus dados clínicos, que uma aflição extrema, uma angústia de morte, pode despertar e ativar de súbito disposições ainda não investidas, e eliciar uma resposta sem a maturação necessária. Dessa forma, uma criança é capaz de manifestar todas as emoções do adulto maduro, faculdades essas virtualmente pré-formadas nela, em um movimento que o autor chama de progressão traumática ou pré-maturação patológica, oposto à regressão. Assim como os frutos que, ao serem feridos pelo bico de um pássaro, amadurecem depressa demais, a criança submetida ao trauma seria obrigada a utilizar meios para os quais ainda não dispõe de maturidade psíquica suficiente para garantir sua (ao menos aparente) adaptabilidade às exigências da realidade exterior.

Em *Moisés e o monoteísmo* (1938), Freud é explícito em atribuir o arcaico à ordem da filogênese, e não da ontogênese. Em nossa perspectiva essa diferença é básica porque demonstra que se os restos arcaicos surgem, se o programa filogenético é requisitado, algo da ordem da ontogênese, no nível vivencial - do qual participam a linguagem e o corpo erógeno - ,

⁸⁹ *Moisés e o monoteísmo* (1938). AE, 23, p. 94; GW, XVI, p. 204.

falhou ou foi insuficiente para assegurar ao sujeito o domínio das excitações diante da emergência do trauma. (Freud atribui, inclusive, os fenômenos residuais do trabalho analítico à eficácia da filogênese).

A idéia de que um trauma ultrapassa o vivenciar individual (característico do contexto de 1890-97), e que se constitui a partir da filogênese, pode ser encontrado, em Freud, a partir dos ensaios que compõem *Totem e Tabu* (1912-13). Nesta obra, Freud sustenta que em épocas remotas, quando o pensamento se exprimia diretamente por meio da ação, realidade psíquica e realidade factual coincidiam. O que, hoje, constitui a realidade psíquica, em tempos primitivos teria sido realidade factual. Acontecimentos reais, vividos de modo traumático pela comunidade humana (como o parricídio, por exemplo), teriam deixado marcas tão profundas que teriam sido incorporados ao patrimônio filogenético da espécie.

É a esse patrimônio que Freud se refere para explicar as fantasias originárias (*Urphantasien*), onde construções teóricas infantis e cenas imaginárias típicas pressupõem a existência de esquemas inconscientes que transcendem a vivência individual.

Em 1915, Freud remete as “cenas originárias” (*Urszenen*), presentes na maioria das fantasias inconscientes, a acontecimentos reais, traumatizantes, transmitidos hereditariamente⁹⁰ e em 1918, é o patrimônio filogenético da espécie que ele evoca para explicar a cena de observação do coito dos pais descrita pelo Homem dos Lobos [*Da história de uma neurose infantil* (1918) AE, 17; GW, XII].

Monzani (1989) afirma que uma certa exigência neo-lamarckista em inserir nos componentes do inconsciente certas estruturas gerais, herdadas, aparece de forma insistente nos escritos de Freud, desde a correspondência com Fliess. Segundo este autor, a idéia de que existem

[...] certos esquemas de estruturação do psíquico, pré-formados e hereditários, conduzem, evidentemente, a uma concepção do inconsciente que ultrapassa em larga escala um inconsciente formado, sobretudo, por representações.⁹¹

Em sua *23ª Conferência - Os caminhos de formação dos sintomas* (1916-17), Freud assim se pronuncia em relação às fantasias primordiais:

⁹⁰ *Um caso de paranóia que contradiz a teoria psicanalítica* (1915), AE, 14, pp. 241-42; GW, X, p. 242.

⁹¹ Monzani (1989), p. 253.

Nelas, o indivíduo substitui seu vivenciar próprio pelo vivenciar da pré-história, nos pontos em que o primeiro tiver sido demais rudimentar. Parece possível que tudo o que, hoje, na análise, nos é contado como fantasia – a sedução infantil, a excitação sexual, a ameaça de castração (ou melhor, a castração) – tenha sido realidade nos tempos primordiais da família humana, e que a fantasia da criança não faça mais do que preencher as lacunas da verdade individual com uma verdade pré-histórica.⁹²

Além de responder pelas estruturas irredutíveis às contingências de um vivenciar individual, presentes na fantasia, a herança responde tanto pelo surgimento das fontes orgânicas da pulsão como do sistema nervoso, sede somática do aparelho psíquico. A transmissão por herança instintiva se dá através do sistema nervoso, sobretudo através de uma série de construções ou organizações neuronais particulares que pré-estabelecem certas conexões.⁹³ Embora a competição e a contradição entre os comportamentos arcaicos e o controle adquirido pela integração com níveis mais organizados do sistema nervoso central sejam uma constante durante toda a vida psíquica, Dejours (1988) afirma que a integração entre esses níveis expressa um funcionamento psicossomático equilibrado, enquanto a fragilidade ou falha na integração exprime-se somaticamente pela desintegração córtico-diencefálica e traduz-se por uma contradição entre soma e psique.

Como vimos anteriormente, sob a pressão da excitação (*Erregungsdruck*), o ser vivo – do qual o homem não é exceção – ao ser impedido ou interrompido em sua reação, comporta-se exatamente como se tivesse acumulado a energia específica que daria continuidade à ação. Quanto mais longo o período em que uma dessas seqüências é impedida de se desencadear, mais baixo torna-se o limiar de excitação exterior necessário para eliciar a seqüência, até o caso extremo em que, não havendo nenhuma excitação exterior, a reação explode no vazio, de maneira brutal.

A constatação da *reação no vazio* conduz à idéia de uma acumulação de emotividade específica de reação, continuamente segregada pelo organismo e descarregada por meio de um determinado movimento. Tais seqüências inatas de movimentos específicos não

⁹² 23ª Conferência: *Os caminhos de formação dos sintomas* (1916-17). AE, 16, p. 338; GW, XI, p. 386.

⁹³ Mac Lean (1949) distingue três cérebros: (1) o arquiencéfalo, ou cérebro réptil, responsável por regular o funcionamento visceral e os mecanismos reflexos; é ele que possui um sistema de alarme ante a informação sensorial; (2) o paleoencéfalo, ou cérebro quente, que integra as emoções; ele está vinculado com o cerebelo, órgão que incorpora as habilidades aprendidas e as transforma em hábitos automáticos, o que permite admitir a existência de automatismos afetivos, adquiridos e herdados, tal como sustentava Darwin, e (3) o neo-encéfalo (neocórtex), ou cérebro frio, ligado aos processos do pensamento racional e à execução de ações voluntárias. Considera-se que possui a importante função de inibir ou temperar a conduta afetiva.

podem ser explicadas por nenhum processo de aprendizagem, mas somente por uma capacidade elementar do sistema nervoso central, que se caracteriza pela geração espontânea de excitações reguladas automaticamente.

Entendemos, assim, que no hiato simbólico provocado pela tensão excessiva, somada à falta ou insuficiência da ação específica, a seqüência comportamental inata é um recurso que pode expressar-se tanto quando o comportamento é voltado para o exterior, dirigido contra o objeto, veiculando agressividade instintiva própria da conservação da espécie, como pode, ao ser impedida ou inibida, voltar-se contra o próprio sujeito ou, ainda, tomar vias internas de descarga, mediante caminhos somáticos. Em um ou outro caso, o que está em jogo é a atuação (*acting "out"*), cujo objetivo é o alívio da tensão, sem consideração pelas conseqüências.

Ao longo de sua obra, Freud nos fornece vários exemplos de desenvolvimentos afetivos impedidos pela força da inibição ou sufocados pela repressão. Tanto no nível exterior como no interior, trata-se de uma reação que representa a exteriorização de um processo destrutivo, deflagrado pela pressão da excitação, ao qual Freud atribui, após 1920, a eficácia da pulsão de morte.

No contexto da pulsão de morte, realidade psíquica e realidade material se articulam de tal modo, que *soma e psique* se encontram em um domínio que transcende o sujeito. Longe de uma interpretação puramente metafórica, como defendem alguns autores, esse conceito – que evoca o próprio momento de constituição da vida na Terra –, tem conseqüências metapsicológicas claras. Desconsiderar sua validade é desconsiderar toda a teoria freudiana posterior a 1920.

A constatação de formas somáticas de forças de morte, atribuídas a um *instinto de morte* [Metchnikoff (1903), Spielrein (1911-12)], ou encaradas como necessidade biológica em fenômenos vitais, apontam para questões abordadas por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), e colocam por terra qualquer referência à pulsão de morte que não leve em consideração seu aspecto energético.⁹⁴ Pois, ao remeter a origem da pulsão de morte à própria constituição da

⁹⁴ A advertência que Mayr (2005) faz sobre o perigo de aplicar princípios mecânicos a eventos biológicos aplica-se também à pulsão de morte, quando esta é relacionada indiscriminada e superficialmente à segunda lei da termodinâmica, através do princípio inanimado da estabilidade absoluta. De acordo com esta lei, a pulsão de morte deixa de descrever um processo vital tornando-se pura tendência, sem bases biológicas. Segundo a corrente da biologia evolutiva defendida por Ernst Mayr (1904-2005), enquanto no mundo físico os processos são dirigidos para um fim de maneira automática, regulados por forças e condições externas, sendo que esses processos chegam a um fim quando seu potencial é esgotado (ex, resfriamento de um pedaço de ferro aquecido) ou barrado por um impedimento externo (um objeto em queda que atinge o chão), o caráter único de um alto percentual de fenômenos

matéria orgânica, Freud não somente estende as raízes do inconsciente ao registro biológico, como permite supor uma interação entre o registro psíquico e o somático, onde, sob certas circunstâncias, as variações de um registro repercutem sobre o outro.

em sistemas vivos e a natureza histórica dos eventos adquire papel explicativo fundamental. Por isso, a maioria das teorias que descrevem sistemas vivos se baseia não em leis, mas em conceitos, tais como seleção, filogenia, estampagem (*imprinting*), adaptação, etc.

2. BIOGÊNESE DA PULSÃO DE MORTE

No início, tudo era como um mar sem luz.
Rig Veda, X, 129.3

A distinção entre pulsões de vida e pulsão de morte tornou-se uma exigência para a teoria freudiana diante dos crescentes problemas conceituais surgidos entre 1910 e 1920. Para explicar a fixação ao trauma, os fenômenos da compulsão à repetição e da regressão, Freud necessitava supor a existência de um princípio, na vida psíquica, que operasse independentemente do princípio do prazer, e que até superasse este último em alguns tipos de transtornos.

Com base em considerações teóricas apoiadas pela biologia, Freud supõe uma pulsão de morte, encarregada de reconduzir o ser vivo orgânico ao estado inorgânico, em oposição a Eros - as pulsões de vida-, cuja meta é reunir, sempre de novo, a substância viva dispersa em partículas, com a finalidade de conservá-la.

Ao acompanharmos a incursão de Freud pelos domínios da pulsão de morte – incursão essa que Ferenczi levaria às últimas conseqüências -, adentramos um território inesperado, onde à história individual se funde a história da espécie, onde ontogênese e filogênese se articulam de tal modo que, na ausência de vivências eficazes, montagens comportamentais inatas são requisitadas para manter a economia psíquica. Nesse domínio, a auto-destrutividade, resquício do masoquismo original, expressa a presença de uma força ainda mais fundamental e arcaica na constituição do vivo. Introduzida na psicanálise como instinto de morte em 1911, por Sabina Spielrein (a partir da idéia do embriologista russo Élie Metchnikoff, de 1903⁹⁵), e entendida como necessidade biológica em fenômenos celulares, as forças de morte, presentes no coração de toda matéria viva, expressam-se por meio de fenômenos desagregadores, que ocorrem tanto no nível psíquico como no nível somático.

⁹⁵ Elie Metchnikoff, chefe do Instituto Pasteur de Paris, laureado com o prêmio Nobel em 1908 em reconhecimento ao seu trabalho sobre imunidade. Foi o criador do conceito de imunologia, descobridor do mecanismo da fagocitose, e responsável por uma das primeiras descrições do sistema imunológico. Em 1903, Metchnikoff publicou um trabalho, *Études sur la nature humaine*, onde supõe um instinto de morte em contraposição a um instinto de vida. Parte de seu ensaio é brevemente comentada no Apêndice A deste trabalho.

2.1 Da pulsão de morte ao inconsciente primitivo

Em 29 de novembro de 1911, Sabina Spielrein apresenta seu ensaio *A destruição como origem da criação* ao Círculo Psicanalítico de Viena. Conforme constam nos registros das Atas de Rank, em seu trabalho Spielrein parte da indagação de Metchnikoff (1903) para tentar demonstrar que a morte está contida no instinto sexual. Segundo descrevem os registros:

[...] a dra. Spielrein tenta provar que o componente de morte está contido no próprio instinto sexual: há um componente destrutivo inerente àquele instinto, indispensável ao processo de vir-a-ser. O fato de normalmente não notarmos essa tendência à autodestruição é explicado em função do esquema de Jung, segundo o qual dois componentes opostos são a raiz de toda volição; e é sempre, por muito pouco, que um dos dois prevalece. Assim, normalmente nos parece que predomina o instinto de vir a ser; no entanto, basta uma ligeira mudança em outra direção para vermos no instinto sexual tão-somente uma força destrutiva. (...) Tais relações se mostram análogas no mundo dos homens, dos animais e das plantas. Pois o instinto de propagação requer a destruição do [ou seja, inerente ao] instinto sexual. O homem tem necessidade de nascer e de perecer (...) A destruição é, portanto, a causa do vir-a-ser; o velho molde precisa ser destruído para que o novo tome forma... É verdade que a morte em si é algo terrível, mas a serviço do instinto sexual é benéfica.⁹⁶

Spielrein observa a frequência com que os desejos sexuais estão associados a representações de morte nos neuróticos. Em alguns organismos inferiores o próprio fim do indivíduo é colocado a serviço da reprodução; a criação e a morte individual coincidem. Atribui ao medo e a repulsa, sentidos pelos humanos, sentimentos correspondentes a um elemento destrutivo do instinto sexual. Postula uma relação muito íntima entre as pulsões de alimentação, autoconservação e sobrevivência da espécie. Afirma que podemos ter prazer no desprazer e prazer na dor. Se levarmos em conta somente a vida egóica, que busca somente o prazer, é impossível supormos tal relação. Mas, ao levarmos em conta que a profundidade de nosso ser não conhece um ego, torna-se mais compreensível a idéia de que “existe em nossas profundezas algo que quer essa lesão auto-inflingida, que o ego reage a ela com prazer”⁹⁷.

Sabina contrapõe a psique egóica, que só deseja experimentar o prazer, a psique da espécie, que quer assimilar para si a psique egóica atual, enquanto “cada partícula do ego”⁹⁸ esforça-se pela autoconservação para manter a forma presente. Por meio da negação do ego atual,

⁹⁶ *Minutes* (1910-1911), vol. III, pp. 319-321.

⁹⁷ *Spielrein* (1912), p. 05.

⁹⁸ *Ibid*, p. 07.

a psique da espécie acaba por recriar o ego atual, em um movimento em que cada partícula submersa do ego volta a emergir revestida de novas representações.⁹⁹

Do contraponto entre psique egóica e psique da espécie surge a possibilidade de transformação, uma vez que ao lado do desejo de conservação existe o desejo de transformação. Tal desejo significa que um conteúdo representativo individual será dissolvido em um material semelhante a ele e advindo de épocas passadas, indo tornar-se um desejo típico, ou seja, desejo da espécie às custas do indivíduo e passando a ser projetado para fora pelo indivíduo na forma de obra de arte. A pulsão de autoconservação é uma pulsão que a autora define como estática, já que seu papel é o de proteger o indivíduo contra influências estranhas à pulsão de conservação da espécie, que, por seu lado, é dinâmica, porque visa a transformação do indivíduo em uma nova forma. Como nenhuma transformação pode se processar sem a destruição do estado anterior, o que significa a dissolução para o ego senão a morte? Para Spielrein, toda representação é um produto da diferenciação das experiências primordiais das quais nossa psique é composta. Sabina sustenta a idéia de que, em condições normais, não sentimos o instinto de morte no instinto sexual. Quando na neurose o componente destrutivo prepondera, se expressa em sintomas de resistência contra a vida, porque o impulso de destruição, presente na pulsão de procriação insatisfeita, adquire uma tensão muito maior dando origem, assim, a fantasias de morte, que podem se expressar de forma mais concreta ou sublimada.

A idéia de considerar os elementos destrutivos como fonte última da resistência à sexualidade já havia sido apresentada por Sabina a Freud em uma carta de 1909, onde ela defende que

[...] o instinto sexual, que na sua essência é um instinto de destruição e aniquilamento para o indivíduo singular e, também por isso, em minha opinião, deve superar em todo homem uma forte resistência.¹⁰⁰

Para Spielrein, a resistência à sexualidade, revela-se, em última instância, como resistência à pulsão de destruição, esta sim, essencial.

Embora, desde 1914, Freud já não encontrasse justificativa para sustentar uma distinção primária entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, uma vez que, a partir da *Introdução ao Narcisismo* (1914), essas últimas também são investidas pela libido sexual, ele

⁹⁹ Spielrein (1912), p. 07.

¹⁰⁰ *Correspondência entre Sabina Spielrein e Freud*. In: Carotenuto (1984), p. 183.

ainda levaria alguns anos para considerar, em suas formulações teóricas, os elementos destrutivos aos quais Sabina se referia.

O motivo de tal hesitação parece estar ligado à ruptura com Jung. Se por um lado, admitir a libido como única forma de energia psíquica representava abolir o conflito psíquico da teoria e aproximar-se do ponto de vista monista de Jung, por outro lado, reconhecer a existência da pulsão destrutiva, curiosamente parecia levá-lo à mesma direção. Para Peter Gay (1989), o fato de Jung ter sido o primeiro a sustentar que a libido almeja tanto a vida como a morte teria sido suficiente para afastar Freud de uma formulação mais precoce do conceito de pulsão de morte.

Nesse sentido, encontramos no diário de Spielrein uma nota que corrobora a afirmação de Gay. Em 1910, ela escreve: “Jung também achou digno de elaboração o conceito instinto sexual-instinto de morte”¹⁰¹, comentando, ainda, que foi este quem, primeiramente, lhe propôs a publicação dessas idéias.

Mas, por mais que Freud quisesse manter-se apartado de tais idéias, os crescentes problemas conceituais, aliados aos fenômenos da clínica (compulsão à repetição, repetição na transferência) e aos fenômenos traumáticos decorrentes da primeira guerra mundial, não lhe deixariam muita escolha. Ao atribuir aos impulsos agressivos um *status* independente como manifestação de uma pulsão primária, totalmente distinta das pulsões de autoconservação e das pulsões sexuais, Freud acaba por restaurar, em 1920, a dualidade pulsional, perdida desde os tempos de *A Introdução ao Narcisismo* (1914).

Indo além do sentido que Spielrein atribuiu ao componente destrutivo da sexualidade, em *Além do princípio do prazer* (1920) Freud distingue a pulsão de morte da pulsão sexual¹⁰², e, do mesmo modo que a pulsão de conservação da espécie em Spielrein provocava, ao final, a dissolução do ego na psique da espécie, Freud argumenta a favor do fato de que se a vida inanimada precedeu a animada, a compulsão à repetição constituía uma tendência de retorno ao

¹⁰¹ *Diário de Sabina Spielrein*. In: **Carotenuto** (1984), pp.204-5

¹⁰² Nossa colocação baseia-se no dualismo pulsional defendido por Freud, embora tal dualismo não deixe de mostrar-se problemático. Como já assinalamos em outro lugar (Maniakas, 1997), Laplanche observa que Freud utiliza o mito de Aristófanes como explicação auxiliar, ilustrativa, para o que ele próprio se declara incapaz de demonstrar: como as pulsões de vida podem obedecer ao que define a fórmula geral de toda pulsão, a saber, o seu caráter conservador. Nesse sentido, somente a pulsão de morte designaria o que há de mais fundamental na noção de pulsão, a saber, o retorno ao estado anterior, ou seja, o retorno ao repouso absoluto do estado inorgânico. Entretanto, considerar a pulsão de morte como a pulsão por excelência leva, inevitavelmente, ao questionamento do próprio dualismo pulsional: em última instância, este, realmente, se justifica? Para Laplanche, a leitura de *Além do Princípio do Prazer* (1920) sugere que, implicitamente, a pulsão de morte seria a única força primordial no seio do psiquismo, e até mesmo da matéria.

estado inorgânico. É em oposição a essa tendência que ele postulava outra, por meio da qual a libido – um derivativo da primeira - procurava levantar novas estruturas. A interação de tais tendências - na realidade princípios biológicos transcendentais, determinava a progressão e a regressão, tanto no nível biológico como no psicológico.

A pulsão de morte, como força independente e regressiva, é capaz de levar o sujeito a caminhos já percorridos em sua evolução libidinal, pois a propriedade regressiva formal, inerente à pulsão, impele o organismo a restabelecer todos os estados psíquicos prévios, sejam eles prazerosos ou não. As pulsões se comportam de uma maneira conservadora no sentido estrito, pois aspiram restabelecer um estado perturbado pela gênese da vida.

“Uma pulsão seria, então, uma exigência, inerente ao orgânico vivo, de restaurar um estado anterior (...)”.¹⁰³

Esse atributo regressivo da pulsão mostra-se fundamental para Freud responder aos desafios clínico-teóricos da compulsão à repetição, fixação ao trauma, (incluindo os sonhos traumáticos, o jogo repetitivo das crianças) e as manifestações dolorosas da transferência.

Ao observar os sonhos traumáticos e as neuroses de guerra, Freud identifica uma determinada classe de sintomas que envolvem fixações e repetições compulsivas de eventos traumáticos. A neurose de guerra era caracterizada por soldados que, após sofrerem um evento traumático que envolvia risco de morte, desenvolviam uma variedade de sintomas sensório-motores e reviviam em seus sonhos noturnos as experiências traumáticas que haviam precipitado os seus sintomas. Paralelamente a essas observações, Freud identifica a existência do fenômeno da compulsão à repetição nas neuroses de transferência, em que pacientes repetem experiências totalmente desprazerosas, que nem em seus primórdios comportaram qualquer tipo de prazer (como atestam os derivados do complexo de Édipo da infância). Tal repetição, presente na própria transferência para com o analista, se diferencia das fixações libidinais neuróticas - cuja busca de prazer por um dos sistemas pode levar à reversão do afeto e subsequente desenvolvimento de desprazer em outro sistema psíquico-, uma vez que tais fixações não representam fonte de prazer para nenhuma instância psíquica.

Por que um acontecimento traumático, desprazeroso, sofrido, se repetiria em um aparelho que tem como objetivo o ganho de prazer? Diferentemente do sintoma neurótico, o sintoma traumático não se encontra sob o domínio do princípio do prazer. Nele não há realização

¹⁰³ *Além do princípio do prazer*. AE, 18, p. 36; GW, XIII, p. 38.

de desejo, conflito entre instâncias, retorno do reprimido. Ele caracteriza-se tão somente pelo reviver constante da situação traumática.

É assim que o conceito de trauma, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), questiona a dinâmica psíquica orientada, até então, pelo princípio do prazer, porque vem mostrar que não somente o desejo ativa os processos inconscientes, mas também a intensidade de excitação. Desse modo, é possível considerar sonhos que, obedecendo ao excesso de uma sobrecarga, não são somente determinados pelo desejo, mas também pelo trauma. Essa constatação leva Freud a reformular suas premissas, afirmando ser

incorreto falar de um império do princípio de prazer sobre o decurso de nossos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria de nossos processos anímicos teria que ser acompanhada de prazer ou levar a ele; e a experiência mais universal refuta energicamente esta conclusão. Portanto, a situação não pode ser senão esta: na alma existe uma forte tendência ao princípio do prazer, mas certas outras forças ou constelações a contrariam, de modo que o resultado final nem sempre pode corresponder a tendência ao prazer.¹⁰⁴

O indício de que a repetição inclui a vivência desprazerosa é fornecido pela compulsão à repetição, que traz consigo “vivências passadas que não contêm possibilidade alguma de prazer, que tão pouco naquele momento puderam ser satisfações, nem sequer de moções pulsionais reprimidas até então”.¹⁰⁵

Tanto os fenômenos de transferência dos neuróticos, como as repetidas vivências de pessoas não neuróticas (traição, destino), corroboram esse ponto de vista, levando o autor a afirmar que:

Em vista destas observações relativas à conduta durante a transferência e ao destino fatal dos seres humanos, ousaremos supor que na vida anímica existe realmente uma compulsão à repetição que se instaura mais além do princípio do prazer. E agora nos inclinaremos a referir a ela os sonhos dos enfermos de neurose traumática e a impulsão ao jogo, no menino.¹⁰⁶

A compulsão à repetição aparece como “mais originária, mais elementar, mais pulsional do que o princípio do prazer, que ela destrona”.¹⁰⁷

O conceito de regressão já aparece em *A interpretação dos sonhos* (1900), quando esta noção é introduzida para explicar a passagem dos pensamentos oníricos a imagens alucinatórias. Nesse sentido, ocorre uma regressão no sentido tópico, embora o significado

¹⁰⁴ *Além do Princípio do Prazer*. (1920). AE, 18, pp. 08-09; GW XIII, p. 5.

¹⁰⁵ *Ibid.* AE, 18, p.20; GW XIII, p. 18.

¹⁰⁶ *Ibid.* AE, 18, p.22; GW XIII, p. 21.

¹⁰⁷ *Além do Princípio do Prazer* (1920). AE 18, p. 23; GW XIII, p.22.

temporal esteja implícito, uma vez que, nessa passagem, há um retorno a formas primitivas de pensamento. Nesse texto, já está presente a idéia de que, por meio da regressão, é possível estabelecer um *continuum* entre ontogênese e filogênese. A afirmação de Freud, ao final da seção B do capítulo VII, não deixa dúvidas:

o sonhar, em seu conjunto, é uma regressão à condição mais primitiva do sonhador, uma reanimação de sua infância, das moções pulsionais que o governavam então e dos modos de expressão de que dispunha. Além dessa infância individual, há que se alcançar, também, uma perspectiva sobre a infância filogenética¹⁰⁸ que, ao fim e ao cabo, conduziria “ao conhecimento da herança arcaica do homem, ao que há de inato em sua alma”.¹⁰⁹

Depois de 1910, com a descoberta progressiva de que as fases de desenvolvimento da libido sucedem-se em uma ordem determinada, é que o autor pôde definir a noção de regressão temporal.¹¹⁰ Em *A disposição à neurose obsessiva* (1913), Freud utiliza essa noção¹¹¹ como explicação para a escolha da neurose. Neste artigo, o autor supõe que a oposição entre masculino e feminino, presente quando a função reprodutiva torna-se dominante, encontra-se na organização pré-genital em forma de oposição entre aspirações de meta ativa e passiva. A fase ulterior, portanto, se edifica sobre a anterior, a partir de uma refundição dos investimentos libidinais que dela emanam. Ao problematizar a escolha da neurose, nesse artigo Freud afirma que a organização sexual que contém a pré-disposição a um determinado tipo de neurose “nunca é totalmente superada uma vez que se instalou (...) é substituída inicialmente por um estágio superior de desenvolvimento, para então, a partir deste, ser ativada novamente pela regressão”.¹¹²

Para justificar a tendência regressiva da libido, Freud supõe que as fixações prévias da libido exerçam uma força de atração sobre a libido, levando-a a buscar formas de satisfação já superadas em seu curso de desenvolvimento. Nesse sentido, Freud corrobora o raciocínio de Jung, de que uma inércia psíquica peculiar se opõe à modificação e ao progresso, sendo pré-condição fundamental da neurose. A essa inércia psíquica especializada, entendida por

¹⁰⁸ *A interpretação dos sonhos* (1900). AE, 5, p. 542; GW II/III, p. 554.

¹⁰⁹ *Idem, ibid.*

¹¹⁰ Em *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud já fala de um retorno da libido para caminhos laterais de satisfação e para objetos anteriores, mas as notas explícitas a esse respeito foram acrescentadas em 1915.

¹¹¹ Na regressão temporal, Freud distingue uma regressão quanto ao objeto (que é o que ocorre na histeria), uma regressão quanto à fase libidinal e uma regressão na evolução do eu. A regressão libidinal envolve tanto uma mudança em relação ao objeto como em relação ao modo de funcionamento sexual, implicando no restabelecimento de uma forma de satisfação sexual que havia sido superada no curso do desenvolvimento.

¹¹² *A disposição à neurose obsessiva* (1913). AE, vol. 12, p. 342; GW, VIII, p.448.

Freud como uma expressão do que se entende por fixação, atribui a luta do sujeito contra a sua própria recuperação, e observa que esta permanece ativa apesar da formação de sintomas neuróticos.

Freud remonta essa inércia a vínculos muito antigos, difíceis de serem desfeitos entre pulsões, impressões e os objetos envolvidos nessas impressões. São esses vínculos que tem o poder de paralisar o desenvolvimento das pulsões em questão.

Em sua *22^a Conferência - Algumas perspectivas sobre o desenvolvimento e a regressão. Etiologia* (1916-17), Freud afirma:

[...] não podemos dizer que a regressão libidinal é um processo puramente psíquico, nem sabemos que localização devemos atribuir-lhe no interior do aparelho anímico. E embora exerça a mais poderosa influência sobre a vida anímica, o que mais se destaca nela é o fator orgânico.¹¹³

Embora Freud reconheça que a regressão está intimamente ligada à vida psíquica, ele remete a tendência pulsional para a retrogressão no desenvolvimento a uma necessidade filogenética primária.

Freud apresenta inúmeros exemplos da vida animal que corroboram seu raciocínio sobre o condicionamento histórico das pulsões, e que representam, em última instância, o suporte biológico para a definição conservadora e regressiva da pulsão.¹¹⁴

Certos peixes empreendem, na época da desova, fatigantes migrações a fim de depositar os ovos em determinadas águas, muito distantes de seu lugar de residência habitual. Muitos biólogos interpretam que eles não fazem senão buscar as moradas anteriores de sua espécie, que no curso do tempo haviam trocado por outras. O mesmo é aplicável – se crê – aos vôos migratórios das aves de arribação. Pois bem, uma reflexão nos exime logo de buscar novos exemplos: nos fenômenos da herança e nos fatos da embriologia temos as maiores provas da compulsão à repetição no mundo orgânico.¹¹⁵

Freud conclui, a seguir, que cada ser vivo é obrigado a repetir, no sentido de recapitular, as estruturas de todas as formas das quais descende, ao invés de percorrer um curto caminho regressivo para sua forma final, sendo que tal modificação só pode ter ocorrido mediante influências externas, que alteraram o percurso e o desviaram. Em última análise, o que

¹¹³ *22^a Conferência* (1916-17). AE, 16, p.312; GW XI, p. 355.

¹¹⁴ É a referência lamarckiana que sustenta a incorporação dos caracteres adquiridos, por meio das repetições desenvolvimentais de tais aquisições.

¹¹⁵ *Além do Princípio do Prazer* (1920). AE, 18, p. 36-7; GW, XIII, p. 38.

deixa sua marca na evolução dos organismos seria a história evolutiva de nossa Terra e suas relações com o sol.¹¹⁶

Freud procura seguir, pelo raciocínio lógico, as conseqüências da proposição do princípio da natureza conservadora da pulsão, até o seu desenlace final. Se sua natureza é conservadora, a meta da vida não pode ser um estado nunca alcançado, mas sim um antigo estado de existência (estado inorgânico), que precedeu a própria vida (estado orgânico). Assim como o além – presente no título do artigo - é idêntico ao antes, o objetivo de toda vida só pode ser a morte. Pelo fato de cada modificação imposta ao curso vital do organismo ser recolhida pelas pulsões orgânicas conservadoras, e preservadas sob a forma de repetições, essas forças despertam a enganosa impressão de que aspiram ao progresso quando, na verdade, desejam alcançar uma velha meta por outros caminhos.

A primeira pulsão que surge como resultado do nivelamento da tensão – suscitada pela intervenção de forças externas à matéria inorgânica, liga-se ao princípio econômico fundamental da vida psíquica, o impulso de descarregar completamente, ou manter ao nível constante, a soma de excitação no interior do aparelho. Freud identifica essa tendência a um estado de quietude – ou nirvana (termo que toma emprestado de Bárbara Low), com a lei psicofísica da estabilidade de Fechner, assim como com a tendência geral ao prazer.

Como a vida, em seus primórdios, deveria ser rapidamente seguida de morte, como a coalizão orgânica se manteve com tantos obstáculos favorecendo a sua desagregação? É preciso supor que, no organismo vivo, existam outras forças, além da pulsão de morte, que assegurem a continuidade da vida por meio da reprodução. As pulsões sexuais constituem a segunda força diretiva da natureza.

Assim como a pulsão de morte, pode-se especular se as pulsões sexuais também não são conservadoras, uma vez que a vida retorna sempre à sua forma mais simples, de gametas masculinos e femininos para unirem-se e iniciar o processo de desenvolvimento orgânico sempre outra vez. São as pulsões sexuais que, na espécie humana, garantem a imortalidade do plasma germinal, segundo a dicotomia de Weismann¹¹⁷ entre plasma mortal e plasma germinal imortal.

¹¹⁶ *Ibid.* AE, 18, p. 37-8; GW, XIII, p. 39-40.

¹¹⁷ O biólogo alemão August Weismann (1834-1914) advogou a teoria do plasma germinal, segundo a qual um organismo multicelular é constituído por células germinativas, que transmitem informação hereditariamente, e células somáticas, que realizam funções corporais ordinárias. Após cortar a cauda de vinte e uma gerações de ratos, e se certificar que a vigésima segunda geração ainda possuía cauda, concluiu que as células germinais não são afetadas

As pulsões sexuais conservam a vida ao manter afastada a pulsão de morte. Por esse motivo um grande número de células se agrega em organismos multicelulares, melhor capacitados para enfrentar as forças destrutivas do mundo exterior.

Como consequência dessa abordagem, encontramos em Freud um determinismo biológico regendo, em última instância, as bases do funcionamento psíquico, e, a cada nova solução apresentada, vislumbramos um domínio cada vez maior da biologia no pensamento do autor¹¹⁸.

Embora a pulsão de morte represente uma aparente oposição ao darwinismo – já que um organismo que possuísse a tendência inata a morrer estaria em desvantagem seletiva -, um dos ramos da teoria evolucionista é compatível com a teoria genética da morte: genes letais que dirigiriam um organismo para a morte após a fase reprodutiva. A herança dos caracteres adquiridos, que explicavam casos que não podiam ser explicados somente pela sobrevivência do mais apto¹¹⁹, era admitida pelo próprio Darwin, e foi defendida por Herbert Spencer (1820-1903), um filósofo cujas idéias evolucionistas integravam sua obra. Embora apoiasse Darwin, Spencer acreditava que a herança de caracteres adquiridos, por explicar casos que não podiam ser explicados somente pela sobrevivência do mais apto, desempenhava um papel tão ou mais significativo no processo evolutivo do que a seleção natural.¹²⁰

Ao exemplificar a compulsão à repetição através da embriologia dos peixes, Freud equipara o corpo humano ao do animal: a repetição na transferência e a destruição da mucosa gástrica são apresentadas como equivalentes. O conceito de pulsão de morte institui uma interação entre o corpo-organismo e o corpo erógeno, este último introduzido por Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). O equilíbrio orgânico se mantém em um registro paralelo ao pulsional, mas fora do sistema representacional. Este corpo não representado se

nem pelo ambiente, nem por aprendizagem, nem por qualquer característica morfológica adquirida, e que, portanto, não podem passar informação adquirida à geração seguinte. Esse processo recebeu o nome de barreira de Weismann.

¹¹⁸ Em *Thalassa* (1924), Ferenczi leva o raciocínio freudiano às suas últimas consequências. Neste trabalho, Ferenczi defende uma íntima relação entre ontogênese e filogênese: a vida intra-uterina, o nascimento, as relações sexuais e todas as etapas do desenvolvimento seriam, em última instância, reedições de catástrofes incorporadas à espécie ao longo do processo evolutivo.

¹¹⁹ Apesar de associada a Darwin, a expressão “sobrevivência do mais apto” foi cunhada por Spencer.

¹²⁰ Em 1851 Spencer publicou um ensaio *The development hypothesis* onde considerava relevante a contribuição de Lamarck. Em 1866, Spencer publicou dois artigos sobre as causas da evolução dos organismos, onde defendia que a seleção natural das variações favoráveis não podia ser considerada o único fator da evolução orgânica. Acreditava que as modificações transmitidas aos descendentes não seriam formadas pela seleção natural, embora fossem selecionadas pela seleção natural.

mantém numa inter-relação com o corpo erógeno, revelando ora sua autonomia ora sua superposição: a pulsão sexual se apropria dele, fazendo e desfazendo trilhas, assim como pontos de fixação, até que, ao cabo, as pulsões de vida, através da reprodução, encontram o triunfo sobre as de morte.

Assim é que, contra a força regressiva da pulsão de morte, Freud justapôs as manifestações construtivas de Eros, às quais pertence a capacidade da vida em combinar-se em unidades cada vez maiores.

Da fusão de Eros com a pulsão de morte, deriva a agressividade inata e a destrutividade que estão, normalmente, dirigidas para fora, a serviço de Eros. Se, porém, a pulsão retornar ao interior, ou se ocorrer uma desfusão pulsional, a pulsão pode iniciar uma marcha regressiva e adentrar os limites do somático.

Se, por um lado, localizar a gênese da pulsão de morte no momento em que a matéria inanimada se transforma em vital justifica o princípio conservador da pulsão de morte na sua recondução do vivo ao inorgânico, por outro lado torna-se impossível dissociar a pulsão de morte de seu fundamento biológico último.

Desde os primeiros textos, Freud considera o motor de toda a dinâmica psíquica o desprazer provocado pelo aumento de excitação, ora chamada de investimento, ora de afeto. No *Projeto* (1895), o que determinava o desprazer era o excesso de quantidade de excitação.

Com a primeira teoria pulsional o ponto de vista econômico passa a dizer respeito à libido (o fator quantitativo) que, ao se descarregar para atender a satisfação da pulsão sexual, poderia provocar desprazer. O desprazer continuava a ser a mola da repressão e a angústia sua conseqüência. Em 1926, em sua segunda teoria da angústia, Freud considera insuficiente o ponto de vista econômico baseado no par prazer-desprazer; ao reconsiderar a angústia não mais como uma mudança automática da energia do investimento pulsional recalcada, mas como um sinal de desprazer anterior a repressão, sedimentação de antiqüíssimas vivências traumáticas que teria a angústia de nascimento como protótipo, sendo o ego o seu genuíno armazenador, a angústia aparece como reação ao sinal de perigo.

A última concepção da angústia revalorizou o afeto, reintroduzindo o conceito de trauma, correlacionando-o com o desamparo inicial do ser humano e com as perdas objetais. Essa teoria permitiu uma nova leitura do ponto de vista econômico, cujas repercussões na constituição do ego e de seu caráter são fundamentais.

Após os anos 20, a neurose traumática advém do fator surpresa, que mantém o sujeito na situação produzida pelo terror. Apontado como produtor da neurose, esse terror pode ser contornado quando, à situação acrescenta-se um dano físico ou uma ferida, que atrai para si um investimento de energia narcísica, oferecendo um ponto de ligação para a excitação liberada. Além dessa proteção, na situação traumática, o aparelho psíquico investe continuamente o trilhamento deixado pela experiência “de dor” frente a qualquer incremento libidinal, liberando desprazer semelhante à dor sentida da primeira vez, e produzindo vivências que reconduzem o sujeito à situação traumática. Tal fenômeno ocorre na tentativa do aparelho atingir o prazer ao processar psiquicamente algo extremamente desprazeroso. Nos sonhos dos neuróticos traumáticos, nos sonhos em análise e nos jogos das crianças, Freud identifica não um meio de atingir um prazer, ou realizar um desejo, mas uma compulsão à repetição, um meio de desenvolver a angústia e realizar a ligação psíquica da excitação.

A primeira experiência de confronto com as grandes quantidades de excitação, tanto de origem externa quanto interna, protótipo de toda situação de angústia, Freud remete à situação do nascimento. Na oportunidade, ele frisa que o substrato do primeiro trauma não é a separação entre bebê e mãe, mas a irrupção de quantidades hipertróficas de excitação que o bebê não consegue dominar. Contrapondo-se a Rank, Freud alerta para o fato de que, no nascimento não há objeto cuja ausência possa produzir angústia; somente após a experiência de satisfação o lactente poderá reconhecer o indivíduo auxiliador como objeto protetor. Em busca dele será realizado o movimento de desejo, e sua ausência será vivida com angústia e dor, como Freud afirma em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926):

A dor é, portanto, a verdadeira reação à perda do objeto; a angústia o é frente ao perigo que tal perda traz consigo.¹²¹

Freud não deixa dúvidas quando afirma que a angústia de perda de objeto só se torna efetiva porque implica a ameaça de uma angústia primária, traumática, vivida diante do desamparo e da morte. Se a reação de angústia é consequência da ameaça de perda do objeto, a situação do nascimento elicia uma angústia automática que permite ao sujeito preparar-se para reagir diante do perigo real.

¹²¹ *Inibição, sintoma e angústia* (1926). AE, 20, p. 159; GW, XIV, p. 203-4.

Vida intra-uterina e primeira infância constituem um contínuo, em medida muito maior do que nos faria pensar o aparente corte do ato do nascimento. O objeto-mãe psíquico substitui, para o latente, a situação fetal biológica.¹²²

A angústia, como fenômeno automático, é determinada, portanto, pelo desamparo biopsíquico experimentado pelo lactente como trauma no momento de seu nascimento, em um momento em que, fisiologicamente, a passagem da vida intra-uterina para o mundo exterior representa risco real de morte. Embora as descargas motoras experimentadas tenham uma finalidade biológica protetora: preservar a vida por meio da respiração e do aumento da frequência dos batimentos cardíacos, os momentos que antecedem a estabilidade da atividade rítmica respiratória (inspiração e expiração) despertam uma angústia de morte.

Ainda para elucidar essa questão, Freud toma como base a situação em que o lactente quer garantir a presença da mãe, com a finalidade de resguardar-se da insatisfação que seria gerada pelo aumento de tensão advinda da necessidade não satisfeita. Observa que o comum a essa situação é a situação do nascimento, e que o que caracteriza o núcleo da situação de perigo é a *perturbação econômica* em função do aumento hipertrófico das magnitudes de excitação à espera de tramitação. As magnitudes de excitação que alcançam o nível desprazeroso, sem que possam ser dominadas e tramitadas, estabelecem para o lactente a *analogia* com a *situação do nascimento*.

Na medida em que é de um outro que depende a efetividade da ação específica que permeia a vivência de satisfação, acidentes de percurso que se originam a partir das trocas de natureza sensorial e infraverbal entre a mãe e o lactente, podem introduzir no funcionamento biopsíquico certos núcleos afetivos dissociados das representações. Estes afetos, atualizados a partir do encontro com situações conflitivas, podem eliciar reações somáticas, que são maneiras arcaicas de resposta, cujo fim é preservar o equilíbrio do funcionamento biopsíquico.

Para Ferenczi (1924), acontecimentos traumáticos que não podem ser dotados de sentido psíquico, que não são reprimidos, produzem clivagens psíquicas que se atualizam como sensações corporais. Essas sensações corporais atuam numa repetição que utiliza o sulco deixado pelo rastro da própria excitação para construir os sintomas, mantendo um excedente energético desconectado das representações.

¹²² *Ibid.* AE, 20, p. 131; GW, XIV, p. 169.

Presa à cena traumática, a libido permanece imobilizada por um acúmulo de excitações, impedida de realizar novas conexões. Em busca de associação, o que se repete é o registro bruto deixado pela percepção. Até que o aparelho psíquico consiga transformar as excitações desconectadas, nada resta senão repetir. Para Ferenczi, tal repetição implica um retorno a modos de funcionamento embrionários ou até mais antigos. Pois, para este autor, a própria hereditariedade seria apenas a transferência para a descendência da maior parte da dolorosa tarefa de liquidar os traumas, impossível de ser realizada apenas por uma geração, ou pelas primeiras gerações que sobreviveram a determinadas catástrofes. Ao longo da transmissão de geração em geração do material traumático, cada indivíduo ab-reage uma parte das excitações excessivas só pelo fato de vivê-las.¹²³

Durante a vigência do trauma, portanto, o aparelho psíquico percorre repetidamente o trilhamento permanente deixado pela experiência de dor diante de qualquer aumento de excitação libidinal. Essa fixação é explicada por Freud como a tentativa do sujeito processar psiquicamente algo impressionantemente desprazeroso. Assim, o autor entende os sonhos traumáticos, os sonhos transferenciais, os jogos infantis de separação, não como um meio de atingir prazer, mas como um meio de assegurar o desenvolvimento da angústia e a possibilidade de realizar a ligação psíquica das grandes quantidades de excitação. Como contraponto às situações traumáticas externas, as pulsões possuem caráter traumático na medida em que produzem perturbações econômicas comparáveis as neuroses traumáticas, por se encontrarem sob o registro do processo psíquico primário.

Como o processo secundário é o responsável pela ligação das excitações pulsionais em inscrições que podem ser significadas, para Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920), o que não pôde ser inscrito, ou seja, que não pôde ser reprimido como marca mnêmica de uma excitação, sob a égide do princípio do prazer, tende a retornar compulsivamente através de atuações. As próprias repetições não contradizem o princípio do prazer, mas se situam além desse princípio.

¹²³ Em *Thalassa* (1924) Ferenczi completa seu raciocínio: se não houvesse perturbações da ordem das catástrofes, o material traumático esgotar-se-ia pouco a pouco, o que, paradoxalmente, equivaleria à própria extinção da espécie em questão. Em suas formulações é possível vislumbrar a teoria lamarckiana das origens, segundo a qual os seres vivos evoluem impelidos por modificações violentas ocorridas em seu meio natural, às quais respondem por meio de modificações de seus corpos, e em seu modo de vida, único meio para garantir a própria sobrevivência.

No momento do trauma, é cortada a via associativa que a quantidade de excitação deveria estabelecer com as representações-palavra, ou seja, o caminho para a energia ligada do pré-consciente. Destituído de ligação com as representações-palavra, o trauma é ato puro. Sem possibilidade de transpor o nível da percepção e sem o acesso às cadeias associativas que caracterizam o processo secundário, o trauma impõe-se em toda sua intensidade perceptiva, como se tratasse de um tipo de registro mnêmico arcaico, que nos remete à hipótese da constituição de uma memória anterior à simbolização.

Ao defender hipótese semelhante, em 1932 Ferenczi escreve:

[...] a experiência mais primitiva, puramente unitária, não é intemporal, seus traços mnêmicos são como os sulcos de um disco, os depositários de cada vibração isolada. A onda isolada é a unidade de massa do tempo real, quer dizer, da resistência dos elementos corpusculares contra a mudança, ou seja, contra os impulsos do mundo circundante.¹²⁴

O fato, observável, das crianças repetirem por meio do jogo tudo quanto lhes tenha causado grande impressão na vida, é o modo que encontram para abreagir a intensidade da impressão e obterem domínio sobre a situação. Ao observar um menino de um ano e meio representar a partida e a chegada da mãe por meio de um jogo de carretel, em que pronunciava *Fort* quando o atirava e *Da* quando o tinha de volta, Freud observa a impossibilidade da partida da mãe resultar em um sentimento agradável ou indiferente, e se pergunta:

Então, como se concilia com o princípio do prazer que repetisse, em qualidade de jogo, esta vivência penosa para ele? Acaso se responderá que jogava a partida porque era condição prévia para a gozosa reaparição, a qual conteria o genuíno propósito do jogo. Mas o contradiz a observação de que o primeiro ato, o da partida, era encenado por si só e, na verdade, com uma frequência incomparavelmente maior do que o jogo íntegro levado até seu final prazeroso.¹²⁵

A conversão da vivência desprazerosa, no jogo do carretel, representa a passagem da passividade à atividade. “Na vivência era passivo, era afetado por ela; agora se colocava no papel ativo, repetindo-a como jogo, apesar de ser desprazerosa”.¹²⁶ Freud considera que a possibilidade de processar algo impressionante possa justificar a exteriorização primária e

¹²⁴ Ferenczi, S. (1932), p. 106.

¹²⁵ *Além do Princípio do Prazer* (1920). AE, 18, p. 15; GW, XIII, p. 13.

¹²⁶ *Além do Princípio do Prazer* (1920) AE, 18, p. 16; GW, XIII, p. 13.

independente do princípio do prazer. Mas, como conciliar uma vivência que se repete, apesar de desprazerosa, com um aparelho caracterizado pelo afã de livrar-se do acúmulo de excitação que gera o desprazer?

Desde *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud observa a existência de uma relação econômica entre investimento narcísico, lesão corporal ou experiência de perda. Se a dor anímica é definida, por Freud, como a reação genuína frente à perda do objeto, a angústia é o afeto gerado diante do perigo que essa perda representa, e, como consequência, ao perigo da própria perda do objeto.

Na esfera anímica, as sensações de perda de objeto se equiparam à estimulação periférica presente na dor corporal, em que é gerado um investimento narcísico hipertrófico da região dolorida do corpo. O aumento ininterrupto desse investimento age sobre o ego, esvaziando-o.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud defende que a vivência da dor tem sua origem numa área circunscrita da periferia externa em que houve rompimento da proteção antiestímulo. Como deste lugar da periferia afluem ao aparelho psíquico excitações contínuas, o recurso utilizado para tentar neutralizar essa intrusão é o contra investimento.

Neste mesmo texto, Freud afirma:

É provável que o desprazer específico da dor corporal se deva à ruptura da proteção antiestímulo em uma área circunscrita. (...) Se produz um enorme “contra-investimento”, em favor do qual todos os outros sistemas psíquicos se empobrecem, de modo que o resultado é uma extensa paralisia ou redução de qualquer outra operação psíquica.¹²⁷

O contra-investimento é produzido na tentativa de neutralizar o estímulo doloroso, por meio de sua incorporação no próprio corpo. Nesse caso são constituídas duas zonas distintas: a da dor corporal, e a que circunda a primeira, sobre a qual incide o contra-investimento. Com isso, o contra-investimento converte a região sobre a qual incide em um lugar onde se registram magnitudes de prazer ou de desprazer, como nas zonas erógenas. Durante o esforço empreendido para ligar o trauma, o contra-investimento transforma a região circundante à zona dolorida em mucosa erógena. Com a subtração do investimento de outros lugares, e com o fracasso do mecanismo de fuga ou de defesa, que teria projetado para fora do corpo o objeto desprazeroso, o estímulo doloroso é incorporado a corrente libidinal. Como consequência do esforço para

¹²⁷ *Ibid.* AE, 18, p. 29-30; GW, XIII, p. 29-30.

neutralizar a dor somática mediante o contra-investimento, surge o prazer orgânico, auto-erótico, sadomasoquista. No fenômeno do masoquismo, dor e desprazer constituem-se metas psíquicas. Nesse sentido, um aumento de tensão não é necessariamente seguido de desprazer.

Ao reunir sadismo e masoquismo a partir de uma origem comum, a do esforço de Eros para incorporar a pulsão de morte, em *O Problema econômico do Masoquismo* (1924), Freud postula que

[...] a pulsão de morte atuante no interior do organismo – o sadismo primordial – é idêntica ao masoquismo. Depois que sua parte principal foi transposta para fora, para os objetos, no interior permanece, como seu resíduo, o genuíno masoquismo erógeno, que por um lado tem se tornado um componente da libido, mas por outro segue tendo como objeto o próprio si mesmo. Esse masoquismo seria, assim, testemunho e remanescente daquela fase de formação, tão importante para a vida, em que aconteceu a liga entre Eros e a pulsão de morte. Não nos surpreenderá escutar que o sadismo projetado, dirigido para fora, ou pulsão de destruição, pode, sob certas circunstâncias, ser introjetado de novo, voltar-se para dentro, regressando, assim, à sua situação anterior. Nesse caso, produz-se o masoquismo secundário, que vem somar-se ao masoquismo original.¹²⁸

Neste artigo, em que Freud aborda questões paradoxais que, ao surgirem ao longo de sua experiência clínica, questionam a função do princípio do prazer como princípio gestor da vida psíquica, ele postula um tipo de masoquismo (erógeno), que acompanha a libido por todas as suas fases de desenvolvimento e delas deriva seus revestimentos psíquicos, ou seja, as fantasias que os acompanham. Como os afetos derivam dos processos quantitativos, a conexão de um afeto desprazeroso com a corrente libidinal, que o incorpora como fator excitante, constitui uma infraestrutura sobre a qual repousará, posteriormente, o revestimento psíquico, a fantasia, presente na descrição dos três tipos de masoquismo.

Mas qual é a especificidade dos afetos desprazerosos que incrementam a tensão sexual em cada uma das fases do desenvolvimento libidinal?

Enquanto a angústia representa a sinalização de um perigo iminente, a dor acusa a presença de estímulos potencialmente lesivos que, da realidade externa, ameaçam a integridade do organismo. Ao provocar tensão e ações que tentam evitar o perigo, ela exerce a função biológica de proteção do organismo. Não sentir dor, assim como não reconhecer com certa antecipação o perigo, que a angústia sinaliza, colocaria o sujeito em desvantagem evolutiva e num estado de total desamparo. Enquanto fenômeno, a dor é sensação produzida por estímulos

¹²⁸ *O problema econômico do masoquismo* (1924), AE, 19, p. 170; GW, XIII, p. 377.

que, atuando com intensidades mais fracas, apenas produzem sensações como frio, calor, pressão, etc.

Já o prazer, enquanto sensação produzida pela descarga, representa a extinção do estado de excitação. Se o prazer não pode ser obtido por meio de sua ligação com Eros, o movimento à descarga – historicamente anterior ao princípio do prazer – exerce pressão para que esta se resolva por outros caminhos. Ao final, o prazer pode ser obtido, não como uma consequência da ligação com as pulsões de vida, mas a serviço das pulsões de morte.¹²⁹

Ao distinguir três tipos de masoquismo - erógeno, feminino e moral, Freud estabelece um contraste entre os masoquismos feminino e moral, e o masoquismo erógeno, que repousa sobre bases biológicas e constitucionais.¹³⁰ Conjectura que, independentemente da ação do superego, parte da agressão no interior do ego e no Isso se deve à ação da pulsão de destruição. Nesse último caso, a agressão masoquista deriva da pulsão de morte e corresponde a parte dessa pulsão que, ao esquivar-se de ser projetada para o exterior, conservou no interior parte de seus componentes pulsionais destrutivos, fortalecendo, assim, o sadismo contra o ego, ou seja, o masoquismo. Como a agressividade não se aplica somente ao objeto ou ao próprio ego, mas às relações entre as instâncias do aparelho, a destrutividade que retorna do mundo exterior pode ser assumida pelo superego, que, deste modo, aumenta seu sadismo contra o ego. O sadismo do superego e o masoquismo do ego demonstram ser mutuamente complementares.

Uma parte da pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que podemos identificar o masoquismo original.

¹²⁹ Ao reinterpretar o masoquismo como manifestação primária da pulsão de morte, Freud declara, em nota de rodapé em *Além do Princípio do Prazer* (1920): “Uma parte considerável dessas especulações já foi antecipada por Sabina Spielrein (1912), num interessante e instrutivo artigo que, infelizmente, porém, não está totalmente claro para mim; naquele artigo, ela descreve os componentes sádicos da pulsão sexual como “destrutivos”. [In: *Além do princípio do prazer*. (1920) AE, 18, p. 53 n.22; GW, XIII, p. 59, n. 2.] Entretanto, segundo o historiador John Kerr, Spielrein não teria defendido nenhum tipo de masoquismo primário, e também não teria antecipado a teoria do instinto de morte, com a conotação que Freud lhe dá. Para ele, Sabina supõe o instinto de morte como uma manifestação do desejo sexual pela dissolução, em estrita dependência desse último, ou seja, como manifestação de uma única força.

¹³⁰ O masoquismo feminino supõe características próprias da feminilidade, como a de ser castrado, dar à luz, e constitui fonte de toda sorte de fantasias de cenas perversas, e o masoquismo moral refere-se a um sentimento inconsciente de culpa ou necessidade de punição, e pode ser explicado pela submissão do ego a um superego punitivo e tirânico.

Freud descreve o masoquismo erógeno como a tentativa da libido tornar inócua a pulsão de morte, ao ligar a excitação sexual a essa tendência destrutiva.

Trata-se de uma energia (Eros) que vai neutralizar uma outra energia “simultaneamente presente”. Nesse momento, portanto, há inegavelmente uma presença da pulsão de morte no seio do núcleo originário e indiferenciado. Só depois, quando a pulsão se inscrever no plano representativo, é que a pulsão de morte se tornará fugidia e de difícil detecção, porque, neste plano, ela é irrepresentável.”¹³¹

Quando, porém, o sujeito encontra-se impedido de reagir a uma situação “traumática” por meio da motricidade ou de produções psíquicas –sonhos, delírios, etc- , por uma falha do sistema de pára-excitações, ou quando as manifestações anteriores forem insuficientes para conter toda a quantidade de energia, resta ao sujeito utilizar caminhos ainda mais primitivos como meio de garantir a descarga pulsional. Tais caminhos podem representar o desvio da excitação, ou de parte dela, para o somático. Tal desvio, produto da intersecção de fatores constitucionais e vivenciais, pode representar a alternativa para uma sobrecarga excitatória não tramitável pelo sistema psíquico.

Essa possibilidade torna-se plausível pelo fato de o corpo situar-se em uma interface: de um lado, organismo, portador da história e da pré-história da espécie, de outro, um construto, composto por pulsões parciais que emanam da erogeneidade dos órgãos.

Como os órgãos do corpo estão investidos de energia psíquica (libido), em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud considera a erogeneidade como propriedade geral de todos os órgãos, o que lhe permite falar de aumento e diminuição em regiões corporais específicas. Ele traça um paralelo entre cada modificação da erogeneidade dos órgãos com modificações do investimento libidinal do ego, e acredita que este fator, subjacente à hipocondria, pode exercer o mesmo efeito sobre a distribuição da libido a partir de uma doença material dos órgãos. Muito embora, nesse artigo, Freud não adentre o campo fisiológico, ele aplica essa mesma linha de raciocínio às neuroses atuais.

¹³¹ Monzani (1989), p. 277.

É a repressão que, ao incidir sobre o destino do afeto¹³² abre caminho para a hipótese de que antes da percepção, e à margem do funcionamento pré-consciente, a sensação pode ser degradada em excitação.

Se em *O Inconsciente* (1915), ao discorrer sobre os destinos do afeto, Freud supõe que, ao ser sufocado (*unterdrückt*), o desenvolvimento deste fica completamente impedido¹³³, e em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), ao supor que o material reprimido pelo ego permanece isolado, uma vez que devido à repressão se transforma em sintoma, mantém sua existência fora da organização egóica, independentemente do ego¹³⁴, assim como os seus derivados. Além disso, sempre que estabelecem conexões associativas com uma parte da organização egóica podem atrair para si próprio essa parte do ego, se ampliando às expensas do próprio ego. Freud estabelece uma analogia entre o sintoma e um corpo estranho, comum em medicina, que, enquanto não for extirpado mantém uma sucessão constante de estímulos e reações no tecido em que se encontra encravado.

Com a introdução do conceito de pulsão de morte, a dimensão orgânica é retomada, bem como algumas noções expostas por Freud em seus primeiros escritos em relação às neuroses atuais. Por meio delas, encontramos algumas pistas do que podemos entender sobre a dinâmica das afecções somáticas. Nesses casos, um setor do desenvolvimento afetivo, o matiz afetivo, fica desqualificado, restando a liberação de quantidades pulsionais carentes de valor psíquico. Nessas circunstâncias podemos fazer alusão a uma estase da libido (*libidostauung*) a ser processada de modo puramente orgânico, sem expressão psíquica, e como forma particular de degradação da eroticidade em termos estritamente neurobiológicos, em decorrência da ausência da ação específica conjugada à ação da pulsão de morte. Assim é que, a partir da *Introdução ao Narcisismo* (1914), a hipocondria traduz a insuportável acumulação de libido narcísica durante a evolução de uma psicose, tendo como referência os próprios órgãos.

A conexão entre determinada força pulsional (*Drang*) e sua finalidade implica uma ação específica, responsável por tornar a pulsão eficaz, e inscrita no psíquico. Da mesma forma que Freud via o fator etiológico das neuroses atuais em uma acumulação (*Anhäufung*) de

¹³² Ao separar o destino da representação do destino do afeto, Freud reserva o termo renegação (*Verleugnung*), para o destino da representação, e mantém o termo repressão (*Verdrängung*) para o destino do afeto. [In: *Fetichismo* (1927), AE, 21, p. 148; GW, XIV, p.313.]

¹³³ *O Inconsciente* (1915) AE 14, P. 174; GW, X, pp.276-77.

¹³⁴ Se por um lado, o ato de reprimir é uma demonstração de força do ego, por outro, revela sua impotência diante das moções pulsionais do Isso, refratárias à sua influência.

excitações sexuais, provocada pela falta de uma ação específica adequada, que as impediam de encontrar vias de descarga; em relação às afecções somáticas podemos supor uma quantidade que, em busca de descarga, não é contemplada de forma suficiente pela ação específica, forçando o *Drang* a tomar vias somáticas, em uma forma primária de resolução de tensão. Nesse caso, a energia pulsional poderá receber do sistema nervoso o mesmo tratamento que recebem os outros tantos estímulos que se resolvem de forma endógena. O sistema nervoso apela para o modelo do arco reflexo para produzir a descarga e garantir a eliminação do estímulo mediante alteração endógena, remetendo-o a trocas químicas e elétricas.

A tendência ao zero absoluto, tradução em termos quantitativos da tendência da pulsão de morte de esgotar a energia psíquica, impondo, como saída, os critérios de resolução neuronal correspondentes aos processos somáticos, pode ser entendida em diferentes níveis, dos quais o mais elementar: rebaixamento ou aniquilação, não constituição da pulsão (de autoconservação ou sexual) em seu maior grau de complexidade (com finalidade e objetos próprios) com relação aos processos somáticos restantes. Nesse sentido, Freud nos permite pensar o fenômeno psicossomático como o resultado de uma quebra ou de uma falta de articulação entre um processo representacional, qualitativo, e um processo quantitativo, o investimento (*die Besetzung*). Em nosso ponto de vista, este processo pode ser gerado quando à insuficiência de vivências necessárias para frear as descargas endógenas, inespecíficas, aliar-se uma fragilidade estrutural, expressão de uma tendência hereditária, constitucional, que pode atualizar-se na medida em que a tensão gerada, ao não poder acoplar-se à eficácia de uma ação específica, adquire um valor traumático para o sujeito.

Facilitada a via de somatização¹³⁵, os caminhos da regressão podem levar o sujeito a esse tipo de saída, já que assim como o sonhar, todos os caminhos de satisfação pulsional, uma vez experimentados, deixam no aparelho facilitações (*Bahnungen*) que podem fazer com que, mesmo um sujeito bem adaptado, possa recorrer a elas diante de um afluxo hipertrófico de excitações, se não lhe restar alternativa.

“Nos momentos em que o sistema psíquico falha, o organismo começa a pensar”¹³⁶ diria Ferenczi em seu *Diário Clínico* (1932). Para fundamentar sua afirmação, o autor

¹³⁵ Diferindo de Marty e col., *Dejours* (1988) supõe que é a facilitação da via de somatização que irá substituir, aos poucos, a sintomatologia neurótica, a ponto de ocupar o seu lugar como via privilegiada para o escoamento das excitações.

¹³⁶ **Ferenczi**, S. (1932), p. 37.

pressupõe um psiquismo primitivo, inerente à própria constituição da substância orgânica (e talvez até inorgânica), que pode ser acessado quando os órgãos e/ou sistemas diferenciados para exercerem as funções psíquicas falham ou são destruídos. Nesses momentos, as forças psíquicas primitivas, que se mantêm inativas na substância orgânica, são despertadas e tentam controlar a situação perturbada.

Essas forças, que em estados particulares podem até suplantar as atividades vitais à maneira de arcaísmos psicológicos que invadem a consciência normal na neurose e na psicose, podem instaurar modos de funcionamento e de organização pertencentes a fases da ontogenia e da filogenia há muito superadas, levam este autor a supor a existência de um *inconsciente biológico* por trás da fachada acessível das descrições biológicas, e responsável por toda a atividade orgânica manifesta.

Como as pulsões regem não somente a vida psíquica, mas também a vida vegetativa, e sua meta é restaurar uma situação anterior, podemos considerar a auto-destrutividade - expressão da pulsão de morte, presente em todo processo vital.

Freud remete essa situação à uma des fusão pulsional: ao se apartar de todos os componentes eróticos, o masoquismo primário traz a certeza da existência de uma tendência que tem como objetivo a auto-destruição. Essa quantidade da pulsão destrutiva original pode estar conectada às pulsões eróticas no masoquismo ou, com um acréscimo erótico maior ou menor, dirigida contra o mundo externo, sob forma de agressividade. Se a agressividade se defronta com obstáculos reais no mundo externo e não encontra satisfação, ela pode retrair-se e aumentar a agressividade reinante no interior. Como meio para garantir a descarga, ao empreender o caminho de volta ao núcleo masoquista primário, e inflacionar a pulsão de morte reinante no interior, não estará ela evocando um sistema remoto de regulação de quantidades, que tanto do ponto de vista da regressão psíquica quanto do ponto de vista evolutivo, implica em des fusão pulsional?

Assim como os sonhos traumáticos representam o fracasso da função do sonho como realização de desejo e, por meio de sua repetição, apontam para uma função mais primordial do aparelho, que é a função de ligação das excitações, diante do excesso de excitação que ultrapassa o limiar tolerável, a somatização não representaria o fracasso dos processos de

representação diante de determinadas circunstâncias, suscitando no psiquismo a emergência de uma função arcaica para o domínio das excitações?¹³⁷

Essa função arcaica do psiquismo, que se manifesta nas situações limite de traumatismo violento, busca através da *ligação (Bindung)* dar vazão ao excesso de excitação que ultrapassa o limiar da capacidade do aparelho em processar e conter o fluxo das grandes quantidades de excitações. A falha do “para-excitações”, em determinadas circunstâncias, pode, potencialmente, levar o excesso de quantidade a atingir o soma.

Se a pulsão encontra-se situada na intersecção entre os registros psíquico e somático, ela não somente opera como força derivada das excitações corporais endógenas, sendo simultaneamente psíquica, ao se manifestar como representação dessa força, como também pode retornar aos caminhos anteriores de seu percurso, se sua manifestação psíquica fica impedida pela inacessibilidade às representações-palavra.¹³⁸

E mais. Uma vez que em *O Eu e o Isso* (1923) Freud associa a cada uma das duas classes de pulsões um processo fisiológico específico - de anabolismo ou de catabolismo -, em cada partícula da substância viva estariam ativas ambas as pulsões, ainda que em proporções desiguais. E ao abordar a força da ambivalência na disposição constitucional à neurose, no *capítulo IV* desse mesmo artigo, Freud atribui-lhe o estatuto de fenômeno fundamental, pois acredita que ela seja a expressão psíquica de uma des fusão pulsional que não se completou no nível somático.

Os textos freudianos posteriores a 1920 não deixam dúvidas em relação a uma ampliação dos limites do inconsciente ao registro biológico. O mergulho de Freud às próprias

¹³⁷ Segundo a teoria experimental de H. Selye, denominada Síndrome de Adaptação Geral, existe uma adaptação do organismo a estímulos prolongados. Após uma fase inicial, denominada “reação de alarme”, ocorre o “estágio de resistência”, quando a resistência ao estímulo inicial é aumentada, mas a resistência a qualquer outro estímulo é reduzida. A fim de haver um ajuste fisiológico à situação, ocorrem modificações nesse nível. Se o stress continua, o estágio de resistência é substituído pelo estágio final de “exaustão”, quando as secreções corticais da supra-renal caem abaixo do normal, causando ou agravando doenças. In: **Brandão** (2001), pp. 134-5.

¹³⁸ A idéia de retrogressão de um funcionamento mais complexo a um funcionamento mais simples e automático, é evocada por Freud em 1891, a partir da idéia de involução funcional de Hughlings Jackson, para explicar o processo afásico, mediante o qual um arranjo associativo mais complexo, adquirido em uma etapa de desenvolvimento posterior, é perdido em detrimento de um arranjo elementar, estabelecido anteriormente. Como observa Honda (2002), para Jackson as desordens do sistema nervoso decorrem de processos de dissolução em seu interior, levando a perda de funções superiores, mais complexas, e à manutenção de funções inferiores, mais simples. Esses processos ocorrem em graus diversos, variando da dissolução mínima até a dissolução total, entendida como a morte. In: **Honda** (2002), p. 168. Interessante também notar que, diferentemente de Jackson, que entendia os processos inferiores como mais organizados, por atribuir a eles uma coesão maior entre seus elementos, favorecendo o fluxo da corrente nervosa, Freud opera uma inversão no sentido atribuído à expressão “organizado”, reservando essa expressão para níveis mais complexos de organização, nos quais a corrente excitatória é mais baixa. In: **Honda** (2002), p. 126 e segs.

raízes constitutivas do Ics, sua necessidade de compreender os meios e os caminhos pelos quais pode dar-se a dominação da pulsão de morte pela libido, levam-no a esta suposição, uma vez que é no Isso que se dá a fusão e a combinação de proporções variáveis, entre as duas classes de pulsões.

Para Ferenczi (1924), essa luta infundável, essa oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões de morte é subjacente a todos os processos orgânicos (e até aos inorgânicos). Por isso, as estruturas biológicas, enquanto suportes de toda a vida são, de fato, o alvo final da ação da des fusão pulsional. Desse modo, inflamações, febre, congestão, e outras tantas reações patológicas, mesmo as mais banais, seriam, para este autor, retornos a modos de funcionamento embrionários, ou até mais antigos, cujo verdadeiro sentido permanece oculto sob os fenômenos orgânicos manifestos, em “profundezas nem mesmo suspeitadas.”¹³⁹

Em *Análises de crianças com adultos* (1931), Ferenczi se indaga sobre a possibilidade de processos fisiológicos realizarem o deslocamento histórico de um movimento emocional puramente psíquico para um órgão do corpo, permitindo-nos pensar que se o psíquico é uma construção sobre uma infra-estrutura biológica, os processos que constituem esta última devem exercer uma espécie de força de atração, regida pela natureza conservadora das pulsões, expressão da tendência niveladora da pulsão de morte. Em suas palavras, a “concepção bioanalítica dos processos da evolução vê em toda parte *desejos* que agem no sentido de *restabelecer estados de vida ou de morte anteriores*.”¹⁴⁰

Nas palavras deste autor

Tudo se passa como se por trás da fachada facilmente acessível às descrições biológicas sobrevivessem, nos seres vivos, uma espécie de inconsciente biológico, modos de funcionamento e uma organização pertencentes a fases há muito superadas da ontogenia e da filogenia.¹⁴¹

Para Ferenczi (1924), somente uma *biologia das profundezas* poderia completar o quadro de conhecimento dos fenômenos de que se ocupa a psicanálise.

¹³⁹ Ferenczi (1924), p. 105.

¹⁴⁰ *Ibid*, pp. 113-14.

¹⁴¹ *Ibid*, p. 104.

2.2 Vida e morte: um contraponto

Tanto o sistema nervoso quanto o sistema imunológico, respondem a estímulos ambientais; enquanto o sistema nervoso percebe sinais físicos, o sistema imunológico percebe estruturas químicas. Ambos se caracterizam por uma diversidade de tipos celulares, pela transmissão de informação célula-a-célula, através de fatores solúveis, tais como as linfocinas (no sistema imunológico) e os neurotransmissores (no sistema nervoso). Ambos os sistemas tem capacidade para memória de longa duração e tem função defensiva¹⁴², contribuindo para o auto-reconhecimento e para manter a homeostase do organismo.

As diversas interações entre os sistemas nervoso, endócrino e imune se dão provavelmente a partir do sistema límbico, responsável pela interação entre as percepções córtico-cerebrais e o hipotálamo. Sabe-se que os órgãos linfóides, primário e secundário, são inervados. A produção de anticorpos é acompanhada por mudanças químicas e elétricas no cérebro, e a estimulação ou o bloqueio de determinadas áreas do cérebro influencia a resposta imune¹⁴³

¹⁴² Em relação à função imunológica de defesa, em uma perspectiva dinâmica de constituição do organismo, como defendia Metchnikoff, os mecanismos de auto-construção, auto-manutenção, regeneração são hierarquicamente anteriores a necessidade de "defesa". Na realidade, a "defesa" imunológica é o resultado de um processo operado por um conjunto molecular que culmina na eliminação do agressor. Mas, se algo se desequilibra nesse conjunto, o mecanismo de "defesa" pode atuar contra o próprio organismo, ou até deixar de atuar. A ênfase nos mecanismos de defesa, que dominou a imunologia por um longo período, foi responsável por afastá-la da biologia.

¹⁴³ As respostas imunes podem ser inatas ou adaptativas. As respostas adaptativas melhoram sua reação a cada encontro com um determinado patógeno; a resposta inata, ao contrário, não altera sua resposta, mesmo quando exposta várias vezes ao mesmo patógeno. Os fagócitos coordenam as respostas inatas e os linfócitos coordenam as respostas imunes adaptativas. Os linfócitos T e B são responsáveis pelo reconhecimento específico dos antígenos. Cada célula B está geneticamente programada para codificar um receptor de superfície específico para um determinado antígeno, e os linfócitos T constituem várias subpopulações diferentes com uma variedade de funções. As moléculas envolvidas no desenvolvimento da resposta imune compreendem os anticorpos e as citocinas produzidos pelos linfócitos. Há três linhagens distintas de linfócitos: células T, células B e células NK (de *natural killer* - destruidoras naturais). As células T, B e NK medeiam um vasto conjunto de funções celulares na resposta imune. (Os linfócitos B produzem anticorpos, as células T citotóxicas destroem células infectadas por vírus, os linfócitos T auxiliares coordenam as respostas imunes. Além das defesas internas há também externas, como é o caso da pele. As defesas externas são a primeira barreira contra muitos organismos agressores, no entanto, muitos conseguem penetrar, ativando assim as defesas internas do organismo). As citocinas são moléculas diversas que fornecem sinais para os linfócitos, fagócitos e outras células do organismo. Todas as citocinas são proteínas ou peptídeos, algumas contendo glicoproteínas (proteínas ligadas a um ou mais açúcares, covalentemente a estrutura peptídica da mesma, sem repetição de unidades em série. Como exemplo podemos citar: imunoglobulina, hormônio foliculo-estimulante, hormônio luteinizante, etc..). Os anticorpos são um grupo de proteínas séricas produzidas pelos linfócitos B. Os anticorpos ligam-se especificamente aos antígenos e assim promovem efeitos secundários, enquanto uma parte da molécula do anticorpo se liga ao antígeno (quaisquer moléculas que possam ser reconhecidas pelo sistema imune adaptativo), outras regiões interagem com outros elementos do sistema imune, como os fagócitos. O reconhecimento do antígeno é a base principal de todas as respostas imunes adaptativas, o ponto essencial a ser

Como em uma via de mão-dupla, as perturbações de um sistema se refletem no outro. E, de fato, faz muito sentido que estes dois sistemas sejam fortemente integrados, pois ambos são responsáveis pelo relacionamento do organismo com o mundo externo, ambos avaliam se os elementos da realidade externa à pessoa são inócuos ou perigosos, ambos servem à defesa e adaptação, ambos possuem memória e aprendem pela experiência. Também se sabe que órgãos imunes¹⁴⁴, como é o timo, o baço e a medula óssea, recebem inervação do Sistema Nervoso Autônomo, mais precisamente, de sua porção simpática, havendo sinapses nas uniões entre os terminais nervosos simpáticos e as células imunológicas. Portanto, a imunidade também se regula cerebralmente. Situações-limite vividas pelo sujeito podem gerar um desequilíbrio do sistema nervoso autônomo, levando-o a ativar sua porção simpática e eliciar uma cascata de reações químicas dentro das células.¹⁴⁵ Mediadores autônomos específicos, neuroendócrinos e neuropeptídeos, formam a base biológica do inter-relacionamento bidirecional entre o cérebro e o sistema imune, já que o sistema imunológico é apto para enviar mensagens para o sistema nervoso central e influenciar suas funções. E vice-versa.

Assim como o sistema nervoso, as células e mediadores químicos do sistema imunológico alcançam cada parte do corpo, e muitos dos órgãos do sistema imunológico recebem

considerado com relação ao antígeno é que a estrutura é a força iniciadora e condutora de todas as respostas imunes. O sistema imune evoluiu com a finalidade de reconhecer os antígenos, destruir e eliminar sua fonte (Diferentes sistemas efetores estão disponíveis para controlar a enorme diversidade de patógenos: Neutralização - os anticorpos podem combater os patógenos simplesmente por se ligarem a eles; Fagocitose – internalização do material estranho; Reações citotóxicas – são direcionadas contra células muito grandes para sofrerem fagocitose, as células de defesa direcionam seus grânulos para a célula-alvo, as células alvo serão lesadas em suas membranas externas pela perfurina. Algumas células citotóxicas também podem sinalizar para as células-alvo que então iniciam o processo de autodestruição, a apoptose). Quando um antígeno se liga às poucas células que podem reconhecê-lo, estas são rapidamente induzidas a proliferar, e em poucos dias existirá uma quantidade suficiente delas para elaborar uma resposta imune adequada. Quando o antígeno é eliminado, o sistema imune é desligado.

¹⁴⁴ O sistema imunológico possui órgãos que podem ser classificados como centrais e periféricos. Os órgãos centrais, assim denominados por serem centros de diferenciação funcional dos linfócitos, são representados pelo timo e pela medula óssea. Durante a embriogênese dos vertebrados, ocorre no timo a maturação das células T ou timodependentes (células que contêm um núcleo com cromatina densamente empacotada e um pequeno citoplasma.). As células linfóides são compostas de vários tipos celulares: linfócitos, fagócitos mononucleares (monócitos, macrófagos), e granulócitos. Essas células medeiam distintas funções imunes e secretam uma grande variedade de substâncias solúveis, que regulam o sistema imunológico (Os principais componentes do sistema imune são as células T, células B, linfócito grande granular, fagócito mononuclear, neutrófilo, eosinófilo, basófilo, mastócito, plaquetas e células teciduais).

¹⁴⁵ O fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878) foi o primeiro a perceber que o equilíbrio químico do corpo pode ser controlado pelo sistema nervoso. Em 1849, Bernard descobriu que uma pequena lesão no assoalho do quarto ventrículo do cérebro do gato torna o animal temporariamente diabético. Mas foi o fisiologista americano Walter Cannon (1871-1945) quem demonstrou por meio dos recém descobertos raios X, no século XX, que o sistema nervoso autônomo regula o meio interno do corpo. Ele demonstrou que sob condições de estresse emocional, o sistema nervoso simpático e a medula adrenal produzem adrenalina e noradrenalina, elevando a pressão arterial e a taxa de açúcar no sangue. In: **Lent** (2005), pp. 454-55.

terminações nervosas. Ele é um sistema extremamente plástico e pode responder a ameaças rapidamente. A configuração de cada resposta imunológica emerge depois que a ameaça de uma invasão eminente é sentida. O sistema imune desencadeia uma rápida resposta evolutiva em sua produção de anticorpos a cada novo desafio antigênico.¹⁴⁶

Por ser um sistema que modela seu relacionamento com o mundo natural, mudando os microorganismos e células com os quais interage, ele não somente defende o corpo, como também incorpora características que são valiosas para a espécie, não somente para o indivíduo.

Mas, apesar de sua especificidade, em muitas circunstâncias o sistema imunológico mostra-se freqüentemente como uma barreira incompleta às doenças, pois a necessidade de manter o estado de existência autônoma coloca tremendas pressões evolutivas sobre o organismo. Vigilância constante é muito custosa em termos de energia, colocando o sistema imunológico sob pressão para criar meios sempre mais eficientes para assegurar a defesa do indivíduo. Primeiramente, esses mecanismos foram dirigidos à proteção do organismo contra invasores microscópicos, e somente mais tarde dirigiu-se para a neutralização de substâncias e toxinas potencialmente agressivas. Segundo Lappé (1997),

[...] quando o sistema imunológico amadurece, ele recapitula a filogênese de suas origens, recapitula a emergência gradual e sofisticada de um sistema imunológico sofisticado em cada estágio na evolução. No desenvolvimento embrionário, os primeiros componentes do sistema são aqueles encontrados nas formas de vida primitiva.¹⁴⁷

No nível dos organismos mais complexos, a tarefa de matar vírus, bactérias ou parasitas sem comprometer os próprios tecidos do corpo – ou seja, realizar a morte seletiva – requer um patamar de sofisticação inalcançável por organismos menos complexos. O preço da

¹⁴⁶ O corpo possui um meio interno muito complexo, de modo que os fagócitos devem desenvolver mecanismos que permitam a distinção entre componentes próprios aliados e agentes microbianos hostis e potencialmente perigosos. (Metchnikoff definiu a existência de dois tipos de fagócitos circulantes: o leucócito polimorfonuclear ou micrófago, e uma célula maior, ou macrófago). Essas células utilizam seus receptores de reconhecimento de padrão (PRR, do inglês *pattern recognition receptors*) para reconhecer e aderir aos padrões moleculares associados ao agente patogênico, presentes na superfície das células. Para garantir a sobrevivência, as células fagocíticas desenvolveram um sistema de receptores capazes de reconhecer padrões moleculares na superfície do agente patogênico, compartilhado por um grande número de agentes infecciosos e distintos dos padrões próprios. A ocupação dos receptores de reconhecimento de padrões (PRR) gera um sinal através de uma via de transcrição (NFκB), que alerta a célula do perigo e desencadeia o processo fagocítico. A partir do momento em que começa a fagocitose, a situação torna-se difícil para o invasor, até porque há uma verdadeira coleção de mecanismos de destruição, uma ampla variedade de mecanismos de imunidade que não se modificam, mesmo com a exposição repetida à infecção.

¹⁴⁷ Lappé (1997), pp. 32-33.

sobrevivência de um organismo autônomo é uma batalha sem fim para assegurar a integridade do meio interno. O sistema imunológico flutua entre estimulação e supressão, aniquilação e restauração, e para assegurar o delicado equilíbrio interno do corpo contra perturbação externa, ele depende de um intrincado jogo entre seus elementos. Tal jogo é orquestrado por um processo fundamental de regulação biológica, a *apoptose*, ou morte celular programada, processo que evidencia que cada célula possui um programa de vida e morte inscrito em seu patrimônio genético, e que, por sua vez, cada célula possui o poder de desencadear sua própria autodestruição.¹⁴⁸

Para responder apropriada e eficazmente, o sistema imunológico deve ser capaz de distinguir ameaças genuínas de falsas, tanto de dentro como de fora do corpo, e lembrar como repetir o processo. Ele também deve ser capaz de modular sua resposta, de modo que a natureza da reação seja apropriada a ameaça. Para isso, ele depende da memória imunológica, que, longe de ser infalível, pode perder ou distorcer lembranças de informações, o que ficou evidenciado após a re-infecção, em anos tardios, de indivíduos que foram imunizados por meio de vacinações.¹⁴⁹

O extremo dessa situação ocorre quando o sistema imunológico desenvolve um comportamento agressivo contra o próprio organismo por não reconhecer seus próprios componentes¹⁵⁰.

Esse tipo de comportamento modificou a idéia de que a única função do sistema imunológico fosse estabelecer uma margem de segurança biológica entre o organismo individual e um mundo exterior, potencialmente hostil. No sentido de manter um equilíbrio entre agentes infecciosos e a integridade do indivíduo, o sistema imunológico aprende a responder a ameaças nocivas para o corpo por meio da distinção entre o próprio (*self*) e o não-próprio ou alheio (*não-self*). Ao frustrar a sobrevivência de qualquer coisa que não seja o próprio, o sistema imunológico

¹⁴⁸ Esse assunto é brevemente tratado no Apêndice deste trabalho.

¹⁴⁹ Uma característica importante e singular das células T e B é a memória imunológica, por meio da qual as células memorizam a exposição a um antígeno e respondem rapidamente após uma re-exposição ao mesmo antígeno. Já as células NK são carentes de memória imunológica, não expressam receptores de antígeno resultante do rearranjo dos genes. Stites e Terr (1991) afirmam que as células NK “reconhecem e destroem células infectadas por vírus e certos tumores, por um processo desconhecido” In: **Stites e Terr** (1991), p. 55. Diferentemente dos linfócitos T, as células NK não requerem a presença de glicoproteínas do CPH (complexo principal de histocompatibilidade) sobre as células alvo para reconhecer e destruir uma célula infectada por vírus ou tumor.

¹⁵⁰ Para expressar o comportamento, observado por Pasteur (1822-1895), em que o sistema imunológico pode voltar o corpo contra si mesmo e causar sérios danos, Paul Ehrlich (1854-1915) criou a expressão *horror autotoxicus*, e lançou as bases do entendimento das doenças auto-imunes. Juntamente com Metchnikoff, recebeu o prêmio Nobel em 1908.

mantém e auxilia a perpetuar a espécie do indivíduo e sua própria integridade genética. Nesse sentido, a principal função do sistema imunológico é distinguir entre o próprio e o alheio.

Esse reconhecimento depende da habilidade do sistema em distinguir antígenos estranhos (que são usualmente proteínas ou combinação de açúcares ou proteínas – glicoproteínas) de qualquer outro antígeno idêntico que possa crescer sobre os próprios tecidos do corpo. Tarefa nada fácil, uma vez que os blocos constituintes das paredes celulares são idênticos em organismos complexos.

Durante seu desenvolvimento, um organismo demonstra reconhecer seus componentes como próprios para que diferentes populações celulares vivam juntas e em harmonia. Essa função implica uma leitura muito específica dos componentes próprios. Durante a ontogenia, esses produtos de re-conhecimento da mãe passam para a criança através da placenta, e nela atuam como conhecimento, até que ela se torne capaz de efetuar seus próprios reconhecimentos. Ao cabo de dois anos, as defesas imunológicas fornecidas pela mãe à criança vão sendo suplantadas pelas da própria criança.

Para atuar efetivamente, o sistema imunológico deve distinguir entre antígenos contra os quais uma resposta imune seria adequada, e aqueles contra os quais esta se torna perniciosa. A discriminação entre o próprio e o não-próprio é obtida através das moléculas do complexo principal de histocompatibilidade¹⁵¹. Essas moléculas de genes que determinam antígenos compatíveis representam a estrutura pré-estabelecida que se torna a referência para que o sistema imune reconheça o alheio. É a partir da referência à sua própria estrutura – de uma primeira leitura do próprio – que o sistema imune aprende a fazer uma re-leitura da realidade e a distinguir o próprio do não-próprio. O *não-próprio* é considerado diferente por escapar à referência estrutural do *próprio*.

A sobrevivência e a cooperação de diferentes populações celulares, em um mesmo organismo, é possível devido à complementaridade das estruturas de suas membranas celulares. Essa complementaridade permite uma relação contínua entre diferentes células de um mesmo organismo.

Ressalte-se que o conceito de igualdade biológica não implica que uma célula, enquanto estrutura material seja exatamente igual à outra célula, mas que a leitura molecular indique que ambas sejam capazes de produzir ou eliciar a mesma reação; trata-se, portanto, de

¹⁵¹ Genes que determinam os antígenos compatíveis

uma igualdade operatória e não de uma igualdade estritamente material; quando se considera uma substância igual à outra, significa que, devido as reações que é capaz de provocar (chamadas de propriedades) expressam uma similaridade biológica.

Assim, o organismo por si só é competente para reconhecer os elementos do mundo exterior com os quais pode estabelecer interações vantajosas; evolução filogenética é um indicador da capacidade do organismo de incorporar determinados não próprios (*não-selves*).

Desde a concepção toda célula protéica ou célula diferente, displásica ou neoplásica, é lida sempre como *não-própria* e é destruída. Do início ao fim da vida do indivíduo, células anormais surgem milhões de vezes, sendo regularmente destruídas e eliminadas. Todo fator externo provocará ou auxiliará no desenvolvimento de células anormais, que enquanto forem reconhecidas como *não-próprias* serão destruídas e eliminadas. Portanto, não é a célula, em si, que provoca o surgimento de doenças, pois ela não é nova para o organismo, mas sim o fato do processo de reconhecimento se alterar, e o organismo reconhecer como integrante de si próprio a célula anormal ou diferente. A novidade não é a célula anormal, mas sua leitura como *própria*, com a sua conseqüente incorporação. Ao se integrar ao *próprio*, a célula não mais provocará reações imunológicas, que a teriam destruído, como teria ocorrido antes da mudança de leitura.

O que sempre foi considerado um *não próprio*, ou estranho, passa a ser considerado próprio. Como decorrência da mudança de leitura do *próprio* e do *não-próprio* pode surgir o câncer¹⁵², as doenças auto-imunes (quando o sistema cria anticorpos contra seus próprios órgãos e tecidos), ou o bloqueio da capacidade de leitura do *não-próprio*, como é o caso da AIDS.

Como a base da similaridade biológica é operatória e dependente da leitura para a distinção entre *próprio* e *alheio*, a questão que ainda está por ser respondida é: o que desencadeia a modificação de leitura, a ponto do sistema imune não mais poder reconhecer o próprio em relação ao estranho?

¹⁵² Para se desenvolver como um tumor maligno, o câncer precisa ser aceito pelo organismo como *próprio*. Diferentemente da escala zoológica, o câncer humano é um processo desenvolvido dentro do próprio organismo, a partir de suas próprias células, cuja estrutura funcional e protéica diferente passa a ser lida como igual, e integrada ao organismo como um todo. Essa incorporação responde pela ausência de sintomatologia própria do tumor maligno até etapas avançadas de sua evolução, quando ocorrem sintomas por razões secundárias (por exemplo, hemorragias, obstruções, infecções, etc.)

A resposta a essa questão seria de vital importância, uma vez que, como observa Ameisen (2003) uma modificação de sinais poderia por si própria, e apesar da presença do agressor, impedir o desenvolvimento da doença.¹⁵³

O interessante é que tal questão encontra seu similar psíquico quando o sujeito, ao não reconhecer algo de si como próprio, o trata como alheio, mas um alheio cuja presença causa desconforto e estranheza, por ser uma parte não reconhecível de si mesmo. A impressionante similaridade entre as conseqüências da alteração da leitura celular com os processos psíquicos que, ao desencadearem um não reconhecimento do próprio, o tratam como alheio – como ocorre em algumas repetições, nas alucinações, nos delírios, e nas manifestações psicossomáticas, levam-nos a um terreno especulativo onde indagamos se, no caso das doenças somáticas, a degradação da pulsão, ao reconduzir a energia de volta ao somático, não poderia carrear, em seu percurso, um certo padrão que, de alguma forma, encontrasse tradução em termos neuroquímicos. Desse modo, a ritmicidade pulsional (tradução quantitativa de um padrão relacional gerado pela interação entre as variações pulsionais e os objetos relacionais) poderia imiscuir-se no somático e imprimir seu padrão característico a processos neuro-imune-endócrinos, com a finalidade de encontrar descarga por meio de processos que ainda desconhecemos.

Para Ferenczi (1924) quando causas psíquicas estão implicadas na produção de doenças orgânicas, trata-se, na verdade, de uma “transferência de quantidades de libido para um sistema orgânico pré-existente”.¹⁵⁴ Nesse sentido, cada órgão ou conjunto de órgãos, não é apenas a soma automática de forças úteis com vistas a um desempenho comum, mas cada órgão, possuidor do que o autor chamou de “uma certa personalidade”¹⁵⁵, é palco da repetição do conflito entre os interesses egóicos e os interesses libidinais.

Em *Análises de crianças com adultos* (1931), Ferenczi afirma que “não só certas partes do corpo, como os dedos, a mão, os pés, os órgãos genitais, a cabeça, o nariz, os olhos, tornam-se representantes da pessoa toda”, como também que os órgãos tornam-se “a cena onde todas as peripécias de sua própria tragédia são representadas e levadas à conciliação.”¹⁵⁶

Se uma modificação na distribuição da energia psíquica e nervosa pode atingir um órgão de diferentes maneiras (*A adaptação da criança à família*, 1927), se a potência psíquica do

¹⁵³ Ameisen, J-C.(2003a) *La sculpture du vivant*, p. 161.

¹⁵⁴ Ferenczi (1924), p. 109.

¹⁵⁵ *Ibid*, p. 103.

¹⁵⁶ Ferenczi (1931 / 1992), p. 76-77.

desejo é tão ativa, a ponto de um desejo “materializar-se” no corpo (*Thalassa*, 1924), não há razão, segundo Ferenczi (1924), para limitar a ação dos movimentos de desejo à vida psíquica, excluindo o inconsciente biológico que subjaz a todo o conjunto de fenômenos biológicos, e que antecede a própria constituição ontogenética.

Mesmo se quiséssemos nos limitar ao plano ontogenético, a biologia nos ensina que, tal como os demais seres vivos, o ser humano é manifestação de uma longa história filogenética. Na conjugação do óvulo e do espermatozóide se amalgamam os legados genéticos dos pais, por meio do qual o novo ser recebe toda informação para configurar uma determinada estrutura corporal. A identidade de cada indivíduo é o produto da manifestação da informação genética inscrita em seu DNA e recebida por herança. Um conjunto cromossômico vem da mãe, e outro do pai. Os pares cromossômicos se agrupam com outros pares, formando a unidade do genoma.

No nível psíquico, a identidade resulta da combinatória de uma série de identificações, processo a partir do qual o indivíduo se constitui. Conceitualmente, a identificação pode ser definida como o movimento por meio do qual o ego se apropria, parcial ou totalmente, de aspectos, características, atributos ou traços de objetos. Freud considera duas etapas no processo de identificação: (1) identificação primária, forma originária de laço afetivo com o objeto, que ocorre em um período precoce do desenvolvimento, e é constituída por meio de atributos que se adquirem de forma imediata dos pais da pré-história, período anterior à possibilidade de recordar mediante a palavra. Nesse período se adquirem qualidades que tanto pertencem aos pais, quanto aos seus ancestrais, o que caracteriza a identidade primária como produto não somente da ontogênese, mas também da filogênese; (2) identificação secundária, na qual se assimilam qualidades de objetos com o qual já existe um vínculo libidinal; ocorre com os pais da história pessoal ou com seus posteriores substitutos.

Do mesmo modo que no registro psíquico as identificações secundárias podem reforçar ou modificar as identificações primárias, no registro biológico, o meio ambiente promove modificações sobre as características herdadas geneticamente.

Na medida em que as sucessivas identificações se constroem sobre um núcleo estável, que permite ao sujeito se reconhecer em momentos cronologicamente diferentes, e rejeitar conteúdos que modificariam o reconhecimento de si, o sentimento de identidade de um

sujeito não é afetado. Algumas vivências, como a despersonalização¹⁵⁷, demonstram o que ocorre com o sentimento de identidade quando o sujeito, ao atentar para determinados estímulos perceptivos anteriormente reprimidos, perde o sentimento de familiaridade que tem consigo mesmo e / ou com o ambiente. Essa alteração peculiar da consciência de si, acentuada em estados patológicos, mas comumente experimentada no cotidiano, é acompanhada de um sentimento de estranheza, que gera angústia. O agente precipitador pode ser qualquer elemento do ambiente ou do próprio corpo, como uma simples disposição de objetos em dado espaço, ou um estranhamento em relação à própria imagem no espelho, quando o sujeito privilegia a percepção de certos ângulos, através dos quais o ego não se reconhece.

Assim como a identidade bioquímica de nossos corpos, a identidade psíquica é, também, um demarcador de fronteiras entre o si mesmo e o outro, cabendo ao ego, enquanto estrutura psíquica, equilibrar os aspectos inconscientes implicados no auto-reconhecimento e na identidade de si. Entretanto, como no início da vida *Isso* e ego encontram-se indiferenciados, é plausível supor que a capacidade de confundir-se com o outro e / ou com o ambiente permaneça no inconsciente primitivo (similar à capacidade de mimetização por meio da qual alguns animais e plantas se assemelham aos seres ou objetos inanimados de seu meio, com o propósito de proteção), podendo ser atualizada em respostas arcaicas a situações vitais críticas. Como para Anzieu (1989) é ao eu-pele que cabe garantir a formação do *self*, sob a forma de sentimento de existir como um ser único, o autor estabelece uma correlação entre este e a função biológica de proteção da individualidade, que a membrana da célula orgânica cumpre, na medida em que distingue entre corpos estranhos, que rejeita, e substâncias semelhantes, ou complementares, que aceita.

Como cada espécie possui uma identidade específica, que a caracteriza e a situa em relação ao conjunto das espécies, embora dentro de uma mesma espécie os indivíduos compartilhem características comuns com seus congêneres, cada indivíduo possui características distintas e únicas, que forjam sua identidade como indivíduo. Além de diferenças observáveis, a identidade é moldada a partir de sutis diferenças bioquímicas no nível celular. É o sistema imunológico que, uma vez constituído, se encarrega de resguardar a manutenção das diferenças,

¹⁵⁷ Segundo **Sims** (2001), a despersonalização é o sentimento que o sujeito experimenta quando sente a si mesmo alterado ou deficiente dentro de seu espaço íntimo; a desrealização é o seu equivalente no espaço externo, com relação a coisas fora de si mesmo. Como não existe um limite definido e facilmente determinado contendo o *self*, despersonalização e desrealização se mesclam e se sobrepõem e são, com frequência, incluídas sob o termo despersonalização.

tanto entre espécies como entre indivíduos, exercendo a função de reconhecimento do próprio (familiar) e diferenciação do alheio. A constituição da identidade traz implícita a capacidade de reconhecer a diferença entre o familiar e o estranho, função tão primária quanto a constituição da própria estrutura orgânica.

Essa capacidade, que praticamente garante a vida do organismo, provavelmente se desenvolveu a partir de um sistema de auto-reconhecimento anterior ao surgimento das respostas imunes adaptativas. Preservada ao longo da filogênese por alguns elementos do sistema imunológico dos vertebrados, a capacidade de reconhecimento seria o predecessor dos complexos mecanismos imunológicos para o reconhecimento do próprio.

Como sabemos, entre as células do sistema imune, existem aquelas que têm a capacidade de reagir contra células do próprio corpo. Enquanto o sistema está em equilíbrio, essa reação não se produz devido à ação das células T repressoras. Entretanto, quando se produz um desequilíbrio no organismo, esse pode dar lugar à reação auto-imune, em que o próprio é tratado como alheio (seja por uma mudança nos determinantes antigênicos próprios, ou porque anticorpos retiram o controle exercido pelas células T repressoras).

A aceitação de alguns conteúdos distintos do si mesmo depende de um fenômeno biológico primitivo na escala evolutiva, denominado tolerância. A tolerância primitiva é aquela que permite que uma organização mais complexa se constitua a partir de um conjunto de individualidades elementares. Em função dessa tolerância, sem a qual sequer existiríamos, elementos estranhos foram incorporados durante a estruturação de nossa identidade bioquímica. No nível psíquico, o mesmo se dá: há elementos desconhecidos na estruturação da identidade, o que, de certa forma, pressupõe uma ambigüidade em tudo o que é familiar. Quando essas partes ambíguas de objetos primitivos fazem o seu aparecimento, revelando ao sujeito aspectos que ele não reconhece como seus, produz-se um efeito de inquietante estranheza. Na medida em que se processa o desenvolvimento do sujeito, os níveis mais regredidos e ambíguos – tal e qual a própria origem etimológica das palavras *unheimlich* / *heimlich*, tendem a se diferenciar, permanecendo ocultos sob o ego mais maduro e integrado.

Em 1919, ao considerar o sentimento de estranheza como vizinho das vivências de angústia e de horror, Freud o define como aquela variedade do terrorífico que remonta ao sabido desde antigamente, ao familiar desde há muito tempo¹⁵⁸, e que, destinado a permanecer oculto,

¹⁵⁸ *O estranho* (1919) AE, 17, p. 220; GW, XII, p. 231.

saiu à luz. O estranho (*das Unheimliche*) não é novo ou alheio, mas refere-se a algo estranhamento familiar (*das Heimliche*), que se alienou do psiquismo através do processo de repressão.

Ao investigar a origem histórica do sentimento de estranheza, Freud retrocede até o momento em que o lactente, que até então sorria para um desconhecido, começa a chorar. Esse processo, que permite o reconhecimento do estranho em relação ao rosto materno, é exemplificado por Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) quando a criança, diante do anelo despertado pela necessidade, clama pela mãe e, em seu lugar, surge um estranho. Da perspectiva do lactente, o que ocorre é uma modificação objetiva: o familiar se torna estranho, sinistro, por esse motivo a criança submerge ao estado de desespero. O estranho é equiparado ao externo e ao mau, reflexo de um período em que o ego-prazer introjetou dentro de si o que considerou bom, e ejetou o que considerou mau. Assim, é possível supor uma ligação inicial entre o sentimento de estranheza e o desespero, já que a criança precisa ser repetidamente consolada antes de aprender que o desaparecimento da mãe é, em geral, seguido pelo seu retorno. A frustração vivida diante do estranho só se torna suportável na medida em que surgir o investimento pré-consciente em lugar da simples percepção: a tensão endógena transforma-se em qualidade, em palavra, a ser investida na ausência do objeto, garantindo ao ego sua estruturação.

O jogo do carretel, analisado por Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920), exemplifica um momento no qual a criança, ao lançar um objeto para longe, procura reproduzir a partida da mãe que a impressionou. Nesse jogo, podemos identificar três elementos: a criança que joga, a mãe representada pelo carretel e a representação da mãe ausente. Neste processo a criança procura dominar tanto a mãe que se foi como também, e, sobretudo, a mãe ausente, identificando-se com ela. Para que isso aconteça, a criança investe a mãe ausente como objeto [que Le Guen, (1974) chama de *não-mãe*].¹⁵⁹ Como após o desaparecimento, a mãe recebe um investimento hostil, esse investimento hostil sobrepõe-se ao “objeto” mãe ausente, ou ao *não-mãe*, gerando uma associação inconsciente entre a ausência do objeto de necessidade e a presença hostil, ou “estranha”.

O sentimento de estranheza é gerado, portanto, mediante a subtração de uma atribuição: o que, antes, integrava uma potência positiva, torna-se uma potência negativa. É

¹⁵⁹ Quando o carretel retorna para a criança, somente dois personagens podem ser identificados: a criança e o representante da mãe, numa ilusão de reencontro que remete a algo mais arcaico, regressivo, menos estruturado.

aquilo que continua sendo, sem ser. Freud assinala que a ausência da mãe, em si, não provoca manifestação alguma por parte da criança. É a percepção do estranho em relação à mãe que gera a angústia, por significar a perda desta. Entretanto, na afirmação da ausência da mãe, que o estranho suscita, manifesta-se um processo de simbolização por meio do qual ego e objeto passam a se constituir, pois se a mãe pode ser perdida, é porque ela pode ser reconhecida como objeto.

A relação objetal é, portanto, conseqüência da diferenciação, e implica que a energia passe de livre a potencialmente ligada, permitindo, então, a formação de vínculos associativos entre os processos internos, e entre esses e os objetos.

Para o lactente, quando surge a tensão da necessidade, fundamento do desejo, o único modo que o ego possui para transformar essa quantidade em qualidade sensorial reside na percepção do objeto que apazigua a necessidade. A tarefa inibitória depende da assistência alheia, já que a criança, indefesa, necessita do indivíduo auxiliador. Se isso não acontecer, sobrevém o aniquilamento – o estado de desespero. Enquanto o ego for imaturo, ele é incapaz de impedir os desenvolvimentos afetivos, sendo incapaz de inibir a passagem da impaciência ao desespero, da exaltação à cólera, ou de deter a passagem do desejo insatisfeito em descarga endógena.

É ao indivíduo auxiliador que cabe a tarefa de apaziguar tanto as demandas de necessidade do lactente, quanto às demandas afetivas, exercendo a função de pára-excitação, a partir do qual a criança pode começar a se organizar e elaborar seus próprios processos. Se, pelo contrário, a mãe, ou o indivíduo auxiliador, não suportar certas demandas e certas necessidades afetivas da criança, e a elas responder com pânico, depressão ou indiferença, à criança só resta vivenciar esses conteúdos como desprovidos de sentido. Sem o suporte do indivíduo auxiliador, que asseguraria a vinculação de determinadas excitações com as representações-palavra, e sem o amparo que permitia modular suas reações afetivas no mundo exterior, o bebê fica à mercê de vivências sem nome e sem forma, que irão constituir verdadeiros núcleos de conteúdos indiferenciados e ambíguos, a margem do processo de maturação e diferenciação do ego.

Se, no estágio do ego maduro, a regressão, eliciada por conteúdos atuais (por exemplo, a percepção de diferentes ângulos no espelho), retroceder a esses conteúdos ambíguos e indiferenciados, a sensação de estranheza desponta envolta em terror e acompanhada de uma angústia primitiva. Assim é que a percepção de diferentes ângulos no espelho pode causar estranheza inquietante, por evocar uma angústia de fragmentação e por estar condicionada pela

regressão a um estágio egóico caracterizado por um imediatismo de descargas motoras, em função da impotência do ego para processar qualquer acúmulo de tensão.

Esse momento de organização egóica corresponde ao momento em que a pulsão investe a própria fonte, ou seja, quando o ego é o investimento de certos órgãos. Esse primeiro ego representa o momento em que o Isso investe a si mesmo e só se diferencia dos estímulos externos e evitáveis pela fuga reflexa ou pelo choro, que cancelará os estímulos pela ação específica. O fracasso do mecanismo de fuga em face ao desprazeroso impõe um investimento constante de atenção em certos órgãos, para que se evite a perpetuação do trauma. Segundo Volich (2000), a experiência auto-erótica estrutura-se na capacidade de reproduzir mnemonicamente o momento da satisfação. A alucinação primitiva é o testemunho da inscrição psíquica deixada pela experiência de satisfação. A partir dela é que irá se organizar a atividade de representação. É uma tentativa estruturada de solução econômica para o equilíbrio “psicossomático”, no sentido de exercer uma função de ligação da excitação proveniente do organismo. Ela permite suportar a latência até a satisfação real das necessidades, tentando poupar as funções orgânicas, que, dispendiosas, tendem à descarga imediata diante do caráter desprazeroso de qualquer acúmulo de tensão.¹⁶⁰

Com a introdução do conceito de pulsão de morte e de masoquismo, no núcleo masoquista primário, a parte da pulsão de morte que não foi projetada para o exterior permanece no organismo, investida pela pulsão sexual. O autor supõe que é esse núcleo que permite suportar a vivência de desamparo, as primeiras experiências de desprazer e o sofrimento.

“O auto-erotismo é um dos primeiros recursos de autonomia disponíveis para a criança lidar com o seu desamparo, com o desprazer e com a emergência da necessidade”.¹⁶¹ Em outras palavras, a experiência auto-erótica seria a primeira fonte de recursos de que dispõe o lactente para suportar uma situação que poderá ser tornar perigosa devido à possibilidade da emergência pulsional, diante do qual o lactente é de todo impotente.

Contudo, Volich também afirma que:

a organização do circuito auto-erótico e a estruturação das dinâmicas psíquicas que o acompanham dependem das características das primeiras relações objetais. A perturbação dessas relações compromete o desenvolvimento dos recursos erógenos e

¹⁶⁰ Volich (2000), p. 133.

¹⁶¹ *Ibid*, p. 143.

representativos do sujeito, produzindo, inclusive, distorções significativas no curso natural dessas funções.¹⁶²

O lactente depende da qualidade da relação que se estabelece entre ele e o indivíduo auxiliador para efetuar a ligação do aumento hipertrófico de excitação e acessar a dimensão alucinatória e representativa da experiência de satisfação. É o momento em que a sedução do adulto sobre a criança a impele a buscar significação para as suas próprias vivências. Se o indivíduo auxiliador visar apenas a satisfação automática das necessidades do lactente, indiferente aos conteúdos afetivos deste, ou, pelo contrário, super-reagir a eles, a vivência de satisfação será vivida com pouco investimento erógeno, ou até destituída deste. Nesse caso temos o que Ferenczi chamou de *criança mal acolhida* (1929). Diferentemente da criança não desejada, a criança mal acolhida é aquela que não é recebida nem aceita em sua singularidade em relação ao mundo dos adultos. Ferenczi refere-se a situações em que “todos os indícios confirmam que essas crianças registraram bem os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, e que sua vontade de viver viu-se, então, quebrada”.¹⁶³

A falta de um acolhimento genuíno por parte dos adultos torna a criança presa fácil da pulsão de morte, reinante em seu interior. (Lembremos que, diferentemente das pulsões de morte, as pulsões de vida dependem de uma construção - da liga proporcionada por Eros - para serem suscitadas e neutralizar a pulsão de morte). Segundo Ferenczi (1929), nesses casos, não é difícil que essas crianças utilizem “um dos numerosos meios orgânicos para desaparecer rapidamente”.¹⁶⁴

Se conseguem escapar a uma morte precoce, no decorrer de sua vida os menores acontecimentos são suficientes para “suscitar nelas a vontade de morrer”¹⁶⁵, pois, como o autor afirma em *Análise de adultos com crianças* (1931),

a criança, que se sente abandonada, perde por assim dizer todo o prazer de viver ou, como se deveria dizer com Freud, volta a agressão contra a sua própria pessoa.¹⁶⁶

Em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), Ferenczi diz ser possível identificar a tendência inconsciente de autodestruição em casos de análise de transtornos

¹⁶² Volich (2000), p. 143.

¹⁶³ Ferenczi (1929 / 1992), pp. 48-9.

¹⁶⁴ *Ibid*, p. 49.

¹⁶⁵ *Idem*

¹⁶⁶ Ferenczi (1931 / 1992), p. 79.

circulatórios e respiratórios, casos de espasmo da glote infantil, e, em particular casos de *asma brônquica*, cuja sintomatologia se mostra inconsistente com uma explicação puramente acidental.¹⁶⁷

O autor conclui, em *Reflexões sobre o trauma* (1920-32 / 1934), que o sujeito só repete as experiências traumáticas de modo puramente emocional e sem conteúdos representativos, pois no momento da vivência traumática toda a atividade psíquica foi suspensa. Daí concluir: *contra uma impressão que não é percebida não há defesa possível*.¹⁶⁸

Se os choques se sucedem no decorrer do desenvolvimento, adverte Ferenczi em *Confusão de língua entre adultos e crianças* (1932), o número e a variedade de fragmentos clivados aumentam, e fica cada vez mais difícil manter contato com os fragmentos, que ao se comportarem como “personalidades” que não se conhecem umas às outras, levam o sujeito a um estado que o autor chama de atomização (ou fragmentação).

Esses fragmentos, como conteúdos arcaicos e indiferenciados (aos quais nos referimos anteriormente), se mantêm a margem do desenvolvimento posterior do ego, sob o domínio de um *Isso-eu* indiferenciado.

Essa região abissal, ponto de entrecruzamento entre o psíquico e o somático, “lugar” do entrelaçamento paradoxal entre vida e morte, e de suas fusões e desfusões pulsionais, pode tornar-se palco da ação da pulsão de destruição, quando as cargas excitatórias, desconectadas da ligação que Eros teria propiciado, imiscuírem-se por vias somáticas, alcançando sistemas que possuem, entre si, uma relação de causalidade complementar.

Ao descrever a vivência esquizofrênica, Spielrein (1912), pressupõe, nesses casos, a existência de um território alheio ao ego. Segundo Sabina, o mundo do esquizofrênico torna-se tenebrosamente estranho, é como se fosse uma representação teatral; ao mesmo tempo, surge esta idéia: “Eu sou completamente estranho a mim mesmo”. Os pensamentos são despersonalizados, tornam-se “fatos” para o doente, exatamente porque provêm das profundezas que já fizeram do eu um “nós”, ou melhor, um “eles”. Mesmo que eles digam “eu”, esses sujeitos são objetos que não significam eu e não obedecem à vontade do ego.¹⁶⁹ Eles vêem o estranho em si próprios.

¹⁶⁷ Em uma carta dirigida a Groddeck no início de 1923, Ferenczi propõe, em tom de brincadeira, substituir o termo *Asma* por *Angsthma* – fusão dos termos *angst* (angústia) e *asthma* (asma), pois, segundo ele, a angústia tanto pode impedir a exalação como causar a contração nas passagens respiratórias. (In: *The Sándor Ferenczi-Georg Groddeck Correspondence*, p. 44).

¹⁶⁸ Ferenczi (1932 / 1934 / 1992), pp. 113.

¹⁶⁹ Spielrein (1912), p. 06.

Transpondo o raciocínio de Spielrein para o registro somático, podemos supor que, no caso das afecções que ocorrem neste domínio, o sujeito não vê o estranho em si próprio, porque o estranho torna-se “fato”, um *fato somático*. Em termos regressivos, o fenômeno psicossomático parece estar um passo além do fenômeno esquizofrênico descrito por Spielrein, pois, nesses casos, a regressão ultrapassa os limites do aparelho psíquico, alcançando órgãos ou sistemas do corpo (e não sua representação), que se tornam palco de um combate mortífero.

Se supusermos uma interação psique-soma em que as variações de um registro repercutem sobre o outro, não é plausível supor processos (como os de auto-imunidade?) que reproduzam no nível somático um padrão semelhante ao processo silenciado no nível psíquico?

Para considerarmos tal possibilidade, é preciso supor uma regressão econômica do funcionamento psíquico, por meio da qual os princípios reguladores da descarga podem ser substituídos, em seu funcionamento, pelos princípios que os antecederam. Tal hipótese, que abrangeria sérios transtornos somáticos, fundamenta-se nas considerações de Freud sobre a epilepsia.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud reitera que o princípio do prazer se fundamenta economicamente no princípio da constância, concebido como uma tendência à estabilidade, nem sempre alcançada devido à existência de tendências mais originárias que o princípio do prazer, e independentes dele. O princípio do prazer, como princípio regulador do aumento ou da ritmicidade da tensão, (tanto de origem interna como externa), leva ao alívio da tensão mediante dois tipos de operação: ou ligando a energia, transformando-a em princípio da realidade, ou descarregando-a como energia livre. Se a descarga é total, a tensão é completamente “abolida”, mas à custa de uma subversão do próprio princípio que a promove. Ou seja, o princípio do prazer, levado às últimas conseqüências, transmuta-se no princípio do Nirvana, que, como Freud sustentou em 1924, está a serviço da pulsão de morte. Sua ambigüidade, refletindo a ambigüidade do princípio da constância, tanto pode servir às pulsões de vida como as de morte.

Nas epilepsias, o ego inibidor, e, por fim, todo o aparelho psíquico é substituído pelo sistema neuronal – origem somática do psiquismo -, que apela ao modelo reflexo como descarga para produzir a eliminação do estímulo mediante alteração endógena. É nesse sentido que Freud postula, em *O Eu e o Isso* (1923), que as crises epiléticas desvelam a pulsão de morte operando em estado puro.

Ferenczi reitera a posição freudiana em relação à epilepsia em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), citando casos em que a crise epiléptica se seguia a experiências de desprazer, nas quais o sujeito sentia que sua vida não valia a pena ser vivida. E afirma: “na sintomatologia da epilepsia exprime-se o desencadeamento de uma tendência para a autodestruição, quase isenta das inibições da vontade de viver”.¹⁷⁰

Como o excesso de excitação invalida a barreira de proteção, a transcrição do registro sensorial-perceptivo (impressão traumática) para o registro da representação-palavra, e a transposição da energia física para a psíquica, ficam impossibilitadas, restando a quantidade sem associação com a qualidade e com o sentido.

Como afirma Ferenczi (1932):

*A “lembrança” permanece imobilizada no corpo e somente aí pode ser despertada*¹⁷¹.

Ao corpo doente faltam palavras; por isso, na concepção freudiana da doença orgânica, a psicanálise muito pouco ou nada pode fazer por aqueles que se encontram nessa condição.

Entretanto, para Groddeck, contemporâneo de Freud, e amigo pessoal de Ferenczi, a psicanálise não pode se deter diante da doença orgânica. Em sua concepção, ela deve ser capaz de buscar o significado oculto na doença orgânica e resgatar a dimensão simbólica do corpo. Dotado de uma notável originalidade, sua concepção de Isso – o precursor de todas as formas viventes – pressupõe um inconsciente simbolizador em sua essência, cuja manifestação pode se dar tanto de forma psíquica como somática.

Diferentemente da concepção freudiana de Isso, o Isso de Groddeck – senhor da vida e da morte - nos precede. É ele que, presente em cada célula do corpo, nos mantém vivos, saudáveis, ou nos leva à doença e determina o nosso fim.

¹⁷⁰ Ferenczi (1929 / 1992), pp.47-8.

¹⁷¹ Ferenczi (1932), p. 268.

3 – SOMA E PSIQUE

*A vida do Isso... emana de um tempo aquém da lembrança*¹⁷²
Georg Groddeck

Na nova divisão estrutural do aparelho psíquico, introduzida nos anos 20, Freud mantém algumas formulações anteriores em relação ao inconsciente, mas com nova orientação. Aspectos da teoria que haviam permanecido na obscuridade durante os anos em que a teoria da neurose constituiu o parâmetro para se pensar os fenômenos psíquicos retornam, e o aspecto econômico, preterido a favor dos aspectos tóxico e dinâmico na vigência da primeira tóxica, passa a dominar a teoria.

A introdução do conceito de *Isso* torna inevitável para Freud a referência ao biológico e ao somático. Oriundo da concepção de Groddeck¹⁷³, o conceito de Isso, segundo Monzani (1988), representa a grande construção teórica dos anos 20. É por meio dele que Freud passa a considerar, em um dos extremos do aparelho, uma região indiferenciada entre o psíquico e o somático.

O biológico, enquanto tal parece invadir uma parte do aparelho psíquico e, mais especificamente, o domínio do inconsciente...

diz-nos Monzani. E prossegue:

[...] É exatamente essa orientação biologizante que possibilitou a Freud construir o conceito de Isso.... A noção de Isso aparece, entre outras coisas, para dar conta desse substrato biológico do inconsciente; o *Isso*, desse ângulo, seria uma espécie de inconsciente primitivo, originário, a partir do qual certos elementos tentariam irromper e se dirigir no sentido da ação motora, sendo, secundariamente, reprimidos.¹⁷⁴

¹⁷² Groddeck. (1923) *O Livro d'Isso* (1984), p. 96; *Das Buch vom Es* (1926), p. 118-19.

¹⁷³ Georg Walther Groddeck (nascido a 13 de outubro de 1866, Bad Kösen, Alemanha, e falecido em maio de 1934, em Knonau, perto de Zurique), tem o mérito de ter sido o primeiro a reconhecer o valor das hipóteses de Freud no domínio das doenças orgânicas. Criador do conceito de Isso, e autor, entre outros trabalhos, de *Das Buch vom Es (O livro d'Isso)*, escrito em 1921 e publicado em 1923.

¹⁷⁴ Monzani (1989), p. 266-7.

Nesse sentido, o *Isso* freudiano aproxima-se do inconsciente intuído por Groddeck - nem psíquico, nem somático - pois para este autor é o Isso que

forma tanto o nariz como a mão do ser humano, assim como seus pensamentos e seus sentimentos. Manifesta-se tanto na pneumonia ou no câncer, como na neurose obsessiva ou na histeria. E do mesmo modo que a atividade do Isso, aparecendo como histeria ou neurose, é objeto de tratamento psicanalítico, assim também o será a doença cardíaca ou o câncer.¹⁷⁵

Ao abordarmos os conceitos freudianos que, implícitos à estruturação biopsíquica do sujeito, podem levar a regressão a ultrapassar os limites psíquicos do aparelho e atingir o soma, encontramos no ponto de intersecção entre soma e psique, raízes que nos remetem ao pensamento de Groddeck.

Pioneiro na concepção psicanalítica das doenças orgânicas, Groddeck inspira Ferenczi que, ao introduzir modificações na técnica analítica, leva a regressão a atingir estágios do desenvolvimento onde só eram registradas lembranças físicas, a fim de acessar conteúdos que parecem emanar de uma “lembrança” imobilizada, solidificada, no corpo.

Groddeck nos guia para uma dimensão em que soma e psique, assim como todas as coisas do mundo, são manifestações simbólicas de um *Isso* criador e portador de sentido, matriz de toda existência somato-psíquica.

Um lugar sem lugar, sem tempo, sem espaço; um lugar de sombra e luz, do qual anjos e demônios velam por nós.

3.1 Entre soma e psique

Caracterizado como o desconhecido que nos move, conceituado como a parte obscura e inacessível da personalidade, o *Isso* freudiano constitui a parte inconsciente do aparelho psíquico. Além do reprimido, contém conteúdos herdados. Nele reina irrestritamente o princípio do prazer; é a sede das pulsões. No *Isso* não há processos secundários, o aspecto energético é predominante, o tempo está ausente, é totalmente inconsciente. Seu núcleo se comporta como se comportava o sistema inconsciente da primeira tópica. É desorganizado e só

¹⁷⁵ Groddeck. “*Iª carta à Freud*”, in *Ça et moi*, p. 38. Citado por D’Epinay (1988), p. 101.

tem por finalidade satisfazer as moções pulsionais submetidas ao princípio do prazer. Leis lógicas não funcionam: nele há impulsos plenos de desejo e impressões que sofreram repressão. Está além do bem e do mal; e nele predomina o fator econômico.

Nas palavras de Freud:

O fator econômico, ou, se preferirem, o quantitativo, intimamente enlaçado ao princípio do prazer, domina todos os processos. Investimentos pulsionais em busca de descarga, isso, nós pensamos, é tudo o que há no Isso.¹⁷⁶

O que sabemos do Isso provém da elaboração onírica e da formação de sintomas neuróticos; como apresenta caráter negativo só pode ser descrito em contraste com o ego. Em um de seus extremos está aberto às influências somáticas e contém em si moções pulsionais que nele encontram expressão psíquica.

Na **31ª Conferência** (1932), Freud localiza o Isso na base do aparelho, na “parte de baixo”, o que o coloca em conexão direta com as forças somáticas.

Descrevemo-lhe estando aberto em seu extremo ao somático, e acolhendo dentro de si as necessidades pulsionais que nele acham expressão psíquica.¹⁷⁷

Freud considera as pulsões como algo físico, que encontraria expressão por meio dos processos psíquicos, idéia essa que persiste no **Esquema de psicanálise** (1938), onde afirma que

[...]as pulsões se originam da organização somática, e aqui (no Isso) encontram uma primeira expressão psíquica, cuja forma que nos é desconhecida.¹⁷⁸

Como podemos observar nas **Novas Conferências** (1932), os diagramas do aparelho psíquico estão abertos em suas bases. A fronteira entre o psíquico e o somático é menos delineada. Há um momento em que o psíquico se enraíza no biológico, sendo que o somático representa o limite interno do aparelho, a última fronteira.

Essa disposição tópica nos permite pensar que o Isso se torna um lugar de troca entre impressões do soma, enquanto fonte orgânica das pulsões, e impressões derivadas do ego. Green (1999) postula que, ao nível do Isso deve haver algo como um afeto-representação, no qual nenhuma representação distinta é possível. Nesse nível, as demandas são demandas de satisfação

¹⁷⁶ **31ª Conferência: a decomposição da personalidade psíquica** (1932). AE, 22, p. 69; GW, XV, p. 81.

¹⁷⁷ *Ibid.* AE 22, p. 68; GW, XV, p. 80.

¹⁷⁸ **Esquema de psicanálise** (1938). AE, 23, p. 143; GW, XVII, p. 68.

de uma *necessidade-desejo* indistintas. Como são pressões de tensão de necessidade, enquanto não forem satisfeitas, não há acesso possível ao desejo. Devido à sua natureza, elas estão situadas além das possibilidades de análise, em um eco da observação de Freud no artigo *Análise terminável e interminável* (1937). Embora possamos identificar no Isso o acesso ao somático, Freud se mantém cético em relação à influência terapêutica nesse campo. Neste artigo, o autor identifica nos fatores insuscetíveis de influência psicológica - cuja natureza atribui à fisiologia, a biologia, e à influência da pulsão de morte - o limite da psicanálise. A idéia de que a cura, mesmo para a neurose, estaria assegurada pelo governo sobre o pulsional é criticada pelo próprio autor por não se confirmar na prática. O jogo de forças entre intensidades e entre instâncias do aparelho psíquico domina o cenário, e a saúde só pode ser descrita, em termos metapsicológicos, em referência a proporções de forças entre as instâncias do aparelho¹⁷⁹.

A afirmação de Freud é conclusiva:

A repressão se comporta como dique contra a pressão de tomada das águas. (...) O resultado é, em todos os casos, o mesmo e confirma o poder do fator quantitativo na causa da enfermidade.¹⁸⁰

O poder do fator quantitativo, omitido em teorizações anteriores a favor do ponto de vista dinâmico e tópico, é retomado, tornando-se, inclusive, o responsável pelo êxito ou fracasso de uma psicanálise, já que, em última instância, o que determina o desenlace de uma análise, é o resultado da contraposição entre a intensidade pulsional e os empenhos defensivos do ego.

É diante da intensidade constitucional das pulsões que o ego maduro, e sustentado pelo trabalho analítico, pode fracassar, do mesmo modo que antes fracassou o ego desvalido, pois o resultado final sempre dependerá da proporção relativa entre as forças das instâncias em recíproca luta.

[...] se é possível tramitar de maneira duradoura e definitiva certo conflito pulsional, ou seja, dominar dessa maneira a exigência pulsional. Nesta colocação do problema, a intensidade pulsional nem se menciona, mas justamente dela depende o desenlace.¹⁸¹

¹⁷⁹ *Análise terminável e interminável* (1937). AE, 23, p. 228, nota 11; GW, XVI, p. 70, n 1.

¹⁸⁰ *Ibid.* AE, 23, p. 229; GW, XVI, p. 70.

¹⁸¹ *Ibid.* AE, 23, p. 228; GW, XVI, p. 69.

A essa reflexão cética, em dado momento Freud acrescenta uma afirmação ainda mais desconcertante:

Quando falamos de herança arcaica, só pensamos unicamente no Isso e parece supormos que um ego não esteja, todavia, presente ao começo da vida individual. Mas não descuidemos de que Isso e ego originariamente são um, e não significa nenhuma superestimação mística da herança considerar verossímil que o ego, todavia não existente, tenha já estabelecidas as orientações do desenvolvimento, as tendências e reações que trará à luz mais tarde.¹⁸²

Em sua pré-figuração, o ego conta com um componente constitucional da ordem da filogênese, em forma inicialmente potencial.

No *Esquema de Psicanálise* (1938), Freud postula que, num momento inicial, tudo é Isso, inconsciente, tudo são pulsões, e em decorrência de sua vinculação com as vivências, com as percepções, certos conteúdos do Isso se vão transformando em representações, em ego¹⁸³.

Esse raciocínio é consequência de questões repensadas em *O Eu e o Isso* (1923), entre as quais o conceito de ego, cujas modificações propostas a partir de 1914 incorporam a este elementos pertencentes aos três sistemas da primeira tópica: o consciente, o pré-consciente na sua maior parte e uma grande parte do inconsciente. Ao ego são atribuídas diversas funções, como o controle da motilidade e da percepção, o exame de realidade, e todas as funções ligadas ao exercício do processo secundário (pensamento lógico, ordenamento temporal dos processos psíquicos, antecipação das situações de perigo). O ego engloba, também, mecanismos ligados a ativação de defesas inconscientes, podendo dar margem ao desconhecimento, à racionalização e à defesa compulsiva contra reivindicações pulsionais. Como o ego é um produto inacabado, constituído a partir da camada cortical do Isso, ele pode receber e afastar excitações.

Por representar, em sua gênese, a diferenciação do Isso em seu contato com a realidade, o ego pode submeter à sua influência camadas cada vez mais profundas do Isso. Por esse motivo ele mantém com o Isso relações muito estreitas, o que permite supor, segundo Green, a existência de uma área aberta de trocas entre os produtos do Isso e do ego, trocas que se efetuam em ambas as direções. Entretanto, como a barreira do ego só aceita em seu interior fragmentos domesticados do Isso, Green conjectura que os fragmentos do Isso seriam constituídos de um material que torna impossível uma divisão entre afeto e representação.

¹⁸² *Ibid.* AE, 23, p. 242; GW, XVI, p. 86.

¹⁸³ *Esquema de Psicanálise* (1938). AE, 23, p. 160-1; GW, XVII, pp. 85-6.

No nível do Isso, o afeto é indistinguível da representação e, portanto, irrepresentável. A representação só ocorre no nível egóico; no inconsciente ambos, afeto/representação estão presentes, e no Isso, somente movimentos pulsionais contraditórios, em que deslocamentos e condensações, obedecendo ao estado livremente móvel de energia, tendem à descarga, ignorando a qualidade do que é investido. Para Green, este seria o ponto extremo de qualquer estruturação, além do que estamos diante do caos¹⁸⁴.

No princípio, o ego é um organismo aberto ao mundo exterior, que trata o bom e o mau como idênticos e não discerne entre o interior e o exterior. Ele capta diretamente impressões de satisfação, traços mnêmicos da experiência vivida com o indivíduo auxiliador (a mãe), que serão investidos pelo desejo na falta do mesmo. Este ego-realidade inicial, como Freud o denomina em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915), teria, ao nascer, experimentado a perda de completude da vida intra-uterina, e estaria definitivamente marcado pelo trauma do nascimento, protótipo de toda situação de angústia. Esse trauma é caracterizado por uma situação vivida como intenso desprazer, na qual o recém-nascido tem uns poucos minutos para garantir sua sobrevivência extra-uterina: ativar o sistema nervoso central e autônomo, e, em um esforço enorme em busca de ar (após o corte do cordão umbilical que garantia o abastecimento de oxigênio para o bebê), expulsar os restos de líquido amniótico que ainda recobre os alvéolos pulmonares (onde devem ocorrer as trocas gasosas entre o ar inspirado e o sangue) e substituí-lo por ar, além de redistribuir o fluxo sanguíneo através das câmaras cardíacas e dos vasos principais, a fim de obter uma circulação considerável e um transporte de oxigênio adequado. O centro respiratório do sistema nervoso deve integrar os impulsos aferentes que chegam e iniciar sinais eferentes dirigidos aos músculos da respiração.

Apesar de o bebê obter o equilíbrio que lhe permite sobreviver no meio aéreo, as demais exigências corporais – a tensão gerada pela necessidade, por exemplo, não lhe permitem se diferenciar de seu corpo biológico, e nem do seio de sua mãe. A alucinação primitiva vem corroborar essa indistinção.

Como produto da imaturidade biológica, nos primórdios o ser humano não pode perceber a totalidade de seu próprio corpo. Ele precisa do investimento libidinal do outro para erogeneizar seu corpo e se organizar psiquicamente, constituindo um ego. A ligação afetiva que o

¹⁸⁴ Green (1999), p. 187

lactente estabelece com a imagem do outro permite que ele se identifique com ela, tomando-a como modelo para configurar seu ego.

Apesar de ter suas linhas de base constitucionalmente traçadas, o desenvolvimento do ego vai depender das identificações sucessivas do sujeito. Primeiramente, o ego é um objeto de amor investido pelo Isso, a partir do qual libido narcísica e libido objetal estabelecem um movimento, mais tarde necessário para o investimento de um objeto no mundo exterior e para o estabelecimento de movimentos identificatórios. Quando, mais tarde, em seu retorno dos objetos exteriores para o ego, a libido constituir o narcisismo secundário, será colocado o problema da existência de um narcisismo primário anterior a toda relação com o mundo exterior, um presumido estado anobjetal, cujo protótipo se encontraria na vida intra-uterina e sua atualização no estado de sono.

Ao discutir a reversão da pulsão a seu oposto em *Pulsões e seus destinos* (1915), Freud postula que o narcisismo corresponde à fase precoce de desenvolvimento do ego. Esse narcisismo infantil não seria anobjetal; ele teria objetos – o próprio corpo – e a organização narcisista do ego marcaria os destinos da pulsão. Dentro dessa postulação há um ponto em que o narcisismo surge decorrente do auto-erotismo. As pulsões auto-eróticas são primordiais e o auto-erotismo corresponde à constituição do corpo erógeno apoiado sobre o corpo biológico. Sob esse ponto de vista, o narcisismo não é primário, unificador, mas é a consequência de um processo de erogeneização do corpo. De acordo com essa concepção de 1914, o narcisismo é contemporâneo da emergência egóica. Por outro lado, a concepção de uma gênese originária do ego, em 1911, leva a considerar o narcisismo originário como uma estase libidinal, necessária para o momento de partida da existência psíquica.

Interessante notar que o movimento implícito a libidinização das pulsões de autoconservação é o da submissão do ego biológico ao ego como objeto da libido, que acumula dentro de si quantidade a partir da relação com o outro, para, em seguida, liberar parte dessa quantidade através de investimentos objetais. Se a identificação é a forma mais originária de ligação afetiva com o objeto, como afirma Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), o ego se constrói por meio de escolhas e perdas de objeto. Nesse mesmo texto, Freud afirma que a identificação aspira configurar o próprio eu à semelhança de outro, tomando-o como modelo.

Em *Conclusões, idéias, problemas* (1938)¹⁸⁵, Freud descreve dois tipos de vínculos entre o ego e o objeto; no primeiro tipo de vínculo, em que o seio é parte do ego, e o ego, portanto, é o seio, o ego se configura a partir do objeto, pela identificação primária. O segundo tipo, em troca, permite que o ego assimile o objeto, como representação, por meio da introjeção, de modo que o lactente faz passar para dentro de si qualidades inerentes aos objetos. A percepção do meio externo (inaugurado pela projeção ou o seu possibilitador) pressupõe uma mudança no investimento da atenção, que, ao se deslocar da fonte erógena para o objeto, toma-o como ponto de convergência dos diversos investimentos pulsionais, situando-o fora da zona erógena.

O ego deixa de ser apenas o reservatório de onde a libido flui para os objetos, para tornar-se, ele próprio, objeto de investimento libidinal¹⁸⁶, e, pelo fato de estar sujeito a libidinização, ele não se resume mais a uma organização defensiva. Ele se constitui a partir do narcisismo, que representa o “primeiro pólo onde a libido, embora ainda centrada no sujeito, não está mais dispersa, mas organizada em torno de uma imagem, a imagem de si.”¹⁸⁷ Tal formulação modifica a concepção de aparelho psíquico, já que não há mais nada dentro dele que não seja investido libidinalmente. Se a pulsão sexual emerge por meio da erotização do corpo infantil – e aqui estamos diante da teoria da sedução, resignificada como “uma estrutura inerente à relação mãe-criança”¹⁸⁸, sendo que o ego também está sujeito aos mesmos destinos do objeto sexual, essa erotização se dá por meio de sua interação com o outro – a mãe. No estudo sobre *Leonardo da Vinci* (1910), Freud demonstra que o investimento libidinal do qual a criança é alvo, por parte da mãe, a leva a se identificar com ela, tomando o seu próprio corpo como objeto erótico. O narcisismo se refere, portanto, ao corpo tomado como objeto da libido a partir de uma relação em que o ego se identifica com o outro (mãe).

¹⁸⁵ *Conclusões, idéias, problemas* (1938) AE, 23, p. 301; GW, 17, p. 151.

¹⁸⁶ A descoberta de Freud, entretanto, não deixou de trazer complicações para a teoria, especificamente para a concepção de energia psíquica. Na época da controvérsia com Jung, se por um lado a introdução do narcisismo e dos conceitos de libido egóica e libido objetal caracterizaram como sexual toda a atividade psíquica, por outro lado, o fim do dualismo pulsional e o conseqüente monismo pareciam ser as inevitáveis conseqüências. Mas, como sabemos, Freud não abriu mão da dualidade pulsional até solucioná-la. Inicialmente, para contornar a situação, Freud propôs um primeiro momento, em que libido e interesse egóico estariam unidos, e indiferenciados dentro do ego, não permitindo uma distinção pulsional, e um segundo momento, em que a oposição pulsional se tornaria evidente. Somente conseguiu solucionar esse impasse após 1920, com a introdução do conceito de pulsão de morte.

¹⁸⁷ **Monzani** (1989), p. 245

¹⁸⁸ *Ibid*, p. 52.

A gênese do ego, portanto, advém da relação com o outro, concomitante ao estabelecimento de uma representação-corpo sobre a qual há de incidir o investimento narcísico.

Na fase pré-edípica, os pais são os primeiros modelos identificatórios: o ego investe os objetos e, ao mesmo tempo, identifica-se com eles. Essas primeiras identificações com os pais, durante a fase pré-edípica, são imediatas, e os pais não são, ainda, pais sexuados. Embora essas identificações apóiem as identificações posteriores, situadas no complexo de Édipo, somente a partir da triangulação edípica é que se constrói o objeto sexual.

Ao acompanharmos a descrição que Freud faz do desenvolvimento libidinal, que culmina no complexo de Édipo, a princípio observamos que é a mãe o primeiro investimento de objeto de tipo anaclítico. O desenvolvimento da libido, o incremento do investimento libidinal para a mãe, concomitantemente com a percepção de que o pai é o obstáculo para o desejo da criança, culmina no complexo de Édipo.

No caso do menino, o pai, ego ideal com quem ele se identifica, torna-se objeto de hostilidade, gerando uma ambivalência identificatória. A percepção da diferença sexual, que marca a entrada no Édipo, como observa Simanke (1994), submeterá a criança à polaridade pai-mãe/fálico-castrado. A angústia da ameaça de castração faz com que o menino resigne, por meio da repressão, o investimento objetal dirigido à mãe, com a finalidade de manter sua integridade narcísica corporal. A manutenção dessa integridade impõe à criança a renúncia ao objeto – mãe, a aceitação de sua perda, para que o outro objeto – pênis - possa ser mantido.

Mas, para que o ego se resigne à perda dos objetos ele lança mão da introjeção, identificando-se com o objeto perdido e erigindo-o dentro de si. O ego passa por novas alterações, já que esse objeto passa a fazer parte de sua estrutura.

A identificação, para Freud, é a etapa prévia da eleição de objeto, o primeiro modo ambivalente de o ego distinguir um objeto “devorando-o”, a fim de incorporá-lo, e possibilitar a resignação pela sua perda.

Ao estabelecer critérios para diferenciar o luto da melancolia, em 1915, Freud percebe que, na melancolia, após a perda do objeto segue-se uma divisão do ego. Uma parte do ego, que se identifica com o objeto, retira o investimento do objeto e investe-o no ego, identificando-se com o objeto como se a sombra deste caísse sobre o ego. A outra parte do ego volta-se contra essa primeira parte, identificada ao objeto, e a ataca, porque não suporta sofrer a perda do objeto, sentindo-se narcisicamente abandonada. O resultado desse conflito pode ser

mortal: de um lado, o herdeiro do ego-narcísico, que se contenta consigo mesmo, de outro, o ego-objeto perdido.

O que a melancolia desvela, em sua exacerbação patológica, é um processo universal de identificação como modo de constituição egóica, nascido da defesa contra as perdas, já que todos os indivíduos perderam o objeto capaz de atender a todas as suas demandas.

Através da identificação, o ego cumpre também outra função: ele impõe-se ao Isso como objeto de amor. Ao transpor a libido objetal para dentro de si, o ego atende às aspirações do Isso.

Ao introjetar o casal parental por meio da identificação, a libido egóica fica dessexualizada, ou seja, ela perde a satisfação sexual direta, processo do qual se origina o ideal do ego, ou superego. Sempre que há um conflito e o ego cede às exigências do Isso, este experimenta um sentimento de culpa. O superego pode ser cruel, tiranizando o ego e comportando-se sadicamente com ele.

Quando se trata de um masoquismo do ego, o processo é silencioso e surge um “sentimento inconsciente de culpa” que leva o sujeito a desejar ser castigado por um poder parental. A fantasia que corresponde a apanhar do pai relaciona-se com o desejo de ser possuído por ele, num processo que corresponde à sexualização do ego. Por meio dessa sexualização, o masoquismo moral abole a lei que organiza o complexo de Édipo, mediante um retorno a uma situação anterior à triangulação edípica. Ocorre uma demescla pulsional, e a ela se acrescenta o prazer erótico. Nesse movimento, o ego pode sentir prazer com sua própria destruição.

Na concepção de 1924, a libido está inicialmente enfrentando-se com a pulsão de morte. Sua função é tornar a pulsão de morte inócua: uma parte da pulsão de morte é desviada para fora, através da musculatura sob controle do ego, em forma de pulsão de destruição; a outra parte é colocada a serviço das pulsões sexuais sob a forma de sadismo; uma terceira permanece dentro do ego; aí é ligada libidinalmente. Com a libido mesclada à pulsão de morte, o sadismo, a pulsão de destruição e o masoquismo erógeno se configuram.

Para Monzani, o conceito de identificação passa a ser encarado

[...] como um dos mecanismos fundamentais na constituição e, sobretudo, na remodelação do ego. (...) Os fenômenos regressivos, principalmente no caso das psicoses, colocam a nu esses diferentes estratos identificatórios na medida em que,

nesses casos, haveria uma espécie de “desfusão” que restituiria essas formas originais.¹⁸⁹

Se aliarmos à afirmação de Monzani a constatação de Freud de que o ego, em seus primórdios, é um ego corporal, podemos vislumbrar porque a regressão que ultrapassa os domínios do psíquico, e se imiscui por vias somáticas, pode produzir efeitos tão ou mais devastadores do que daqueles produzidos por uma regressão psicótica.

Em *O Eu e o Isso* (1923), encontramos a descrição das origens do ego:

O ego é, sobretudo, uma essência corpórea (*ein körperliches*); não é apenas um ser de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície¹⁹⁰

Em nota de rodapé acrescentada ao texto somente na tradução inglesa de 1927 (nota 16), completa:

[...] o ego deriva, em última instância, de sensações corporais, principalmente as que partem da superfície do corpo. Cabe considerá-lo, então, como a projeção mental da superfície do corpo, além de representar a superfície do aparelho psíquico.¹⁹¹

A delimitação da fronteira egóica apóia-se na percepção das sensações corporais. A constituição do ego como interioridade psíquica, emerge das sensações corporais. Desse processo também participam as diferentes partes do corpo – como elementos da realidade concreta, relacionadas com as sensações corporais e com as trocas cutâneas; as manipulações às quais o lactente está sujeito constituem um importante passo para estabelecerem-se os limites do corpo, e, como consequência, os limites do ego. É aqui que o papel do indivíduo que funciona como pára-excitação torna-se tão importante, pois é ele quem, nos primórdios da existência, funciona como a barreira psíquica do ego, de acordo com as particularidades das trocas a que o lactente está sujeito; em especial, como assinala Anzieu (1989), por meio das sensações corporais e no âmbito da superfície que delimita sua pele. Nesse sentido, o pára-excitações exerce um papel fundamental na delimitação do ego: ao satisfazer as necessidades físicas da criança ele viabiliza a inserção do lactente, por meio de seu corpo, na realidade, e seu acesso ao universo simbólico. A noção do eu-pele, proposta por Anzieu, enquanto

¹⁸⁹ *Monzani* (1989), p. 246.

¹⁹⁰ *O Eu e o Isso* (1923) AE, 19, p. 27, GW, XIII, p.253.

¹⁹¹ *Ibid.*, AE, 19, pp. 27-8; *Laplanche e Pontalis* (1988) p. 253.

[...] uma representação de que se serve o Eu da criança durante as fases precoces de seu desenvolvimento, para se representar a si mesma como Eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo¹⁹²,

ênfatisa a importância da pele como invólucro delimitador de um interior e de um exterior, objetivando a realidade externa por meio de uma barreira – a pele- que delimita o sujeito em relação ao mundo exterior.

Nessa direção, o conceito de traumatismo, como perfurando a camada antiestímulo, pode ser pensado, de acordo com Anzieu, como um estilhaçamento do ego, onde o eu-pele é perfurado por constituir um invólucro protetor insuficiente no que se refere à invasão de que é alvo. Se a essa invasão, soma-se a força desestruturante e niveladora da pulsão de morte, presente como masoquismo erógeno, a reação do organismo diante do traumático pode se dar mediante a ativação de programas inatos (constitucionais) ou adquiridos, ou até pela falência dos programas de que dispõe, se estes se mostrarem inadequados para enfrentar a situação em questão.

Em *A adaptação da criança à família* (1927) Ferenczi afirma que assim como nos estágios precoces do desenvolvimento embrionário, uma simples picada de alfinete, um leve ferimento, pode impedir a formação de toda uma parte do corpo, o mesmo se dá se no início da vida de uma criança lhe for infligido um dano; ainda que mínimo esse dano projetará uma sombra sobre toda a sua vida.

Para este autor (1932), o trauma age sobre o psiquismo ou sobre o corpo do sujeito de modo destrutivo, perturbador.

Fragmentos de órgão, elementos de órgão, fragmentos e elementos psíquicos, são dissociados. No plano corporal trata-se, realmente, da anarquia dos órgãos, partes de órgão e elementos de órgão, quando a colaboração recíproca é a única que torna possível o verdadeiro funcionamento global, ou seja, a vida.¹⁹³

Para entender em que momento a sexualidade pode deixar de exercer seu papel construtivo para tornar-se um ponto de apoio para as forças destrutivas, que acabam por instaurar a pulsão de morte, é necessário emprendermos um retrocesso aos primórdios da organização sexual.

¹⁹² Anzieu (1989), p.44.

¹⁹³ Ferenczi, S. (1932 / 1990), p. 105-6.

Para atender à exigência de satisfação das tensões internas, o ego submete-se ao princípio do prazer. O ego, cujo funcionamento está submetido ao processo primário, é o ego-prazer. Ao se dar conta da desilusão imposta pela realidade e pelo mundo exterior, surge um outro princípio, o da realidade, e, em decorrência deste, o ego-realidade. Nesse sentido, ego-prazer e ego-realidade correspondem a dois modos de funcionamento psíquico, no primeiro caso devido às pressões da realidade interna, e no segundo caso, devido às pressões externas.

O protótipo da identificação é introduzido com o conceito de incorporação, ligado à organização sexual oral. A incorporação, acrescentada aos *Três ensaios...* em 1915, é definida como constituindo um alvo pulsional e um modo de relação característico da fase oral. Convertida em paradigma da identificação, a incorporação, situada dentro da primeira teoria pulsional (que opõe pulsões sexuais às de auto-conservação), deixa a mostra a mescla das atividades biológicas e sexuais, e refere-se a superposição de um corpo erógeno sobre o corpo biológico. A meta sexual da organização oral é a incorporação do objeto. Com base no referencial prazer-desprazer, e tendo a oralidade como modelo, polariza sua atividade entre o objeto bom, prazeroso, que é engolido, e, portanto, incorporado ao ego, e o objeto desprazeroso, que é cuspidado, expulso do ego. É o corpo biológico que fornece o modelo da incorporação, pois engolir e cuspir são modalidades da função alimentar. A incorporação, por sua vez, é o protótipo corporal da identificação. O ego incorpora os objetos prazerosos e expulsa os desprazerosos, e se constitui a partir dessas primeiras identificações. O processo constitutivo do ego, portanto, é determinado por um duplo movimento pulsional - incorporação e expulsão. O corpo erógeno se constitui junto a esse movimento. O acesso do sujeito às características significativas de seu ambiente, mediado pelas trocas afetivas, poderá prover - ou não - o ego de forças defensivas eficazes.

As trocas relacionais propiciam a ligação da energia, função de Eros (pulsões de vida), e na medida em que a energia passa de livre a ligada, vão se estabelecendo os obstáculos para que a energia não seja totalmente descarregada no corpo, via motilidade. Energia livre e energia ligada são dois modos através dos quais as pulsões de vida e a pulsão de morte podem ser apreendidas como manifestações da ligação entre o ego e o corpo. A energia livre, ao ser totalmente descarregada pelo ego, atende ao princípio do Nirvana, subsidiário da pulsão de morte.

Entretanto, para sobreviver aos primeiros traumas, especialmente ao trauma do nascimento, Freud sugere no artigo *Análise Terminável e Interminável* (1937), a existência de

uma quantidade pulsional inata, uma espécie de reserva energética da qual o sujeito disporia ao início de sua vida. Essa reserva seria responsável pela atualização de características presentes no patrimônio genético do sujeito-organismo, por meio da ativação de seu programa inato de desenvolvimento, da resistência aos primeiros traumas da existência extra-uterina e da deflagração do contra-investimento contra a pulsão de morte.

As forças de Eros estariam, portanto, relacionadas ao narcisismo primário, não objetual, capaz de manter uma reserva energética a partir da qual a libido fluiria, posteriormente, para os objetos, dando origem ao narcisismo objetual.

Daí, poderemos compreender esse narcisismo como um primeiro estado potencial do psiquismo, que se definiria pela estase da energia libidinal numa unidade biológica anobjetal. Nesse modelo, o acúmulo originário da libido no organismo é que constitui o narcisismo originário. A partir desta perspectiva, Freud descreve em *O Inconsciente* (1915) o narcisismo primário como “carente de objeto”. A referência é uma mônada fechada, narcisicamente auto-suficiente. Nas *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Conferência 26*, Freud chama o narcisismo primário de narcisismo pleno e o define como um primeiro estado de vida, do qual a vida uterina seria o protótipo. O narcisismo primário é anterior à constituição egóica, situando-se no momento em que libido e interesse egóico estão unidos. O organismo seria o armazenador da libido estagnada, possibilitando, a partir daí, a constituição psíquica. Essa estase libidinal seria o suporte necessário para a constituição do ego.

É possível supor que, em um primeiro momento, o esboço do ego se desenvolva por meio das interações entre essa reserva energética - ou o narcisismo primário-, o masoquismo e as vivências proporcionadas pelos cuidados prestados pelo indivíduo auxiliador (a mãe). Dessa interação deriva a organização do narcisismo e as características da relação de objeto, a partir de um ego inicialmente corporal e, depois, por projeção de superfície, psíquico.

Freud oferece indicações que nos permitem supor uma economia biopsíquica determinada por um jogo de forças, em que se equilibram as características do narcisismo primário do sujeito, incluindo suas possibilidades evolutivas, e a ação do ambiente, no sentido de favorecer as possibilidades de desenvolvimento e de inibição das forças da pulsão de morte, das quais o sujeito é portador. O resultado da interação dessas forças determinará a evolução de funções cada vez mais diferenciadas, para, em última instância, atingir o estatuto de estrutura psíquica. Nesse caso, a constituição de um ego-corporal, configurado a partir da interação entre o

narcisismo primário e as características dos cuidados maternos, representa apenas uma etapa prévia no desenvolvimento de um ego psíquico. Dessa formação, provavelmente participam todos mamíferos, o justificaria uma colocação de Freud na qual atribui rudimentos de aparelho psíquico a esses animais.

À evolução individual e a manutenção da vida, por meio da instauração de funções cada vez mais hierarquizadas, vem contrapor-se a tendência inversa, no sentido da ruptura de associações, tendência da pulsão de morte de gerar movimentos que caminham no sentido da desorganização das funções. Tais tendências, representadas pela fusão e desfusão pulsional, parecem constituir um equilíbrio delicado no interior das formações do sujeito, sustentado por um processo econômico que, em seus primórdios, é, essencialmente, psicossomático.

Nos casos em que os cuidados maternos tenham sido inconsistentes ou precários, o ego corporal fica à mercê da pulsão de morte, presente no Isso-ego indiferenciado. Da interação entre o ambiente e as características do ego-corporal - produto do narcisismo primário e das características dos cuidados maternos - é que a pulsão de morte pode ter sua eficácia inibida ou contra-investida.

É da ação do indivíduo auxiliador, de seus cuidados, somada à ação do ambiente e ao patrimônio genético do sujeito que os mecanismos de projeção da agressividade para o exterior serão eficazes ou ficarão reduzidos; no segundo caso, gerando uma sensibilidade particular diante do que pode ser vivenciado como trauma, possibilitando um movimento de invasão no interior do sujeito, em oposição ao movimento de projeção para o exterior. Sem tradução no nível psíquico, devido à prematuridade do sujeito, tal penetração ou efração atingiria o ego corpóreo e seria vivida como a experiência corporal de incremento da sensação de tensão fisiológica, precedendo um possível movimento de desorganização somática, consecutivo a uma descarga econômica.

A intensidade de um movimento dessa natureza nos permite supor o aumento das forças de desfusão pulsional no âmbito da formação do sujeito, que corresponderia ao masoquismo primário. O que nos possibilita supor que o que se desenvolve nos primórdios da vida de qualquer indivíduo, no nível intra-uterino, pode corresponder a um confronto entre forças de fusão contra forças de desfusão, ou narcisismo primário e masoquismo primário.

Ao contrapor as pulsões sexuais e de autoconservação -reunidas em Eros- à pulsão de morte, Freud postula, em *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924), uma fase inicial

em que Eros teria como função neutralizar a pulsão de morte, reinante no interior do organismo, por meio do sistema muscular. Tal sistema opera a neutralização da pulsão de morte mediante a criação de pulsões derivadas – pulsão de destruição, de dominação, dirigidas para o mundo exterior. Entretanto, parte da pulsão de morte, responsável pela repetição do trauma e pela tendência de retorno ao zero absoluto, não é processada desse modo, mas se mantém no interior do organismo, constituindo o masoquismo primitivo. É desse modo que o autor procura explicar porque o princípio do prazer, inerente à pulsão sexual, pode ser perturbado pela pulsão de morte. Esse masoquismo primário corresponde, portanto, a um resíduo, presente no organismo, em que a tendência à autodestruição não pode ser transformada em sadismo, sendo que a relação entre sadismo e masoquismo se apresenta em seus termos mais elementares, em que um é contrapartida do outro.

Em uma etapa primitiva, sadismo e masoquismo são coincidentes; só depois, por influência de Eros, é que o sadismo é orientado para o exterior, por meio da utilização da musculatura, o que implica um momento primário no qual a coincidência entre sadismo e masoquismo corresponderia a uma forma de auto-erotismo. Se o sadismo primário corresponde à fase oral canibalística, conforme supõe Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), a união primordial entre sadismo e masoquismo deve corresponder a um momento anterior a esta, conforme sugere o autor em nota agregada aos *Três Ensaio...*, em 1924¹⁹⁴, um momento caracterizado pelo esforço do sujeito para dominar a própria musculatura. Nessa fase em que o sado-masoquismo primário volta-se para o domínio da musculatura, a meta é a resolução do acúmulo de excitação pela alteração interna, como ocorre, por exemplo, quando da articulação entre deglutição e respiração. Somente durante ou após o choro e gritos, é que o processo excitatório poderá ser cancelado a partir do exterior, quando o indivíduo auxiliador realizar a ação específica.

Como o investimento dos órgãos internos, exercido pela pulsão de auto-conservação, é insuficiente para inibir o processo excitatório, e como o lactente aprende que somente a presença do indivíduo auxiliador pode levar ao cancelamento de tal processo, conclui-se que as pulsões sexuais são inicialmente despertadas a partir de vivências intermediadas pelas pulsões de auto-conservação. Infere-se, a partir daí, que os componentes psíquicos das pulsões sexuais não se constituem desde o começo. A crescente articulação dos componentes incluídos

¹⁹⁴ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) AE, 7, p. 144, n. 28; GW, V, p. 57, n.1.

em Eros se origina no fato de as pulsões sexuais não serem primordiais da mesma forma que o é a pulsão de morte. É a coligação entre as diferentes pulsões sexuais, cujo alvo inicialmente é auto-erótico, que cria um objeto, primeiramente o próprio corpo, para, em seguida, voltar-se para o que é exterior ao ego, sobre o qual dirigir a ação da musculatura.

Na *Conferência 23 – Os caminhos de formação dos sintomas* (1915-16), Freud nos diz que o desprezo pelos objetos do mundo e o conseqüente abandono da relação com a realidade externa, implícito em alguns sintomas psíquicos e nas enfermidades orgânicas, denuncia um retorno ao estágio de auto-erotismo à satisfação primitiva proporcionada pelo investimento libidinal em órgãos e funções do próprio corpo.

Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), afirma que o investimento dos órgãos internos, durante o ato do nascimento, “é um tipo de prelúdio dos investimentos de objeto que logo se iniciará”.¹⁹⁵ Ao descrever a sensação de fome como derivada da acidez que corrói a mucosa gástrica e a sensação de sede da secura da mucosa da garganta, em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915) afirma que, durante a fase inicial do auto-erotismo, a pulsão de auto-conservação tenta neutralizar a tensão ao tomar uma parte do organismo como objeto, embora tal ação implique um modo auto-destrutivo de cancelar o processo de excitação. Isto porque, até que a ação específica ocorra, o sujeito impotente continuará a investir os próprios órgãos, ficando seu organismo à mercê da pulsão de morte. No caso de fome ou sede, por exemplo, só a obtenção do objeto (alimento, água) pode interromper um processo que, em casos extremos, pode desestruturar o organismo complexo, até remetê-lo ao estado inorgânico. Longe do alcance do princípio de realidade e da ação do ego, o objetivo da excitação pulsional é a satisfação imediata: “(...) As pulsões dentro do Isso pressionam por satisfação imediata, a todo custo, mas desse modo não conseguem nada ou ainda provocam um sensível dano”.¹⁹⁶ Eros se esforça para exercer domínio sobre o aumento de tensão endógena, mas o que surge, em um primeiro momento, é a tendência de descarga neutralizadora (ao zero) dos mesmos, com o que a psique fica à mercê da pulsão de morte. Nesse processo de auto-fagocitose, o afeto se desenvolve em decorrência de processos endógenos.

Mas, se presumimos que nas doenças somáticas, o investimento narcísico dos órgãos é concomitante a uma regressão pulsional, ocasionada pela ação da pulsão de morte, é

¹⁹⁵ *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) AE, 20, p. 128; GW, XIV, p. 165.

¹⁹⁶ *Podem os leigos exercer a psicanálise?* (1926) AE, 20, p. 188; GW, XIV, p. 228.

preciso suportar, nesses casos, um desprendimento da pulsão de morte das forças sexuais construtivas de Eros.

Enquanto predominar o narcisismo primário, a interação entre percepção e memória consiste numa projeção, pois implica dirigir o investimento para o concebido como exterior ao ego. Só quando surgir o sobreinvestimento da linguagem como forma de tornar conscientes os pensamentos inconscientes, é que a projeção poderá ser substituída pela transferência intrapsíquica do inconsciente às representações-palavra pré-conscientes. Devido a uma perturbação na distribuição econômica narcísica durante o nascimento, o investimento recai sobre diferentes processos somáticos. Após o nascimento, desses processos emergem as pulsões de auto-conservação, com o auto-erotismo apoiado sobre bases orgânicas.

Como a mescla e combinação entre as duas classes de pulsões obedecem a proporções variáveis, os esforços para ligar a pulsão de morte tornam-se mais eficazes quanto maior a ligação entre os componentes de Eros. Nessa fase, prazer e desprazer se articulam com as variações das tensões de necessidade, correspondentes às pulsões de auto-conservação. Na medida em que alguns órgãos se tornam excitáveis por certos objetos, é que as zonas erógenas passam a se constituir porque passam a ter valor de exigência de trabalho para o aparelho psíquico.

Diante do estado de necessidade, é liberada uma descarga motora que objetiva produzir uma alteração interna no sujeito, por meio do choro ou de uma agitação motora que, no entanto, não alivia a tensão por não eliminar o estímulo. Somente a ação específica é eficaz para esse fim. Em seus primórdios, a vida humana só se torna possível porque o indivíduo auxiliador realiza essa ação, colocando fim aos perigos que poderiam atualizar a angústia de nascimento. Por isso, o perigo representado pelo trauma do nascimento pode ser revivido como angústia sempre que houver ameaça de perda objetal. Opera-se um deslocamento do conteúdo do perigo original para a situação econômica de perda de objeto. É nesse sentido que a ausência da mãe passa a equivaler à situação que representou risco à sobrevivência do sujeito.

O fato da pulsão não possuir objeto sugere a existência de uma eroticidade primordialmente desvinculada de qualquer vivência, ou apoiada em vivências correspondentes a outros processos pulsionais. Em casos marcados pela ausência de um objeto que responda de modo eficaz às demandas pulsionais, o apelo a um prazer masoquista pode representar a opção de Eros para neutralizar a pulsão de morte. Freud parece vislumbrar essa situação quando, em sua

21ª Conferência, Desenvolvimento libidinal e organizações (1916-17), expõe sua dúvida sobre atribuir prazer sexual a todo prazer de órgão, por não saber “se, além do prazer sexual existe outro, que não merece tal nome” e se, ao final se defrontar com “fatores que, por ora, são indefiníveis.”¹⁹⁷.

Diante de uma situação em que os objetos que deveriam fornecer suporte à pulsão e aos investimentos afetivos falham ou são insuficientes, é possível supor que o ego-corporal capitalize o investimento da reserva narcísica originária e, diante da fragilidade da constituição do ego psíquico, opere como defesa diante do caos que ameaça se instaurar quando as primeiras vivências do lactente são pouco suportadas pelo indivíduo auxiliador, ou até vivenciadas com pânico por aquele que, como pára-excitações, deveria nomear, modular e atribuir sentido a tais vivências.

Como a doença orgânica implica a retirada do investimento libidinal do mundo exterior e o reinvestimento da libido em certos órgãos, podemos pensar que, nos casos em que a mãe ou seu equivalente não estabeleceu uma relação suficiente para que o lactente aprendesse a identificar suas sensações corporais e seus estados afetivos, nomeando-os e traduzindo-os em sentimentos, essa parte da libido que permanece desconectada do ego psíquico, sob certas condições, pode atualizar um modo de investimento primitivo, derivado do fato de que, no princípio, certos órgãos endógenos – coração, pulmões, estômago – além de se constituírem fonte pulsional, eram objetos de investimento libidinal auto-erótico e, posteriormente, narcísico.

O investimento em certos órgãos ou sistemas corporais evidencia um modo de funcionamento arcaico, promovido por uma espécie de regressão da energia psíquica a modos primitivos de expressão que privilegiam o ato em detrimento do pensamento.

Entretanto, o próprio pensar inconsciente, como Freud define em *O Eu e o Isso* (1923), é um processo de deslocamento da energia anímica a caminho da ação; se o pensamento inconsciente é aquele que ocorre no interior do Isso, sua conformação deve ser pré-determinada, instintiva. Concebido em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911) como inconsciente em sua origem, dirigido às relações entre impressões de objeto e somente perceptível à consciência por sua ligação com os restos de palavras, o pensamento é a expressão de uma linguagem primitiva, pulsional.

¹⁹⁷ *21ª Conferência: Desenvolvimento libidinal e organizações* (1916-17). AE, 16, p. 296; GW, XI, pp. 336-7

Nesse modo de funcionamento psíquico arcaico devem predominar imagens fugidias, sensações imediatas e um pensar que se organiza a partir de associações perceptivas de semelhança ou contigüidade entre sensações.

O inconsciente é habitado, sobretudo, por traços mnésicos, fragmentos desses traços, imagens ou a combinação delas tendendo a formar uma “cena”, o fantasma inconsciente.¹⁹⁸

Na tessitura dessa “rede” encontra-se o processo primário, cujos fenômenos são descritos por Freud por palavras alemãs que evocam imagens de sensações, próximas do somático. Como observa Hanns (1997), a maioria dos termos como *Lust*, *Drang*, *Reiz*, *Unlust*, *Angst*, se refere a esse “nível” e se expressa por imagens (*Bilder*) proprioceptivas, cinestésicas, visuais, táteis, etc.

O sujeito sente somaticamente o *Drang* como pressão-aperto (*Druck*) e psicicamente como ânsia, como ímpeto por agir em direção a um objeto que lhe permita obter saída ou descarga. Nesse sentido *Drang* tem uma dupla função: é a porta de saída do somático e a porta de entrada no psíquico.¹⁹⁹

Drang se refere a imagens e afetos, é portador do afeto de urgência (próximo à aflição), e também anseia por imagens que representem situações de alívio. Enquanto cada imagem liga-se a um afeto, e cada afeto, enquanto disposição potencial inconsciente, enquanto vivência independente do sistema representacional, é um movimento vegetativo que se realiza, de um modo característico, em uma dimensão bio-psíquica. Nesse momento primitivo o afeto é, como o descreve Freud, um modo pelo qual o Isso adquire a consciência de si, de suas variações quantitativas.

Daí se concluir, que quando a intensidade dos afetos que motivam a atividade cognitiva é grande, o pensamento “atua”, ou seja, é acompanhado de um elevado componente de ação. Essa “atuação” exterioriza, também, o caráter regressivo do movimento do pensar. Em *Totem e Tabú* (1912) Freud havia observado, em relação à filogênese, que, comparado ao

¹⁹⁸ Monzani (1989), p. 250.

¹⁹⁹ Hanns (1999), p. 74.

neurótico (que substitui o ato pelo pensamento), o homem primitivo atua o pensamento. E, parafraseando Goethe, Freud conclui: “No princípio foi o ato”.²⁰⁰

Esse caráter regressivo do pensamento é ricamente ilustrado por Freud em seu artigo *O Inconsciente* (1915), quando, ao estudar as alterações de linguagem presentes na esquizofrenia, o autor refere-se a uma enferma de Tausk que, ao explicitar seus transtornos, dizia: “Os olhos não estão direitos, estão tortos” (*verdrehen*), representando, com essa expressão, a reprovação contra seu amado, que ela considerava um “torcedor de olhos” (*Augenverdrehher* = simulador).

Concordando com Tausk, Freud vê aclarar-se, com este exemplo, o significado e a gênese da formação léxica esquizofrênica: a relação com o órgão (olho) substituiu todo o conteúdo de pensamentos, acrescida de um traço hipocondríaco, tornando-se “linguagem de órgão”.

Em outro momento, a mesma enferma conta que “está na igreja, de repente sente uma sacudida, tem que se colocar de outro modo (*sich anders stellen*), como se alguém a colocasse, como se fosse colocada”, exprimindo, com esse dito, que seu amado, a quem considerava “ordinário”, havia alterado sua posição. Ao “colocar-se de outro modo”, a enferma realiza, através do movimento, a expressão “alterar a posição”.

Freud destaca, com esse exemplo, a prevalência, em toda ligação de pensamento, daquele elemento que tem por conteúdo uma inervação corporal (ou melhor, a sensação desta). No caso de uma paciente histérica, ela teria, no primeiro momento, retorcido convulsivamente os olhos e, no segundo, dramatizado a sacudida, ao invés de sentir o impulso de executá-la ou ter a sensação dele, sem jamais ter tido um pensamento consciente do que executava e muito menos o expressando de formal verbal.

Trata-se de uma linguagem de órgão (*Organsprache*), que difere da linguagem verbal e se apresenta como traço hipocondríaco, já que, na esquizofrenia as palavras, desconectadas das representações-coisa inconscientes, referem-se diretamente às sensações de inervações e de órgãos do corpo, e submetem-se ao “mesmo processo que, a partir dos pensamentos oníricos latentes, cria as imagens do sonho”, ou seja, ao processo psíquico primário.”²⁰¹

²⁰⁰ *Totem e Tabu* (1912-13). AE, 13, p. 162; GW, IX, p.194.

²⁰¹ *O Inconsciente* (1915). AE, 14, p. 196; GW, X, p. 297.

Devido à mobilidade dos investimentos, portanto, tanto as palavras quanto os órgãos do corpo podem se submeter ao processo psíquico primário.

Freud já havia vislumbrado tal possibilidade quando, em relação à paciente Cäcelie M.²⁰², nota que, ao sentir o “espinho no coração”, ou a “bofetada”, a paciente tomava a expressão lingüística em seu sentido literal. Do mesmo modo, considera:

O que poderia ser mais provável do que a expressão “engolir alguma coisa”, aplicada a um ultraje a que não se replicou, dever a sua origem, na verdade, a sensações inervatórias que surgem na garganta quando se deixa de falar, se impede de reagir ao insulto? Todas essas sensações e inervações pertencem a “expressão das emoções”, que, como nos ensinou Darwin (1872), consiste em operações que, originalmente, possuíam um sentido e estavam de acordo a um fim. Por mais que hoje, em sua maior parte, pareça-nos enfraquecidas a ponto de sua expressão lingüística nos parecer apenas um efeito de linguagem, é muito provável que, no passado remoto, elas pudessem ser entendidas em seu sentido literal; assim, a histeria tem razão quando restaura, para suas inervações mais intensas, o sentido original da palavra. E até pode ser incorreto dizer que a histeria cria essas sensações mediante a simbolização, talvez não tenha tomado o uso lingüístico como modelo, senão que se alimenta, junto com ele, de uma fonte comum.²⁰³

Ao identificar que a histeria restabelece para suas inervações mais intensas o significado originário da palavra, voltando a animar as sensações às quais a expressão lingüística deve a sua justificação, conclui que o uso lingüístico não foi tomado como modelo, mas que ele, o uso lingüístico, se alimenta da mesma fonte. Portanto, uma mesma fonte, onde se origina a pulsão, atinge por um lado a consciência como sensação somática, e por outro investe as representações-palavra pré-conscientes que constituem a expressão idiomática, neste caso “ter que engolir” alguma coisa.

Nesse sentido, desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud fala sobre vias de conexão recíprocas que permitem transitar em ambas as direções, a partir de um ponto comum entre o psíquico e o somático:

[...] todas as vias de conexão que chegam até a sexualidade a partir de outras funções tem que poder transitar também na direção inversa. Veja um exemplo: se o fato de a zona dos lábios ser patrimônio comum às duas funções, o fundamento pelo qual a nutrição gera uma satisfação sexual, esse mesmo fator nos permite compreender que a nutrição sofra perturbações quando são perturbadas funções erógenas da zona comum.²⁰⁴

²⁰² *Estudos sobre a Histeria* (1893-5). AE, 2, pp. 192-3; GW, 1, pp. 249-50.

²⁰³ *Estudos sobre a Histeria* (1893-5). AE, 2, p. 193; GW, I, p. 251.

²⁰⁴ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). AE, 7, p.187; GW, V, p. 107.

Em *A perturbação psicogênica da visão* (1910), Freud observa que tanto as pulsões sexuais como as pulsão de auto-conservação do ego têm, à sua disposição, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos. Se um órgão intensifica o seu potencial erógeno, isso não ocorre sem alterações da excitabilidade e da inervação. Nesse artigo, destaca um fenômeno, observado algumas vezes nos quadros histéricos, que ele designa como complacência somática (*somatisches Entgegenkommen*) dos órgãos.²⁰⁵

No caso Dora, narrado em *Fragmentos de análise de um caso de histeria* (1905[1901]), Freud supõe que a complacência somática possa ser fornecida por algum processo, no interior do órgão do corpo ou com ele relacionada. A erotização destaca-se como um dos componentes desse processo, tendo em vista a influência que o feixe de inervação inconsciente de um afeto normal pode exercer sobre a função fisiológica.

Em carta dirigida a Abraham, citada por James Strachey em nota de rodapé (nota 33) nesse mesmo texto, Freud afirma que:

Há caminhos de natureza desconhecida, através dos quais os processos sexuais exercem um efeito sobre a digestão, a hematopoiése, etc. As influências perturbadoras provenientes da sexualidade percorrem esses caminhos...²⁰⁶

Nesses caminhos Freud supõe que a erotização possa perturbar a função fisiológica que pertence ao feixe de inervação inconsciente de um afeto normal, o que nos leva à hipótese de que, além dos caminhos conhecidos de manifestação da energia – sensações somáticas e investimentos das representações pré-conscientes–, o afeto, privado de seu matiz, enquanto *quantum* energético se descarrega de modo totalmente inconsciente e, nesse processo, altera funções e até estruturas orgânicas.

Daí o fenômeno somático poder ser pensado como resultado da ação de uma corrente excitatória que, impossibilitada de conectar-se às representações-palavra, ou ao aspecto qualitativo do afeto, caminha regressivamente em direção ao soma, ou ao suporte biológico do qual o ego primitivo emergiu.

²⁰⁵ *A perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise* (1910). AE, 11, p. 216; GW, XIII, pp. 215-16.

²⁰⁶ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). AE, 7, p.188. Nota ausente da edição por nós utilizada das Gesammelte Werke.

Mas, se a repressão incide sobre o afeto, destituindo-lhe da qualidade que lhe permitiria tornar-se consciente, a descarga somática exerce um papel defensivo, provavelmente contra a instalação de um estado afetivo insuportável. Assim, diante da exacerbação de uma depressão, por exemplo, o inconsciente pode procurar o equilíbrio mediante um simples resfriado.

Freud cita exemplos em que a sintomatologia neurótica e as somatizações convivem lado a lado. Em sua *32ª Conferência - Angústia e vida pulsional* (1932), ele fornece um exemplo clínico onde um complexo de sintomas neuróticos é substituído por um sofrimento físico no decorrer da análise; primeiramente são acidentes, os quais, não podendo ser tomados como causais, deram lugar a uma série de indisposições - resfriados, amigdalites, estados gripais, afecções reumáticas. Esse exemplo é fornecido por Freud no momento da conferência onde versa sobre auto-destrutividade. Nos *Estudos sobre a Histeria* (1893), Freud registra, além dos sintomas neuróticos, a presença de “algo” que se “intrometia na conversa”. Em seus comentários sobre o caso Anna O. (Breuer, 1895), observa que, além do discurso verbal referir-se a órgãos e suas funções, os próprios órgãos podem *interferir na conversa (Mitsprechens)* sempre que se tenha aproximado da organização patológica que contém a etiologia desse sintoma, e este, então, acompanha o trabalho com umas oscilações características e instrutivas para o médico.²⁰⁷

Ao relatar o caso de Elisabeth von R., Freud destaca, em relação à paciente, que “as pernas doloridas começaram a interferir (intrometer-se) no trabalho”. Se ele, “mediante uma pergunta ou pressão sobre a cabeça, evocava uma recordação, primeiro se insinuava uma sensação dolorosa”. Essa sensação persistia e alcançava o apogeu quando a paciente estava em vias de declarar o essencial e decisivo de sua comunicação, e desaparecia com as últimas palavras que pronunciava. Freud começou a usar “como bússola esta dor”, de tal modo que, enquanto as dores persistissem, “sabia que ela não havia dito tudo”, instando a enferma a continuar sua narrativa, até que a dor “fosse removida pela palavra” (*wegsprechen*).²⁰⁸

Semelhante exemplo nos é fornecido por Ferenczi, quando um de seus pacientes passara a coxear por conta do dedo do meio de um dos pés, que se tornara flácido, de modo que era obrigado a prestar muita atenção aos seus passos. O paciente, cuja língua era o inglês, exprimia, através desse comportamento, um ditado que ele mesmo citou quando da interpretação

²⁰⁷ *Estudos sobre a Histeria* (1893-95). AE, 2, p. 301; GW, I, p. 301.

²⁰⁸ *Ibid.* AE, 2, p. 163; GW, I, p. 212.

de Ferenczi: “Talvez você queira dizer que ilustro simplesmente a expressão inglesa: *Watch your step*”²⁰⁹ (“Olhe por onde anda”).

Evidencia-se, portanto, um estado no qual o fluxo de quantidade que empreende um caminho regressivo pode atingir níveis muito mais arcaicos de regulação de quantidade. Nesse nível, o sujeito pode ficar sob a influência de afetos e imagens não ordenadas, que, por estarem desligadas das representações-palavra, podem irromper com facilidade sob a forma de ato.

De acordo com Ferenczi (1931), esse nível de funcionamento pode ser observado quando, ao desmoronamento da “superestrutura intelectual”, seguir-se a emergência brutal da infra-estrutura, que se apresenta sempre de forma primitiva e intensamente emocional, por refletir as reações da criança pequena ao desprazer, que são sempre de natureza corporal.

O que não é dito permanece, portanto, à margem do pré-consciente, de forma que a preferência por caminhos que levam a somatização pode ser entendida como uma insuficiência ou falha na ligação entre a sensação e as representações-palavra do pré-consciente, mas com a ressalva de que as facilitações “escavadas” no soma, por variarem de acordo com as suas ramificações e conexões, só promovem totalmente a substituição da sintomatologia neurótica quando o seu amplo espectro for percorrido.

O reconhecimento de uma sensação, pelo sujeito, conduz à percepção, da qual participa o pré-consciente, ao realizar a ligação entre a sensação e os registros mnêmicos pré-existentes. Dessa ligação no pré-consciente deriva associações que estabelecem nexos com cadeias associativas próprias do pensamento pré-consciente. Se o impacto da realidade desencadeia uma sensação de tal magnitude que a etapa que leva da sensação à percepção não pode ser cumprida, a descarga torna-se imediata, e se faz pela musculatura estriada, desencadeando movimentos automáticos.

Segundo Dejours (1988), graças à sensibilidade do Inconsciente, o sujeito sente situações que representam ameaças, e, intuitivamente, as evita; porém, essa mesma sensibilidade representa uma região de fragilidade na constituição psíquica do sujeito. Tanto o pré-consciente, como o consciente, desempenha um papel protetor em relação ao excesso de excitação ou ao traumatismo. A evidência desse papel encontra-se nos resíduos traumáticos, que enquanto permanecem desligados das representações-palavra, não podem ser esquecidos, retornando

²⁰⁹ Ferenczi (1931 / 1992), p. 80-81

sempre que uma associação insignificante acesse esse resíduo, fazendo com que retorne em estado bruto, em forma de pesadelos, alucinações; ou, no caso de indisponibilidade ou insuficiência de investimento em ligações pré-conscientes válidas para conter determinado estado afetivo, em forma de desorganização do funcionamento somático.

Quando o impacto de uma situação real é intenso o suficiente para ameaçar de desestruturação a organização do aparelho psíquico, e quando a esse impacto somar-se a impossibilidade do sujeito subtrair-se à fonte excitatória mediante a fuga, a única via possível de evacuar a excitação não ligada pelo pré-consciente pode ser a descarga em forma de atuação. Henry Ey²¹⁰ (1977 / 1998) enfatiza a brutalidade e a subtaneidade da manifestação agressiva na atuação, e a compara a uma explosão, a um curto-circuito. O caráter elementar da ação, que brota diretamente da pulsão, aliado a uma frieza aparente, denotam uma afetividade paralisada em uma posição primitiva, e uma angústia terrificante que deve ser evitada a qualquer custo. Sem possibilidade de elaboração diante da emergência da pulsão, o ato toma o lugar da palavra e a descarga exterior dirige-se à destruição da fonte excitatória da percepção. Ey sugere uma afinidade entre a dinâmica desse funcionamento primitivo, observável, de modo geral, nos psicopatas, e a dinâmica subjacente ao funcionamento daqueles que privilegiam a descarga por vias somáticas. Em Green (1999) encontramos analogia semelhante. Este autor afirma que a crise psicossomática representa uma atuação (no sentido de um *acting "out"*), cujo objetivo é a expulsão do afeto intruso da realidade psíquica. Para Green, do mesmo modo que a realidade social é sobre-investida em detrimento da realidade psíquica na psicopatia, o corpo é sobre-investido em detrimento da realidade psíquica, na psicossomática.

Nesse sentido, podemos entender que a descarga somática, fruto da repressão da afetividade, pressupõe uma hostilidade ou agressividade acumulada e sem expressão, que se manifesta, de modo geral, em respostas arcaicas (fruto de relações arcaicas, de tipo fusional com o objeto), cujo suporte é o sistema neuro-endócrino-visceral.

Na tentativa de identificar os determinantes que direcionam a atuação contra o objeto externo e contra o próprio corpo, encontramos uma conjugação entre o potencial quantitativo da fonte excitatória, o estado interior do sujeito para desencadear a seqüência de movimentos capazes de proporcionar a descarga, e a relação que o sujeito previamente

²¹⁰ Henry Ey (1900-1977), psiquiatra e psicanalista francês, cuja abordagem, intitulada “organodinamismo” compreende a idéia de que a oposição entre soma e psique, ou entre psicogênese e organogênese, não passa de uma questão de heurística.

estabeleceu com a realidade e com a fonte excitatória. Com base nesses fatores, a descarga pode encontrar duas saídas: (1) atualizar-se contra o objeto, causando sua destruição; (2) sofrer uma inibição, o que direcionaria a agressividade contra a própria construção perceptiva, reduzindo o complexo perceptual a excitações indiferenciadas, cuja descarga encontra uma só via: o soma.

Esta segunda opção – que é a que parece estar em jogo no caso das doenças psicossomáticas - na prática implica o não reconhecimento, por parte do sujeito, de uma experiência afetiva intensa, provavelmente de caráter traumático; impedida de elaboração psíquica, à excitação só resta a descarga no soma pela via neuro-endócrino-visceral (ativação do eixo hipotálamo-visceral e do sistema nervoso autônomo).

Tal via de descarga, cuja base é o ato, e não a palavra pode ser remetida às reações mais primitivas de nossa espécie. Como observa Freud em *Moisés e o Monoteísmo* (1938), se os instintos dos animais lhes permitem comportar-se de modo eficaz na nova situação vital como se ela fosse antiga, o mesmo se dá com o animal humano. Se a ontogênese falha em equipar o indivíduo com reações mais condizentes ao enfrentamento de situações-limite da realidade, a filogênese dispõe de automatismos endógenos, que, enquanto sistemas impressionantemente autônomos, atingidos apenas de modo indireto pela influência do contexto, provêm o animal humano de reações minimamente indispensáveis a sua sobrevivência.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), ao observar na criança uma tendência destrutiva muito precoce, visando à destruição do objeto, Freud identifica uma hostilidade primária, não redutível à inversão do amor, o que lhe permite concluir pela anterioridade do ódio em relação ao amor. Essa anterioridade, primária, coincide com outra: as das pulsões de autoconservação em relação as pulsões sexuais. O enlace entre ódio e pulsões de autoconservação torna a sua exteriorização problemática. Se partirmos da premissa de que as pulsões de autoconservação se originam dos instintos de conservação da espécie – dos quais o ser humano se emancipou por meio da linguagem – nada impede que, diante de uma situação extrema, na qual os investimentos de representações-palavra do pré-consciente falharem, os comportamentos inatos de conservação da espécie sejam ativados novamente. Uma coincidência entre a pulsão, a vivência e os instintos de conservação - dotados de agressividade natural – pode emergir pela “brecha” aberta pelo pré-consciente e se dirigir contra o objeto. Entretanto, devido à complexidade do humano, de sua inserção no mundo da cultura, a agressividade natural, inerente aos instintos de conservação da espécie, ou ao núcleo masoquista primário, ao ser impedida de se

atualizar contra o objeto, “atua” no sentido de desorganizar e desintegrar o funcionamento do aparelho psíquico, ou, se este estiver suficientemente protegido pela clivagem do ego²¹¹ (quando ambos os setores do ego coexistem lado a lado), desestruturar o funcionamento somático.

Para Ferenczi (1932), lutos impossíveis, perdas não reconhecidas, violências inconfessadas, delegam uma espécie de vida autônoma a certos fragmentos psíquicos desinseridos, que, ora exteriorizados, são “retrojitados” (*retrojiziert*)²¹². Segundo o autor, o que resta à emoção quando nenhuma descarga psíquica sobre o objeto é possível, é permanecer no corpo, em forma de tensão, buscando descarga sobre objetos deslocados, geralmente os próprios órgãos e sistemas do corpo. O “acúmulo dos processos de dissolução” (possibilitado pela desconexão da qualidade de dor-desprazer consciente, e por uma adaptação a um estado de semidissolução) implicados em uma descarga desse tipo inibe, ao menos temporariamente, uma dissolução total,²¹³ ao menos enquanto as forças somáticas do sujeito não chegarem à completa exaustão.

Como os processos afetivos não são redutíveis nem ao psíquico e nem ao somático, a expulsão da consciência da representação carregada de afeto justifica, por si só, a insistência de Groddeck de que cabe à psicanálise buscar o sentido implícito às afecções orgânicas, tanto quanto o faz com as neuroses. Entretanto, na medida em que o sentido equipara-se ao significado, originado exclusivamente da conexão com as representações-palavra pré-conscientes, resta pouca margem para se pensar os fenômenos orgânicos sob esse prisma. Mas, esta seria a posição de Freud?

Ao examinar a questão do simbolismo onírico, em sua *10ª Conferência* (1915-6), Freud fala de um modo de expressão antigo, hoje desaparecido, do qual em diversos âmbitos se conservam diferentes coisas, e o associa à suposição fantástica de Schreber de que existiria uma *linguagem fundamental* que teria deixado como resquício todas as referências simbólicas.

²¹¹ Em *Neurose e Psicose* (1924) Freud introduz a noção de clivagem do ego, por meio da qual o ego tem a possibilidade de evitar a ruptura deformando-se a si mesmo, consentindo usurpações em sua unidade, ou até efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio. [In: *Neurose e Psicose* (1924). AE, 19, p. 158; GW, XIII, p. 391.] No contexto da perversão, em *O Fetichismo* (1927), encontramos um sujeito que pode funcionar segundo dois modos diferentes, que se ignoram mutuamente: há, no ego, um setor psíquico que funciona de acordo com a castração e a realidade, e outro que funciona de acordo com a renegação da castração e protegido da realidade. Respondem pelo conflito duas reações contrárias, ambas eficazes: uma com a ajuda da negação rechaça a realidade e não se submete a lei, e outra, que reconhece o perigo da realidade objetiva. Desse modo, cada parte em disputa consegue ganhar a sua parte: a pulsão permite reter a satisfação e realidade objetiva ganha a devida consideração. [In: *A divisão do ego no processo defensivo* (1938) AE, 23, p. 275; GW, XVII, pp. 59-60].

²¹² Sabourin, Pierre. Posfácio. In: Ferenczi, S. (1932 / 1990), p. 271-72.

²¹³ Ferenczi, S. (1932 / 1990), p. 177.

No artigo de 1913, *O interesse pela psicanálise*, o autor afirma que o inconsciente “fala mais do que um dialeto”, retomando, assim, a idéia de uma linguagem que, utilizando os recursos da figuração que se observa nos sonhos, expressa um significado por diferentes meios.

A linguagem do sonho, pode-se dizer, é o modo de expressão da atividade anímica inconsciente. Mas o inconsciente fala mais do que um dialeto.²¹⁴

Se tanto a histeria como a afecção orgânica e a linguagem de órgão (típica de determinada fase da esquizofrenia), referem-se a fenômenos corporais arcaicos, como conseqüência de uma regressão do erotismo a um período em que os órgãos serviam unicamente às funções do ego²¹⁵, podemos supor que, assim como os sonhos, através e por meio dos fenômenos corporais, o inconsciente também *fala*.

Mas, diferentemente da fala esquizofrênica, em que o sujeito, ao desinvestir as representações-coisa inconscientes e investir as representações-palavra, permite, nesse processo, que as sensações somáticas alcancem a consciência, e da histeria, em que as *sensações* somáticas, como descargas atuais derivadas de feixes inconscientes de inervação dos afetos, atingem a consciência sem estarem unidas às representações-palavra, as *alterações somáticas* que atingem o funcionamento ou a estrutura do corpo são produzidas quando a descarga dos investimentos pulsionais se realiza de modo totalmente inconsciente.

A concepção de Ferenczi dos transtornos somáticos nos fornece elementos suficientes para chegarmos a essa conclusão. Em nota datada de 25 de setembro de 1932, este autor supõe que a doença orgânica surge quando a “química do corpo exprime pensamentos e emoções inconscientes, em vez de ocupar-se de sua própria integridade”.²¹⁶ Segundo este autor, se essas emoções e impulsos forem destrutivos, estes utilizam o seu próprio meio expressão para se transformar em autodestruição.

Nessa mesma nota, Ferenczi supõe que, nessas situações, o processo de repressão desloca as funções do ego - que deveriam se expressar pelo sistema cérebro-espinhal - para o sistema endócrino. Como conseqüência,

²¹⁴ *O interesse pela psicanálise* (1913). AE, 13, p.180; GW, VIII, p. 405.

²¹⁵ Ferenczi (1932), p. 36.

²¹⁶ Ferenczi (1932 / 1992), p. 263.

o corpo começa a pensar, a falar, a querer, a agir, em vez de efetuar simplesmente as funções do ego (cérebro-espinal)²¹⁷.

Assim sendo, é nas doenças somáticas a repressão cumpre sua meta genuína: a sufocação do desenvolvimento afetivo (*O inconsciente*, 1915), pois, enquanto na histeria e na psicose a percepção das alterações somáticas pode substituir as palavras ou se tornar a referência imediata destas, respectivamente, nos fenômenos de somatização, a alteração não é percebida. Se na neurose e na psicose o afeto é registrado, o mesmo não se dá com a doença somática; como nesta o significado afetivo de determinado processo permanece inconsciente, o sujeito não registrará um afeto durante o processo de descarga, mas somente uma afecção somática.

Para Groddeck, a perda de sentido nas doenças somáticas não representa uma deficiência na ligação com as representações-palavra. Assim como Jung supõe que o símbolo, ao perder sua força simbólica, torna-se mero sinal, Groddeck supõe que o sentido de uma afecção orgânica esteja perdido exatamente pelo excesso de ligação com representações-palavra destituídas de valor simbólico.

Como o Isso é a fonte de onde emanam os símbolos e seus significados, a perda de sentido é pensada proporcionalmente à distância do sujeito em relação ao seu próprio Isso. A evolução do complexo universo simbólico humano, que instaurou uma enorme distância entre o referente e o símbolo que o representa, levou a consciência a perder a vinculação natural entre ambos. Mas o vínculo permanece inconsciente, e é sobre essa convicção que Groddeck alicerça o seu trabalho.

Apesar da dificuldade relacional entre Freud e ele²¹⁸, Freud não deixa de reconhecer a aplicabilidade que Groddeck faz da psicanálise às doenças orgânicas. Pouco depois da publicação de *O livro d'Isso*, Freud confessa a Oskar Pfister:

Para quatro quintos dos casos, Groddeck tem, certamente, razão em atribuir ao *Isso* as doenças orgânicas e pode ser que esteja no caminho certo também para o último quinto que resta.²¹⁹

²¹⁷ *Idem*.

²¹⁸ Na correspondência entre os autores, nota-se a ambivalência com que Freud recebia as inovações de Groddeck. Além das dificuldades inerentes à relação entre ambos (pois, segundo Schacht, 1977, apesar de Groddeck considerar-se discípulo de Freud, ele não fazia a sua parte) a importância atribuída por Groddeck aos símbolos – fundamentais a compreensão das desordens somáticas – e também aos mitos, estaria evocando em Freud a lembrança das idéias de Jung, com quem travou uma intensa relação, rompida por questões dificilmente justificáveis apenas por seus aspectos racionais?

²¹⁹ **Groddeck. *Correspondence with Sigmund Freud***. Nota do Editor n. 79. In: *The meaning of illness*, p.106

Sem pretender reduzir o significado das afecções somáticas a este ou àquele aspecto da psique, e dono de um pensamento vigoroso e original, Groddeck incita-nos a acompanhá-lo em uma viagem para além da palavra e da dicotomia soma/psique. Viagem essa que, ao ser empreendida por ele, custou-lhe a hostilidade de grande parte da comunidade psicanalítica, entremeada por períodos de longos silêncios por parte do mestre, com quem se manteve vinculado até sua morte, apesar das crescentes divergências.

Ao considerarmos a obra de Groddeck e sua correspondência com Freud, percebemos que, onde a psicanálise pára, onde a falta de ligação com a palavra torna ineficaz a ação do psicanalista diante do sofrimento orgânico, Groddeck começa. Seu *Isso*, fonte do simbólico, se expressa na doença, na saúde, e em todas as coisas do mundo. O papel do terapeuta é auxiliar o paciente a se aproximar do sentido oculto em seu sintoma, a decifrá-lo, para que, ao se reconhecer por meio dele, ele possa integrá-lo à totalidade de sua vida.

Groddeck nos guia a um mundo de sombras e luz, lugar de mistério, de poderes divinos e infernais, onde “anjos e demônios, nele, estão lado a lado”.²²⁰

3.2 Nem soma, nem psique

Quando inicia sua correspondência com Freud, em 1917, Georg Groddeck já havia publicado uma série de artigos sobre doenças orgânicas²²¹. Nesse mesmo ano publica *Determinações psíquicas e tratamento psicanalítico das afecções orgânicas*. Em contato com a psicanálise desde 1913, nesse meio tempo veio a descobrir, por si próprio, a importância dos símbolos e do inconsciente – o que chamou de *Isso*, tanto na determinação de doenças psíquicas como nas orgânicas. Em sua primeira carta a Freud, Groddeck refere ter descoberto a psicanálise por meio das afecções orgânicas.

²²⁰ Groddeck (1923). *O livro d'Isso* (1984), p. 28; *Das Buch vom Es* (1926), p. 34.

²²¹ Em um de seus trabalhos anteriores, *Nasamecu* (abreviatura da expressão latina *Natura sanat, medicus curat*) - publicado em 1913, Groddeck expressa sua crítica à psicanálise. Apesar disso, esse livro é considerado pelos críticos como o trabalho que marca a transição entre a antiga escola de seu professor Schweninger e a psicanálise.

Como meio de expressão do Isso inconsciente, a doença possui múltiplas determinações. Ela pode desempenhar o papel de defesa e externalizar reações como a febre, a inflamação, a diarreia. Ela pode surgir como um meio necessário para que o organismo mantenha seu equilíbrio; neste sentido, Groddeck nos fornece um exemplo a partir do resfriado comum. Que é o resfriado senão uma tentativa de cura, de recuperação do equilíbrio perdido, por meio de um esforço do organismo para livrar as mucosas de substâncias nocivas?

Como, para Groddeck, saúde e doença não são mutuamente excludentes, a doença também pode ser reconhecida em sua dimensão positiva, como um meio de proteção. “O Isso do ser humano se distende, leva-o ao cansaço e à fadiga, e, em parte para desculpá-lo do fracasso, em parte para ganhar tempo e reunir novas forças, faz com que ele fique doente”.²²² Os sintomas, os mecanismos de defesa, a resistência também refletem tentativas de superar obstáculos, de construir significados e oferecer opções potenciais para o futuro. Muitas vezes a doença surge como um mal menor para se evitar um mal maior; o surgimento de uma afecção respiratória, por exemplo, pode evitar ou amenizar uma conseqüente depressão em alguém desamparado pela dor de uma perda impossível de ser elaborada²²³. Outras vezes, porém, a doença pode levar à morte, quando esta se tornar mais atrativa do que a vida.

Para Groddeck, organismo e psiquismo são apenas denominações utilizadas para delimitar certas singularidades da vida; em si, ambos são a mesma coisa. O mesmo se aplica às doenças orgânicas, funcionais ou psíquicas.

O Isso escolhe, de modo despótico, o tipo de doença que quer provocar e não leva em conta nossa terminologia (...) para o Isso não há diferença alguma entre o organismo e o psiquismo.²²⁴

Se todas as doenças provêm do inconsciente, não há o menor sentido em demarcar o território do psíquico ou somático, nem há sentido na expressão psicogênese, pois todas as doenças são, concomitantemente, psicogênicas e fisiogênicas. A única justificativa para a expressão “estados nervosos”, segundo o autor, é a ignorância sobre a qual se alicerça a medicina, que ainda não conseguiu estabelecer nexos satisfatórios entre processos químicos, fisiológicos, biológicos, e nervosos.

²²² Groddeck (1917). *Estudos psicanalíticos sobre psicossomática*, p.12.

²²³ Henry Ey comenta, em relação ao asmático: este não chora, tem uma crise de asma. In: Ey (1998), p. 1040.

²²⁴ Groddeck (1923). *O livro d’Isso* (1986), p. 111-12; *Das Buch vom Es* (1926), p. 139.

É o Isso inconsciente, e não a razão, que cria as doenças. Em consonância com as concepções atuais de alguns imunologistas, Groddeck afirma que as doenças não provêm do exterior, como se fossem inimigos, mas são criações do Isso. Mesmo quando a eclosão da doença é determinada por fatores externos, como vírus e bactérias, Groddeck sustenta que a invasão do organismo só se torna possível porque o Isso não só expôs o organismo à ação desses agentes externos, como permitiu a interação com eles. Mais uma vez, o paralelo com as descrições atuais da ação do sistema imunológico surpreende.

O Isso é capaz de realizações químicas complexas, determinação de movimentos, divisão, arranjo e rearranjo dos átomos, tudo com sentido, em uma concatenação complexa de procedimentos altamente coordenados. Mantém regularidade matemática em suas proporções, opera com grandezas que compreendem do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, realiza cálculos complexos, cria a partir de si instrumentos vivos precisos, trabalha com segurança infalível a partir de conhecimentos exatos. Forma tecidos, órgãos, baseado em conhecimentos anatômicos e fisiológicos; sabe que lugar e função atribuir a cada célula e órgão. O Isso é a matriz que a tudo dá forma e configuração. O Isso possui o conhecimento que a razão em vão procura apreender.

Para Groddeck, a razão jamais poderá expressar conceitualmente a grandeza incomensurável do que denomina Isso, já que o Isso, como a tudo o mais, a antecede. Em suas palavras:

[o Isso] ri escondido. Porque ele sabe: este órgão (o cérebro), que eu criei por minha reflexão, imaginará logo poder refletir sozinho, independentemente; entretanto, ele não passa de um instrumento, uma espécie de brinquedo que eu, o Isso, criei para mim.²²⁵

Herdeiro do Deus-Natureza de Goethe, o Isso é uma totalidade, que pode manifestar-se por meio do inconsciente ou do consciente, do corpo ou da psique, do psicológico ou do fisiológico.

É a partir de um recorte dessa totalidade, que Freud constrói seu conceito de Isso. Porém, a distância entre este e o conceito original parece ser tão acentuada, que Groddeck não reconhece no Isso freudiano o *seu* Isso. No início de um de seus artigos, ***O trabalho do sonho e do sintoma orgânico***, ele adverte:

²²⁵ *La maladie, l'art et le symbole*, p. 96; Citado em D'Épinay (1988) p 143, n 7.

Em seu livro, *O Eu e o Isso (Das Ich und das Es)*, Freud me concedeu a honra de me indicar como sendo a primeira pessoa a empregar a expressão Isso (*das Es*) e afirmar que iria assumi-la. É verdade, mas só que o conceito de Isso, como eu o utilizava para as minhas finalidades, não servia para Freud e, conseqüentemente, ele o transformou em outra coisa diferente do que eu concebi.²²⁶

Segundo o autor, Freud teria conformado o Isso a uma instância do aparelho psíquico, e, dessa forma, realizado uma “domesticação” inconcebível. É com uma visível irritação em relação a Freud que, em 15 de maio de 1923, Groddeck escreve à esposa:

[...] seu Isso é de uso limitado somente para a compreensão das neuroses. Ele arrisca-se de um modo muito furtivo no reino das doenças orgânicas, com a ajuda de um instinto de morte ou pulsão de destruição, tomadas de Stekel ou de Spielrein. Ele desconsidera o aspecto construtivo de meu Isso, presumivelmente para contrabandear-lo em uma próxima oportunidade.²²⁷

Para Groddeck, o Isso nunca poderá ser totalmente apreendido como conceito, por ser a própria matriz da qual emana toda a existência somato-psíquica.

É o Isso que constrói o corpo, que dota a sua criação de nariz, boca, músculos, ossos, cérebro, faz com que esses órgãos funcionem e entrem em atividade já antes do nascimento, e impele o ser que está surgindo a ações convenientes, antes de completar-se o desenvolvimento de seu cérebro.²²⁸

Para o autor, a realidade, em si mesma, não é física nem psíquica, de modo que somático e psíquico só podem ser pensados como atributos por meio dos quais o inconsciente, o Isso incognoscível, é percebido pela consciência. Por isso, quando Freud evoca essa potência incomensurável para dar conta do pólo pulsional do aparelho, acreditando poder proceder à sua “domesticação” ao encaixá-la em um sistema regido pela lógica dicotômica entre soma e psique, ele subestima o aspecto simbólico e inominável implícito nesse conceito.

Para Groddeck, o Isso é o poder que comanda toda a vida do ser humano, cuja maior parte é inacessível.

²²⁶ Groddeck (1926 / 1992), p. 161.

²²⁷ Groddeck (1977), p. 13.

²²⁸ Groddeck (1920 / 1992), p. 30.

[...] nosso cérebro e, com ele, nossa razão são uma criação do Isso... O Isso do ser humano “pensa” antes do cérebro existir; pensa sem cérebro, ele constrói o cérebro.²²⁹

O Isso desconhece o tempo das coisas, ele é a nossa própria vida. “O ser humano é vivido pelo Isso”, diria. Ele está em constante movimento, fluindo, refluindo, rejeitando para a superfície ora um pedaço do mundo, ora aquele. O Isso também pode rejeitar conteúdos. Nesse sentido, Groddeck aborda a repressão como um processo normal, existente em todos os organismos, e que, ao incidir sobre um conteúdo psíquico, desencadeia uma cascata de reações orgânicas.

Como parte do funcionamento normal, Groddeck concebe a repressão a partir de um raciocínio muito simples: ao sermos capazes de ver, ouvir, cheirar, provar, tocar, é porque fomos capazes de reprimir um enorme contingente de estímulos que chegam aos sentidos, selecionando apenas pequenas frações deles.

Como o ato de pensar está intimamente associado a todo o funcionamento orgânico, ao esforço de repressão de um pensamento segue-se uma contração dos músculos abdominais, e de outros grupos musculares, resultando em uma perturbação na circulação sanguínea. Através do grande simpático, outros setores do organismo são afetados, começando pelos mais próximos do abdômen: estômago, intestinos, fígado, coração, órgãos respiratórios. Tal perturbação, por menor que seja, desencadeia toda uma série de processos químicos. Dada a frequência do processo de repressão, e dependendo da intensidade e duração da tensão, tem-se uma noção das relações entre esses dois modos de expressão (psíquico ou orgânico) Por isso, diz não se surpreender com o fato de que a repressão – ou qualquer outra fenômeno psíquico, provocar problemas orgânicos.²³⁰

Entretanto, a produção de manifestações somáticas não está restrita ao mecanismo de repressão, embora o autor lhe atribua um papel de destaque como desencadeador de enfermidades.

Para Groddeck, cada órgão, cada célula, pode funcionar tanto de modo autônomo como pode influenciar o resto do organismo. Os órgãos são constituídos por uma coletividade de células, sendo que cada uma delas carrega em si diferentes potencialidades. Como a fecundação do óvulo resulta da fusão de duas células – feminina e masculina, o autor supõe uma

²²⁹ Groddeck (1923). *O livro d’Isso* (1986), p.209; *Das Buch vom Es* (1926), p. 267.

²³⁰ Groddeck (1923). *O livro d’Isso* (1986), p.115; *Das Buch vom Es* (1926), p. 145.

bissexualidade fundamental, na medida em que todas as células provenientes do óvulo fecundado conservam suas potencialidades masculina e feminina.

Entretanto, já em sua origem, o Isso contém duas unidades-Isso: uma unidade feminina e outra masculina, que co-existem, mas não se confundem. Cada uma dessas unidades-Isso, por sua vez, carrega em si uma miríade de outras unidades-Isso, que remontam ao início da vida. Em cada óvulo fecundado, existe um Isso capaz de empreender sua divisão e subdivisões em milhares de células, de dar-lhes aspectos e funções variadas, de conjugá-las em ossos, cérebro, olhos, pele, etc. Assim como as células, o Isso também se divide, e cada uma das células carrega em si suas possibilidades de vida, independente da subdivisão. Mas, o que é mais desconcertante para o pensamento racional é que o Isso, ao mesmo tempo em que se divide, continua indivisível entre as duas células, ligando uma a outra. Assim, Groddeck irá admitir que, além do Isso individual de cada um, existe um número incalculável de seres-Isso fazendo parte de cada célula, cada um com seu aspecto masculino e feminino, além dos seres-Isso da cadeia ancestral.²³¹

No decorrer da evolução, as células se unem para formar todo tipo de tecido - epiteliais, conjuntivos, substância nervosa, etc. E cada uma dessas formações abriga um novo *Isso* individual, que exerce uma ação sobre o Isso-coletivo, sobre as unidades-Isso das células e sobre os outros tecidos, ao mesmo tempo em que lhes atribui a tarefa de se dirigirem por si mesmas nas manifestações da vida. Novas formas-Isso se apresentam agrupadas, sob o aspecto de órgãos: baço, fígado, coração, rins, osso, músculo, cérebro, medula. E outras forças-Isso se comprimem dentro do sistema de órgãos. Seria mesmo possível dizer que formam também falsos Issos levando uma misteriosa existência, embora sobre eles só se possa dizer que são aparência e nome, e nada mais.²³²

Ao Isso se opõe o eu, uma forma constantemente mutante através da qual o Isso se manifesta, cujo sentimento é uma artimanha do Isso para desorientar o ser humano no que diz respeito ao conhecimento de si mesmo. Groddeck estende a noção de eu às próprias células. Ressaltando que o eu das células e órgãos não é o mesmo eu que se opõe ao Isso, mas sim seu produto, como o são os gestos ou o som, os movimentos, o pensamento, o construir, a

²³¹ Groddeck (1923) *O livro d'Isso* (1986), p.208; *Das Buch vom Es* (1926), pp. 265-66.

²³² Groddeck (1923). *O livro d'Isso* (1986), p.209; *Das Buch vom Es* (1926), p. 266.

bipedestração, a saúde, a doença, o talento, os atos e, sobretudo, a percepção. Na verdade, o eu pode ser entendido como mais um dos símbolos do Isso.

O posicionamento de Groddeck desafia a psicanálise a buscar o significado oculto na doença orgânica, ao invés de se restringir ao tratamento das neuroses.

Em 27 de maio de 1923, inconformado, ele dirige uma dura carta a Freud, como resposta à publicação de *O Eu e o Isso* (1923). Nesta, o autor compara-se a um arado, e Freud, ao camponês que o manipula:

Ele (o arado) ainda não entende porque o fazendeiro insiste em arar primeiro o solo pedregoso; o arado não gosta de entrar no solo do Ego, onde a distinção entre psicológico e físico é demais pronunciada. (...) Eu tenho a impressão de que, por alguma razão, o fazendeiro permanece na região da assim chamada psique, pelo menos por enquanto, e talvez possa arruinar um sem número de arados sem produzir uma grande colheita.²³³

Nesta carta, Groddeck confessa ter interrompido um artigo por causa da angústia do “arado”, que não sabe quais são as intenções do “fazendeiro”. Em seguida, utilizando mais uma metáfora, diz: “eu temo que o solo destrua as sementes e permita o crescimento de ervas daninhas”.²³⁴

Somente em 18 de junho de 1925 Freud tocará novamente no assunto com Groddeck para dizer que, embora o *seu Isso* derive do de Groddeck, ele não reconhece no *Isso* de Groddeck o *seu Isso*, “civilizado, burguês e desmistificado”.²³⁵

Em carta datada de 09 de setembro de 1927, Groddeck defende o aspecto mítico de seu *Isso*, comenta saber que Freud não aprecia o seu *Livro d’Isso*, o que pode influenciar a acolhida de sua obra. Na oportunidade, desfere outro ataque, dessa vez ao que entende ser obras inexpressivas e repetitivas produzidas pela comunidade psicanalítica. Groddeck não termina esta carta sem antes interpretar o silêncio de Freud em relação a ele com as seguintes palavras: “Groddeck tem uma idéia útil, mas eu – Freud – não posso aprovar o modo como ele a coloca; ele deve e terá que se virar sozinho”.^{236 237}

²³³ Groddeck. *Correspondence with Sigmund Freud*. In: *The meaning of illness*, p. 80.

²³⁴ *Ibid*, p. 79.

²³⁵ *Ibid*, p. 93.

²³⁶ Groddeck: *Correspondence with Sigmund Freud*. In: *The meaning of illness*, p. 98.

²³⁷ Em carta enviada por Freud a Ferenczi, em dezembro de 1925, encontramos a confirmação dos sentimentos de Groddeck nas seguintes palavras de Freud: “Pessoalmente, eu gosto muito dele, mas cientificamente ele provavelmente, não é utilizável; ele se sobrecarrega com a influência da psicanálise sobre o orgânico e com o Isso, e

Freud não responde, e a correspondência entre ambos fica interrompida por um longo período. É Anna Freud quem escreve a Groddeck, quase dois anos depois, para dar notícias de seu pai²³⁸. A partir de então, a correspondência entre ele e Freud é retomada, mas seguem-se apenas mais seis cartas até a morte de Groddeck, em 1934.

É com ênfase que, em uma de suas últimas cartas a Freud, em 03 de fevereiro de 1932, Groddeck defende a conexão entre o símbolo e a vida, e a influência do símbolo sobre o organismo todo e, individualmente, sobre cada uma de suas partes. É por meio do símbolo, meio termo entre o si mesmo e a doença, que o indivíduo pode se reconciliar com o que lhe é estranho. Groddeck considera o sintoma como o que não está integrado, com o inconcebível pelo sujeito, sendo que o sofrimento só cessará quando o sujeito acessar e integrar a si esse conteúdo.

Groddeck defende a idéia de que somente uma *pulsão interior à simbolização*²³⁹ pode explicar, em última instância, a configuração das representações simbólicas. Em um artigo de 1922, intitulado *A pulsão à simbolização*, o autor supõe, através de uma alusão a construção das habitações, que a idéia de casa, por exemplo, não surge de forma aleatória, mas é configurada a partir de uma pulsão interior à simbolização, cuja referência simbólica é o útero fecundado. (O mesmo se dando com outros animais que constroem sua morada). Desse modo, Groddeck remete ao próprio corpo o significado originário das idéias e das palavras, obscurecido, posteriormente, por tantas outras associações.

O autor caracteriza o sintoma orgânico como um fenômeno apartado de seu significado simbólico, que está à mercê de um movimento ilimitado de substituições, escorregando de um significado a outro, podendo significar tudo e qualquer coisa, e o compara às formações léxicas esquizofrênicas, nas quais “o Isso se comporta como se não levasse em conta a etimologia; apega-se, como um grego inculto aos sons da palavra e as utiliza para provocar a doença e alimentá-la”.²⁴⁰

Para Groddeck, a tarefa do terapeuta, diante desse quadro, é a de promover a “liga” com o simbólico. E Groddeck a executa despojando-se de sua própria pessoa, para permitir que o Isso – fonte do simbólico – se expresse por meio de um discurso e ritmo próprio. Nesse

ele não é o homem certo para desenvolver uma idéia”. In: *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi*, vol 3 - 1920-1933, p. 238.

²³⁸ Desde o primeiro diagnóstico da doença de Freud, há uma insistência reiterada, da parte de Groddeck, para que Freud encontre-se com ele.

²³⁹ Groddeck (1922 / 1992), pp. 90-1.

²⁴⁰ Groddeck (1923). *O livro d’Isso* (1986), p. 95-6; *Das Buch vom Es* (1926), p. 118.

sentido, a palavra é eficaz na medida em que, ao promover o acesso ao simbólico, revela uma ordem oculta e realiza mudanças nessa ordem. Entretanto, não nos devemos deixar seduzir pela eficácia da palavra, pois, para Groddeck, ela é apenas um dos meios de acesso ao simbólico.

O homem desvenda-se simbolicamente, e essa simbolização não provém do pensamento racional, mas de processos desconhecidos do Isso. O inconsciente é o lugar dos símbolos. Diz:

“O Isso -o inconsciente - pensa através de símbolos”.²⁴¹

Desse modo, o ser humano está irremediavelmente submetido à atividade simbolizadora do inconsciente. Como o símbolo precede toda existência e convenções humanas, este nunca poderá ser totalmente desvendado e elucidado pela linguagem. É do Isso que emana toda a idéia e representação. Em Groddeck, os símbolos

[...] não são invenções; eles existem, fazem parte dos bens inalienáveis do homem; pode-se mesmo dizer que todo pensamento e toda a ação consciente são consequência inevitável da simbolização inconsciente, que o ser humano é vivido pelo símbolo.²⁴²

Para Groddeck, a função de simbolização é a mais primária das funções do Isso, tal como se mover, enxergar, etc. A existência insere-se, portanto, em um quadro mais amplo, pré-estabelecido, de natureza simbólica. O símbolo a tudo engloba.

A própria linguagem surge associada a sensações somáticas, nos primórdios vivenciadas como experiências conscientes, posteriormente desfiguradas pela repressão e pela modulação dos afetos. A liga original entre corpo, afeto e linguagem remete-nos à suposição de uma matriz simbólica, da qual derivaria uma “linguagem matricial” (mais uma vez, cabe lembrar a “linguagem fundamental” de Schreber), da qual emergem diversas modalidades expressivas, dentre as quais a linguagem verbal. Talvez por isso Freud tenha sustentado que o simbolismo não é algo restrito aos sonhos, mas que, por estar presente em diversas formas de expressão cultural, se fossem empreendidas investigações mais aprofundadas, poderia se chegar à conclusão de que os povos constroem sua linguagem sobre os mesmos símbolos.

O que Groddeck defende é que, se acreditamos estar na presença do signo de uma doença real, é porque o caráter simbólico desse signo está perdido para a consciência, mas não para o inconsciente. O desafio é formular uma interpretação que permita ao sujeito recuperar o

²⁴¹ Groddeck (1923). *O livro d’Isso* (1986), p.41; *Das Buch vom Es* (1926), p. 51.

²⁴² Groddeck (1923). *O livro d’Isso* (1986), p. 45; *Das Buch vom Es* (1926), p. 55.

sentido daquilo que, em uma alteração somática, permanece inconsciente, como material “extralingüístico”.

Em Ferenczi (1932) encontramos a idéia de que em uma época em que ainda não existia o pré-consciente, mas apenas reações emocionais (prazer/desprazer) no corpo, os eventos “psíquicos”²⁴³ teriam deixado seus traços mnêmicos na linguagem corporal, sob a forma do que chamou de *mnemos orgânicos-psíquicos*²⁴⁴, incompreensíveis ao nosso consciente.

Um dos caminhos para a interpretação desse material parece aproximar-se do tratamento dado por Freud ao material onírico. Assim como o sonho contém uma multiplicidade de elementos, para Groddeck o mesmo se dá com a afecção somática, produto da intersecção entre elementos somáticos e psíquicos. Em seu artigo de 1926, *O trabalho do sonho e do sintoma orgânico*, Groddeck defende a interpretação das alterações somáticas como as dos sonhos. Compara os modos de funcionamento do símbolo, tanto no sonho como no sintoma orgânico, e a articulação entre eles (que dá lugar a um processo dinâmico, a figuração simbólica), por meio da qual o sintoma orgânico, ou o “sonho corporal” (expressão de R. Lewinter) pode ser analisado²⁴⁵.

Nessa mesma direção, na seção II de *Reflexões sobre o trauma* (1920-32 / 1934), *Da Revisão de A interpretação dos sonhos* (1932), Ferenczi fornece um exemplo clínico no qual corpo e sonho estão fundidos em uma só unidade. Uma de suas pacientes, durante sua hora de sono mais profundo, acordava repetidamente com o sentimento de grande agitação, com uma espécie de reminiscência “abafada” de sensações dolorosas de um sonho sem conteúdo psíquico, onde ela experimentava um sofrimento de natureza corporal e psíquica, com “esboços de sensações” nos diferentes órgãos. Em um novo mergulho no sono surgiam diante de si imagens oníricas muito vivas, distorções e atenuações dos eventos vividos no primeiro sonho, mas sem qualquer possibilidade de representação dos conteúdos repetitivos, vividos de forma puramente emocional / corporal.²⁴⁶

Tais conteúdos, que em *Princípios de relaxamento e neocatarse* (1929-30), são atribuídos, por Ferenczi, a uma regressão a estágios do desenvolvimento em que “não estando o

²⁴³ Aspas do autor.

²⁴⁴ Ferenczi (1932 / 1992), p. 271.

²⁴⁵ Lewinter, citado por D’Epinay (1988), p. 91.

²⁴⁶ Ferenczi (1920-32 / 1934 / 1992), pp. 112-13.

órgão do pensamento completamente formado, só eram registradas as lembranças físicas”²⁴⁷, só se tornam acessíveis à análise mediante certas modificações na técnica²⁴⁸.

A proposta terapêutica ferencziana para a abordagem do material corporal (que incluem as técnicas de relaxamento e neocatarse) certamente tem em Groddeck sua fonte de inspiração²⁴⁹, pois é por meio da massagem (*A massagem*, 1931) que este autor aborda o material extralingüístico.

O objetivo da massagem, segundo Groddeck, é servir como apoio ao tratamento analítico, além de liberar diretamente a “força de cura imanente ao organismo”²⁵⁰, possibilitando ao paciente compreender que estar enfermo é um processo e não um estado imutável, “um processo orgânico vital e não algo constante e sem vida”.²⁵¹ Ela intensifica o trânsito entre os materiais inconscientes e conscientes, que se apresentam ora de forma psíquica, ora de forma somática. A respiração é um bom exemplo desse trânsito, pois, segundo Groddeck, ela “utiliza e libera uma massa incrível de energia psíquica”,²⁵² o que pode ser percebido por qualquer um que retiver a respiração até não suportar mais.

Groddeck observa que logo nos primeiros toques, o doente entende que o seu diagnóstico envolve uma infinidade de coisas, muito mais importantes para a sua recuperação do que o diagnóstico em si, mera palavra utilizável em suas fantasias.

A concepção que o autor tem do corpo como um espaço vital, animado pela circulação de correntes de energia, impede que se considerem os sintomas somáticos como epifenômenos assimbólicos, que utilizam a materialidade corpórea para uma descarga carente de significado.

Para Groddeck, os próprios órgãos do corpo são simbólicos.

Nesse quadro de referência, a questão da eleição de órgão - um dos fatores essenciais para a compreensão das doenças somáticas, segundo Henry Ey (1998) - se justifica, o

²⁴⁷ Ferenczi (1929-30 / 1992), p. 65.

²⁴⁸ Essas modificações teriam sido, em parte, responsáveis pelo abalo final entre Freud e Ferenczi, em agosto de 1932, segundo versão deste último. (In: *The Correspondence of Sigmund Freud and Sandor Ferenczi*, vol. III, pp. 442-43, n.I)

²⁴⁹ Como atesta a correspondência entre os autores, Ferenczi freqüentou o sanatório de Groddeck em Baden-Baden com uma regularidade praticamente anual. Sua modificação da técnica se baseava em sua premissa de que não eram as pessoas quem tinham que se adaptar à técnica analítica, mas que a técnica é que deveria ser modificada e desenvolvida para tratar as pessoas.

²⁵⁰ Groddeck (1931) In: *Estudos psicanalíticos sobre psicossomática*, p. 194.

²⁵¹ *Ibid*, p. 193.

²⁵² *Ibid*, p. 195.

que contrasta com a incógnita que essa questão representa para as teorias psicossomáticas que se apóiam na idéia de uma descarga que não possui sentido, por estar privada de ligação psíquica. A questão da escolha de órgão contrasta com a idéia de que os sujeitos que somatizam somente atuam, ao invés de simbolizar.

“Cada parte do corpo forma símbolos específicos”, afirma Byington (1988), e cada um

dos cinco aparelhos ou sistemas corporais (respiratório, digestivo, cardiovascular, neuroendócrino e locomotor) afeta de forma característica um sem-número de símbolos que estruturam tipicamente nossa identidade e nossa forma de estar no e conhecer o mundo”.²⁵³

Para este autor, são os aspectos do corpo simbólico que estruturam a consciência, dotando-lhe de forma e limites. Ele nos diz:

O corpo é a batuta da orquestra que expressa a vida dentro da finitude. (...) Seu papel na expressão dos dois acordes extremos da vida, o nascimento e a morte, por si só dão à dimensão do corpo importância central na delimitação da consciência.²⁵⁴

Para nascer é preciso ter um corpo, para morrer é preciso abandonar o corpo. O corpo, portanto, é o indivíduo enquanto processo, não enquanto “coisa”. Assim como a natureza e a palavra, o corpo é parte de um universo simbólico, que a tudo abrange e conecta. Para Groddeck, cada coisa está indissoluvelmente ligada ao todo, e o todo, presente em cada parte da realidade; a relação entre os símbolos e os referentes aos quais aludem não é arbitrária, mas fundamenta-se em uma unidade de sentido que apenas pode ser conjecturada, pois está perdida para a consciência e para a linguagem. Embora a linguagem humana, em sua essência gramatical, possa ser entendida como uma das estruturas mais complicadas do universo -cujo surgimento deve remontar a certas etapas de complexidade biológica durante o desenvolvimento evolutivo-, Groddeck a considera muito limitada para comunicar o que há de mais profundo na natureza humana. Ele nos diz que a linguagem mente, distorce, viola fatos, nos faz olhar o mundo por uma falsa perspectiva, e, sendo imprecisa, faz-nos pensar falsamente. Em relação à possibilidade da linguagem expressar a verdade, o autor responde parafraseando os evangelhos:

“A verdade não está nem no céu, nem na terra, nem entre o céu e a terra”.²⁵⁵

²⁵³ Byington (1988), p. 29.

²⁵⁴ *Idem.*

Em um artigo de 1912, *Von der Sprache* (revisto e reeditado posteriormente entre seus escritos psicanalíticos), apesar de Groddeck admitir a dependência da linguagem para expressarmos as coisas do mundo, afirma que ela falha em comunicar o essencial. Defende que os mais *recônditos* pensamentos humanos, as forças inconscientes e criativas, o entrecruzamento de sentimentos, impressões, pensamentos, lembranças e seus fragmentos, que chamamos de conteúdos afetivos, e os esquemas em constante movimento, não conseguem expressar-se por meio da linguagem. Para ele,

a Vida é um abismo de escuridão impenetrável, do qual emergem estranhas formas como borboletas, as quais perdem sua beleza quando os dedos as tocam; o mesmo se dá com nossos pensamentos quando eles têm que ser colocados em palavras.²⁵⁶

Ao questionar a validade dos enunciados próprios da linguagem para expressar as manifestações simbólicas do Isso, incluindo as afecções somáticas, Groddeck leva-nos a considerar: (1) que uma semântica deveria aproximar-se do universo dos símbolos, em seu sentido mais amplo, sem restringir-se ao domínio exclusivo da linguagem; (2) que a comunicação, como a define Bateson²⁵⁷, representa um sistema dinâmico que funciona em laços, em voltas, que nunca podem ser entendidos através da lógica linear; (3) que a elucidação de determinado fenômeno não pode se dar dentro de um sistema no qual ele se insere como elemento, por esse estar limitado em e determinado por seu próprio nível linguagem; e por fim, mas não menos importante, (4) que uma hipótese abrangente para a compreensão das alterações somáticas não pode ser formulada dentro de um sistema regido por uma lógica dicotômica entre soma-psique, uma vez que toda a solução que não transcenda o nível de linguagem inerente a um determinado sistema, tende a operar de forma recorrente dentro do próprio sistema.

Se a compreensão da afecção somática requer a consideração de uma dimensão extra-linguística de simbolização, sua apreensão também requer formulações que transcendam o sistema no qual a doença somática é concebida como expressão assimbólica de um corpo mudo, reduzido à simples materialidade.

²⁵⁵ Groddeck (1912) In: *The meaning of illness*, p. 251.

²⁵⁶ *Ibid*, p. 249.

²⁵⁷ Gregory Bateson (1904-1980). Biólogo e antropólogo, contemporâneo de Vigotski e de Bahktin dedicou-se ao estudo da psiquiatria, psicologia, sociologia, comunicação e ecologia. É considerado um dos pioneiros da perspectiva ecossistêmica dos processos de vida. Interessado pelos paradoxos da comunicação, em 1952 funda o grupo de *Palo Alto*, que em 1956 publicou a conhecida teoria do “duplo vínculo” como uma causa possível da esquizofrenia.

Somente quando o ego – fruto da ilusão (“não há eu”, enfatiza Groddeck²⁵⁸) - for sobrepujado por meio de um salto para fora do sistema de referência que ele criou para si, é que pode se dar o acesso da consciência a outro nível de percepção da realidade, infinitamente mais rico e complexo.

Tal e qual uma grade de coordenadas espaciais, a matriz groddeckiana (*das Es*), da qual emanam os símbolos, permanece ao fundo, produzindo efeitos em e por meio de nossos sistemas de referências, e muito além dele, em cada uma, e em todas as coisas do mundo.

Nesse sentido, a aventura proposta por Groddeck talvez possa ser expressa por meio de uma analogia com o zen: na tentativa de compreender mais profundamente o que é, salta-se sempre mais e mais para fora do que se percebe ser, por meio da quebra de toda regra e convenção a que se percebe ligado – inclusive as do próprio zen. É em algum ponto desse caminho impalpável que, talvez, se dê a iluminação, e, com ela, a sensação de integração com todo o universo – ou, em Groddeck, com a matriz da qual tudo emana: o *Isso*.

Se atentarmos para o que Freud escreveu em seus últimos artigos, quando, aos 82 anos, apresentou pela última vez, no *Esquema de Psicanálise* (1938), os princípios que norteiam a psicanálise, encontramos um Freud que, diferentemente daquele que sustentava um representante psíquico para a excitação somática, supõe uma interação entre soma e psique. Em *Algumas lições elementares de psicanálise* (1938) afirma ser “impossível ignorar por muito tempo que os fenômenos psíquicos dependem, em alto grau, de influências corporais e, que [estes], por sua vez, exercem os mais intensos efeitos sobre processos somáticos.”²⁵⁹

Nesse sentido, soma e psique seriam apenas diferentes modos de manifestação do Isso, pelos quais o sujeito pode apreender a realidade, que, em si, não é psíquica e nem somática?

A previsão feita em 1923, por Freud a Oskar Pfister parece ter se confirmado: Groddeck estaria com a razão ao atribuir ao inconsciente (*Isso*) a causa das doenças orgânicas.

E Freud, muito mais próximo de Groddeck do que ele mesmo poderia – ou gostaria - de imaginar.

²⁵⁸ Groddeck (1912 / 1977), p. 254.

²⁵⁹ *Algumas lições elementares em psicanálise*. AE, 23, p.285; GW, XVII, p. 143.

CONCLUSÃO

Em sua obra, Freud oferece indicações que permitem supor uma economia biopsíquica determinada por um jogo de forças entre as características do narcisismo primário do sujeito, incluindo suas possibilidades evolutivas, e a ação do ambiente, na medida em que este oferece possibilidades de desenvolvimento junto às forças construtivas de Eros, e inibição das forças da pulsão de morte. Desse processo participam o ego-corporal, configurado a partir da interação entre o narcisismo primário e as características dos cuidados maternos.

Como por meio desses cuidados, o corpo retém a “memória” da estimulação, que, somada aos fatores constitucionais – responsáveis por dotar tais locais de uma sensibilidade maior - acaba por delimitar as zonas erógenas, estas se estabelecem na intersecção entre a erogeneidade e o corpo biológico, e constituem uma unidade com os órgãos internos do corpo. Neste momento primitivo, os órgãos internos, que também são fonte pulsional, se tornam o primeiro objeto sobre o qual investem as pulsões sexuais e de autoconservação; na coincidência entre fonte e “objeto”, se delinea o auto-erotismo.

No princípio, o ego é um organismo indiferenciado que capta diretamente impressões do exterior, impressões de satisfação experimentadas no corpo, traços mnêmicos da experiência vivida com o indivíduo auxiliador (a mãe). Esse ego, chamado por Freud de ego-realidade inicial, é aquele que teria suportado a perda da completude da vida intra-uterina.

Quando a pulsão reinveste o registro mnêmico da experiência de satisfação, o movimento de desejo é acompanhado de sensações somáticas, uma vez que a realização do desejo pressupõe a satisfação da necessidade que o gerou. Portanto, se por um lado a satisfação pressupõe o registro mnêmico, por outro, o cumprimento do desejo compreende sempre uma descarga no próprio corpo, configurando um movimento que é percebido como afeto. Na medida em que a descarga é eficaz, o remanescente afetivo permanece integrado à ação, participando do sentido atribuído a esse ato.

A ligação do afeto a processos primitivos de descarga e sua configuração como processo filogeneticamente determinado, encontram seu equivalente entre os demais animais superiores, quando, em uma situação vital, a reação do animal é desencadeada de um modo

filogeneticamente determinado, independentemente da presença do objeto que traria ao ato sua significação biológica. Esse modo de reação, chamado por Lorenz de *reação no vazio*, demonstra que o acúmulo de excitação no interior do organismo leva a uma descarga, independentemente de sua finalidade; assim, o afeto, enquanto *quantum* energético, pode se processar de modo totalmente inconsciente por vias somáticas, atingindo órgãos e até níveis mais sutis de funcionamento do corpo.

A partir do momento em que, diante do trauma de nascimento, a descarga tomou vias somáticas (respiratórias, cardíacas), gerando uma facilitação - a primeira no meio aéreo - para o investimento dos órgãos do próprio corpo, a conjugação entre as vivências individuais e os fatores constitucionais pode determinar um maior ou menor número de vias facilitadas.

Quando a ação específica que levaria à alteração interior não pode ser realizada, ou é realizada de forma insatisfatória, inadequada ou incompleta, ou quando, diante da emergência de um trauma, a vivência de satisfação – da qual participam a linguagem e o corpo erógeno – falhou ou foi insuficiente para assegurar o domínio das excitações que ameaçam o equilíbrio biopsíquico do sujeito, os afetos operam de forma reguladora, na medida em que funcionam como descargas para a alteração interior, sendo que o desvio para o somático pode representar a única alternativa para uma descarga eficaz da excitação.

É a repressão que, ao realizar sua meta genuína e incidir sobre o destino do afeto, abre caminho para a hipótese de que antes da percepção, e à margem do funcionamento pré-consciente, a sensação pode ser degradada em excitação.

Ao supormos uma interação psique-soma, na qual variações de um registro repercutem sobre o outro, é possível supor processos que, como os de auto-imunidade, reproduzam no nível somático um padrão semelhante ao processo silenciado no nível psíquico?

Ao exemplificar a compulsão à repetição através da embriologia dos peixes, em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud equipara o corpo humano e animal: a repetição na transferência e a destruição da mucosa gástrica são apresentadas como equivalentes. Essa incursão de Freud pelos domínios da pulsão de morte leva-o a um território onde psíquico e somático se articulam, se desarticulam, e muitas vezes se apresentam de modo praticamente indiferenciado. É o reino das quantidades, local de amalgamação entre o psíquico e suas raízes biológicas, onde a biologia se apresenta como “a terra de infinitas possibilidades”.

O avanço dos estudos sobre as interações entre os sistemas nervoso, imune e endócrino²⁶⁰ demonstra que situações-limite vividas pelo sujeito podem gerar um desequilíbrio do sistema nervoso autônomo, e eliciar uma cascata de reações químicas dentro das células. Tal possibilidade leva-nos a considerar a impressionante similaridade entre as conseqüências, para o sistema imunológico, da alteração da leitura celular do próprio e do alheio, com os processos psíquicos que, ao desencadearem um não reconhecimento do próprio, o tratam como alheio ou estranho – como ocorre em algumas repetições, nas alucinações e nos delírios.

Nos fenômenos somáticos, a psicanálise oferece elementos para supormos que o estranho, ao não ser psiquicamente reconhecido como próprio, torna-se “fato”, um “fato somático”. A localização do Isso na base do aparelho, na “parte de baixo” (*31ª Conferência*, 1932), em conexão direta com as forças somáticas, torna possível à regressão ultrapassar os limites do aparelho psíquico e alcançar órgãos ou sistemas do corpo (não apenas sua representação), que, a partir de então, se tornam palco de um combate mortífero.

Assim, cabe-nos indagar se, no caso das afecções somáticas, a degradação da pulsão, ao reconduzir a energia de volta ao somático, não poderia carrear, em seu percurso, certo padrão que, de alguma forma, encontrasse tradução em termos neuroquímicos?

Desse modo, a ritmicidade pulsional (tradução quantitativa de um padrão relacional gerado pela interação entre as variações pulsionais e os objetos relacionais), poderia imiscuir-se no somático e imprimir seu padrão característico a processos neuro-imune-endócrinos, com a finalidade de encontrar descarga por meio de processos que ainda desconhecemos.

Freud supõe que a erotização possa perturbar a função fisiológica que pertence ao feixe de inervação inconsciente de um afeto normal, o que nos leva à hipótese de que, além dos caminhos conhecidos de manifestação da energia – sensações somáticas e investimentos das representações pré-conscientes–, o afeto, privado de seu matiz, enquanto *quantum* energético se descarrega de modo totalmente inconsciente e, nesse processo, altera funções e até estruturas orgânicas.

²⁶⁰ Como o sistema vegetativo, juntamente com o sistema endócrino, funciona como intermediário entre o sistema nervoso central, mais estreitamente subordinado ao psiquismo, e o resto do corpo, o sistema neuro-endócrino – ao qual acrescentamos o sistema imune - regula a atividade dos órgãos. De modo que a psique pode influenciar desordens primariamente somáticas, já que excitações e inibições que vão do psíquico à musculatura lisa dos vasos exercem seus efeitos sobre as glândulas endócrinas.

Portanto, diferentemente das representações que, por serem investimentos de impressões mnêmicas, alcançam a consciência por sua ligação com as representações-palavra, e das *sensações* somáticas que, como descargas atuais derivadas de feixes inconscientes de inervação dos afetos, podem atingir a consciência sem estarem unidas às representações-palavra - as *alterações* somáticas que atingem o funcionamento e / ou a estrutura do corpo são produzidas quando a descarga dos investimentos pulsionais se realiza de modo totalmente inconsciente. Pela via neuro-endócrino-visceral (ativação do eixo hipotálamo-visceral e do sistema nervoso autônomo), a excitação se descarrega no soma. O ato toma o lugar da palavra, veiculando uma agressividade acumulada e sem expressão.

Tal via de descarga, que tem como base o ato, e não a palavra, pode ser remetida às reações mais primitivas de nossa espécie. Se a ontogênese falha em equipar o indivíduo com reações mais condizentes ao enfrentamento de situações-limite da realidade, a filogênese dispõe de automatismos endógenos, que, enquanto sistemas impressionantemente autônomos, atingidos apenas de modo indireto pela influência do contexto, provêm o animal humano de reações minimamente indispensáveis a sua sobrevivência. Se partirmos da premissa que as pulsões de autoconervação se originam dos instintos de conservação da espécie, nada impede que agressividade natural, inerente a esses últimos, ou ao núcleo masoquista primário, diante de uma situação extrema, ao ser impedida de se atualizar contra o objeto, atue no sentido de desorganizar e desintegrar o funcionamento do aparelho psíquico, ou, se este estiver suficientemente protegido pela clivagem do ego, desestruturar o funcionamento somático.

Ao remeter as origens da pulsão de morte à própria constituição da matéria orgânica, Freud não somente estende as raízes do inconsciente ao registro biológico, como permite a Ferenczi supor que, oculto sob toda a atividade orgânica manifesta, subjaz um *inconsciente biológico*²⁶¹, início e fim de toda vida psicossomática manifesta.

Ao propor modificações na técnica que lhe permitiriam acessar os conteúdos derivados de experiências traumáticas, cujas manifestações se faziam sentir em alterações somáticas funcionais ou estruturais mais ou menos graves, Ferenczi empreende regressões a modos arcaicos de funcionamento e organização, pertencentes a fases há muito tempo superadas da ontogenia e da filogenia, por meio das quais identifica o que chamou em 1932 de *mnemos*

²⁶¹ Ferenczi (1924), p. 104.

*orgânicos-psíquicos*²⁶² - traços mnêmicos de eventos deixados na linguagem corporal, incompreensíveis ao nosso consciente.

Lutos impossíveis, perdas não reconhecidas, violências inconfessadas, diz Ferenczi, delegam vida autônoma (uma “certa personalidade”) a certos fragmentos psíquicos desinseridos, restando a excitação permanecer no corpo em forma de tensão acumulada, buscando descarga de maneira deslocada sobre os próprios órgãos ou alterando o funcionamento somático.

Ao supor que certas regressões acessem conteúdos físicos, resquírios de um funcionamento inconsciente primitivo, Ferenczi estabelece uma relação entre o fenômeno psicossomático e a regressão que ultrapassa os limites do aparelho psíquico concebido por Freud. E não somente. Ao pressupor que o domínio do pensamento racional abstrato pode mostrar-se perfeitamente adequado à realidade, mas encontrar-se clivado do mundo pulsional, comprometendo a elaboração dos processos afetivos, Ferenczi resgata a doença somática de se tornar sinônimo de ausência de simbolização, e da característica que a tornava impeditiva de resolução pela via analítica.

Já não se trata de uma descarga muda, que não veicula um sentido e uma história, mas de um material inconsciente, cujo acesso demanda uma adaptação na técnica que permita a liberação do que, em uma impressão traumática, se mantém enquistado como “lembança” no próprio corpo.

Para Groddeck, a falta de significação simbólica das doenças orgânicas funda-se na cisão entre soma e psique inerente ao próprio modelo explicativo, em função da qual os órgãos doentes não são mais vistos como símbolos que, conectados ao todo, podem ser decodificados, promovendo a compreensão e o significado da doença, mas como meros sinais exteriores de entidades nosológicas de um modelo biomédico reducionista.

Para este autor, o comprometimento na capacidade de simbolização não deriva, primariamente, da falta de ligação com as representações-palavra, mas de um excesso de palavras sem valor para abranger determinado estado vivido. Essa posição é reiterada por Ferenczi, que defende a idéia de que as experiências traumáticas são repetidas de modo puramente emocional e sem conteúdos representativos (*Reflexões sobre o trauma*, 1932 / 1934), já que no momento da vivência traumática toda a atividade psíquica estava suspensa. Se os choques se sucedem no

²⁶² Ferenczi (1932 / 1992), p. 271.

decorrer do desenvolvimento, adverte o autor (*Confusão de língua entre adultos e crianças*, 1932), o número e a variedade de fragmentos clivados aumentam, e fica cada vez mais difícil manter contato com os fragmentos, que ao se comportarem como “personalidades” que não se conhecem umas às outras, levam o sujeito a um estado de fragmentação.

Esses fragmentos, como conteúdos arcaicos e indiferenciados, se mantêm a margem do desenvolvimento posterior do ego, sob o domínio de um *Isso-eu* indiferenciado, justificando a impossibilidade de acesso para a análise.

Porém, ao defender a idéia de que o caráter simbólico da doença pode estar perdido para a consciência, mas não para o inconsciente, e que os próprios órgãos do corpo são simbólicos, Groddeck utiliza outros métodos além da palavra, como a massagem, para acessar esse conteúdo, liberá-lo e conectá-lo ao seu sentido originário.

Como a simbolização é a mais primária das funções do *Isso*, que, em essência, não é psíquico e nem somático, a existência insere-se em um quadro mais amplo, pré-estabelecido, de natureza simbólica. Tal e qual uma grade de coordenadas espaciais, a matriz groddeckiana (*das Es*), da qual emanam os símbolos e toda a existência somato-psíquica, permanece ao fundo, produzindo efeitos em e por meio de nossos sistemas de referências, e muito além dele, em cada uma, e em todas as coisas do mundo.

Ao evocar essa potência incomensurável para dar conta do pólo pulsional do aparelho psíquico, acreditando poder proceder à sua “domesticação”, Freud subestima o aspecto simbólico e numinoso do *Isso*, que espalha suas raízes sob o fértil solo freudiano, e acaba por traçar o destino dos últimos textos do criador da metapsicologia.

Ao apresentar aos 82 anos, pela última vez, os princípios que norteiam a psicanálise no *Esquema de psicanálise* (1938), encontramos um Freud que, diferentemente daquele que sustentava um representante psíquico para a excitação somática, supõe uma interação entre soma e psique, reiterando sua posição em *Algumas lições elementares de psicanálise* (1938), ao afirmar uma interdependência entre os fenômenos psíquicos e os processos somáticos.

Estaria Freud compartilhando a idéia de Groddeck de que soma e psique são apenas diferentes modos pelos quais o *Isso* pode se manifestar e pelos quais o sujeito pode acessar a realidade que, em si, não é psíquica nem somática?

A Interpretação dos Sonhos (1900), capítulo II, sonho da injeção de Irma. Freud descreve o que vê na garganta de Irmã: à direita, uma mancha branca, e em outra parte, extensas formações rugosas, que se assemelham aos cornetos do nariz, recobertos de escaras branco-acinzentadas.

28 anos depois: a mesma descrição refere-se ao seu estado clínico, após sofrer uma cirurgia em que Hajek lhe ressecou o palato.

Coincidência? Ou imagens que traziam consigo as marcas do *Issó* evocado por Groddeck: um lugar sem lugar, sem tempo, sem espaço, um lugar de luz e sombra, de onde vem e para onde vai o sonho/vida, quando atinge o ponto em que mergulha na escuridão?

APÊNDICE A

METCHNIKOFF E O INSTINTO DE MORTE

Embora a idéia de que os processos orgânicos se equilibrassem entre dois processos opostos, um construtivo e um destrutivo, fosse lugar-comum entre as especulações biológicas do século XIX, a semelhança entre a proposta de um instinto de morte, introduzida por Élie Metchnikoff em sua obra de 1903, *Etudes sur la Nature Humaine*, e a pulsão de morte, proposta por Freud em 1920, justifica não somente essa breve exposição das reflexões de Metchnikoff, como amplia a possibilidade para refletirmos sobre a existência de padrões paralelos entre os registros psíquico e biológico.

Apesar de não existir qualquer menção ao trabalho do embriologista russo Élie Metchnikoff em *Além do Princípio do Prazer* (1920), o texto de Freud guarda uma extraordinária semelhança com o ensaio em que Metchnikoff expõe sua hipótese sobre um instinto de morte, *Etudes sur la Nature Humaine* (1903). Até onde sabemos, Freud entrou em contato com as idéias de Metchnikoff apenas de forma indireta, por meio da apresentação do artigo de Sabina Spielrein, *A destruição como origem da criação*, em 29 de novembro de 1911, em uma de suas reuniões de quarta-feira.

Num verdadeiro processo de gestação, Metchnikoff, ele próprio, colocou o problema da morte como ponto central de suas indagações durante certo período de sua vida, após duas tentativas frustradas de suicídio. O jogo entre duas forças – vida e morte, como fenômenos do mundo natural, intermediou suas descobertas e postulações teóricas. A descoberta do mecanismo da fagocitose, uma das primeiras descrições de um sistema imunológico, e a constatação de que sem a morte – entendida como necessidade biológica - não haveria possibilidade de vida, poderia ter servido de inspiração para Freud (se é que não o fez) chegar a um conceito como a pulsão de morte. Mas não somente. As posições de ambos os autores diante da relação entre morte, religião e ciência são muito semelhantes. Para Metchnikoff, o medo da morte era o único sustentáculo de todas as religiões (superstições que dele se serviam para manter-se), e que, um dia a ciência seria a única fé necessária à humanidade. Para Freud, como sabemos, não há espaço para nenhuma pulsão dirigida a um suposto crescimento espiritual. O homem parece progredir durante o seu desenvolvimento, mas somente porque o desenvolvimento

deve repetir a seqüência evolutiva da espécie, seqüência essa originalmente frustrante e imposta ao organismo por circunstâncias externas. Desse ponto de vista, o além e o antes se equivalem, e ambos se resumem à morte.

A imortalidade, para Metchnikoff, está intimamente ligada à reprodução, e só é possível ao nível celular. No corpo humano, Metchnikoff identifica os elementos imortais entre os óvulos e o esperma. A essas células atribui propriedades que distingue como qualidades psíquicas. Compara-as aos protozoários, constituídos por uma única célula, cuja sensibilidade é pronunciada (encolhem suas presas, distinguem entre microorganismos vivos e microorganismos mortos), e chama essa sensibilidade de *psíquica*. Desse modo, os animais inferiores, dotados de imortalidade do corpo graças a reprodução sucessiva por divisões repetidas, possuem uma “alma” imortal primitiva. Metchnikoff compara a sensibilidade das células sexuais humanas àquela dos organismos inferiores²⁶³, e conclui que a imortalidade, tão decantada pelas religiões, só pode ser encontrada no nível celular, entre as células sexuais, as verdadeiras portadoras da alma imortal. A união do óvulo e do espermatozóide, não somente dá nascimento a um novo corpo, como também transmite todo um conjunto de características psíquicas à nova geração, a “alma celular”.²⁶⁴

Desse modo, tanto o homem, como os demais animais superiores, contém, em seu organismo, elementos que são dotados, de fato, de uma alma imortal, o que não implica, de forma alguma, na imortalidade da alma consciente. O fato de não apreciarmos a grande quantidade de células providas de almas celulares deve-se ao fato de não termos nenhuma sensação que demonstre essa especificidade. Como exemplo, o autor cita a luta permanente que se trava em nosso sistema imunológico. Os fagócitos, por exemplo, responsáveis por detectar e eliminar os invasores no nível celular, são elementos tão sensíveis e móveis quanto os protozoários; não seria lícito pensar neles como dotados de uma alma celular? Conjunto de características psíquicas transmitidas a nova geração, por meio da união do óvulo com o espermatozóide.

Se o instinto de vida e o instinto de morte estão presentes no nível celular, por que o instinto de morte é de tão difícil detecção no nível consciente?

²⁶³ Em *Études sur la nature humaine* (1903), p. 349, Metchnikoff comenta que os óvulos secretam substâncias que despertam a sensibilidade dos espermas. É o odor característico dessas substâncias que guia os espermatozoides até o óvulo. Enquanto algumas substâncias excitam a sensibilidade e a mobilidade dos espermas e os atraem, outras os repelem. Essa sensibilidade foi constatada em células masculinas de diferentes animais e de várias plantas.

²⁶⁴ Terminologia utilizada pelo zoologista alemão *Ernst Haeckel* (1834-1919), que também inventou os termos “ontogenia” e “filogenia”, além do termo ecologia. A sua célebre frase “a ontogenia recapitula a filogenia” data de uma publicação do *Quarterly Journal of Microscopical Science* de 1872.

Ao examinarmos o capítulo XI de *Etudes sur la Nature Humaine* (1903) onde Metchnikoff propõe a existência do instinto de morte, em paralelo ao capítulo VI, onde discorre sobre o instinto de auto-conservação, identificamos, como eixo de sua reflexão, o questionamento sobre a existência de um instinto de morte natural no homem.

O autor baseia sua argumentação em experiências realizadas por ele e por outros (como August Weismann), na história evolutiva dos seres vivos, na obra literária de autores e em informações colhidas por meio de pessoas próximas, que descrevem situações-limite, como guerra, situações de desamparo, ou o ápice da velhice.

Segundo Metchnikoff, a vida individual é dotada de um instinto de conservação, desde os organismos menos complexos até os mais complexos da escala evolutiva. O autor observa, no ser humano, a presença do instinto de conservação desde a infância, e compara as impressões de Tolstoi da guerra de Sébastopol, com a vida normal em tempos de paz, por meio da qual identifica flutuações do instinto de conservação, de acordo com a idade e com as condições às quais os seres humanos estão sujeitos.

Desde os organismos inferiores, é possível constatar toda espécie de disposições no sentido de garantir a conservação individual. Mesmo os seres mais inferiores, são protegidos por mecanismos resistentes às influências nocivas, capazes de destruí-los. São particularidades, cuja única razão de existir é a manutenção da vida individual. Entre os seres inferiores, a conservação individual se obtém sem a participação de atos psíquicos conscientes ou inconscientes, pois numerosos instintos asseguram sua defesa. Assim é que muitos insetos, para escapar de inimigos pouco inteligentes, se imobilizam, fingindo-se de mortos. O medo da morte configura-se, assim, como uma manifestação instintiva.

Já, entre alguns animais de categorias mais evoluídas, como os mamíferos, existe uma ignorância profunda em relação à morte. Os ratos, por exemplo, permanecem ao lado de seus congêneres mortos sem perceber o seu estado; por isso, é comum contraírem a mesma doença e morrerem pela mesma causa. O mesmo não acontece com os cavalos, que demonstram um movimento instintivo ao abrir caminho entre os cadáveres de seus congêneres, tomados de uma inquietação que os leva a fugir. Também é observável, nos matadouros, mamíferos que apresentam sentimento de pânico e angústia diante da morte de seus semelhantes. Apesar desses exemplos, a noção da morte como destino inevitável de todo ser vivo, é uma aquisição particular da espécie humana. Metchnikoff atribui às reflexões sobre a consciência da morte a

responsabilidade, em última instância, pelo desenvolvimento de religiões, como o budismo, de filosofias, como a de Schopenhauer, de obras literárias célebres, como as de Zola, Flaubert, Tolstoi.

A angústia humana diante da morte é exemplificada, pelo autor, através de uma citação de Tolstoi:

A verdade é que a vida é um *non-sens*. Eu havia vivido, trabalhado, progredido, e eu havia chegado a um abismo, e não havia nada diante de mim exceto o desaparecimento. Entretanto, eu não podia nem parar, nem voltar meus passos, nem fechar os olhos para não ver senão que ao redor dos sofrimentos e da morte absoluta, era o vazio, o aniquilamento total.²⁶⁵

Metchnikoff se contrapõe à idéia, difundida por escritores como Finot, Takosky e o próprio Tolstoi, de que o medo da morte corresponde ao medo do desconhecido, e que a racionalidade seria a melhor maneira de combatê-lo. Para o autor, o medo da morte é um temor instintivo, incapaz de ser aniquilado pela reflexão, comparável à sensação sexual, que não depende de nenhuma racionalidade.

A dificuldade do autor é identificar, no nível psíquico, indícios do instinto de morte, porque a ele se contrapõe, aparentemente, o medo da morte. Ele verifica que o desejo de morte consciente, reflexo psíquico do instinto de morte, é identificado, sem maiores problemas, em casos de sofrimento e doenças incuráveis, quando o sujeito, cansado de sua situação, espera da morte o alívio e o repouso desejados. Porém, para o autor, esse tipo de situação, por si só, não justifica sua hipótese, que encontraria maior possibilidade de comprovação se fosse possível acompanhar pessoas com idade muito avançada, isentas de problemas clínicos, ou de doenças degenerativas irreversíveis. Nesse sentido, Metchnikoff relata o caso de uma senhora, com saúde física e faculdades psíquicas comprovadamente preservadas, que expressou verbalmente o desejo de morrer com as seguintes palavras:

Se você viver tanto quanto eu, (disse) poderá compreender que não é somente possível não temer a morte, mas até mesmo desejá-la e sentir a necessidade da morte da mesma forma que se sente necessidade de dormir.²⁶⁶

²⁶⁵ Metchnikoff (1903), p. 157-8

²⁶⁶ *Ibid*, p. 363.

Metchnikoff compara a necessidade sentida por essa anciã à necessidade de sono que nos acomete no dia a dia. Entretanto, tal desejo não é expresso com tanta clareza pela maioria das pessoas, que só desejam a morte quando esta se torna mais atrativa do que uma vida em sofrimento.

Nas palavras do autor:

Pode-se somente viver enquanto se está embriagado da vida; mas assim que se desembriaga (perde as ilusões), pode-se ver somente que tudo isso não é senão uma fraude estúpida. (...) a verdade é a morte.²⁶⁷

Se a existência de um instinto natural de morte nos parece inverossímil, isso se deve ao fato de estarmos impregnados pelo instinto oposto, o de vida. Para Metchnikoff, o temor pela morte pode ser interpretado como uma manifestação do próprio instinto de morte, transfigurado pelo desejo de viver e profundamente arraigado na natureza humana, comparável aos demais instintos, como a fome, a sede, a necessidade de sono e sexo.

O fato do instinto de morte não poder ser observado enquanto prevalece o instinto de vida explica, de certa forma, o fato de a humanidade crer mais facilmente em uma vida eterna do que na mudança/transposição do instinto de vida para o instinto de morte. Para o autor, a morte natural do homem se manifesta no momento em que o instinto de vida desaparece e é completamente substituído pelo instinto de morte.

Metchnikoff acreditava que se a vida humana não estivesse sujeita a tantas desarmonias orgânicas e funcionais (que acabam por levar o ser humano a uma velhice patológica), se a ciência pudesse atingir um progresso tal que os homens pudessem viver uma velhice normal e sem enfermidades, permitindo que a vida completasse o seu ciclo, assistiríamos ao surgimento do silencioso instinto de morte em um número cada vez maior de pessoas, quando fosse chegado o seu tempo. Para Metchnikoff, o “instinto de morte está evidentemente encerrado nas profundezas da natureza humana sob uma forma potencial”.²⁶⁸

No mundo animal, a imortalidade só é encontrada entre os invertebrados inferiores. Alguns autores, como Weissman, concluíram pela imortalidade dos seres unicelulares. Ao se dividir em dois, cada metade de um microorganismo se recompõe rapidamente por se reproduzir sempre da mesma forma. Nos numerosos casos de reprodução por meio da divisão do

²⁶⁷ **Metchnikoff** (1903), p. 158-9

²⁶⁸ *Ibid*, p. 368.

organismo materno em vários fragmentos, a individualidade do organismo materno desaparece no conjunto de indivíduos de nova geração, sem que ocorra a destruição e a presença de um cadáver. Desse modo, a imortalidade é garantida, às custas da individualidade. A imortalidade pode ser entendida, portanto, como uma propriedade inesgotável de regeneração em um ser com uma estrutura complexa, o que leva o autor à conclusão de que a morte natural não está, necessariamente, ligada à organização.

Metchnikoff observa que, quanto maior a evolução na escala dos seres vivos, menor os fenômenos de regeneração. Entre os vertebrados inferiores, alguns, como as salamandras, podem regenerar suas patas ou cauda. Já entre os vertebrados superiores, a regeneração só se opera apenas de forma muito limitada; com base no mesmo exemplo, se entre esses as patas e a cauda fossem cortadas, não cresceriam novamente. Parece que o progresso na organização dos animais evoluiu mediante um custo: a perda da capacidade reprodutora dos tecidos e outros elementos orgânicos. Entre os animais mais complexos, alguns órgãos ainda possuem poder de regeneração, como o fígado. Mas, quanto mais especializado é o órgão ou o sistema, mais remota se torna essa possibilidade. Para o autor, é o que acontece com as células nervosas. Na medida em que adquiriram propriedades mais evoluídas, como as funções psíquicas, perderam a capacidade que caracterizam as células imortais, ou seja, a capacidade de se dividir.

Assim como para Freud, para Metchnikoff, a vida e a morte são a manifestações de dois instintos em constante luta pela soberania; sendo que a predominância de um deles determinará o destino do ser individual.

Metchnikoff considera os instintos de vida e de morte como opostos complementares, sendo que essa complementaridade já havia sido verificada pelo autor no nível biológico. Em 1882, o autor coletou pequenas larvas transparentes de estrela do mar e espetou em uma dessas larvas o espinho de uma rosa. Então, ele assistiu a pequena e frágil criatura marinha preparar uma vigorosa resposta celular ao espinho que perfurava sua carne. Metchnikoff observou o influxo de macrófagos, altamente agressivos, atacarem e parcialmente digerirem o espinho. Esse comportamento do pequeno organismo evidenciava não somente o papel defensivo geral do sistema imunológico, como a existência de um potencial destrutivo mediando processos vitais, no nível celular. O reconhecimento de Metchnikoff de que essas células especializadas têm a capacidade para mediar a defesa deu origem ao conceito global de imunidade celular. Para a capacidade que as células e leucócitos possuem para ingerir microorganismos e imobilizar

potencialmente corpos estranhos hostis ou micróbios em organismos complexos deu o nome de *fagocitose*.²⁶⁹

Pouco mais de meio século depois da descoberta da fagocitose, a descoberta de um outro processo, que a engloba, desloca novamente para o contexto celular a reflexão que tanto ocupou Metchnikoff: a tendência natural a morrer. *Apoptose*²⁷⁰, ou fenômeno da morte celular programada²⁷¹, é um processo fundamental de regulação biológica, que evidencia que cada célula possui um programa de vida e morte inscrito em seu patrimônio genético, e demonstra que cada célula tem o poder de desencadear sua própria auto-destruição. As informações contidas nos genes produzem tanto células executoras, capazes de precipitar seu fim, como células protetoras, capazes de neutralizar as executoras.

A apoptose possui um papel essencial durante o processo de diferenciação, crescimento e desenvolvimento dos tecidos adultos normais e patológicos, é essencial no desenvolvimento embrionário, necessária à formação dos órgãos, à involução de tumores, e persiste em alguns sistemas adultos, como a pele e o sistema imunológico.²⁷²

Essa capacidade que as células possuem de se auto-destruir em um intervalo de poucas horas - essa aptidão ao suicídio, é vital, pois possibilita que os processos de desenvolvimento biológico possam ocorrer. Ela influencia a história do corpo humano, desde as primeiras fases do desenvolvimento do embrião, guiando as passagens dos processos de diferenciação. Graças à apoptose desaparecem as formas embrionárias transitórias, modelam-se os órgãos, constrói-se o corpo. Sem a apoptose o embrião permaneceria uma massa informe, o cérebro teria neurônios em excesso, o sistema imunológico, depois de obter vitória sobre as infecções, não teria como eliminar suas células especializadas, que continuariam a percorrer o corpo em busca de inimigos inexistentes. É a apoptose que permite que nosso corpo se desenvolva segundo padrões definidos, e se reconstrua.

²⁶⁹ Fagocitose: é um processo seletivo, pelo qual a célula, graças à formação de pseudópodos, engloba, no seu citoplasma, partículas sólidas. Nos mamíferos, a fagocitose é realizada por células especializadas do organismo, como os macrófagos.

²⁷⁰ Termo derivado do grego, cuja referência é a queda das folhas das árvores no outono - um processo que implica em morte e renovação.

²⁷¹ A morte celular programada foi descrita primeiramente em 1972, por John Kerr, como um fenômeno com características diferentes da necrose.

²⁷² Ainda no século XIX, Claude Bernard (1878-9), em sua frase paradoxal, “a vida é a morte”, sintetizou bem o que a apoptose veio comprovar: que qualquer manifestação de um fenômeno no ser vivo, está necessariamente associada a uma destruição orgânica. In: *Leçons sur les phénomènes de la vie, apud Enciclopedia Einaudi*, vol. 6, p. 89.

Fisiologicamente, a apoptose - que exerce um papel oposto ao da mitose-, é um dos participantes ativos da homeostase no controle do equilíbrio entre a taxa de proliferação e degeneração com morte das células, auxiliando na manutenção do tamanho dos tecidos e órgãos. Ao esculpir a forma interna e externa, eliminando tecidos, separando órgãos, ela possibilita a individualização biológica. A fagocitose é o processo eficaz de células apoptóticas, e constitui um mecanismo indispensável na construção e manutenção de organismos multicelulares.

A morte programada das células é acionada para eliminar as células envelhecidas e aquelas que se desenvolveram de modo impróprio. Quando, porém, a apoptose sofre um processo de inibição e é impedida de modo impróprio, células “doentes” sobrevivem, como no caso de tumores, de doença auto-imunes e de infecções virais.

No nível celular, nossa existência depende de um equilíbrio entre a capacidade de auto-destruição e de renovação, uma vez que a maioria das doenças que ameaçam a existência estão ligadas ao desequilíbrio do suicídio celular. É o suicídio celular que impede que o sistema de defesa imunológico ataque o próprio corpo e que evita que uma célula que sofreu alterações genéticas persista no caminho que, inexoravelmente, terminará no câncer.

Biologicamente, a linguagem construída pelos diálogos que se estabelecem entre as diferentes famílias de células que estão nascendo, é que determina a vida ou a morte. As interações locais que as células estabelecem delimitam regiões, territórios e órgãos, nos quais as diferentes famílias celulares se reagrupam e se mantêm. É a natureza do diálogo que uma célula estabelece com sua coletividade que determina o seu destino. Nesse sentido, Ameisen (2003)²⁷³ exemplifica, em relação aos mamíferos:

*Nós percebemos com os nossos olhos, mas nós vemos com nosso cérebro. Nos dias que seguem ao nascimento, o influxo nervoso que viaja sem cessar da retina ao cérebro constitui, sem dúvida, para certos neurônios, um sinal indispensável à sua sobrevivência. E, na ausência do sinal, esses neurônios decretam seu suicídio.*²⁷⁴

Pois, nesse nível, tudo o que, no corpo, é negligenciado ou deixa de ser solicitado, tende a desaparecer.

²⁷³ Jean-Claude Ameisen: imunologista, professor e pesquisador da universidade Paris VII, publicou vários trabalhos sobre apoptose.

²⁷⁴ Ameisen, J-C. (2003) *La sculpture du vivant*, p. 132

Entretanto, a estreita ligação entre as células que compõem um órgão e sua capacidade de interagir com outras células não é uma particularidade de recém-nascidos. Essas relações de interdependência persistem durante toda a existência de cada indivíduo.

A morte celular é parte integrante de um estranho e complexo processo de aprendizagem e de auto-organização, no qual a sobrevivência de cada célula depende, basicamente, de sua capacidade de perceber, ao redor de si, dentro do corpo, os sinais moleculares emitidos por outras células. Se o linfócito²⁷⁵ torna-se incapaz de reconhecer o *self* - ou o próprio, desencadeia seu suicídio e desaparece. A sua sobrevivência depende, permanentemente, de sua capacidade de interação com o *self*, do qual ele é o guardião. A cada dia, o corpo coloca à prova a capacidade de reconhecimento dos linfócitos.

[...] viver, para cada célula que compõe o nosso corpo, é, a cada instante, ter êxito em reprimir o desencadeamento de seu suicídio.²⁷⁶

Entretanto, o destino de cada célula, a repressão ou não do suicídio celular, depende da coletividade à qual a célula pertence, que pode obrigá-la a se extinguir em proveito do indivíduo que ela mesma contribuiu para construir.

Esta visão, surpreendente e perturbadora traz consigo um novo conceito de vida, pois, ao nível celular, vida e morte não estabelecem, senão, um contraponto. "Nós estamos, a cada momento, em parte morrendo e em parte renascendo²⁷⁷", o que faz da vida do indivíduo, a cada instante,

uma vida em *sursis*. Porque o corpo, constituído por células, faz com que a sua existência, a sua perenidade, dependa de sua capacidade, enquanto indivíduo, de produzir e de emitir, de maneira integrada, os sinais necessários à prevenção de seu próprio fim.²⁷⁸

A visão do universo biológico que constitui o indivíduo é a visão de um universo estranho e paradoxal, "onde a morte é, ao mesmo tempo, presença indispensável na origem da complexidade, e uma ameaça constante, destruindo o que ela mesma construiu"²⁷⁹.

²⁷⁵ Linfócito é um tipo de leucócito, ou glóbulo branco, do sangue.

²⁷⁶ Ameisen, J-C. (2003) *La sculpture du vivant*, p. 138

²⁷⁷ *Ibid*, p.17

²⁷⁸ *Ibid*, p.139

²⁷⁹ *Ibid*, p. 160

De posse desse conhecimento, um século após a publicação de *Études sur la nature humaine*, a seguinte questão, formulada por Ameisen (2003), recoloca, no centro da cena, o problema da morte natural:

[...] nossa morte, como a morte das células que nos compõem, poderia proceder de uma forma de autodestruição?²⁸⁰

Assim como Freud (1920), Metchnikoff (1903) parecia não ter muitas dúvidas sobre o processo que, ao final, determinaria nossa autodestruição.

²⁸⁰ Ameisen, J-C. (2003). *Dialogues entre la vie et la mort. In: Qu'est-ce que mourir ?*, p.48

APÊNDICE B

A HISTÓRIA DE WILLIE

Em fevereiro de 1994, meu marido, Sergio, entrou em casa com um lindo gatinho branco de olhos azuis. Com 4 meses de idade, Willie (ele recebeu este nome) era irmão, em segunda cria, de nossa gatinha, Sherazade, então com 7 meses. Surpresa com o acontecimento, por saber que esse gatinho – de grande beleza e extremamente dócil - não seria doado, quis saber o motivo de tal mudança de opinião. Explicou-me Sergio que a gata, mãe de Willie, irritada com a insistência de seu filhote em ser amamentado por ela, há alguns dias o vinha agredindo sistematicamente, até que, no dia anterior, desferiu-lhe um golpe certo no olho esquerdo, golpe esse que quase o cegou. Por esse motivo, e sob orientação de seu veterinário, Willie teve que ser separado de sua mãe.

Sob os nossos cuidados, em duas ocasiões diferentes seqüelas do ferimento na vista esquerda de Willie o levaram a tratamento prolongado, um deles, cirúrgico. Passados dois anos, a vista de Willie estava completamente recuperada.

Muitos anos se passaram até que a vista esquerda de Willie voltasse a apresentar problemas. Em setembro de 2003, ao deixá-lo aos cuidados de seu veterinário, Willie sofreu uma inesperada parada respiratória, revertida a tempo, mas, infelizmente, indicativa de um diagnóstico de leucemia felina.

A partir dessa ocasião, a doença que o acometeu destruiu totalmente o seu olho esquerdo e Willie sobreviveu até o dia 29 de outubro daquele ano, véspera de completar 10 anos.

Embora longe de estabelecer uma correspondência entre o câncer - nesse caso, viral - e a rejeição materna, não posso me furtar de estabelecer uma relação entre o câncer e o único local por este “escolhido” para exteriorizar o seu “ataque” ao organismo de Willie: o olho esquerdo – o verdadeiro *locus* somático da rejeição e da lembrança materna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund.

Com exceção do texto sobre as *Afásias*, de 1891, e da edição alemã do *Projeto para uma psicologia*, de 1895 [*Gesammelte Werke Nachtragsband* (GWN) Frankfurt, Fischer, 1987] todas as obras de Freud utilizadas são das *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989; e da *Gesammelte Werke*. London: Imago, 1941. As abreviaturas utilizadas ao longo deste trabalho, **AE** e **GW**, referem-se a essas duas coleções, respectivamente.

1. *La afasia* (1891). Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
2. *Algumas considerações para um estudo comparativo entre as paralisias motoras e histéricas* (1893) AE, 1; GW, I.
3. *Projeto para uma psicologia* (1895). AE, 1; *Entwurf einer Psychologie*. Gessamelte Werke Nachtragsband. Frankfurt: Fisher, 1987.
4. *Estudos sobre a Histeria*. (1893-95) AE, 2; GW, I.
5. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (1893). AE, 3; GW, I.
6. *As neuropsicoses de defesa* (1894). AE, 3; GW, I.
7. *Sobre a justificativa de separar da neurastenia uma determinada síndrome chamada neurose de angústia* (1894) AE, 3; GW, I.
8. *A propósito das críticas a neurose de angústia*. AE, 3; GW, I.
9. *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. AE, 3; GW, I.
10. *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) AE, 3; GW, I.
11. *Etiologia da histeria* (1896) AE, 3; GW, I.
12. *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898) AE, 3, GW, I.
13. *Interpretação dos Sonhos*.(1900) AE, 4/5; GW, II/III.
14. *Fragmento de análise de um caso de histeria* (1905[1901]). AE, 7; GW, V.
15. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) AE, vol. 7; GW, V.
16. *Sobre o esclarecimento sexual da criança (Carta aberta ao dr. Fürst)* (1908). AE, 9; GW, VII.
16. *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908). AE, 9; GW, VII.
17. *Caráter e erotismo anal* (1908). AE, 9; GW, VII.

18. *A moral sexual “cultural” e a nervosidade moderna.*(1908). AE, 9; GW, VII.
19. *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908). AE, 9; GW, VII.
20. *Cinco lições de psicanálise.* (1909) AE, 11; GW, VIII.
21. *Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci* (1910). AE, 11; GW, VIII.
22. *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas* (1910). AE, 11; GW, VIII.
23. *Sobre um tipo particular de eleição de objeto no homem* (1910). AE,11; GW, VIII.
24. *Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa* (1912). AE, 11; GW, VIII.
25. *O tabu da virgindade* (1917-18) AE, 11; GW, VIII.
26. *A perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise.* (1910) AE, 11; GW, VIII.
27. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito* (1910-11). AE, 12; GW, VIII.
28. *Contribuições para um debate sobre o onanismo* (1912). AE, 12. GW, VIII.
29. *A disposição à neurose obsessiva.*(1913) AE, 12; GW, VIII.
30. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911) AE, 12; GW, VIII.
31. *Prólogo a tradução para o alemão de J.G.Bourke, Ritos escatológicos de todas as nações.*(1913) AE, 12; GW, X.
32. *Totem e Tabu* (1912-13). AE, 13; GW, IX.
33. *O interesse pela psicanálise* (1913). AE, 13; GW, VIII.
34. *Introdução ao narcisismo* (1914) AE, 14; GW, X.
35. *Pulsões e destinos de pulsão* (1915) AE, 14; GW, X.
36. *A repressão* (1915) AE, 14; GW, X.
37. *O Inconsciente* (1915) AE, 14; GW, X.
38. *Um caso de paranóia que contradiz a teoria psicanalítica* (1915) AE, 14; GW, X.
39. 4^a. *Conferência – Os atos falhos (conclusão).* (1915-16) AE, 15; GW, XI.
40. 10^a. *Conferência – O simbolismo no sonho* (1915-16). AE, 15; GW, XI.
41. 20^a. *Conferência: A vida sexual dos seres humanos.* (1915-16). AE, 16; GW, XI.
42. 21^a *Conferência: Desenvolvimento libidinal e organizações* (1915-16). AE, 16; GW, XI.
43. 22^a *Conferência: Algumas perspectivas sobre o desenvolvimento e a regressão. Etiologia* (1915-16) AE, vol. 16; GW XI.
44. 23^a. *Conferência: Os caminhos de formação dos sintomas* (1915-16). AE, 16; GW, XI.
45. 24^a. *Conferência: O estado neurótico comum.* (1915-16) AE, 16; GW, XI.

46. 25^a. *Conferência: A angústia*. (1915-16) AE, 16; GW, XI.
47. 26^a *Conferência: A teoria da libido e o narcisismo*. (1915-16) AE, 16; GW, XI.
48. *Da história de uma neurose infantil* (1918) AE, 17; GW, XII.
49. *Sobre as transposições da pulsão, em particular do erotismo anal*. (1917). AE, 17; GW, X.
50. *Batem em uma criança. Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*. AE, 17; GW, XII.
51. *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra* (1919). AE, 17; GW, XII.
52. *O estranho* (1919) AE, vol. 17; GW, XII.
53. *Além do princípio do prazer*. (1920) AE, 18; GW, XIII.
54. *Psicologia das massas e análise do eu*. (1921). AE, 18; GW, XIII.
55. *Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade* (1921-22). AE, 18; GW, XIII.
56. *Dois artigos de enciclopédia: Psicanálise e Teoria da libido* (1922-23). AE, 18; GW, XIII.
57. *O Eu e o Isso*.(1923) AE, 19; GW, XIII.
58. *A organização genital infantil* (1923). AE, 19; GW, XIII.
59. *Neurose e Psicose* (1924). AE, 19; GW, XIII.
60. *O problema econômico do masoquismo* (1924), AE, 19; GW, XIII.
61. *O sepultamento do complexo de Édipo* (1924). AE, 19; GW, XIII.
62. *A perda da realidade nas neuroses e nas psicoses*.(1924) AE, 19; GW, XIII.
63. *A negação* (1925). AE, 19; GW, XIV.
64. *Apresentação autobiográfica* (1925). AE, 20; GW, XIV.
65. *Inibição, Sintoma e Angústia*. (1926) AE, 20; GW, XIV.
66. *Podem os leigos exercer a psicanálise?* (1926) AE, 20; GW, XIV.
67. *O Fetichismo* (1927) AE, 21; GW, XIV.
68. 31^a *Conferência: A decomposição da personalidade psíquica* (1932). AE, 22; GW, XV.
69. 32^a. *Conferência: Angústia e vida pulsional* (1932). AE, 22; GW, XV.
70. *Análise terminável e interminável* (1937). AE, 23; GW, XVI.
71. *Moisés e o monoteísmo* (1938). AE, 23, p. 94; GW, XVI.
72. *Esquema de psicanálise* (1938). AE, 23; GW, XVII.
73. *Conclusões, idéias, problemas* (1938) AE, 23; GW, XVII.
74. *Algumas lições elementares em psicanálise*.(1938) AE, 23; GW, XVII.

75. *A divisão do ego no processo defensivo* (1938) AE, 23; GW, XVII.

FERENCZI, Sándor

1. *Thalassa* (1924). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
2. *Diário Clínico* (1932). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
3. *Obras completas: Psicanálise IV*. (Introdução de Michael Balint) Martins Fontes, 1992.
 - 3.1 *A adaptação da criança à família* (1927)
 - 3.2 *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1927)
 - 3.3 *A criança mal-acolhida e sua pulsão de morte* (1929)
 - 3.4 *Princípio de relaxamento e neocatarse* (1929/1930)
 - 3.5 *Análises de crianças com adultos* (1931)
 - 3.6 *Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão* (1932)
 - 3.7 *Reflexões sobre o trauma – notas de 1920 a 1932* (1934)
 - 3.8 *Novas observações sobre a homossexualidade* (1909)
 - 3.9 *Da interpretação de melodias que nos acodem ao espírito* (1909)
 - 3.10 *Riso* (1913)
 - 3.11 *Matemática* (1920)
 - 3.12 *Notas e fragmentos* (1934)

GRODDECK, George Walter.

1. *Das Buch vom Es*. Leipzig: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1926.
2. *O livro d'Isso*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
3. *The meaning of illness*. Select Psychoanalytic Writings by Georg Groddeck including his correspondence with Sigmund Freud. New York: International Universities Press, 1977.
 - 3.1 *Correspondence with Sigmund Freud* (1917-1934)
 - 3.2 *Language* (1912)
 - 3.3 *Psychic conditioning and the psychoanalytic treatment of organic disorders* (1917)
 - 3.4 *On the It* (1920)
 - 3.5 *The compulsion to use symbols* (1922)
 - 3.6 *The meaning of illness* (1925)
 - 3.7 *Treatment* (1926)

- 3.8 *The human being, not the patient, requires help* (1927)
- 3.9 *Clinical communications* (1928)
- 3.10 *Some fundamental thoughts on psychotherapy* (1928)
- 3.11 *Massage and Psychotherapy* (1931)
- 3.12 *Vision, the world of the eye, and seeing without the eye* (1932)
4. ***Estudos psicanalíticos sobre psicossomática***. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- 4.1 *Condicionamento psíquico e tratamento das moléstias orgânicas pela psicanálise*. (1917).
- 4.2 *Sobre o Isso* (1920)
- 4.3 *Os desejos de castigos divinos e sua satisfação* (1920)
- 4.4 *Uma análise de sintomas* (1920)
- 4.5 *Sobre a psicanálise do orgânico no ser humano* (1921)
- 4.6 *A pulsão à simbolização* (1922)
- 4.7 *O sentido da doença* (1925)
- 4.8 *O Isso e a Psicanálise, além de considerações gerais sobre os congressos científicos de outrora, bem como da atualidade* (1925)
- 4.9 *A ambivalência a serviço da transferência e da resistência* (1925)
- 4.10 *Sobre o absurdo da psicogênese* (1926)
- 4.11 *Sobre a catamnésia das dores de cabeça e anotações gerais sobre a técnica psicanalítica* (1926)
- 4.12 *Pensamentos psicanalíticos sobre aterosclerose* (1926)
- 4.13 *A prisão de ventre como caso típico de resistência* (1926)
- 4.14 *O trabalho do sonho e do sintoma orgânico* (1926)
- 4.15 *Sobre o tratamento psíquico da formação dos cálculos renais* (1928)
- 4.16 *Sobre os princípios da psicoterapia* (1928)
- 4.17 *Observações clínicas de vinte anos de prática psicoterapêutica* (1928)
- 4.18 *A massagem* (1931)
- 4.19 *A dupla sexualidade do ser humano* (1931)
- 4.20 *Da visão, do mundo dos olhos e da visão sem os olhos* (1932)
- 4.21 *“Eu me esfrio”* (1933)
- 4.22 *Da barriga e sua alma* (1933)
- 4.23 *Do condicionamento psíquico das enfermidades cancerígenas* (1934)

4.24 *Da boca e da sua alma* (1934)

OUTROS AUTORES

AMEISEN, Jean-Claude. *La sculpture du vivant*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

AMEISEN, J-C; **HERVIEU-LÉGER**, D.; **HIRSCH**, E. *Qu'est-ce que mourir ?* (2003) Paris, Éditions Le Pommier, 2003.

ANZIEUR, Didier. *O eu-pele*. São Paulo: editora Casa do Psicólogo, 1989.

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Northvale: Jason Aronson, 1972.

_____. *Mind and nature: a necessary unity*. Toronto: Bantam Books, 1980

BRANDÃO, M. L. *Psicofisiologia – as bases fisiológicas do comportamento*. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

BYINGTON, Carlos A.B. *Dimensões simbólicas da personalidade*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. *Estrutura da personalidade*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

CAROTENUTO, Aldo (org.) *Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Freud e Jung*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

DARWIN, Charles. *A biographical sketch of an infant*, In: *Mind*, July 1877, pp. 285-294.

_____. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A posthumous essay on instinct*. In: **Romanes**, George John, *Mental evolution in animals: with a posthumous essay on instinct by Charles Darwin*. London, Kegan Paul, Trench & Co, 1883, pp. 355-384.

_____. *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: Editora Hemus, 1974.

_____. *El origen de las especies*. Argentina: Ediciones Libertador, 2003.

_____. *The variation of animals and plants under domestication*. 2 vols. 2nd ed. New York, D. Appleton & Co., 1883 (first published London, John Murray, 1868).

DAWKINS, Richard. *The selfish gene*. New York: Oxford University Press, 1989.

DEJOURS, Christophe. *O corpo: entre a biologia e a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médica, 1988.

_____. *Repressão e subversão em psicossomática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991.

- FALZEDER**, Ernst; **BRABANT**, Eva.(Ed.) *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi*. Volume 3, 1920-1933. (Introduction by Judith Dupont). The Belknap Press of Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts; London, England. 2000.
- FEDIDA**, Pierre. *O sítio do estrangeiro*. São Paulo: Editora Escuta, 1996.
- FORTUNE**, Christopher (Ed.). *Ferenczi-Grodeck Correspondence (1921-1933)*. London: Open Gate Press, 2002.
- D'EPINAY**, M. P. *Grodeck: a doença como linguagem*. Campinas: Papyrus, 1988.
- EY**, Henry; **BERNARD**, P.; **BRISSET**, C. *Manual de Psiquiatria*. 5ª edição revisada. Rio de Janeiro: Editoras Masson & Atheneu, 1998.
- GAY**, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- GREEN**, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo, Editora Escuta, 1988.
- _____. *The fabric of affect in the psychoanalytic discourse*. London / New York: Routledge, 1999.
- HANNS**, Luiz Alberto. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.
- _____. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- HASS**, Hans. *The human animal*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1970
- HOFSTADTER**, Douglas R. *Gödel, Escher, Bach: um entrelaçamento de gênios brilhantes*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- HONDA**, Hélio. *A primeira teoria freudiana das neuroses*. Dissertação de Mestrado. São Carlos, 1996.
- _____. *Raízes britânicas da psicanálise: as apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- JASPERS**, Karl. *Psicopatologia geral*. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 1959.
- JONES**, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- JUNG**, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.
- KAPLAN**, Robert. *O nada que existe: uma história natural do zero*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.
- KERR**, John. *Um método muito perigoso: Jung, Freud e Sabina Spielrein – a história ignorada dos primeiros anos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

- LAPLANCHE**, Jean. *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1993.
- _____. *Freud a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.
- LAPLANCHE**, Jean & **PONTALIS**, J-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1988.
- LAPPÉ**, Marc. *The Tao of Immunology: a revolutionary new understanding of our body's defenses*. New York: Plenum Press, 1997.
- LE GUEN**, Claude. *L'Oedipe Originare*. Paris: Payot, 1974.
- LENT**, Roberto. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.
- LORENZ**, Konrad. *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano*. Lisboa: Editora Arcádia, 1975.
- MacLEAN**, P. D. *Psychosomatic disease and the "visceral brain"*. Massachusetts: General Hospital, 1949.
- MANIAKAS**, Georgina Faneco. *O sonho como fenômeno alucinatorio de desejo*. São Carlos: PPGFMC, UFSCar, 1994.
- MASSON**, J.M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MAYR**, Ernst. *Biologia, ciência única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *One long argument: Charles Darwin and the genesis for modern evolutionary thought*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- _____. *Toward a new philosophy of biology: observations of an evolutionist*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- McGUIRE**, William. Org. *The Freud/Jung Letters: the correspondence between Sigmund Freud and C.G. Jung*. Massachusetts: Harvard University Press, 1988.
- MELLO FILHO**, Júlio. (Org) *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- METCHNIKOFF**, Élie. *Etudes sur la nature humaine*. Paris: Masson & Cie Éditeurs, 1903.
- MINUTES DE LA SOCIÉTÉ PSYCHANALITIQUE DE VIENNE (1910-1911), Vol. III**. Paris: Éditions Gallimard, 1979.
- MONZANI**, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

- SIMANKE**, Richard Theisen. *A teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- SPENCER**, Herbert. *First Principles*. London: William and Norgate, 1862
- SPIELREIN**, Sabina. *A destruição como origem da criação*. Viena, 1907. Do original “*Die Destruktion als Ursache des Werdens*” (in *Jahrbuch für psychoanalyse, IV*, pp. 465-503), com tradução de Brigitte Bräunlich (cedido por Dr. Carlos Amadeu Byington).
- ROITT**, Ivan M. & **DELVES**, Peter J. *Fundamentos de Imunologia*. Buenos Aires: Editorial Medica Panamericana / Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2004.
- SIMS**, Andrew. *Sintomas da mente*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- STITES**, Daniel P. & **TERR**, Abba I. *Imunologia Básica*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2004.
- SULLOWAY**, F. J. *Freud, biologist of the mind: beyond the psychoanalytic legend*. New York, Basic Books, 1983.
- TAUBER**, A.I. & **CHERNYAK**, L. *Metchnikoff and the origins of immunology*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1991.
- VOLICH**, Rubens M. *Psicossomática: de Hipócrates à psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- YOUNG-EISENDRATH**, P. & **DAWSON**, T. (org.) *Manual de Cambridge para Estudos Junguianos*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

Artigos:

- D’ALKAINE**, C.V. *Os trabalhos de Gödel e as denominadas ciências exatas*. (Em homenagem ao centenário do nascimento de Kurt Gödel). Revista Brasileira de Ensino de Física, vol. 28, n.4, São Paulo, 2006.
- DANCHIN**, Antoine. “*Vida*”, In: *ENCICLOPÉDIA EINAUDI*. Dir. Ruggero Romano; coord. ed. portuguesa de Fernando Gil. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, vol.6, pp. 87-145.
- FECHNER**, G. T. *Elements of psychophysics*. Rand, Benjamin Ed., 1912.
- MANIAKAS**, Georgina Faneco. *Eros platônico e psicanálise*. In: Boletim do CPA, Ano II, n. 4. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997.
- LAMARCK**, Jean Baptiste.
Théories. In: <http://perso.orange.fr/labou.lamarck>

L'hérédité des caractères acquis. In: www.fundp.ac.be/sciences/biologie

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. *Alguns aspectos da teoria da evolução de August Weismann*. Pp. 279-284. In: GOLDFARB, José Luiz & FERRAZ, Márcia Helena Mendes (eds.) Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia e da VII Reunião da Rede de Intercâmbios para a História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas. São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Ciência / EDUSP, 2000.